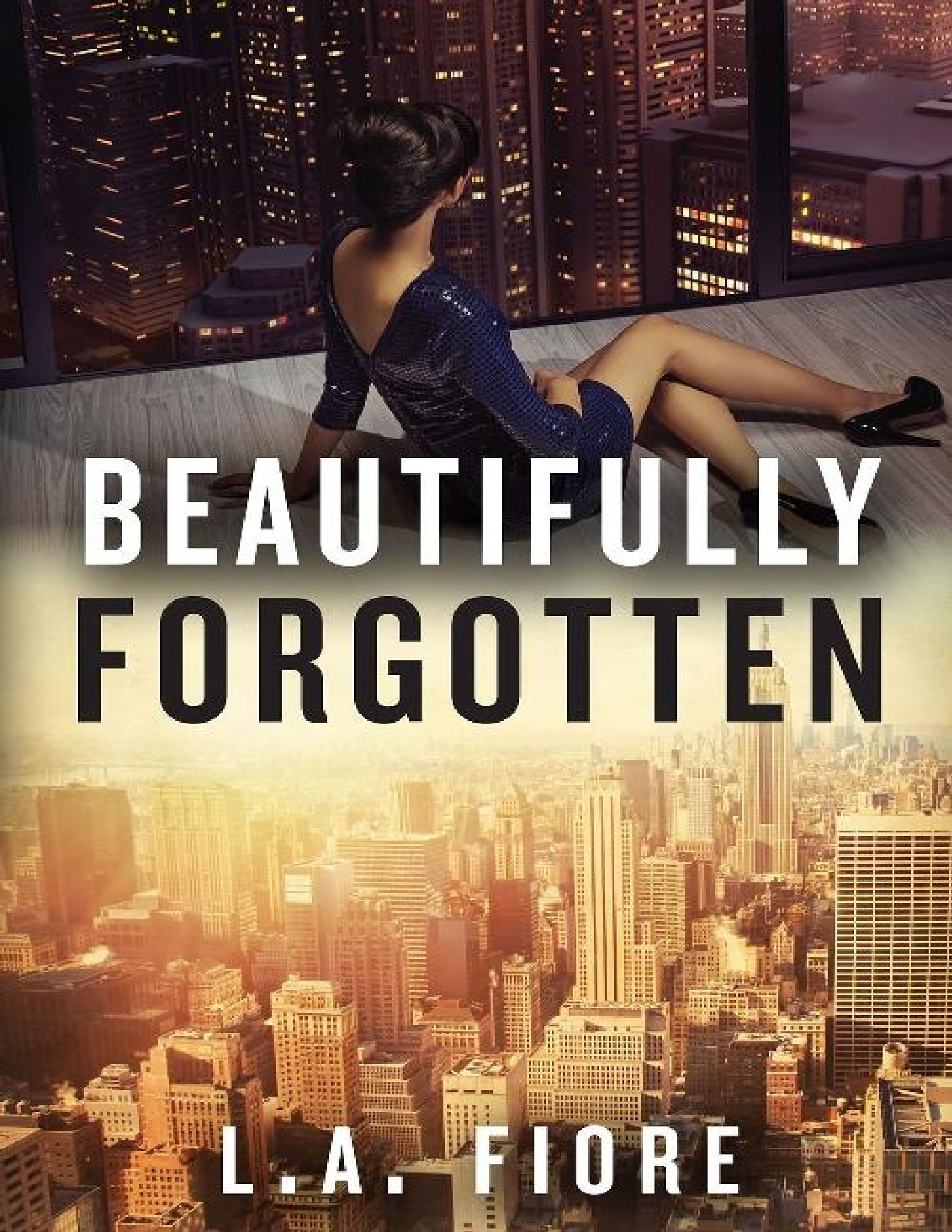

BEAUTIFULLY
FORGOTTEN
L.A. FIORE

Os olhos azuis esverdeados e atitude inalcançável do restaurador bem-sucedido Lucien Black enlouquecem as mulheres. Mas seus problemas com abandono e passado criminoso o deixaram emocionalmente fechado. Quando um rosto familiar aparece para uma entrevista de emprego em sua boate, a dor que ele tentou esquecer quebra em seu coração - é a garota que uma vez o curou... e depois o abandonou.

Darcy MacBride ainda se lembra do toque delicado de Lucien quando ambos se divertiram quando adolescentes. Seus lindos olhos haviam acalmado sua dor depois de ela ter sido abandonada no orfanato onde Lucien morava. Darcy o sentiu se encaixar perfeitamente consigo mesma, e ela planejava passar o resto de sua vida com ele - até que um homem misterioso a afastasse. Agora, catorze anos depois, ela está pronta para suportar a tortura da indiferença de Lucien e tê-lo como chefe... apenas para estar perto dele. Mas quando pareceu que eles finalmente conseguiriam continuar de onde pararam, um o devastador enterra no passado ameaça separá-los novamente.

Beautifully Forgotten

L.A. Fiore

Prólogo

Outro. Maldito seja.

Ele provavelmente nem sequer tinha dois anos e parecia ser ainda menor. Apesar disso, suas roupas pareciam novas e seus cabelos cor de mogno recentemente aparados estavam limpos e penteados. Ele foi amado, essa criança, foi amada e deixada na porta da frente do velho orfanato.

Irmã Margaret continuou: — Eu realmente odeio crianças. — Ela virou em um redemoinho de pano preto e voltou para dentro, passando pela Irmã Anne e dizendo por sobre o ombro: — Traga o pequeno mendigo para dentro.

Suas pequenas pernas tremeram de medo, seus olhos arregalados quando a Irmã Anne se ajoelhou diante dele. Seus olhos – sua característica mais notável – eram como a água da costa do Caribe: não azul e não verde, mas uma sombra no meio termo. Ela estendeu a mão e viu que seus dedos estavam enrolados em torno de algo. Levou um pouco de esforço, mas ela foi capaz de abrir o punho para revelar um pequeno quadrado de papel que simplesmente dizia: — Seu nome é Lucien e ele merece mais do que eu posso lhe dar.

Irmã Anne olhou para o menino que estava tão aterrorizado, mas tentando desesperadamente ser corajoso. Seus olhos se fixaram nela. Ela pegou a mão dele de novo e instantaneamente seus dedos se fecharam em torno de sua palma.

— Pare com isso e não se preocupe em fazer amizade com ele. Ele vai acabar como todos os outros em dez anos: morto ou aguardando para ser morto.

Irmã Anne olhou para o menino, e embora ele fosse jovem, ela sabia que ele entendia as palavras cruéis da Madre Superiora.

— Prove que ela está errada, pequeno. O seu destino é você quem o faz.

Lucien ouviria suas palavras pelos próximos quinze anos – elas ficaram com ele e inconscientemente guiaram todos os seus movimentos. Ele foi abandonado, mas faria algo mesmo que por nenhuma outra razão além de provar que todos estavam errados.

Irmã Anne Black morreu antes do aniversário de 18 anos de Lucien. Então, quando ele deixou o orfanato, desolado e sozinho, ele levou mais do que suas palavras com ele; ele reivindicou seu nome, o nome da única mãe que ele já conhecera.

Capitulo 1

Lucien tirou a gravata preta e colocou-a no bolso do casaco. Se não fosse a pompa da circunstância, ele poderia tê-la retirado muito antes. Ele não estava acostumado a estar sob os holofotes.

O sinal de saída do outro lado da sala piscou como um farol maldito, mas ele era o convidado de honra, por isso, mesmo enquanto procurava a liberdade, foi parado por inúmeras pessoas que desejavam felicitá-lo.

Hoje à noite, as pessoas finas do estado de Nova York o honrariam, como um humanitário, um feito para alguém com seu passado sombrio, tudo porque ele doou a diversas instituições de caridade, que ajudaria as crianças a ter um momento melhor do que ele teve. Quem diria que tudo o que fizera para obter uma estátua de ouro e uma porra de uma placa, era um cheque?

E estar disposto a ignorar a ironia de assistir a uma festa de gala de caridade, que custou o suficiente para ter fornecido alimentos, roupas, sapatos e livros para a metade dessas mesmas crianças. Não que houvesse alguma dessas crianças nesta sala, as pessoas presentes estavam preocupadas com elas, mas apenas à distância.

Ele olhou para o relógio, era quase onze horas. Ele tinha outro lugar para ir, então caminhou com passos decididos para a saída e, apenas quando a liberdade estava ao seu alcance, uma voz muito familiar falou atrás dele: Juiz Jonathan Carmichael.

Lucien não esteve completamente próximo de seus amigos no ano passado por causa da sua associação com os Carmichaels. Dane era uma dessas pessoas que se reuniam em nome da

diversão, que não entendia o significado da palavra não. O senador e DA, ele só conhecia pela reputação, mas o mesmo não poderia ser dito do juiz.

O juiz fez questão de se intrometer nos assuntos de Lucien, presumivelmente para encontrar algo para enforcá-lo com isso. O juiz não estava tendo muita sorte, porém, desde que Lucien contava com muitos advogados bem pagos, mas era uma irritação constante. Lucien ficou muito feliz com o papel que ele desempenhou na obtenção de uma comissão de ética para investigar o juiz e o promotor, após o ataque de Dane à Ember no ano passado.

Ele sabia que a comissão não encontraria nada – os Carmichaels eram muito inteligentes para isso – mas ele gostava de observá-lo obter uma pequena amostra do que era ter que lidar com o juiz em uma base regular.

Um garçom passou e Lucien pegou uma taça de champanhe e deliberadamente levou o seu tempo ao prová-lo antes de voltar sua atenção para o juiz. A cor que floresceu no rosto do homem mais velho foi muito gratificante de se ver.

— Todo o dinheiro do mundo não fará de você uma pessoa respeitável. — O juiz cuspiu em forma de saudação.

— Respeitável como você, quer dizer? Que aspiração. — Lucien respondeu.

— Comprar o seu caminho para a sociedade não vai funcionar.

Os dedos de Lucien apertaram a haste de vidro, enquanto ele se esforçava para controlar sua raiva, com relação à arrogância do homem diante dele e sua pretensão de saber alguma coisa sobre ele. Ao contrário de metade das pessoas nesta sala, Lucien não estava vislumbrando entrar na sociedade, ele só

estava ajudando aqueles que precisavam.

Nenhuma das pessoas aqui sabia o que era passar frio, fome e sentir-se esquecido. Tendo estado lá e sobrevivido, ele continuaria a fazer tudo o que pudesse para dar a essas crianças uma chance de lutar.

— Eu apostaria a minha conta bancária, que se você olhar para o interior dessa brilhante sociedade que você tanto venera, você verá que nem tudo é o que parece ser. Veja você, por exemplo, essas vestes negras não podem esconder os esqueletos no seu armário. Você tem quase tantos como eu tenho no meu.

— Que diabos você quer dizer com isso?

Não foi o que disse o juiz, mas como ele disse, Lucien atingiu um nervo. Ele ficou intrigado muito mais do que ele queria admitir. Havia realmente algo que daria a Lucien o poder de tirar o juiz de suas costas? Ele descobriria.

Mais do que ansioso para deixar o homem se perguntando e fervendo, Lucien mudou de assunto.

— Por mais que eu queira ficar aqui e continuar essa conversa fascinante, eu tenho coisas melhores planejadas para a minha noite.

Seus olhos se moveram para a sua acompanhante, ela não era difícil de detectar, uma vez que ela se parecia com uma estrela pornô. A respiração agitada do juiz quase fez Lucien rir com prazer.

Kelly ou Kelsey, ele nunca poderia lembrar o nome dela, estava falando com um dos colegas respeitáveis do juiz, com idade para ser seu avô, mas mais rico do que a rainha. Mesmo a partir dessa distância, ele podia ver o velho pateta olhando para ela com luxúria.

Foi com prazer genuíno e mais do que um pouco de

sarcasmo que Lucien disse: — Aspirar a ser tão respeitável quanto você e os seus, é uma missão de vida.

E então Lucien virou e foi embora, sentindo o olhar do juiz queimando buracos em suas costas.

Ele não parou para qualquer outra pessoa, dando suas desculpas enquanto ia em direção à porta. Uma vez que estava do lado de fora, ele demorou alguns minutos para respirar profundamente.

— Onde você quer ir agora? — Seu encontro ronronou aparecendo magicamente ao seu lado para pressionar seu corpo contra o dele. Ele sabia o que ela queria, mas o que Lucien achou perturbador foi que não queria a mesma coisa.

Provavelmente frustrada já que ele não respondeu, ela moveu a mão pelo seu corpo até atingir o ponto certo. Parecia imprudente um humanitário recém-homenageado conseguir um trabalho de mão direita do lado de fora do evento, por isso chamou o seu carro.

Assim que o carro apareceu, ele abriu a porta, antes que o motorista pudesse sair, e fez um gesto para que o seu encontro entrasse. Seus olhos encontraram o motorista.

— Leve-a para casa.

Ele ouviu seus protestos enquanto o carro se afastava, mas ele simplesmente não se importava. Ele andou um pouco para limpar a cabeça antes de chamar um táxi e ir para Sapphire, um clube local. O lugar estava lotado quando chegou, mas ele facilmente se deslocou em meio à multidão para a mesa de Trace, ser amigo do proprietário tinha suas vantagens. Rafe, seu amigo desde que eram crianças, e Kyle, melhor amigo de Ember, estavam no meio de uma conversa, quando ele se acomodou em uma cadeira em frente a eles.

— Hey, Lucien. Como foi? — Rafe sinalizou para a garçonete e apontou para Lucien.

— Eu acho que um tratamento de canal teria sido mais agradável.

— Você não gosta de estar ombro a ombro com os ricos e poderosos? — Kyle riu porque sabia muito bem que Lucien detestava tudo isso.

Lucien perguntou ignorando Kyle. — Onde estão Trace e Ember?

Kyle apontou para a pista de dança, e Lucien voltou sua atenção para onde seus amigos estavam dançando. A cabeça de Trace inclinava-se contra a Ember enquanto ele brincava com uma mecha de seu cabelo que havia caído sobre o ombro. Eles se moviam como um só corpo, sem problemas e sem pensamentos.

Ele estava feliz por Trace, mesmo quando o ciúme se contorceu em seu intestino. Quem teria pensado que o lutador perderia o seu coração para a garota ao lado. Ele não podia culpar Trace, Ember era ótima.

Ele não era geralmente um tipo de cara ciumento, Lucien invejava a paz que seu amigo encontrou. Mas deu-lhe esperança de que talvez ele tivesse a mesma sorte um dia.

Estabelecer-se nunca foi algo que ele pensou, ou que sempre quis, não havia muito tempo de qualquer maneira, mas ver em primeira mão, a felicidade e contentamento que veio em se casar com a pessoa certa, ele estava começando a pensar que não sabia de nada.

— Está com ciúmes, não é? — disse Rafe, que deslocou a atenção de Lucien para o outro lado da mesa.

Seu amigo estava observando Trace e Ember, com um olhar em seu rosto que ele imaginava combinava com o seu

próprio.

— Sim. — Se você não pode ser verdadeiro com os seus amigos...

A música acabou e os dois fizeram o seu caminho de volta para a mesa. Lucien percebeu a carranca de Trace, enquanto ele fazia isso. Apenas para provocá-lo, Lucien também deu um beijo na boca de Ember, o que lhe rendeu um rosnado.

— Encrenqueiro — disse ela, mas o riso brilhou naqueles grandes olhos castanhos.

— Culpado.

— Então, como foi? Você recebeu um prêmio extravagante para poder exibi-lo em sua mesa? — Trace perguntou antes de puxar a cadeira ao lado de Ember e sentar-se nela.

— Era o que eu esperava.

— É tão ruim? Eu sinto muito em ouvir isso.

— Como é que Carlos está trabalhando? — Perguntou Lucien, mudando de assunto.

— Bem, obrigado pela recomendação. É bom não estar preso a escola de culinária vinte e quatro horas por dia, — Trace olhou para Ember — Para que eu possa passar mais tempo com minha esposa.

Lucien não perdeu o olhar que Ember deu a Trace, o fato de que ele não a puxou para uma sala privativa, a sua direita logo em seguida, revelou que Trace tinha muito mais força de vontade do que ele.

Ela correu os dedos sobre a pele de seu braço e disse: — Que doce.

Trace abruptamente se levantou e a puxou para ficar em pé.

— Dança comigo, linda.

Mas eles não foram em direção da pista de dança, Lucien sorriu para si mesmo, talvez ele ganhasse no departamento de força de vontade, afinal.

— Sortudo — Rafe murmurou antes de pegar sua cerveja e beber o resto.

— Eu preciso ir, tenho que acordar cedo para entregar algumas peças para um cliente na parte da manhã.

— Vou sair com você. Estou cansado — disse Kyle.

— Vou ficar e tomar outra bebida. — O que Lucien não acrescentou é que a ideia de voltar para o seu apartamento vazio era completamente desagradável.

— Tudo bem, vemos você mais tarde. — Rafe e Kyle desapareceram entre a massa de corpos.

Lucien sinalizou pedindo outra cerveja antes de se recostar na cadeira e olhar em volta de braços cruzados. Ele não perdeu os olhares que estava recebendo de várias mulheres no bar, mas ele simplesmente não estava interessado. Ele deveria preocupar-se pela sua total falta de entusiasmo, mas isso seria muito esforço.

Talvez ele precisasse encontrar um hobby, ou participar de um culto, tomou um gole de sua cerveja, mas havia perdido o seu sabor. Jesus, ele estava em alguma merda séria, quando não podia desfrutar de uma simples porra de cerveja.

Ele deixou algum dinheiro sobre a mesa antes de ir para o bar onde sinalizou ao bartender, Luke.

— Ei, o que está acontecendo?

— Se você ver Trace e Ember, deixe-os saber que estão por conta própria?

Lucien entendeu o sorriso que apareceu na boca de Luke, oito meses casados e eles ainda estavam agindo como recém-casados.

— É isso aí — disse Luke, antes de se mover para cuidar de outro pedido.

Lucien saiu para a noite amena e chamou um táxi. Quando parou na frente de seu prédio no Upper East Side, o porteiro o cumprimentou.

— Boa noite, Sr. Black.

— Johnny, como estão as crianças?

— Bem, temos os netos para passar o mês, mas eles estão no acampamento esta semana, o que me dá algum tempo para passar com minha senhora.

Lucien sorriu, porque Johnny estava na casa dos setenta e sua esposa estava logo atrás dele na idade.

O máximo que eles estavam propensos a fazer com o tempo era assistir Jeopardy[1], segurando as mãos. Ele retirou uma nota de cinquenta da sua carteira e passou para Johnny, sabendo que ele e sua esposa tinham uma preferência por Scotch.

— Para não ficar de ressaca.

Johnny não hesitou em aceitar o presente oferecido.

— Você é um bom rapaz.

Lucien riu quando fez o seu caminho até seu apartamento, ele deixou cair às chaves no prato Baccarat[2], que uma de suas namoradas insistiu que ele deveria ter. Seu apartamento tornou-se um ponto de orgulho, especialmente devido a suas origens.

Os pisos eram de bambu, as paredes foram pintadas de um tom escuro com grossas molduras nos rodapés, e várias peças antigas de valor inestimável se misturavam com as modernas.

Uma lareira linear autônoma separa a sala de estar da sala de jantar e uma cozinha enorme tomava conta de uma parede inteira. Ele não cozinhava muitas vezes, já que era um homem solteiro que vivia sozinho, mas poderia, se ele precisasse.

Ele foi para a cozinha, pegou uma cerveja, e a abriu antes de se sentar em seu sofá e tomar um longo gole. Sim, ele percorreu um longo caminho desde que foi um coveiro compartilhando uma casa com cinco outros caras. É claro que ele não sabia que na época o cemitério estava na verdade com a maioria dos caixões preenchidos com armas, ao invés de corpos. Traficar armas de fogo usando um cemitério era um tanto torcido e ao mesmo tempo fodidamente inteligente. Os únicos corpos enterrados no cemitério que eram os que estavam em melhor condição, e que nunca seriam encontrados. Aos dezoito anos, Lucien fora alegremente inconsciente e aos trinta e um anos, ele realmente não dava à mínima, porque esse trabalho o ajudou a chegar onde ele estava agora.

É claro que, olhando em torno de seu apartamento espaçoso e vendo apenas o seu reflexo em um espelho, onde ele estava agora não era grande coisa, ele pensou amargamente, *eu preciso ter uma merda de vida.*

Ele ligou a televisão e, quando uma imagem de Horace Carmichael, o DA, apareceu na tela, ele aumentou o volume.

— ...uma abertura no caso contra o sindicato do crime Grimaldi. O procurador Horace Carmichael tem o depoimento de uma fonte próxima da família Grimaldi, que conclusivamente fazem uma ligação entre os vários casos de incêndios criminosos, formação de quadrilha e ao caso do assassinato de Elizabeth Spano, encontrada estrangulada 32 anos atrás no maior teatro da NYU, no Central Park. Esse caso foi mantido em evidencia pelos esforços incansáveis do pai da vítima, Anthony Spano. Mais a seguir.

***

Darcy MacBride saiu do táxi e limpou as mãos suadas na saia. Ela estava nervosa, também, este era Lucien Black, que ela não vira em 14 anos. Lembrou-se da primeira vez que se encontraram no orfanato. Mesmo com dezesseis anos, ele era o menino mais bonito que ela já tinha visto. E seus olhos, Deus, ela poderia se afogar alegremente neles, mas ele era tão sério, como se levasse sobre si o peso do mundo.

Ela ficou assustada, quando chegou pela primeira vez com catorze anos, abandonada por sua mãe porque não queria mais uma criança. Ela não podia mentir, doeu ser abandonada como um cachorrinho indesejado, mas escondeu a dor por trás do humor e sarcasmo. Apenas Lucien parecia ver além e ofereceu-lhe a única coisa que ela sempre secretamente ansiara: um lugar para pertencer, e ela aceitou. Ela pertencia a ele e ambos sabiam disso. Por aqueles dois anos, eles eram inseparáveis, e ela deu-lhe o coração jovem com o total abandono da juventude.

O dia em que a Irmã Anne morreu foi para sempre gravado na memória de Darcy. Embora Lucien amasse a Irmã Anne, ele tentou arduamente não mostrar o quanto sua morte o machucou. E quando ele finalmente cedeu à sua dor, ele lamentou tão silenciosamente que assistir a sua dor era ainda mais doloroso do que ver a Irmã Anne definhar. Foi nessa mesma noite, que Darcy deu-lhe sua virgindade. Mesmo aos dezesseis anos ela sabia o que ele era para ela.

Quando ele disse que estava deixando o orfanato, disse que não iria sem ela. Mas seu conto de fadas morreu antes dele sequer ter a chance de começar, não ter ido com ele era o seu mais profundo pesar.

Quando seu agente de empregos falou sobre a posição que

estava esperando que ela preenchesse, parte dela não queria ir à entrevista, algumas cicatrizes ainda doíam, não importa quanto tempo tiveram para cicatrizar. Mas sentia falta dele, passou metade de sua vida sentindo falta dele, e até mesmo se não conseguisse o emprego, teria a oportunidade de vê-lo mais uma vez. Ela moveu a mão por sua saia lápis preta distraidamente, antes de chegar à porta do Allegro. Ela seguiu o seu sucesso ao longo dos anos e sabia que este era o primeiro clube que ele abrira. Parecia que ele mantinha seus escritórios aqui também.

O bar e as mesas no interior eram decorados como os pisos, é claro que aqueles que vinham aqui estavam vindo pela música, não pela atmosfera. Darcy adorou. Uma mulher no bar, estava lavando copos, olhou para cima:

— Posso ajudar?

— Eu estou aqui para uma entrevista com o Sr. Black.

— Ah, certo, ele mencionou. Por favor, siga-me.

Ela caminhou através do bar e levou Darcy por um corredor.

— O escritório de Lucien é por aqui.

Ela disse por cima do ombro, mas Darcy não pôde ouvir suas palavras por conta dos rugidos em seus ouvidos. Seu pulso batia tão forte que ficou surpresa que a outra mulher não podia ouvi-lo. Se ela não se acalmasse, provavelmente desmaiaria, o que não era nada como imaginou seu primeiro encontro com ele depois de todos esses anos.

Ela ouviu a voz do fundo do corredor, a cadência era exatamente como ela se lembrava. Quando chegaram à porta aberta, podia vê-lo atrás de sua mesa, com a cabeça para baixo, trabalhando enquanto falava com alguém no viva-voz.

Ele era bonito, aos dezesseis anos, e aos trinta e um, ele

era simplesmente lindo. Seus cabelos compridos ligeiramente sob os ombros, duas vezes o tamanho que tinham sido no colégio. Ele não era mais um garoto, mas sim um homem adulto.

— Lucien, sua entrevista está aqui.

— Obrigado, Tara, — disse sem olhar para cima enquanto terminava a sua chamada.

— Deixe-me saber o que você descobrir. Sim, obrigado.

Ele levantou a cabeça e Darcy se viu segurando a respiração quando aqueles olhos travaram com os dela. Memórias atingiram-na, uma colagem mental dos dois anos que passaram juntos. As emoções que evocavam a fez quase atirar-se nos braços dele. Ela estava tão perdida em seus próprios pensamentos que não percebeu que ele tinha falado, e que ele não se lembrava dela.

— Por favor, sente-se, Sra. MacBride

E com essas quatro palavras ele a eviscerou, a dor cortando-a e deixando-a vazia. Por todos esses os anos ela desejou poder voltar atrás e ter feito as coisas de forma diferente, doía o fato de o ter machucado, foi tudo por nada, porque ele havia se esquecido dela, assim como sua mãe havia zombado.

Ela queria sair correndo da sala com suas memórias, indo agora de ruínas à poeira, mas seus pés não obedeciam.

A ideia de trabalhar para ele, e ser a única a lembrar de seu amor juvenil, a fez sentir-se doente. Ela sentiu as lágrimas que começavam e as amaldiçoou.

— Você está doente?

Houve uma preocupação genuína em sua voz, e nesse momento ela o odiava.

— Sinto muito. Isto foi um erro.

Em algum lugar encontrou forças para virar e ir embora, ansiosa para colocar o máximo de distância entre eles o mais

rápido possível. Se pudesse correr de suas lembranças tão facilmente. Ela o ferira uma vez e agora tinha um gostinho do quanto.

***

Darcy saiu do metrô e fez a curta viagem para o apartamento de sua mãe no Queens. Sua mãe voltou para ela, levou três anos, mas como ela estava sempre dizendo, ela voltaria. Darcy não era a mesma menina que sua mãe havia deixado em St. Agnes, contudo, porque ela viveu uma vida inteira de arrependimento nesse tempo.

Era jovem, assustada, e tão profundamente apaixonada, o tipo de amor que você não poderia imaginar que seria correspondido. E quando as suas dúvidas voltaram, ela entrou em pânico. Foi essa dúvida que trouxe o fim entre ela e Lucien.

Sua mãe veio buscá-la quase um ano depois que Lucien havia saído, estando só e de coração partido, aos dezessete anos, Darcy foi com ela, especialmente porque St. Agnes servia para lembrá-la do que ela perdeu. Sua mãe foi capaz de tirá-la de St. Agnes, tão facilmente como ela a deixou, considerando que era um orfanato financiado pelo Estado e não um hotel, isso sempre deixou Darcy perplexa. Mais estranho foi o fato de que sua mãe a ter dado por causa de sua bebida e o ciúme violento que sentia por sua própria filha enquanto estava bêbada. E ainda assim sua mãe não teve uma mudança de coração, nem se ela tivesse parado de beber. Por qualquer coisa, a mulher bebia ainda mais. Darcy também não sabia que ir com ela significava vender-se à

servidão.

Ela nunca entendeu como ela soube sobre Lucien e tudo o que aconteceu entre eles, mas a mãe dela teve grande prazer em esfregar sal na ferida. Enquanto fazia seu caminho através de uma garrafa de vodka, ela filosofou sobre a forma como os homens eram volúveis e o amor não durava, e que tola Darcy tinha sido a entregar-se tão completamente a alguém quando ela era tão desinteressante.

Durante o próximo ano, as palavras de sua mãe corroeram a confiança de Darcy, mas o que a impedia de quebrar era à crença de que, o que ela e Lucien compartilharam, significou muito para ambos.

Ela era mais forte agora, porque aprendeu a depender de si mesma, de modo que a realidade de que sua mãe tinha razão há tantos anos não a quebraria, mas doeu pra caramba.

Ela abriu a porta do apartamento de sua mãe e foi imediatamente saudada pelo cheiro do álcool e comida podre. Ela atravessou a sala de estar desarrumada em direção à cozinha, onde havia caixas derramadas no chão perto da lata de lixo.

A mãe dela tinha quarenta e sete anos, mas parecia ter setenta. Seu vício a mataria. Os médicos já haviam dito isso, mas a mulher não podia parar. Darcy tentou ao invés de enviar dinheiro para ela, enviar mantimentos, mas ela não conseguia evitar os telefonemas, a mãe dela furiosa chorando do outro lado. No final, Darcy decidiu que se sua mãe não estava interessada em salvar-se, então por que diabos ela deveria se preocupar?

— É você, Darcy? É sobre a porra do tempo que estou aqui, eu não posso encontrar o controle remoto.

Darcy entrou no quarto e ficou mortificada de como o cheiro piorou. Sua mãe estava deitada na cama vestindo apenas

sutiã e calcinha. Roupas sujas cobriam toda a superfície e misturadas com elas estavam as garrafas vazias de vodka. Um homem nu desmaiado na cama ao lado dela, apenas um dos muitos anônimos, homens sem rosto que ela pegou.

— Você tem pernas, — disse Darcy, e sua mãe a cortou com um olhar. O mesmo olhar que ela recebia quando criança pouco antes de sua mãe bater nela. Mesmo agora, sendo uma mulher adulta, trouxe medo.

— Menininha, cuidado eu ainda sou sua mãe, agora mude o canal e pegue algo para eu beber.

Darcy voltou para a cozinha, cheia de desgosto por tão facilmente voltar a ser aquela menina apavorada. Odiava-se por voltar aqui todos os meses, em vez de simplesmente cortar o cordão umbilical e ser livre. Mas o que a manteve vindo foi que, 13 anos atrás, sua mãe veio por ela. Sim, ela levou mais tempo do que deveria, mas no final ela a trouxe para casa e, para melhor ou pior, ela era a sua mãe.

***

Lucien não sabia quanto tempo ficou olhando para a porta vazia, Darcy MacBride, diga-me sobre a porra de um pontapé no estômago. Ele reconheceu o nome imediatamente quando a agência a mencionou, mas ele não acreditava que poderia ser a mesma pessoa, e se fosse, por que ela estava ressurgindo agora, depois de todos esses anos? Sua curiosidade foi a principal razão dele concordar com a entrevista.

Mas se estava sendo completamente sincero, ele esperava

que fosse ela. Queria vê-la novamente. E mesmo com a raiva que sempre sentia quando pensava nela, não podia negar que ele absorveu a visão dela.

Sua Darcy sempre foi linda, e ela estava requintada como uma mulher adulta. Houve um tempo em que não poderia manter os dedos longe de seu cabelo, era como fios de ônix com toque de seda entre os dedos. E os olhos, azuis como uma safira, mostravam as janelas da alma dela.

Ele a amava com a intensidade do primeiro amor, acreditava que o amor era forte o suficiente para durar para sempre. Nunca se sentira tão perto de outra pessoa como se sentiu na noite em que Darcy tinha lhe dado sua virgindade. Ela era tão inocente e doce, tão ansiosa para amá-lo, tão ansiosa para ser amada por ele. Teria dado tudo para ela, mas, em seguida, ela rasgou-o em pedaços e deixou-o quebrado e sozinho.

Ele sabia que a machucara, fingindo que não se lembrava dela. Fizera isso intencionalmente, tentando infligir sua dor a ela. Infelizmente, não sentiu qualquer prazer ao ver a dor nublar seus belos olhos.

Por que diabos ela veio aqui? Será que ela achou que ele esqueceu como era ter seu coração arrancado pela única garota que ele amou? Sua rejeição enviou sua vida em uma direção que nunca esperou. Foi até o armário no canto do seu escritório e se serviu de um Scotch, e relembrou.

***

Quatorze anos atrás...

— Mantenha sua cabeça baixa e os ouvidos abertos. O Sr. Santucci não gosta de pessoas que parecem muito interessadas em seu negócio. Ele precisa de outro agente. Eu já disse a ele sobre você, — Jimmy advertiu.

— Tem certeza de que isso é legal? — Lucien sabia que não era, mas não pôde deixar de perguntar de qualquer maneira.

— Legal o suficiente. Olha, tudo que você tem a fazer é levar a bolsa de um lugar para o outro. Não faça perguntas, apenas faça o que disserem. Você é pago quando você entregar a bolsa

— Por que ele confia em mim?

— Porque eu dei o aval para você, então não me foda, Lucien. Não é todo dia que um rapaz de 18 anos de idade, recebe cinco Benjamins[3] *por uma simples caminhada. Se você trabalhar bem, ele vai te enviar em quatro ou cinco corridas por semana.*

Para Lucien parecia um mau negócio, confiar em um garoto desconhecido para transportar o valor de uma noite de lucros. Quinhentos dólares era, provavelmente, uma fração do que a bolsa continha. O que impedia Lucien de fugir com a bolsa, além do puro medo de ser pego? Santucci tinha a reputação de ser muito inteligente, mas isso não parecia inteligente, a menos que houvesse mais nessa história. De qualquer maneira, Lucien estava ávido pelo dinheiro, porque ele estava cansado de viver precariamente. Tinha deixado St. Agnes dois meses atrás, e estava aprendendo como estar por conta própria era difícil.

Eles entraram no clube onde se encontrariam com o Sr. Santucci, e os olhos de Lucien quase saltaram para fora de sua cabeça. Ele nunca esteve em um clube de cavalheiros antes. Havia mulheres em todos os lugares – com os seios a vista e tapa

sexo – dançando para que todos vissem. Um grande palco com dois postes de pole dance estavam na frente. A música tocava suavemente enquanto as duas mulheres no palco trabalhavam em seus pole dance. Uma seção do palco se projetava para o meio da sala com filas de cadeiras nas laterais.

No meio de tudo isso estava outra mulher, de costas e com as pernas abertas, mas ela parecia aérea provavelmente dopada com algo. Na parte de trás, até onde ele conseguia ver, tinham mais algumas meninas, mas elas estavam fazendo um tipo totalmente diferente de dança, no colo dos clientes. Apesar da repulsa, ele sentiu-se endurecendo.

Ele ouviu Jimmy rir, o que atraiu sua atenção.

— Você vai querer cuidar disso, rapaz.

— O que você quer dizer?

— Pegue uma dança. É uma das vantagens do trabalho.

— Você está brincando?

— Não homem, elas são pagas para fazer o que você quiser.

Como se para provar seu ponto, Jimmy estendeu a mão para primeira garota que se aproximou dele. Ele desapareceu com ela por trás da cortina de veludo vermelho.

Lucien deveria pegar uma, talvez transar o ajudasse a esquecer a suavidade da pele de Darcy, a maciez dos seus cabelos, o jeito que ela fazia pequenos ruídos quando ele afundava nela, as inúmeras vezes que fizeram amor naquelas poucas semanas incríveis, antes dela rasgar a porra do seu coração. Talvez ele esquecesse como tinha dado a ela tudo o que tinha para dar e não foi o suficiente. O fato de que ainda pensava nela, o aborrecia e isso foi o que o fez atravessar a cortina para encontrar Jimmy com a menina ajoelhada em frente a ele, suas

mãos em punho em seus cabelos. Lucien os assistiu com indiferença.

Quando Jimmy veio, ele grunhiu enquanto continuava a empurrar em sua boca, e então ele tirou dela, limpou-se, e fechou o zíper. Ele colocou a mão no bolso e jogou algumas notas de seu maço para a menina. Sem dizer uma palavra para qualquer um deles, ele se virou e foi embora. A menina não parecia se importar quando enfiou o dinheiro em seu fio-dental antes de se levantar.

Ela moveu as mãos pelo corpo e apertou seus próprios seios antes de levantar um até a boca e envolver seus lábios ao redor do mamilo. Seus olhos fixaram em Lucien, quando ela começou a chupar, então ronronou:

— Quer uma volta?

O rosto de Darcy encheu sua mente, querendo livrar-se dela, ele deu os dois passos até a menina. Sua mão deslizou entre suas pernas, onde ele empurrou um dedo bruscamente dentro dela. Quando ele acrescentou um segundo dedo, ela gemeu e mordeu o lábio. Ele a acariciou com os dedos, enquanto sua boca sugava o outro seio, sugando-o profundamente, e lutando para exorcizar aquilo que o assombrava.

Ele empurrou a garota de joelhos, quase insano com a necessidade de se livrar das suas memórias.

— Coloque-o para fora, — ele ordenou, e ela não hesitou quando seus dedos agilmente desfeizeram a braguilha. Quando sua mão envolveu em torno do seu pau, ele rosnou: — Abra a boca.

Ela estava praticamente ofegante enquanto abria sua boca para ele. Ele abafou um gemido quando seus lábios se fecharam em torno dele e o levaram profundamente. Ela trabalhou nele, sua língua correndo pelo comprimento antes de chupar até a metade

de sua garganta. Ele agarrou seu cabelo enquanto seus quadris balançavam para trás e para frente, mas em vez de perder-se no momento, tudo o que podia ver era Darcy. Quando ele chegou ao clímax, a experiência o deixou vazio. A menina lambeu os lábios antes de se levantar, apesar do fato de que o encontro foi insatisfatório, ele pegou sua carteira.

Ela tocou o braço dele e sorriu.

— Isso foi um brinde para o novo garoto.

E então ela caminhou para fora, ele observou enquanto ela saia com uma emoção que não estava muito ansioso para examinar. Se você deitar-se com cães, você se levanta com as pulgas. Uma das expressões favoritas da Irmã Anne. O problema era que ele estava começando a pensar que era o cão. Ele silenciosamente amaldiçoou Darcy enquanto fazia o seu caminho para o escritório do proprietário.

Sr. Santucci parecia um clichê de um chefe da máfia italiana. Ele era grande, alto, musculoso, e peludo como o inferno. Assim que Lucien entrou, Sr. Santucci olhou de sua mesa, com um charuto preso entre os dentes.

— Você é o novo garoto?

— Sim.

— Você conhece o negócio?

— Sim.

— Ótimo, tenha cuidado, e mantenha a porra da sua boca fechada, entendeu?

— Sim.

— Eu vou cuidar de você, nós somos uma família, mas só se você mantiver a boca fechada.

— Entendi.

— Você fará um teste, se isso funcionar, eu vou expandir

sua rota. Permaneça fiel a mim e eu vou ser fiel a você. Nós temos um acordo?

Ele estendeu a mão grande e carnuda sobre a mesa, acenando para seus guarda-costas, como se para indicar que Lucien poderia se aproximar sem ser baleado. Lucien não hesitou em se aproximar e apertar a mão do homem mais velho.

— Nós temos um acordo.

Lucien fez suas corridas, foi pago, e juntou um bom lote de dinheiro, embora este não fosse como ele achava que seria, ele não estava mais sozinho. Essa bolha estourou cerca de um ano mais tarde, quando foi pego pelos policiais. Ele fez conforme as instruções e manteve a boca fechada, mas logo descobriu que Santucci não seria fiel à sua palavra.

Jimmy veio vê-lo no dia em que estava sendo transferido para o reformatório.

— Jimmy, homem, por que diabos você demorou tanto?

— Tenho uma má notícia homem, o chefe vai deixá-lo cair.

— O que diabos você está falando? — Lucien exigiu.

— Muita agitação, cara. Ele vai deixar você se perder. Você está por sua conta.

— Você está brincando comigo? O que aconteceu com a merda de "nós somos uma família”?

— Desculpe, cara. — E sem dizer mais nada, Jimmy virou e foi embora.

Lucien passou apenas duas semanas no reformatório, e no dia em que foi solto, ele ficou na calçada em frente ao prédio, planejando pegar seu dinheiro quando os bancos abrissem. Ele foi inteligente o suficiente para abrir uma conta, porque se ele tivesse deixado no quarto como Jimmy fazia, ele sabia que não estaria mais lá. No entanto, o quarto dele no clube tinha sido um

privilégio do trabalho e, sem esse trabalho, ele estava sem teto de novo.

Sua mente derivou para Darcy, ele tinha um cabo-de-guerra emocional constante sobre ela, em um minuto ele queria esquecê-la e no próximo sentia falta dela como o diabo.

Ele estava amargo, sim, mas era Darcy, e nem toda a amargura do mundo não poderia afastá-la do seu coração. Ele amava aquela garota, e provavelmente sempre o faria.

— Ei, você é Lucien.

Quando ele se virou, colocou seu peso na ponta dos pés apenas no caso de precisar se afastar rapidamente. Olhou para um garoto – alguns anos mais velho do que ele, bem vestido, bom corte de cabelo, sapatos extravagantes, mas não havia como negar que ele tinha a dureza de quem vivia nas ruas. Você poderia se arrumar tão bem quanto quisesse, mas por baixo, ele, assim como Lucien, ainda era o garoto do código postal errado.

Ele apontou para o edifício atrás Lucien antes de dizer: — Faz seis meses. Não é tão ruim, desde que você mantenha um olho aberto.

— Merda, se isso não é verdade.

— Eu sou Dominic, me pediram que eu lhe oferecesse um emprego.

Lucien ficou imediatamente cético, pessoas aleatórias simplesmente não caminhavam até você e lhe ofereceriam um emprego. Sem mencionar que o momento foi impecável.

— Você chamou a atenção do meu chefe e ele está se sentindo generoso.

— Quem é seu chefe?

— Se ele quiser que você saiba quem ele é, ele vai te dizer.

— Justo. Qual é o trabalho?

— O trabalho mais antigo que existe.

Imediatamente, Lucien pensou que Dominic estava falando sobre a prostituição e ser pago para foder e esquecer. Ele levantou a sobrancelha, Dominic claramente poderia dizer o que ele estava pensando. Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Não é tão velho. Escavação de sepultura.

Lucien tinha certeza que não ouviu o cara direito, porque, quem diabos ainda cava sepulturas?

— Diga de novo?

— Minha reação foi igual, mas há alguns cemitérios, onde o proprietário acredita em um toque mais pessoal. Você iria trabalhar principalmente à noite, receberá cento e cinquenta dólares por semana, as refeições estão incluídas, e a habitação não é nada extravagante, mas pelo menos não é nas ruas. Você está interessado?

— Sim.

— Legal, vamos andar e eu vou orientá-lo.

Capítulo 2

Quatorze anos atrás...

Darcy suspirou e apertou os braços em torno de Lucien quando ele roçou os lábios em toda a pele macia sob sua mandíbula. Moveu-se lentamente, construindo a tensão para que seu desejo se curvasse em sua barriga. Seus quadris se inclinaram para levá-lo mais profundo e sua boca pressionou contra a dele. O beijo ficou um pouco desesperado quando Darcy despejou todos os seus medos e esperanças nele. Ela queria que fosse sempre assim entre eles, mas a mudança estava por vir. Lucien estava completando dezoito anos, e como a Irmã Anne disse, ele estava saindo. A realidade era uma verdade dura e a deixou com a sensação de estar à deriva, porque ela não tinha certeza do que viria a seguir para eles.

Ele Levantou a cabeça e Darcy viu a preocupação em seus olhos, assim como a luxúria sob eles.

Ele agarrou seus quadris e puxou-a enquanto se movia mais profundo e mais rápido. O orgasmo a percorreu e trouxe lágrimas aos seus olhos segundos antes de Lucien gritar seu nome e esvaziar-se profundamente dentro dela.

Depois, ele a abraçava, e às vezes parecia que gostava de estar com ela tanto quanto o sexo. Era como se ele estivesse buscando o mesmo sentimento de conexão que ela estava.

— O que há de errado? — Sua voz suave interrompeu seus pensamentos.

— Nada.

Ele se deitou sobre o cotovelo.

— Venha comigo.

Seu coração saltou.

— O que você quer dizer?

— Quando eu sair, venha comigo.

— Você quer dizer isso?

— Eu amo você, Darcy, eu quero você na minha vida. Eu não sei onde vamos viver ou por onde nós vamos começar, mas eu sei que eu não quero ir sem você.

Ela jogou os braços ao redor dele, e ele riu quando caiu de costas, com os braços apertando ao redor dela.

— Vou levar isso como um sim.

As palavras não saíram, então Darcy respondeu, abraçando-o com mais força ainda.

— Você pensou que eu ia embora sem você, não foi? — Sua voz era suave sussurrando.

Ela assentiu com a cabeça.

— Por quê?

Seus olhos brilhavam quando ela olhou para ele.

— Eu nunca entendi por que alguém como você, escolheria alguém como eu para sair.

Ele rolou para que ela ficasse presa debaixo dele e ele parecia quase irritado.

— Por que você faz isso? Por que você sempre acha tão pouco de si mesma? Não importa, eu sei que é por causa da porra da sua mãe. Eu não preciso dizer isso, mas eu vou: Eu nunca tive qualquer intenção de ir embora daqui sem você. Como você poderia pensar que eu poderia?

— Eu estava tentando ser realista. Você está seguindo em frente. Não é irracional acreditar que você iria me esquecer com o

tempo.

— Esquecer você? Como diabos eu poderia me esquecer de você?

***

Darcy foi arrancada do sonho quando seu alarme disparou, mas que ele desaparecesse. Ela levantou da cama e desligou a campainha, Lucien tinha se esquecido dela. Quão rápido ele a afastou da sua mente? Não era uma pergunta que ela precisava de resposta.

Ela jogou um pouco de água no rosto e pegou sua escova de dentes, os olhos caindo sobre sua caneca Manhattan College em cima do balcão. Sua vida definitivamente tomou uma direção, que ela nunca imaginou.

Aos dezesseis anos, ela planejava fugir com Lucien. Como adulta, ela agora entendia as falhas em seus planos, ele tinha quase dezoito anos, então ele poderia ter saído sem nenhum problema, mas ela teria escapado com tanta facilidade? Provavelmente não, mas a ideia era tão romântica que ela não viu as armadilhas no seu plano, apenas o “felizes para sempre” que eles teriam tido.

Mas no dia em que planejou sair, o destino interveio. Ela não conhecia o homem que veio vê-la, mas ele confirmou seu medo secreto, de que embora Lucien quisesse levá-la com ele agora, quando eles estivessem lá fora no mundo real, ele se cansaria dela. Ela vacilou em sua intenção de ir. Sua preocupação não era por si, mas com Lucien. O homem sabia todas as coisas

certas a dizer, como se segurasse um espelho em seu rosto no espelho, por assim dizer, o seu Eu de dezesseis anos de idade, não era forte o suficiente em suas convicções para lutar por Lucien. Ela o deixou ir, e o que mais doeu foi a facilidade com que Lucien tinha se afastado.

O ano depois de que Lucien saiu foi o mais difícil da sua vida. Darcy perseguiu a Irmã Margaret em busca de qualquer notícia sobre ele, e quando ela soube o quanto ele estava sofrendo, ela se enfureceu por ele.

O homem que prometeu que cuidaria de Lucien havia mentido. Ela queria procurar por Lucien e implorar para que a perdoasse, e voltasse atrás. Mas a vida de Darcy deu outra volta, uma que a deixou devastada.

Lutou para seguir em frente todos os dias, e um ano depois de sair do St. Agnes, foi convocada para um encontro com a Irmã Margaret. Ver St. Agnes novamente depois de ficar longe por tanto tempo, a deixou com o mesmo sentimento de temor que sentiu na primeira vez. O velho edifício que ela viu durante seus anos de vida, ainda exalava dignidade e charme. A propriedade parecia inacreditável considerando que era localizada na cidade, ao olhar através das janelas você podia ver a grama e árvores, a visão quase não parecia real, era como se o edifício estivesse lá muito antes da cidade, e a cidade construiu-se em torno dele.

Darcy se lembrava claramente do dia, um ano após sua mãe a ter levado de volta, mudou sua vida novamente, até mesmo a maneira como a Irmã Margaret parecia sentada atrás da mesa na pequena sala, que ela usava como seu escritório.

***

Doze anos atrás...

— Darcy, sente-se.

Irmã Margaret era de poucas palavras. Darcy se acomodou na cadeira de vinil velha.

— Foi oferecida uma bolsa de estudos para você em Manhattan College.

Darcy não teve nenhuma reação à declaração, ela não tinha certeza de que tinha ouvido as palavras corretamente.

— Você me ouviu? Você está recebendo a oportunidade de ir para a faculdade.

— Como?

Irmã Margaret acenou dispensando sua pergunta.

— Isso não é importante.

Sinceridade surgiu em sua expressão quando ela acrescentou: — Você teve um período difícil, mas tem toda a vida pela frente, esta é uma oportunidade para que você possa assumir o controle.

— Mas eu não posso me dar ao luxo de ir para a faculdade.

— As despesas e alojamento estão todas cobertas pela bolsa, olha, eu dediquei minha vida à igreja, então pedi alguns favores e fiz isso acontecer. O mínimo que você pode fazer é aceitá-la.

— Mas por que você está me ajudando?

— Você teve mais do que a sua quota de dor, e às vezes a mão amiga de outro pode fazer toda a diferença. Eu sei que este não é o lugar onde você esperava ir, mas talvez você goste da direção em que vai te levar.

Darcy não pode deixar de pensar que havia mais do que isso. Irmã Margareth não era do tipo acolhedora e atenciosa, e aqui estava lhe oferecendo uma chance.

— Você quer ficar sob o controle de sua mãe, ou quer ficar longe de sua mãe e ser a dona do seu próprio destino?

Essas foram as palavras mágicas: longe de sua mãe. Darcy não pode ajudar, mas sentia que esta oferta era uma penitência de algum tipo para a irmã Margaret, mas penitência de quê, Darcy não sabia. Ela não podia mentir, ela queria aceitar, queria correr de seu passado e nunca olhar para trás.

— Como é que eu vou recompensá-la?

Irmã Margaret recostou-se na cadeira.

— Não desperdice a oportunidade. Faça algo por si mesma.

***

Darcy enxaguou a boca e guardou a escova de dentes. O dia em que ela assinou o contrato do seu pequeno apartamento na Times Square, foi uma afirmação maravilhosa que ela estava fazendo isso por conta própria. Sua graduação em administração de empresas havia lhe proporcionado um emprego de gestão no Sookie's, uma empresa familiar de buffet, e é aí que ela encontrou seu nicho. Ela adorou o trabalho e ela era boa nisso.

Ela caminhou até sua sala de estar, parando por um momento a fim de olhar para a impressão de Gustav Klimt, *As Três Idades da Mulher*. Ela viu essa pintura pela primeira vez, no quarto de Irmã Anne, mas o significado por trás dele havia crescido exponencialmente para ela depois que deixou St. Agnes,

porque era uma lembrança de seu passado e de como ninguém permanece o mesmo. Toda vez que ela olhava para ele, apreciava o quão longe ela tinha chegado e o que ela tinha perdido ao longo do caminho.

Mesmo sem a impressão, Lucien nunca esteve longe de seus pensamentos. Ela procurou pelo homem que veio vê-la, até mesmo pediu a ajuda da Irmã Margaret, mas nunca foram capazes de descobrir quem ele era. Ele definitivamente tinha alguém no interior de St. Agnes, que o apagou do radar de modo que não havia nenhum registro dele ter ido até lá.

Quando Darcy se viu na necessidade de um emprego depois de sair da Sookie, ela deu instruções específicas para a agência de que, se abrisse uma vaga em uma das organizações de Lucien Black, ela gostaria de ficar sabendo disso. Ela fantasiou demais, e só percebeu isso após a realidade de sua reunião desastrosa e insensata. Mas tinha esperança de que ele reconheceria o seu nome e que voltaria de onde parou. Ele não reconheceu seu nome, embora, não se lembrava dela em tudo. E a realidade era incrivelmente dolorosa.

***

Lucien colocou seu saxofone no case, a sessão de jaz tinha ajudado a manter sua mente ocupada, mas agora os seus pensamentos estavam focados nela novamente. Ele pensou em beber, mas isso só seria eficaz se ele ficasse bêbado, e se tornar um alcoólatra não estava em sua lista. Quando ouviu seu nome sendo chamado, ficou aliviado por ter a distração. Ele se virou

para ver Kyle caminhando em sua direção.

Ele e Kyle compartilhavam o amor pela música e, depois que Ember os apresentou, eles encontravam-se frequentemente nos mesmos clubes. Lucien não tinha ilusões sobre a sua habilidade, usava apenas como uma fuga, mas Kyle e sua banda eram uma história diferente. Eles tinham o tipo de presença de palco que dominava uma audiência. Era um crime que eles só tocavam em pequenos espaços.

— Isso foi incrível, — disse Kyle em forma de saudação.

— Obrigado. Você já tocou?

— Vou tocar mais tarde. Você quer uma bebida?

— Sim, — respondeu Lucien.

A meio caminho do bar, Kyle parou abruptamente, o que fez Lucien olhar na direção em que ele estava olhando.

— Kyle?

— O que diabos ele está fazendo aqui?

— Quem? — Perguntou Lucien.

— Todd Samuels. Um conhecido de Ember.

— Ah, o jogador. Há um quarto de jogos aqui, de poker principalmente.

Kyle respondeu balançando a cabeça em desgosto antes de seguir para o bar.

— Duas cervejas, — ele pediu para o barman.

— Então, como vai a música? Conseguiu quaisquer novos shows? — perguntou Lucien.

— Sim, nós temos mais alguns, mas ainda não estamos na fase em que eu posso desistir do meu trabalho de bartender e me concentrar totalmente na música. Estamos trabalhando nisso, apesar de tudo.

Lucien estudou o outro homem por um minuto. Ele sabia o

quanto era difícil obter uma pausa; mesmo músicos talentosos como Kyle lutavam por um show que poderia mudar tudo. Alguém uma vez deu-lhe um empurrão na direção certa, e era hora dele fazer o mesmo por alguém.

— Eu tenho alguns amigos na indústria. Eu poderia fazer algumas chamadas.

— Você está falando sério?

— Absolutamente.

— Oh homem, seria fantástico, a qualquer hora e em qualquer lugar. Vamos largar tudo por uma chance.

A excitação de Kyle era quase palpável.

— Deixe-me ver o que posso fazer.

Um tumulto eclodiu na parte de trás do lugar. Lucien se virou para ver Todd ser fisicamente retirado do clube.

Kyle notou Todd também.

— Que diabos foi isso?

— Meu palpite, ele foi apanhado fazendo alguma trapaça. Ele deve estar muito desesperado para assumir o risco de enganar esses tubarões de cartas, — Lucien adicionou quase distraidamente.

Kyle respondeu a isso com um suspiro. — Ele fez a sua cama.

Capítulo 3

O calor do sol de verão nunca parecia aquecer este lugar. A natureza continuamente tentava recuperar os caminhos de pedra que guiavam os visitantes através do labirinto dos memoriais de pedra. Lucien caminhou com passos longos sem pressa através dos gramados crescidos. O pequeno anjo de pedra foi colocado no centro de um jardim colorido – em cada estação as plantas refletiam a época do ano. Ele não sabia quem plantou o jardim e cuidava dele, provavelmente alguém de St. Agnes, mas ele sabia que a irmã Anne teria realmente apreciado.

Ele se ajoelhou na frente do túmulo dela e descansou a mão na base do anjo, onde apenas quatro palavras foram esculpidas na pedra: "*Falecida, mas não esquecida*". Ela não queria uma lápide, afinal. Ela disse que o dinheiro devia ser usado para as crianças. Ele queria honrar seu pedido, mas tinha que ter algo que pudesse visitar, um lugar onde poderia senti-la.

Ele distraidamente puxou as ervas daninhas que apareciam entre as flores brilhantes, enquanto se lembrava do dia que Irmã Anne havia morrido e como Darcy sabia exatamente o que ele precisava. Ela não chorou, nem ofereceu condolências; apenas sentou-se calmamente ao seu lado, segurando sua mão na dela. Esse foi o dia em que ele caiu irrevogavelmente apaixonado por ela. E pensar que apenas algumas semanas mais tarde, ela iria tomar seu coração e esmagá-lo sob seus pés.

Vir aqui era como uma faca de dois gumes, porque tanto quanto ele desejava a conexão com Irmã Anne, era aqui mais do que em qualquer lugar que seu passado voltou para assombrá-lo.

***

Quatorze anos atrás...

Ele olhou para o relógio, pela sexta vez, enquanto continuava a andar, mas estava animado, porque ele e Darcy sairiam juntos daqui. Ele realmente não se importava onde eles acabariam, contanto que ela estivesse com ele.

Ele abriu a palma da mão para a pequena cruz de prata que a Irmã Anne tinha deixado para ele, um colar que ela nunca tirava. Ele iria dá-lo a Darcy. Ele queria que ela soubesse como ele se sentia sobre ela e esta era a única coisa de valor que ele tinha.

Meia hora depois, sua excitação tinha começado a desvanecer-se. Darcy nunca se atrasava. Ela estava tendo dúvidas? Ele olhou na direção do orfanato, perguntando se eles tinham se comunicado errado. Ele estava prestes a subir o morro para encontrá-la, quando alguém veio por trás dele e envolveu seus braços ao seu redor. Ele sorriu.

— Eu pensei que você estava tendo dúvidas. — Ele se virou para Darcy para beijá-la, apenas para perceber que não era Darcy, mas Heidi – a menina assustadora que seguia seu amigo Trace como um cachorrinho perdido. Ele não entendia por que ela continuava a vir ao redor. Ela foi transferida para uma habitação diferente depois de ter dado à luz. Ele também não entendia por que as freiras estavam aparentemente bem com ela perambulando ao redor o tempo todo. Antes que ele pudesse afastá-la, ela o beijou. Levou um minuto para reagir, mas quando

finalmente o fez, ele a empurrou com força suficiente para derrubá-la no chão.

— Que porra você está fazendo?

Seus olhos pálidos sempre o assustaram. Ela inclinou a cabeça e sorriu como uma cobra. —Eu só queria uma prova.

Ele deu as costas sem pensar duas vezes e foi em busca de Darcy, mas quando chegou ao seu quarto, ela não estava lá. Suas companheiras estavam sentadas no chão jogando cartas.

— Onde está Darcy?

A menor das meninas olhou para ele através dos óculos manchados. — Ela se foi.

— O Quê? Onde?

Ele notou que ela não poderia manter contato com os olhos quando ela disse: — Ela disse que estava indo com sua mãe. Oh, ela deixou-lhe uma coisa. — Ela se levantou e pegou uma nota do armário e entregou.

Seus pés o levaram para fora do quarto enquanto olhava cegamente para o bilhete. Levou um tempo para juntar a coragem de lê-lo.

Lucien,

Eu não posso ir com você. Sinto muito. Você vai me agradecer um dia por não amarrar você, talvez você já o faça.

Seja feliz. Eu desejo apenas coisas boas para você.

Darcy

Sua visão borrou com lágrimas que lhe encheram os olhos, pela maneira insensível como ela descartou todos os planos que tinham feito. Ele amassou a nota antes de empurrá-la em seu

bolso, e então ele foi embora e nunca mais olhou para trás.

***

Darcy sentou-se em frente a sua agente de empregos, Michelle, tentando desesperadamente impedir-se de roer as unhas. Após a dor ter diminuído desde o épico fracasso que foi seu reencontro, ela percebeu que não era possível Lucien não se lembrar dela. Se por nenhuma outra razão, ela estava lá quando a Irmã Anne morreu e aquela mulher fora tudo para ele.

Se ele queria fingir que não a conhecia, ela estava bem com isso. Realmente, ela não poderia culpá-lo, mas precisava do emprego e ter a chance de estar perto dele novamente foi muito tentador. Ela ficou surpresa quando Michelle ligou e disse que Lucien solicitou remarcar a entrevista. Talvez parte dele quisesse vê-la. Era por isso que ela estava sentada aqui com a sua agente, que estava até agora dando desculpas ao próprio homem pelo comportamento ridículo de Darcy.

Michelle sorriu para ela e deu-lhe o polegar para cima.

— Sim, mesmo sem uma? Isso é maravilhoso. Vou passar isso adiante. Sim, oito horas na segunda de manhã. Fabuloso. Obrigado.

Ela desligou com um suspiro. — Ele não quer uma entrevista; ele contratou você. Você começa na segunda-feira.

Excitação atingiu Darcy de início, mas depois ficou séria. Se Lucien a amou do jeito que ela acreditava que ele tinha, depois do que ela fez, ele tinha que odiá-la. Talvez esta fosse a sua penitência. Deus sabia que merecia. Talvez ela pudesse fazer as

pazes e consertar o erro que lhe fizera. Perdê-lo como amante tinha sido difícil, mas perdê-lo como um amigo tinha sido devastador.

***

Em seu primeiro dia de trabalho, Darcy levou uma hora extra se preparando. Tola, provavelmente, mas a última vez que vira Lucien, além de sua exibição desastrosa do outro dia, ela tinha dezesseis anos e era um pouco estranha em sua própria pele. Era vaidade, sim, mas ela queria que ele a visse aparentando o seu melhor.

Tomou banho, hidratou-se, depilou-se, fez a sobrancelha, aplicou maquiagem suficiente para melhorar, mas não distrair, e arrumou seu cabelo preto em uma trança. Então ficou por meia hora apenas de sutiã e calcinha, olhando em seu armário.

Ela vestiu um vestido preto colado, mas conservador. Escorregou em seus sapatos, antes de pegar sua carteira e bolsa. O dia estava quente quando ela saiu do prédio e começou a caminhar em direção à esquina.

Ele parecia incrível. Nos poucos minutos que ela o vira, ficou claro que ele era ainda mais bonito do que tinha sido quando criança, mas havia uma dureza sobre suas características que não havia aos dezessete anos: a inclinação do seu rosto, a linha entre os olhos, a inclinação para baixo de sua boca, e a frieza nos olhos que ainda estavam tão bonitos. Ela se lembrou de quando aqueles olhos olharam para ela com paixão, desejo, até mesmo amor. Era sua própria culpa que já não o fazia. Mesmo

com o passar do tempo, seu arrependimento agora era tão grande como antes.

Ela chamou um táxi porque estava muito quente e não queria lidar com o metrô. Após o táxi deixá-la, ficou na porta do clube por um minuto, recuperando o fôlego. Allegro parecia meio triste a luz do dia. Não era um edifício notável: tijolos simples com um pórtico para táxis parar e acomodar as pessoas, e portas de vidro com o nome gravado nelas. Dentro era tão desolador quanto do lado de fora, parecia quase como um lutador que amarra as feridas para que possa lutar outro dia. Melancolia... ela estava se sentindo completamente melancólica, demais.

Não queria que este encontro fosse tão calamitoso como o último. O que quer que ele pensasse dela, a contratara, então talvez não estivesse guardando rancor. Talvez ele realmente tenha colocado o que houve entre eles no passado e era só ela que ainda estava abrigando sentimentos sobre o que compartilharam.

Ela puxou os ombros para trás e levantou o queixo, mas borboletas estavam perdendo as estribeiras em sua barriga. O corredor para o escritório estava escuro, então procurou o interruptor e acendeu as luzes. Até o momento que ela estava a meio caminho pelo corredor, sabia que ele ainda não estava lá. Estava grata por isso; poderia se tranquilizar e, então, estar mais calma quando ele chegasse para mostrar-lhe o que fazer.

Vinte minutos depois, ouviu passos no corredor, e seu estômago apertou com o nervosismo enquanto se levantava para cumprimentar Lucien. Mas não era ele. Em vez disso, era a mulher do outro dia, Tara.

— Oi. Você é Darcy, certo?

— Sim.

— Desculpe, eu devia estar na parte de trás quando você

chegou. Sou Tara. Lucien pediu-me para dar-lhe um rápido resumo. Sua mesa é essa. — Ela apontou para a mesa da recepcionista que estava colocada em um pequeno canto. — Há arquivos sobre a mesa que vão trazê-la a rotina. Se você tiver alguma dúvida, eu vou estar servindo na área do bar.

Darcy estava confusa a respeito de porquê Lucien não estava aqui fazendo a própria introdução. Ele era o chefe. — Lucien está vindo mais tarde, então?

Tara já tinha chegado ao final do corredor, então ela respondeu por cima de seu ombro.

— Não, ele tirou o dia de folga.

Isso não deveria ter ferido, mas feriu. Darcy foi até sua mesa e se estabeleceu antes de puxar e abrir uma pasta. Era o calendário de Lucien. A outra pasta era uma lista de fornecimento para o escritório e números de contato para os caras da impressora e do computador. Darcy imediatamente enterrou-se no trabalho. Três horas mais tarde, tinha o escritório completamente organizado, arquivos alfabetizados, fornecimentos que estavam em baixa execução reordenados, e tinha até mesmo limpado o local.

Às cinco horas desligou seu computador, mas em vez de sair, decidiu por uma bebida. Ela se instalou no bar e Tara deslizou um guardanapo na frente dela.

— Como foi o primeiro dia?

— Bom. Eu fiz muita coisa.

— O que posso fazer por você?

— Uma taça de pinot grigio, por favor.

Darcy observou como Tara serviu o vinho antes de colocar a taça na frente dela.

— Por conta da casa. Bem-vinda à equipe, Darcy.

O ardor por trás de seus olhos a surpreendeu, e ela disse: — Obrigada, Tara.

***

Mais tarde naquela noite, Darcy voltou para casa, deixou cair às chaves sobre a mesa, tirou os sapatos, e foi em busca de outra taça de vinho. Ao todo, o primeiro dia poderia ter sido pior. O trabalho foi interessante, ainda mais porque teve uma visão sobre o que Lucien tinha realizado desde que ela o vira pela última vez.

Derramou o vinho vermelho-rubi em um copo e tomou um longo gole, enquanto ponderava sobre a ausência de Lucien. Foi intencional? Provavelmente, mas então ela estava esperando algum tipo de retaliação da parte dele.

Tinha que vir. Tinha a sensação de que ele a estava testando, mas ela era feita de material mais forte do que costumava ser. Continuaria com isso por nenhuma outra razão do que para lembrar-lhe que ela podia. Ela fizera isso antes, uma vez esteve lá para lhe oferecer o conforto que ele precisava tão desesperadamente.

***

Quatorze anos atrás...

Ele já tinha andado a extensão do jardim incontáveis vezes com a cabeça baixa e os ombros caídos, e ela sabia que ele estava sofrendo. Uma parte dele tinha ido embora. Não foi nem mesmo um pensamento consciente que a fez ir até ele. Quando o alcançou, tomou sua mão na dela. A sua cabeça levantou mostrando seus olhos verde-azulados cheios de lágrimas.

Ela não conseguia tirar a dor, mas podia mostrar-lhe que ele não estava sozinho, que ainda era amado. Ele não discutiu quando ela levou-o de volta para dentro e subiu as escadas para o único lugar que eles tinham certeza de ter privacidade. Ele ficou em silêncio parado na porta do sótão, enquanto ela espalhava os cobertores no chão, observou-a enquanto ela soltava os cabelos. Seus olhos estavam fixos nos dela, quando ela diminuiu a distância entre eles e pressionou a boca na dele. Beijaram-se inúmeras vezes, mas este beijo era diferente. Ele não se moveu a princípio, congelado como se não tivesse certeza se ela era real, e então seus braços enrolaram em volta dela e a puxaram para perto. Ela emoldurou seu rosto e beijou-o de novo, sua língua tocando o canto da boca dele antes de correr lentamente ao longo da costura de seus lábios. Sua mão embalou a parte de trás da cabeça dela e sua boca abriu para que a língua pudesse tocar a dela. Desejo espalhou-se até os dedos dos pés. A pele dele era tão quente enquanto suas mãos se moviam sobre os músculos das costas dele, arrastando para baixo no sulco profundo de sua coluna vertebral e seguindo a curva de sua bunda.

Ela deu um passo atrás e pegou a camisa; os olhos dele estavam famintos, enquanto a observava levantá-la sobre a cabeça. Seu olhar se moveu sobre ela possessivamente antes que seus olhos voltassem para os dela e, sabendo o que estava oferecendo, ele estendeu a mão para a parte de trás de sua

camisa e puxou-a para frente sobre a cabeça. Ele deu um passo para ela, correndo os dedos ao longo do seu braço, através de sua clavícula, para baixo entre seus seios. Seus dedos abriram o fecho do sutiã e suas mãos moveram a seda, expondo-a ao seu olhar quente. Ele tocou-lhe, seus dedos roçando o mamilo tenso antes de seguir a curva do seio. Espalmou os seios e pressionou suavemente antes que abaixasse a cabeça e tocasse o mamilo com a língua. Umidade molhou a calcinha dela enquanto um latejar começou entre suas pernas, e, em seguida, ele puxou seu seio em sua boca e um som de puro prazer retumbou baixo em sua garganta e ela moveu as mãos para a sua cabeça a fim de segurá-lo lá. Ele brincava e chupava, revezando-se com cada seio, antes de beijar sua barriga até que ele estava ajoelhado na frente dela. Ele olhou para cima, como se estivesse pedindo permissão antes de desabotoar a calça jeans e abaixá-las pelas suas pernas. Um leve toque em seus quadris fez arrepios em sua pele enquanto a calcinha seguia seus jeans. Assim que ela saiu de suas roupas, ele olhou para ela com fogo em seus olhos.

— Abra suas pernas para mim.

Audácia, luxúria e amor a fizeram sentir-se nervosa, então ela apoiou-se em seus ombros nus e fez o que ele pediu.

Ele era gentil; seu dedo se moveu através dos cachos entre as pernas dela, abrindo-a e encontrando seu ponto dolorido. Ele passou o dedo sobre ela, para trás e para frente, os olhos famintos de novo, e então ele se inclinou para ela e a tocou com a língua. Seus joelhos cederam, mas os braços dele eram fortes enquanto gentilmente a levava para o chão na sua frente, abrindo largamente suas pernas, e tocando-lhe novamente. Ele observou seu rosto enquanto movia o dedo sobre a pequena saliência, os quadris dela movendo-se para perto de seu toque. Quando ele

abaixou a cabeça, ela prendeu a respiração, e então sua boca substituiu seus dedos. Ele a lambeu, provocando antes de passar de suas dobras para seu centro. Ela não estava preparada para a língua dele empurrando dentro dela e gritou enquanto seus quadris se levantavam e suas coxas apertaram para segurá-lo lá.

Ela pensou que ia se dividir por causa de todas as emoções que estavam correndo através dela. E então ele parou e ficou de pé, e ela ficou fascinada com a grande protuberância entre suas pernas. Fascinação se transformou em um toque de medo quando ele tirou sua calça jeans e ela o viu grosso e duro. Ele se estabeleceu entre suas pernas, cobrindo a boca dela enquanto a beijava, quase com reverência. Ele moveu para a orelha, sua língua traçando a curva de seu lobo, mergulhando dentro e causando calafrios, antes de se mover para baixo e levar seu seio para a boca novamente. Sentiu exatamente onde a língua dele tinha estado; ele se moveu, esfregando-se contra ela até que ela quase implorou. Sua cabeça ergueu e seus olhos mantiveram-se nos dela enquanto ele lentamente empurrou para dentro. Ela ficou tensa com a intrusão, seu corpo quase o rejeitando, e então sentiu uma dor aguda, mas ele continuou a se mover até que estava totalmente dentro dela. Suas pernas estavam tremendo, o coração batendo forte, mas ele se manteve muito quieto para que ela pudesse se ajustar a ele. E então sua boca encontrou seu seio e de repente ela queria senti-lo se mover, queria que ele empurrasse com mais força e mais profundamente. Levantou os quadris, e isso era tudo o que ele precisava enquanto se movia lentamente para dentro e para fora. Senti-lo entre as pernas, movendo-se com tal cuidado, a fez doer novamente até que ela estava quase descuidada com a necessidade de alcançar o que quer que eles estivessem trabalhando. Com seus braços em volta

do pescoço dele, sua boca procurou a dele, e ela beijou-o avidamente. Ele se moveu mais rápido, indo mais profundo, e por um momento ela pensou que estava em algum precipício enquanto seu estômago apertava e todo seu corpo pareceu congelar, então ela estilhaçou-se, a força do orgasmo tirando um grito de sua garganta.

Ele continuou a mover-se, prolongando a sensação cortante, e então ele ficou tenso enquanto seu corpo se contraía e soltava sua própria libertação. Ela caiu sobre seu corpo, e deu um beijo em seu ombro.

Eles dormiram exatamente assim.

***

Darcy sentou-se em sua mesa no trabalho na manhã seguinte, a memória da noite passada ainda a assombrava. Realmente não se importava com a memória; havia conforto em lembrar o que houve entre eles, mas gostaria de fazê-lo sem o constante estado de excitação em que ficava. Talvez não tivesse sido uma boa ideia se reconectar com Lucien, porque se ligar a um fantasma era tão torcido quanto patético. Claro, ela pulou nisso com os dois pés, de modo que somente se quisesse parecer uma patética perdedora desistiria depois de apenas um dia, ela precisaria engolir isso.

Ela o ouviu-o antes de vê-lo, e seu corpo doía como se por comando. Ele estava andando pelo corredor, falando em seu telefone. Infelizmente, não era apenas seu corpo que ansiava por ele à medida que seu coração acelerava. Ele olhou para cima e

aqueles olhos pousaram sobre ela, e sentiu seu coração cair em seu estômago.

— Eu ligarei de volta.

Ele parou em frente a sua mesa.

— Darcy.

— Senhor Black. — Ela simplesmente não conseguiu dizer o nome dele. Será que ela tinha o direito de ser tão informal com ele? Ele não a corrigiu. Ela pensou muitas vezes sobre o que ele diria se eles se encontrassem novamente. Claramente, no primeiro encontro ele escolheu ficar em silêncio sobre sua história em comum, mas ela se perguntava se ele continuaria a fazê-lo. Seu corpo se inclinou um pouco por conta própria enquanto esperava em antecipação. Talvez ela fosse bem-vinda e ele queria dizer isso, ou dizer, por que diabos você partiu meu coração, sua puta? Mas não obteve nada disso. Em vez disso, ele olhou através dela e então desapareceu em seu escritório.

Sua raiva ela poderia suportar, mas não se preparou para a indiferença. Ela lembrou-se de que tinha feito sua cama, e tentou afastar da sua mente a expressão de seu rosto, enquanto se ocupava com o trabalho.

***

Lucien passeou pelo seu escritório – era impossível se concentrar com Darcy MacBride sentada do lado de fora da sua porta. Ela floresceu, superando a beleza de sua juventude. Ele estava muito inclinado a seduzi-la para que pudesse se livrar de seu fantasma, porque, maldição, se ela não estava sempre estava

no fundo da sua mente. Isso não deveria acontecer, depois de tanto tempo, mas ela permanecia como o cheiro de um perfume favorito.

Como podia estar tão cativado por ela como na adolescência? Ela o havia atraído uma vez, mas não o faria novamente. Ele havia aprendido essa lição da maneira mais difícil. Precisava ter certeza que os limites estivessem firmemente estabelecidos. Ele provavelmente não deveria tê-la contratado, mas a verdade era que a queria perto, quase tanto como queria afastá-la, provavelmente até mais.

— Darcy, um minuto.

Ela entrou na sala e imediatamente o ar parecia que estava sendo sugado dele. Seu temperamento agitando.

— O horário de trabalho é das oito e meia às cinco. Eu não tolero atrasos, Srª. MacBride. — Deixou que o comentário se prolongasse no ar, uma lembrança sutil para ela de que não tinha esquecido que ela estava atrasada há quatorze anos.

— Se você tiver dúvidas, pergunte de uma forma clara e concisa. Eu não tenho nenhuma tolerância para balbucio. É sua a responsabilidade de comandar este escritório. Não vou ficar satisfeito se eu precisar de um fichário e for incapaz de localizar. Há álcool no local, mas se você consumir durante as horas de trabalho será demitida imediatamente. Chamadas pessoais são feitas em seu tempo livre, e não durante o horário de trabalho. Minha agenda deve ser organizada perfeitamente em todos os meus dispositivos, e eu vou querer os números da sua casa e do celular, porque meu trabalho não é apenas das nove às cinco e talvez precise entrar em contato com você.

Ele parou de andar e se virou para ela. — Alguma pergunta?

— Não.

— Você está dispensada.

Ela saiu tão humildemente como entrou, sem um único comentário. A Darcy que ele conheceu aquela pela qual ainda sofria às vezes, teria esfolado uma camada de pele dele. Talvez ela não fosse a mesma menina que saiu, o que tornaria sua vida muito menos complicada.

***

Darcy voltou para sua mesa enquanto seu sangue fervia. Deu a si mesma alguns minutos para vislumbrar o boneco de vodu que faria de Lucien. Imaginar esfaqueando-o repetidamente colocou um sorriso em seu rosto. Talvez a riqueza tivesse lhe subido à cabeça. Se assim for, não tornaria a sua vida muito menos complicada.

Naquela noite após o trabalho, Darcy sentou em uma mesa no Allegro com um copo de vinho e ouvindo uma banda com um som muito suave. Lucien estava misturando-se e conversando próximo dali. A sala estava escura o suficiente para que ele não soubesse que estava encarando, então olhou, realmente olhou para o homem, em que o garoto que ela amou havia se tornado. Ele estava mais alto, mas não muito, desde que já tinha mais de um metro e oitenta, aos dezesseis. Definitivamente mais músculos, particularmente no peito e nos braços. Lembrou-se de seu corpo aos dezessete anos; ela não poderia ter o suficiente daquele corpo. Ela havia provado cada polegada dele, conhecia cada músculo, cada linha dura. Eles tiveram apenas cinco semanas de amor antes de tudo isso acabar, mas eles não desperdiçaram aquele tempo. Tinham sexo duas, às vezes três

vezes ao dia, graças a intensidade do amor juvenil, e uma ausência do cinismo que vem quando você envelhece e aprende da maneira difícil que nem tudo é possível.

Através dos anos, ela frequentemente pensou sobre como as coisas teriam sido se ela o tivesse encontrado sob aquela árvore.

Ele estaria onde estava agora se ela tivesse ido embora com ele? Teria impulso para ter alcançado todas as coisas incríveis que ele tinha se tivesse tido alguém que o amasse ao seu lado? Ele teria estado satisfeito com uma vida mais simples? E isso teria importado? Em seu coração ela sempre acreditou que se eles tivessem ficado juntos, independentemente de onde terminassem, eles teriam sido felizes.

Mas a realidade estilhaçou o seu conto de fadas: o príncipe tinha cambaleado para o por do sol e a princesa ficou em sua torre, sem felizes para sempre para nenhum deles.

***

Cada manhã durante uma semana, Darcy chegava ao trabalho com esperanças que aquele dia, seria o dia em que o antigo Lucien apareceria e diria a ela mais do que o seu nome: em sua forma de cumprimentar nas manhãs. E a cada dia ficava desapontada. Machucava que ele não estava ao menos curioso o suficiente sobre ela, para perguntar como tinha estado nos últimos quatorze anos. Ela estava tentada a caminhar até o escritório dele e preencher as lacunas ela mesma, mas para fazer isso precisaria contar a ele tudo o que aconteceu depois que ele

foi embora. Teria que compartilhar seu doloroso segredo.

Reviver aquela dor, quando ele parecia perfeitamente contente com a distância entre eles, não era algo que estava preparada para fazer. A despeito da dureza de sua atual realidade, isso não a impediu de ter sonhos onde Lucien consumia-se por ela como tinha feito por ele.

Depois do trabalho decidiu pagar a si mesma um jantar em um restaurante que ouviu Tara falar a respeito. Era um pequeno lugar italiano e a fila para entrar era ridícula, mas como estava comendo sozinha, eles encontraram um lugar para ela em um canto escuro. Estava banqueteando-se no melhor frango marsala que já havia provado, quando ouviu uma pequena comoção vinda da entrada e olhou para cima e viu Lucien. Ele não estava sozinho. Ela sabia que ele viria aqui essa noite? Ela mentalmente foi através da sua agenda e não, não havia nada marcado para esta noite.

A mulher com quem ele estava era – claro – muito bonita e sabia disso também. Seu corpo tinha curvas em todos os lugares certos e seu cabelo castanho encaracolado pendurava-se até o meio das suas costas. Lucien havia se trocado para um terno com camisa e gravata verde-névoa. Ela entendeu porque as pessoas olhavam, o par era impressionante: o tipo de beleza elegante raramente vista na vida real.

Ela olhou para baixo. Observá-lo era doloroso demais – uma desagradável prova da realidade, mas uma que ela realmente precisava. Quando olhava para Lucien, via o garoto que ele tinha sido – aquele garoto com quem tinha tido uma chance – mas ele não era mais aquele garoto. Ele estava tão longe da sua liga que era quase cômico que poderia ainda abrigar esperanças.

***

Quinze anos atrás...

— Eu estive procurando por você em todos os lugares. O que você está fazendo aqui embaixo?

Darcy virou para ver Lucien descendo a colina daquela maneira dele. Ele tinha apenas dezesseis anos e já movia-se com tal confiança.

— Apenas pensando.

— Sob sua árvore, eu vejo, — ele disse com um sorriso.

— Sim, eu gosto desta árvore. Eu quase sinto paz aqui.

Ele ficou sério antes de alcançar a mão dela. — Eu ouvi sobre outras garotas provocando você. Você não está chateada com isso, está? Elas estão apenas com inveja.

— Eu sei, por que por alguma razão você continua comigo e não com elas.

— Não era disso que eu estava falando. Elas estão com inveja por que você é divertida e esperta. — Ele se moveu para mais perto dela e alcançou sua outra mão. — Elas estão com inveja por que quando você entra em uma sala, eu não posso tirar meus olhos de você.

— Receoso que eu vá tropeçar e me envergonhar?

Ele segurou o rosto dela em sua palma, seu polegar roçando sobre a bochecha dela. — Receoso que eu vá envergonhar a mim mesmo tentando chegar até você antes que alguém mais o faça. Elas estão com inveja, Darcy, porque você é linda.

— Você tem feito seu exame de vista ultimamente? Eu

acho que pode haver um problema.

— Cale-se. Eu vou beijá-la agora.

— Eu ainda não serei boa de qualquer forma.

Ele lhe deu um sorriso. — Nós vamos aprender juntos.

Antes que pudesse dizer outra palavra, os lábios dele selaram sobre os dela. Ele não levou o beijo profundamente – apenas roçou seus lábios suavemente sobre os dela – mas foi maravilhoso.

— Isso não foi tão ruim, foi? — ele perguntou quando se afastou dela.

Os olhos dela não estavam abertos ainda porque ainda estava saboreando o formigamento em seus lábios. — Não, nada ruim afinal.

— Darcy?

Ela abriu seus olhos para ver Lucien parecendo muito sério. — Você é minha, — ele disse.

— Eu sei.

***

— Senhorita, você gostaria de outra taça de vinho?

Darcy olhou para o garçom, um pouco envergonhada por ter sido pega sonhando acordada. — Não, obrigada. Eu vou quero a conta, por favor.

Ela espiou a mesa de Lucien. Ele estava ocupado em uma calma conversa com sua companhia, mas aparência dele era de todo adulto e importante… Não, definitivamente não era o garoto que ele costumava ser. Ela pagou a conta, mas enquanto deixava

o restaurante, estava certa que sentiu o olhar de Lucien seguindo-a.

***

— Um grupo nosso está indo para um clube de improviso hoje à noite. Você quer vir? — perguntou Tara.

Darcy estava surpresa por vê-la, porque esse era o primeiro dia livre de Tara em duas semanas desde que Darcy começou.

Alguma coisa parecendo com gratidão moveu-se através de Darcy por ser incluída. — Sim, isso soa bem.

— Nós vamos comer algo antes, digamos em torno de seis e meia?

— Estarei pronta.

***

Peacock era um pequeno buraco na parede do qual as bebidas eram fornecidas, mas a música era incrível. Darcy sentou em uma mesa com Tara, Chloe e Tommy que atendia as mesas no Allegro. Eles tiveram um jantar vegetariano, sentaram em uma cabine comendo hambúrgueres vegetarianos e bebendo milk-shakes, enquanto fofocavam sobre tudo; nada estava fora dos limites. Agora eles estavam mais suaves, se ajustando à banda.

Darcy ouvia a música enquanto olhava ao redor do local.

Foi durante sua varredura que ela viu o homem alto no canto, suas costas para ela. O coração dela imediatamente moveu-se para sua garganta e seu corpo começou a pulsar com excitação.

Lucien não estava vestido em suas roupas normais de trabalho, mas em jeans desbotado e uma camiseta; a visão dele fez a boca dela salivar. O cabelo estava puxado para trás em um rabo de cavalo e as luzes do palco estavam destacando as luzes vermelhas do cabelo. Ainda não havia visto seus braços porque ele estava sempre vestindo camisas de mangas longas para trabalhar, mas agora ela podia ver seu triceps e bíceps bem definidos destacando-se sob a camiseta preta que estava esticada atravessando seu dorso musculoso. Os olhos dela moveram-se baixando para seu traseiro e coxas cobertas de brim, e teve que impedir a si mesma de assoviar em apreciação.

E depois ele se moveu o suficiente para que ela visse que estava falando com uma mulher, uma bela mulher que o olhava como um pedaço de caramelo. Darcy deveria ter tirado seus olhos deles, mas não conseguia. Era como uma batida de trem – brutal – mas ela estava morbidamente curiosa.

As cabeças deles estavam próximas, e embora não tivesse ideia sobre o que eles conversavam, ela viu um monte de sorrisos e toques.

— Ele é o próximo, — Tara disse, fazendo Darcy ficasse rosa de vergonha por ter sido pega encarando seu chefe como uma babona estúpida. E depois percebeu o que Tara disse.

— Quem é o próximo?

— Lucien.

Darcy não tinha ideia do que Tara estava falando, mas não foi preciso pedir esclarecimentos, pois no minuto seguinte, Lucien estava subindo no palco com um saxofone para juntar-se a banda

que estava justamente se posicionando. A mulher com quem ele estava conversando posicionou-se atrás do piano.

Então a música começou e Darcy sentou atônita. Eles eram bons, fantásticos até, mas não era por isso que não conseguia tirar os olhos do palco. Seus olhos estavam totalmente em Lucien, enquanto ainda descobria outra parte dele. Ele estava tão confortável e claramente fazendo algo que realmente apreciava, porque, mesmo daquela distância, ela via puro contentamento em seu rosto.

— Eles são fantásticos, não são? A pessoas não conseguem ter o bastante deles, — Tara disse ao lado, o que fez Darcy olhar do palco para a audiência, e era certo o suficiente, eles estavam encantados. Ela não podia culpá-los, pois era tão culpada quanto eles.

Naquele momento a magnitude do que ela abandonou a atingiu. Tentou se convencer que eles poderiam não ter funcionado e então, não tinha perdido tanto quanto ela temia, mas sabia que as palavras não soavam verdadeiras mesmo enquanto pensava nelas. Se tivesse ido encontrá-lo naquele dia, eles teriam tido quatorze anos de lembranças, de sorrisos, de toques e amor. Ao invés disso, estava sentada assistindo a vida que ele tinha feito para si, sem ela.

Darcy levantou-se.

— Aonde você vai? — Tara perguntou.

— Eu preciso de uma bebida.

Darcy não era uma grande bebedora, limitava-se a uma ou duas taças de vinho, mas queria entorpecimento. Pegou um banco no balcão e sinalizou para o garçom.

— Patrón, uma dose pura.

Isso queimou todo o caminho abaixo em sua garganta.

Estava muito certa que tinha até mesmo desintegrado o revestimento do estômago e mesmo assim isso não a impediu de pedir outra dose. Depois de duas doses, sentiu uma leveza que não sentia a um longo tempo. Depois de três, estava sorrindo por nenhuma razão em particular e depois da quarta estava absolutamente feliz.

Ela não percebeu que a banda havia parado de tocar e que a música estava saindo dos autos falantes, até que reconheceu "Rhythm Of Love" de Plain Whitw T's. Um grupo de pessoas formou um tipo de pista de dança, então Darcy levantou – quase perdendo o equilíbrio e segurando no balcão até estar estável – então andou para juntar-se a eles.

As palavras da canção derramaram-se sobre ela; nunca tinha notado quão precisa era a letra para sua própria vida. Tinha tido mais que uma noite de amor, tinha tido semanas, e naquela época ela era dele e ele era só dela. Assim como a música, mesmo depois que ele se fora, ela lembrou-se dele; garoto, ela lembrava dele.

Ela o sentiu, antes de vê-lo, andando na direção dela daquela sua maneira sexy. Não podia ler sua expressão e naquele momento não se importava realmente. Ele a puxou pelo seu braço sem dizer uma palavra. E estar em seus braços novamente quase a fez suspirar.

As mãos dela moveram sobre as costas dele, reaprendendo seu corpo, os músculos e contornos agora não familiares. Os olhos dela fecharam-se e descansou sua bochecha contra o coração dele e escutou sua forte batida uniforme. Os dedos dele traçaram abaixo em seu pescoço prolongando-se em sua nuca e depois através de seu cabelo e a memória dele fazendo isso tantos anos atrás fez com que inclinasse sua cabeça contra a mão dele.

A canção terminou e ele os separou, esperando um minuto para se certificar de que ela estava equilibrada, antes de virar sem uma palavra e caminhar para longe. Estava tentada a segui-lo, até que ele parou ao lado da mulher que estivera falando mais cedo. Ela parecia irritada por ele ter dançado com Darcy, mas então Lucien inclinou-se para ela e a beijou. Ela obviamente não estava tão irritada que não pudesse enrolar seus braços em torno do pescoço dele e puxá-lo para mais perto.

O álcool a tinha entorpecido abençoadamente, então a crueldade dele levaria um tempo para penetrar. Apenas manteve-se lá assistindo e sabendo que isso era pagamento em retorno. Ela queria odiá-lo por ser tão deliberado e, talvez quando não estivesse tão entorpecida pelo álcool, ela iria.

De alguma forma assistiu enquanto ele soltou-se da súcubo que estava tentando engoli-lo e seu olhos viraram para Darcy. Por um momento foi como se eles fossem às únicas pessoas no salão. Ela acenou com a cabeça para ele, confirmando que seu menosprezo tinha atingido o alvo desejado. Virou-se, direcionou-se para a mesa e agarrou sua bolsa. Despediu-se e depois deixou o clube.

Capítulo 4

O táxi parou em frente à escola de culinária de Trace, Everything, o que tirou Ember dos pensamentos sobre Lena, sua melhor amiga do passado. Elas não se falavam em aproximadamente um ano, mas isso não impedia Ember de pensar sobre ela algumas vezes. Desceu do taxi e levou um minuto para estudar o prédio. Se alguém tivesse dito a ela que o homem que ela viu pela primeira vez em toda sua sexy beleza dois anos atrás iria agora estar ensinando pessoas como fazer macarrão caseiro, teria pensado que eles estavam drogados, mas Trace amava isso.

Ele tinha percorrido um longo caminho da atormentada alma perdida tentando lidar com a vida que tinha tido. Havia vezes que ela ainda via aquele olhar perdido na expressão dele, mas isso acontecia cada vez menos, e isso devia ser visto como um progresso.

Ember amava esgueirar-se e pegar um assento no fundo, assim podia assistir Trace sem ser notada, mas de alguma forma ele sempre sabia que ela estava lá.

Logo que ela pisou no interior, ouviu a voz profunda que ainda tinha o poder de fazer borboletas voarem em seu estômago. Quando entrou na seção principal da escola, o viu imediatamente. De pé em seus um metro e noventa e cinco, elevava-se sobre todos os outros na sala. Ele estava andando ao redor de várias cozinhas enquanto seus estudantes trabalhavam na tarefa do dia. Usando sua vestimenta favorita, jeans desbotado, camiseta e botas, tinha adicionado uma daquelas jaquetas pretas de chef. Ele estava usando seu cabelo mais curto ultimamente e os seus

cabelos pretos como tinta estavam espetados em torno de seu rosto maravilhoso.

Não passou despercebido a Ember que a maioria dos estudantes eram jovens mulheres que passavam uma boa quantidade da aula olhando-o com veneração. Mas não podia culpá-las pelo interesse. Se não fosse casada com ele, estaria aqui em toda a aula que ele ensinasse também. Isso não queria dizer que ela não tinha o ocasional episódio de ciúmes, desde que e era, depois de tudo, apenas humana. E então, exatamente como agora, aqueles olhos azuis cinzentos olhavam diretamente para ela, e ela percebia como estava sendo boba.

Ember observou enquanto um sorriso espalhava-se no rosto dele antes dele se desculpar e ir até ela; mas quanto mais se aproximava menos ele estava sorrindo, até que estava francamente franzindo a sobrancelha quando estava diante dela.

— O que está errado? Você não parece tão bem.

— Isso é apenas o que cada mulher quer ouvir de seu marido. Obrigada por isso.

Ela não perdeu a contração dos lábios dele. — Sério, Em, o que há de errado?

A verdade era que estava exausta. Tinha desistido de suas horas como garçonete no Clover, mas estava dedicando longas horas a escrever seu livro e trabalhar como correspondente para o tio de Trace, sede da campanha de Charles Michael 20 horas por semana. Ela estava começando a perceber que cinco horas de sono por noite não era suficiente. — Estou cansada.

— Eu estou supondo que você está no seu caminho para casa. Se você esperar por alguns minutos, eu posso levá-la porque esta aula está quase no fim.

— Eu gostaria disso, mas você não está preocupado em

decepcionar seus alunos? Muitos dos quais não estão parecendo muito emocionados que você está aqui falando comigo. Eu acho isso meio que explode a ilusão quando você conversa com sua esposa.

— Que ilusão?

— Que você está disponível e interessado.

Em um borrão de movimento ele a envolveu em seus braços e levantou-a do chão segundos antes de sua boca reivindicar a dela. Ela ergueu as mãos para os cabelos dele e devolveu tão bem quanto estava recebendo. Podia sentir o sorriso em seus lábios enquanto a boca dele demorava um pouco sobre a dela.

— Não interessado e não disponível.

Ela ainda estava sofrendo com aquele beijo, por isso o melhor que foi capaz de oferecer foi: — Sim, eu entendo isso.

— Bom. Dê-me dez minutos e eu vou te ver em casa.

— Ok.

Ele a deixou cair a seus pés antes de beijá-la com força mais uma vez e, em seguida, virou-se e começou a voltar para seus alunos.

— Vamos acabar com isto.

***

— Isso acaba agora, Dane, ou nós vamos cortá-lo completamente.

Dane Carmichael se mexeu na cadeira enquanto olhava para seus perseguidores. Seu pai, um senador; seu tio, o

procurador do distrito de Nova York; e seu avô, o juiz do tribunal de circuito.

— Você fica alto e perde o controle.

— O que diabos isso significa? — Dane exigiu.

Irritação encontrou seu olhar enquanto seu pai continuava: — Você já teve três mulheres só este ano alegando que você as estuprou.

As mulheres em questão, exceto por uma, nunca o denunciaram à polícia. Elas só compartilharam suas "histórias" com sua família. O motivo pelo qual seu pai e seu avô se recusavam a reconhecer a extorsão sempre o confundia e irritava Dane. Estupro, como o inferno. Ele gostava de áspero e elas queriam da mesma forma, ostentando seus ativos e provocando. Além disso, quando estava até as bolas dentro delas, já era tarde demais para dizer não. Engraçado que ele precisasse explicar seu comportamento a seu pai, carinhosamente chamado de senador playboy – bonito, charmoso e um total cão de caça.

— Não foi estupro, — Dane disse aos seus parentes. Ele apontou para o pai. — Ele não é diferente de mim.

— Seus encontros não gritam estupro. — A condenação na voz do juiz fez Dane ranger os dentes.

— Engraçado vindo do homem que sempre me disse que as mulheres são boas apenas para uma coisa.

O juiz inclinou-se enquanto seus olhos duros espetavam Dane através de toda a extensão de sua escrivaninha de nogueira. — Mulheres dispostas. Há uma diferença.

— E eu tenho que saber a diferença quando você alega que a minha própria mãe era uma prostituta.

O juiz não perdeu uma batida. — Ela era uma prostituta. Alcovitou-se e ficou grávida para que pudesse reivindicar

legalmente a fortuna e o nome dos Carmichael. — Dane voltou-se do seu avô para ver seu pai, cuja atenção estava no chão, sua mandíbula apertada – mas se isso era para o pai de seu pai ou esposa, Dane não sabia. O que enfurecia Dane era que seu pai nunca tinha defendido ela, nem uma vez.

— Você vai deixá-lo profanar o nome de minha mãe?

Seu pai permaneceu em silêncio, com o rosto completamente ilegível.

— E supõe-se que eu siga os passos dele, — Dane gesticulou para seu tio — e não saia com ninguém afinal?

— Horace trabalha duro e mantém o bom nome desta família. Ele pode não ter habilidades sociais, mas ele não traz vergonha.

Os olhos de Dane encontraram os de seu tio e viram algo próximo ao ódio varrer seu rosto. Ele mudou-se do seu lugar perto da lareira e foi pairar sobre Dane. Seu tio era uma figura imponente, mas era a violência por trás de seus olhos que sempre agitavam o medo em Dane. — O seu mais recente golpe veio de volta para mim. Você quer estragar a sua vida, é problema seu, mas eu trabalhei muito duro para chegar onde estou para ter isso destruído por causa de um merda inútil como você. Estes dois são mais indulgentes do que eu. Você fode comigo de novo, menino, e então eles não vão encontrá-lo, nunca.

Dane engoliu em seco, seu tio quis dizer cada palavra, o encontro a qual eles estavam referindo-se não era algo que ele gostava de pensar. Ember Walsh, um ano atrás. Ele não sabia como isto ficou tão fora de controle. Seu amigo Todd lhe havia prometido um bom tempo. Dane passou a noite apenas pensando sobre ela envolvida em torno dele, e quando foi rejeitado, sim, ele estava chateado, mas esteve tão alto que realmente não se

lembrava da noite em que a atacou. Ele não esperava ter seu rosto reorganizado pelo namorado neandertal dela, ou seu amigo gangster, ter tudo em cima dos negócios de sua família. Repassando a cena enquanto estava sóbrio, aquele não foi o seu momento de maior orgulho. Sua cabeça começou a doer.

— Chega, Horace. Nenhum ponto em ter o menino sujando as calças. Lydia tem trabalho suficiente por aqui. — Seu avô se levantou e moveu-se de trás de sua mesa.

— Garotos são garotos, mas seja mais discreto.

E então ele foi dispensado, e os três saíram da sala. Será que eles não viam como eles eram contraditórios? Em um minuto ele era um degenerado completo e no próximo era "*garotos são garotos*". Não era de admirar que ele fosse tão fodido, criado por esse grupo de sociopatas narcisistas. Demorou alguns minutos para que suas pernas ficassem estáveis antes de atravessar a sala até o bar e se servisse de uma bebida forte. O álcool acalmou seu coração batendo descontroladamente, mas precisava ficar bêbado e depois pensar. Ele saiu com passos determinados da sala para fazer exatamente isso.

***

Trace moveu-se silenciosamente pelo apartamento, parando quando alcançou seu quarto. Ember estava deitada enrolada em uma bola, dormindo. Ela estava trabalhando muito – fazendo malabarismos para escrever seu segundo livro, o que a mantinha acordada na maioria das noites, e trabalhando para o In Step, o jornal on-line, no qual ela escrevia uma coluna. As

longas horas estavam definitivamente cobrando um pedágio sobre ela. Dizer-lhe para desacelerar era inútil, uma vez que ela agia muito parecida com um cachorro com um osso quando queria alguma coisa. Os obstáculos que se danassem. Ela tinha provado sua tenacidade, lutando por ele, por eles, mesmo quando ele estava fazendo tudo que podia para afastá-la.

Ele caminhou até ela, sentou na beira da cama e correu os dedos levemente para cima e para baixo em seu braço nu.

— Ember, querida.

Ela se virou e aqueles olhos castanhos inocentes se abriram; quando o viu, um sorriso se espalhou sobre seu rosto. Era como um soco toda vez, e ele fodidamente ansiava por isso.

— Trace, oi.

— Como você está se sentindo?

— Sonolenta.

— Eu tenho mais uma classe esta noite, mas eu posso pedir para o Carlos para me substituir, se você quiser que eu fique em casa.

— Não, você deve ir.

— Tem certeza?

— Sim.

Ela parecia tão suave e doce que ele estava seriamente tentado a abandonar a turma, tirá-la daqueles pijamas, enrolar as pernas dela ao redor de sua cintura, e afundar-se profundamente dentro dela. Sim, quanto mais pensava sobre isso, soava melhor e melhor, mas quando realmente olhou-a, ela pareceu mais do que cansada.

Conhecendo-o, tão bem quanto conhecia, ela pegou sua mão para entrelaçar os seus dedos com os dela.

— Realmente, eu só preciso dormir. Não se preocupe

comigo. Talvez mais tarde, quando você chegar em casa novamente, você vai me dizer, ou melhor ainda me mostrar, o que quer que você estava pensando.

Um sorriso rompeu sobre seu rosto quando ele roçou o dedo ao longo da mandíbula dela. Foi estúpido, mas ele pensou em alguma coisa acontecendo com ela, em perdê-la, esse era o seu maior medo. — Você me conhece tão bem.

— Hum. — Ela se aconchegou mais profundamente nos cobertores. —Acorde-me quando chegar em casa.

Ele roçou os lábios nos dela e viu como as pálpebras pesadas fecharam sobre seus olhos. — Sonhos doces, linda.

Mais tarde naquela noite, Ember acordou, logo que ele subiu na cama. Ela se virou e pressionou os lábios contra a tatuagem de chave mestra sobre o coração dele que tinha seu nome escrito ao longo da lâmina. Um tremor passou por ele quando ela o tocou. — Como foi a aula?

— Lotada.

Ember apoiou a cabeça em sua mão enquanto seus dedos correram sobre os músculos do peito e abdômen dele.

— Que classe foi esta noite?

Ele respondeu inconscientemente. — Molhos.

— Como molho de carne?

Ela estava falando sério? — Ember, você realmente não quer falar sobre molhos. — Ele se mudou para fixá-la abaixo de si, enquanto se apoiava sobre os cotovelos. — Porque há tantas outras coisas que eu prefiro fazer com você do que falar sobre molhos.

Ela lhe deu um pequeno sorriso tímido. — Realmente, como o quê?

A mão dele moveu-se para baixo no corpo dela até seu

estômago, seus dedos brincando com a camisa, antes que ele baixasse a cabeça para dar um beijo em sua barriga nua. Seus olhos ficaram nela enquanto sua língua mergulhava em seu umbigo antes de suas mãos moverem a camisa acima de seu corpo, sua boca seguindo o caminho. Ele adorava quando ela o tocava, suas mãos tão ansiosas para senti-lo sob seus dedos enquanto os movia ao longo de seu corpo, reivindicando cada polegada que ela tocava. Ele precisava saboreá-la. Sua língua sacudiu seu mamilo antes de levemente mordê-lo e, em seguida, lambeu o broto sensível com a língua. Ela gemeu de prazer, e ele puxou seu seio em sua boca e chupou mais forte. Ela, na verdade, gritou e... foda-se se não era quente. Ele ficou surpreso e seriamente ligado quando ela colocou as mãos em sua cabeça e arqueou as costas.

— Oh Deus, Trace, eu estou quase lá.

Foda, sim. Ele enfiou a mão em suas calcinhas até que encontrou a parte dela que tanto queria reclamar. Ela estava tão pronta e tão logo ele deslizou dois dedos dentro dela, seu corpo convulsionou em torno deles, enquanto ela chegava ao clímax. Sua reação o alimentou quando arrancou suas calças de cordão, levantou os quadris e acomodou-se entre as pernas dela. Seus olhos se encontraram quando ele afundou nela. Ele envolveu as pernas dela ao redor de sua cintura, ergueu os quadris mais alto, e, em seguida, começou a se mover. Ele nunca ia conseguir o suficiente dela. Moveu-se lentamente no início, saboreando a sensação de seu corpo, mas quando ela começou a apertar em torno dele, perdeu o controle e moveu-se mais duro e mais rápido; quando ela gozou novamente, ele o fez também.

— Santo inferno, — ela sussurrou.

Ela parecia saciada enquanto suas pálpebras fechavam

sobre os olhos novamente.

Ele estabeleceu-se ao lado dela e envolveu-a em seus braços. Não demorou muito a dormir também.

Na parte da manhã, Trace saiu da cama e vestiu uma calça jeans antes de atravessar o corredor até a cozinha. Começou o café e, assim que o aroma encheu o ar, ouviu Ember começando a agitar-se. Ela era uma completa viciada em cafeína.

Virou-se para a porta, assim que ela surgiu parecendo toda suave e sonolenta.

— Bom dia, — disse, mas sabia que ela não estava acordada e não estaria até sua primeira xícara de café. Em vez disso, como era seu hábito, moveu-se para ele e sentou-se à direita ao seu lado.

Havia outra maneira muito mais agradável de acordá-la; levou sua boca ao local exatamente atrás da orelha dela o que a fez fraquejar. Sua mão se moveu sob sua camisa até seu seio. A reação dela foi uma inspiração afiada enquanto o mamilo ficou duro. E ele também.

Ele moveu os lábios ao longo de sua mandíbula até que eles descansassem sobre os dela. — Apenas minha boca, aquilo foi uma primeira vez noite passada.

Constrangimento tingiu de rosa as bochechas dela. — Eu sei.

Ele sabia que ela queria repreendê-lo por envergonhá-la, mas a distraiu quando moveu para cima de seu corpo a camisa dele que ela estava vestindo antes de levantá-la sobre o balcão. Inclinou-se para frente e fechou a boca sobre o mamilo.

— Oh, Deus.

Ele riu e, em seguida, foi direto ao assunto. Passou seu dedo entre suas pernas e viu como ela mordeu o lábio para não

choramingar. Ele sentiu os dedos dela sobre a braguilha e seu pênis estremeceu ansiosamente. Quando ela colocou a mão em torno dele e deixou-o livre, foi sua vez de gemer.

— Impaciente? — brincou com uma voz rouca.

— Para sentir você dentro de mim, inferno, sim.

Ele agarrou a bunda dela e trouxe-a com força contra ele, enterrando-se ao máximo, mas em vez de se mover, ficou completamente imóvel, apenas amando a sensação ao ser revestido pelo belo corpo dela.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou.

— Você nunca vai olhar para este balcão da mesma forma novamente.

— Agora me provoca, oh meu Deus, apenas mova-se!

— Sim, senhora.

E enquanto obedecia, ele sabia que nenhum deles olharia para a bancada da mesma maneira.

***

Darcy entrou na floricultura, um pequeno jardim localizado no meio de concreto e aço e sorriu. Aromas e cores a cercavam. Este era um dos seus lugares favoritos na cidade. Sua escada de incêndio estava precisando de um pouco de cor, então ela pegou um carrinho e começou a descer o corredor.

— Você voltou. Nós acabamos de conseguir alguns gerânios pendentes que são excelentes, — vendedora falou.

— Obrigada, eu vou ter que dar uma olhada neles.

— Os vasos estão todos com quarenta por cento de desconto também.

— Mais vasos, exatamente o que minha saída de emergência precisa. — A vendedora riu em resposta antes de se virar para ajudar a outro cliente.

Darcy não tinha certeza de quando ela desenvolveu um amor pela jardinagem, mas seu mundo tinha sido cinza por tanto tempo que desejava o brilho das cores em torno dela. Seus dedos arrastaram sobre as pétalas macias de uma petúnia do mais pálido dos tons de rosa. Era um pouco triste que seu relacionamento mais longo fosse com a senhora das flores, mas ao viver com a porta giratória que era a casa de sua mãe, Darcy veio a almejar a solidão. Ela fez alguns amigos na faculdade, mas Darcy os mantinha a distância por causa do embaraço e vergonha de onde ela veio. Lucien era a única pessoa cuja companhia ela sempre quis.

Irmã Anne compartilhou seu amor pela jardinagem. Toda semana, Darcy levava um arranjo para seu quarto quando ela esteve doente para trazer um pouco de ar livre para dentro.

E mesmo agora, Darcy ainda levava flores para alegrar a sua sepultura. Era algo pequeno que ela podia fazer, mas a confortava, embora a caminhada pela estrada da memória sempre fosse agridoce.

Lembranças eram provavelmente tudo que ela sempre teria quando se tratava de Lucien Black – e onde é melhor relembrar do que com a única pessoa que o amava tanto quanto ela?

***

Quatorze anos atrás...

O quarto cheirava a morte. Darcy ouvira essa expressão antes, mas nunca apreciou o significado até agora. A secura no ar e o aroma sutil de decadência permaneceram e agarraram-se a tudo. Irmã Anne perdeu tanto peso que ela estava quase irreconhecível. Lucien foi buscar sua bandeja de almoço na cozinha, a qual Irmã Anne não ia comer.

Darcy foi até sua cômoda e colocou o vaso de recém-cortadas bocas-de-dragão amarelas e rosas onde a Irmã Anne iria vê-las.

— Elas são lindas, obrigada, Darcy.

— Oh, eu pensei que você estava dormindo.

— Por favor, junte-se a mim. Eu gosto de companhia.

Darcy sentou-se na cadeira ao lado da cama da Irmã Anne e tentou não demonstrar seu desconforto, mas era difícil de olhar; ela estava tão diferente da mulher vivaz que tinha sido. — Lucien está pegando o seu almoço.

Ternura tomou conta de seu rosto. — Ele tem sido tão maravilhoso. — A mão ossuda da Irmã Anne estendeu-se para a de Darcy e segurou-a com força surpreendente.

— Ele te ama.

Constrangimento tornou as bochecha de Darcy rosadas antes que ela respondesse: — Eu o amo.

— Ele vai precisar de você quando eu me for.

— Eu não estou indo a lugar nenhum.

Um suspiro que soou mais como um assobio escapou da garganta de Irmã Anne. — Bom. O caminho pela frente não vai ser fácil para qualquer um de vocês, mas tudo é possível quando

há amor. — Os olhos da Irmã Anne moveram-se de Darcy para as flores.

— Tão simples e tão reconfortante. Se Ele pode criar algo tão bonito nesta vida, então como posso temer o que Ele tem reservado para mim na próxima? — Seu olhar se voltou para Darcy. — Obrigada pela lembrança.

Lucien entrou com a bandeja da Irmã Anne e colocou-a sobre a mesa perto de sua cama.

— Obrigada, Lucien. Estou cansada, mas eu prometo que vou comer alguma coisa quando eu acordar.

— Eu vou ver você mais tarde. — Ele se inclinou e deu um beijo em sua testa antes de se virar e pegar a mão de Darcy. Ela permitiu que ele a puxasse da sala e para o corredor. Quando eles chegaram a um canto escuro, ele se virou para ela e a envolveu com força em seus braços. Enterrou o rosto em seu pescoço e, embora não dissesse nada, ela podia sentir a tensão em seu corpo. Ficaram assim por um bom tempo antes que sua cabeça se levantasse até a dela. Ela viu a dor refletida em seus olhos.

— Quando ela se for, você será tudo o que me resta. — Suas palavras eram um sussurro áspero.

— Você é tudo que eu tenho.

Suas mãos fortes embalaram o rosto dela, enquanto ele a olhava atentamente. — Sua mãe é uma idiota, mas eu vou ser eternamente grato que ela deixou cair um anjo em minha vida. Você e eu, Darcy, sempre.

A emoção por trás de suas palavras fez os olhos dela arderem. Alguém que sempre parecia tão forte e no controle tinha uma fraqueza, e saber que ela era sua fraqueza era humilhante.

— Sempre, — ela prometeu.

***

— Posso ajudá-la a encontrar alguma coisa? — A florista trouxe Darcy de volta ao presente. Viver no passado era perigoso. Ela precisava seriamente seguir em frente. Lucien tinha feito.

***

Lucien se sentou em frente ao seu contador, mas não ouviu uma única palavra que o homem disse. Desde que Darcy voltou para sua vida, não conseguia afastar seus pensamentos do passado, o que era irritante, porque era um firme crente de que o que foi feito está feito. Ele realmente não deveria estar tão surpreso que estivesse agindo tão fora do personagem – Darcy sempre teve algum tipo de influência estranha sobre ele. Quando era mais jovem, tinha pensado que era amor, mas agora estava mais inclinado em direção a magia negra. Independentemente disso, vê-la novamente o fez buscar constantemente no passado por respostas que suspeitava que nunca iria encontrar.

Sua mente voltou ainda mais para quando ele foi abandonado em St. Agnes. Lembrou-se do medo e da solidão que tinha sido tão grande que às vezes ameaçava consumi-lo. Irmã Anne foi a única a ver quão difícil era para ele se ajustar, e ela deu um passo a frente. Ela se tornou sua professora, sua disciplinadora, sua amiga, e sua protetora. Ela tinha feito o intolerável, tolerável e deu ao menino perdido uma esperança que

um dia ele iria ficar melhor.

***

Vinte e três anos atrás...

— Marica. Você vai chorar, bebê?

Ele tentou não ouvir, tentou ignorá-los como Irmã Anne sempre estava encorajando-o a fazer, mas a fúria que estava sempre fervendo logo abaixo da superfície começou a esquentar. Ele nem estava ciente que tinha cerrado os punhos, ou que tinha dado alguns passos mais perto de seu ofensor, até que puxou sua mão, preparou o soco, e acertou o valentão no rosto.

Estrelas brilharam em sua visão e sua mão pulsava com a dor, mas ver o olhar de choque e apenas um toque de medo no rosto do imbecil que ele socou – sim, valeu a pena.

Irmã Anne apareceu, como tinha o hábito de fazer, mas foi o olhar de decepção no rosto dela que deixou Lucien culpado. Ele queria agradá-la, mas às vezes era apenas muito difícil suportar.

— Leve Jake para a enfermeira, Billie. E não pense por um segundo que isso acabou, Jacob. Eu sei que você começou isso e vamos ter uma conversa.

Lucien observou como Jake foi levado para longe; a visão de seu sangue escorrendo pelo seu rosto trouxe um sorriso ao seu rosto.

— Isso não é nada para se orgulhar, Lucien.

Ele conhecia o olhar em seu rosto, aquele que dizia muito mais do que meras palavras jamais poderiam. Não queria olhar,

mas também não queria ser um covarde. Ele se preparou antes de voltar sua atenção para ela. Não estava decepcionado.

— Bater não é a resposta. Qualquer animal pode bater. Suba acima disso. Use suas palavras, Lucien, não seus punhos.

— Às vezes isso é mais fácil dizer do que fazer, — ele murmurou.

Ternura varreu seu rosto antes que ela dissesse: — Eu sei, mas na vida você tem que encontrar soluções sem usar seus punhos.

— Talvez eu vá ser um lutador. — Ele sabia, mesmo para os seus ouvidos de oito anos de idade, que soava como um bebê.

— Seja um lutador, mas pelo o amor ao esporte. Lutar por qualquer outra razão é apenas fugir do problema.

Ela ajoelhou-se a sua frente e gentilmente pegou a mão dele em sua própria e estudou a pele machucada e o sangue.

— Vamos limpar isso.

Ele sabia que seus ombros estavam caídos em derrota, porque tanto quanto queria bater em Jake, estava chateado que tinha decepcionado a Irmã Anne. Ela levantou-se para levá-lo embora, mas puxou-o para perto de seu lado em um meio abraço.

— Com tudo que está sendo dito, eu acho que eu teria batido nele também. — Ela piscou para ele antes de levá-lo para a enfermaria. Dentro de seu pequeno peito, seu coração se encheu de amor.

***

— Senhor. Black? — Lucien focou de volta em seu contador. — Será que devemos remarcar?

Se o homem mais velho estava irritado sobre a súbita mudança de planos, ele permaneceu profissional sobre isso.

— Obrigado por ser tão complacente. Eu estou um pouco distraído, — disse Lucien na forma de um pedido de desculpas antes de ver o homem sair. Fechou a porta e serviu-se de três dedos de uísque. Ele não era de beber durante o dia, mas precisava de uma bebida agora. Não levou muito tempo para perceber o presente que tinha sido concedido a ele quando Darcy chegou em St. Agnes. Por esses dois anos, enquanto observava a Irmã Anne lentamente perder sua batalha contra o câncer, ele teve Darcy. Com tudo o que a Irmã Anne tinha foi para ele, foi Darcy que se tornou sua salvação.

***

Dezesseis anos atrás...

Lucien não chorava, não havia derramado uma lágrima em anos, mas ele estava extremamente próximo disso agora. Irmã Anne estava morrendo. Não havia nem mesmo palavras para expressar a desolação que o enchia. Queria odiar o mundo, mas qual era o ponto?

Ela se moveu tão silenciosamente que ele não a ouviu até que ela falou atrás dele. Darcy.

— Acabei de ouvir sobre a Irmã Anne. Eu sinto muito, Lucien.

Ele não foi capaz de responder e Darcy parecia entender isso, quando ela continuou. — Um pássaro caiu de seu ninho uma vez do lado de fora do nosso prédio. O superintendente o pegou, mas disse que estava velho demais para cuidar dele. Ele perguntou se eu iria ajudar e imediatamente eu agarrei a oportunidade. Todo dia eu ia visitar, oferecendo-lhe comida e companhia. Era tão magro, você poderia ver seus ossos e não tinha penas ainda. Ele parecia patético, mas eu amava aquele pássaro. Durante semanas, eu corria para casa da escola e ia direto para o escritório do superintendente para cuidar do meu passarinho.

— Um dia, quando eu cheguei, a caixa estava vazia. Ele me disse que a ave milagrosamente ficou muito forte e voou para longe. Eu queria acreditar nisso, mas eu sabia que ele estava apenas tentando tornar mais fácil para mim. Meu pássaro tinha morrido, não porque não era amado e lhe oferecido a nutrição que precisava, mas porque às vezes nós não podemos impedir o inevitável. Embora eu estivesse de coração partido, havia uma grande parte de mim que estava grata. Por esse curto período de tempo na minha vida, eu encontrei uma razão para me levantar de manhã. Por aquelas poucas semanas, eu tinha um propósito e senti orgulho com o que eu estava fazendo. Mesmo perdendo o meu pássaro, eu não teria trocado aquele tempo por qualquer coisa.

Ela pegou a mão de Lucien. — Você não pode parar o que está vindo, mas você era e é muito sortudo por tê-la em sua vida. Nem todos nós somos tão afortunados.

Lucien abaixou a cabeça para que ela não visse o brilho de lágrimas em seus olhos.

Ela graciosamente mudou de assunto. — Junte-se a mim

no jantar?

Sua cabeça levantou e seu olhar encontrou o dela. — Sim.

Um leve sorriso tocou seus lábios. — Não se preocupe, Lucien. Quando você cair, eu vou estar lá.

— Porque?

— Porque você me deu um propósito novamente.

Ele não queria caridade e a sua voz refletia isso. — E que propósito é esse?

— Fazer-te feliz, quando você está feliz, então também estou

Sua resposta deixou-lhe sem palavras. E então ela acrescentou com um sorriso: — Alimentar você é um bom lugar para começar.

E exatamente assim, ele perdeu um pouco de seu coração para ela.

***

Lucien estava segurando o copo de Scotch com tanta força que temia quebrá-lo. Ela o tinha deixado. Não muito tempo depois que a Irmã Anne morreu, ela o abandonou também. Não era de admirar que estava tão em conflito sobre tê-la de volta em sua vida. Aquela mulher tinha o poder de fazê-lo sentir ambos, profunda alegria e angustiante agonia. O que diabos ele deveria fazer sobre isso?

***

Por 18 meses Ember esteve trabalhando de alguma forma com Charles Michaels. Este último ano, Michaels foi mapear as nuances de sua estratégia de campanha para concorrer contra Nathaniel Carmichael, que ocupava o cargo de senador por três mandatos consecutivos. Não era só sobre a política, mas a necessidade de fazer o seu nome e enfrentar um nome familiar. Com a eleição em novembro, era tempo de crise.

Ela podia não gostar do homem, mas ao trabalhar com ele durante o tempo que tinha, soube que ele era um excelente político. Ele permanecia atrás daquilo em que acreditava. Tinha que lhe dar crédito por isso. Ele não falava de ambos os lados de sua boca, e quando fazia compromissos, seguia completamente. Era uma pena ele não pudesse ter mostrado esse tipo de personalidade quando Trace e Chelsea eram mais jovens e tinham precisado de alguém, quando seu pai estava abusando deles.

Seu mais recente artigo sobre Charles estava com Stanley, seu gerente no In Step, para revisão, assim, enquanto esperava pelo retorno dele, ela estava anotando ideias para o próximo artigo que queria comentar com seu editor. Caitlin, uma estagiária trabalhando para campanha como parte de uma turma de ciência política da escola noturna, parou.

— Ember, você se importaria de fazer companhia para Brandon? Eu tenho que ir para a aula.

— Certo.

— Voltarei amanhã à tarde, então poderemos passar sobre suas instruções.

— Não se preocupe com isso. — Ember se virou para Brandon e estendeu a mão. — Sou Ember. Prazer em conhecê-lo,

Brandon.

— Ei.

— Ok, então eu vou ver vocês dois amanhã. Obrigada, Ember.

Brandon observou Caitlin até que ela desapareceu, então Ember aproveitou a oportunidade para estudar o menino. Ele tinha cabelo castanho-escuro e olhos verde-cinza. E ele era alto, perto de um e oitenta, e surpreendentemente musculoso para um adolescente.

Seus olhos de repente viraram para Ember e ela corou ao ser pega olhando-o. Ele sorriu, e Ember não podia evitar pensar que este menino iria causar problemas quando ficasse mais velho.

— O que te traz aqui? Charles não costuma aceitar voluntários que ainda estão no ensino médio. Você está interessado em política?

Todos os traços de humor deixaram a expressão de Brandon, antes que dissesse: — Realmente não tenho escolha.

— Seus pais?

— Não tenho nenhum. Eu moro em um orfanato.

— Oh, desculpe.

— É legal. Entrei em alguns problemas, então era isso ou reformatório.

Tão arrogante quanto Charles era, Ember ficou surpresa que ele estava bem com o arranjo. Brandon parecia ler seus pensamentos e acrescentou: — Sr. Michaels está legal com isso.

Ember pensou que era um fato interessante sobre Charles. Seria possível que houvesse outro lado dele? O pensamento acabava de entrar em sua cabeça quando a porta do escritório dele se abriu e Heidi Moore saiu, com o rosto vermelho. De primeira Ember pensou que estava vendo coisas, mas não, era

definitivamente Heidi. Ela esteve tão encantada com Trace por um tempo que tinha realmente o perseguido. Um nó se formou no estômago de Ember, já que sabia que havia mais do relacionamento de Trace e Heidi do que o amor não correspondido de Heidi; Trace tinha também uma vez a usado para tentar afastar Ember. Ela tentou ignorar sua reação a esse fato e preferiu se concentrar na cena à sua frente. O que diabos Heidi estava fazendo aqui? E como ela conhecia Charles?

— Eu não estou brincando. Não foda comigo ou você vai se arrepender, — Heidi gritou.

— O que...? — Charles agarrou-a pelo braço e tirou-a do escritório, Ember descaradamente tencionou seu pescoço, olhando pela janela para vê-lo levá-la até rua.

— O que foi aquilo? — disse Brandon.

— Política, — Ember respondeu, mas ela sabia que mesmo enquanto falava as palavras, que a política tinha muito pouco a ver com aquela cena. Que diabos foi tudo isso?

***

Ember voltou para casa no final do dia, e se deparou com um cheiro incrível flutuando pelo corredor da cozinha, Trace tinha usado sua casa. Como se por sugestão, seu estômago roncou. Descartando as chaves sobre a mesa, ela entrou na cozinha.

— Olá linda.

— Oi. O que você está fazendo?

— Minha irmã estava no clima para macarrão com queijo.

— Soa bem, cheira melhor. Chelsea tem bom gosto.

Ele olhou para Ember de cima do ombro, mas o que estava na ponta da língua dele foi substituído por um olhar de preocupação. Moveu-se para a mesa e puxou uma cadeira.

— Você deve sentar-se. Você parece exausta.

Ela caiu na cadeira, assim que ele ajoelhou-se ao lado dela. — Posso pegar alguma coisa para você? — Perguntou ele.

— Um pouco desse macarrão com queijo quando estiver pronto.

— Você o tem.

— Então adivinhe quem eu vi hoje na sede da campanha?

— Sem ideia.

— Heidi.

Por apenas um segundo, Ember viu raiva varrer a expressão de Trace antes dele controlá-la. Ele abaixou-se para que eles estivessem no nível dos olhos e, em seguida, a beijou. Começou como um beijo casto, mas a língua dele buscou e obteve o acesso à sua boca. Ele embalou a parte de trás da cabeça dela para tornar o beijo mais profundo. No minuto seguinte, levantou-a em seus braços. Ele desligou o fogo no fogão e levou-a pelo corredor até seu quarto. Ember mal ouviu o clique da fechadura antes de Trace colocá-la na cama onde lentamente a despiu. Exaustão cedeu ao desejo enquanto formigamento queimava através dela. Nervosismo a fez alcançá-lo, mas suas mãos voltaram vazias. Seus olhos se abriram para encontrar Trace alcançando as cobertas para puxá-las para cima sobre ela.

— O que você está fazendo?

— Você deveria dormir.

— Mas eu não estou cansada.

Seu sorriso era diabólico. — Você está, e o jantar não estará pronto por outra hora, então tome o tempo necessário e

durma.

— Eu não quero dormir, eu quero você nu e nesta cama comigo.

Luxúria obscureceu seus olhos, mas ele não vacilou. — Eu quero isso também, mas você tem olheiras sob seus olhos. — Ele deu um beijo muito casto em sua testa antes de se virar e começar a sair do quarto. — Eu vou acordá-la.

Ele deu-lhe um último olhar e, em seguida, fechou a porta. Palavras não vinham, Trace nunca tinha recusado sexo antes.

Na parte da manhã Ember acordou para encontrar-se completamente envolta em Trace. O braço dele estava caído sobre seu estômago, as pernas entrelaçadas com as suas, e suas costas estavam pressionadas contra seu peito. Ele não a tinha acordado.

— Trace?

— Hmm?

— Você não me acordou.

Ele esperou um batimento longo demais para responder e ela sabia que ele estava enrolando, mas por quê? — Você precisava de seu sono.

De alguma forma, ela sabia que havia mais do que sua necessidade de sono e estava prestes a arrancar isso dele, mas antes que pudesse falar, ele se moveu e ela o sentiu, duro e grosso, pressionando em seu bumbum. Ela se mexeu e instintivamente começou a mover os quadris, esfregando-se contra ele. A mão dele encontrou seu seio e ele o acariciou enquanto pressionava um beijo atrás de sua orelha.

— Bom dia, — ele sussurrou.

Ele se moveu sobre ela enquanto seus dedos inteligentes tiravam sua calcinha, e ele a encontrou tão pronta. Ele empurrou uma perna entre suas coxas para que pudesse tocar e provocar

aquela proeminência sensível e, ao mesmo tempo, seus quadris continuavam a esfregar contra ela. Quando seu dedo escorregou dentro dela, abriu as pernas ainda mais e pressionou de volta em seu comprimento duro. Ele rosnou baixo em sua garganta, assim que as mãos dele circularam seus quadris e levantaram seu bumbum no ar. Ele estava nu e duro quando se colocou entre suas pernas. Sua carícia era gentil quando moveu os dedos sobre seu calor úmido antes de deslizá-los dentro dela. Sua outra mão se moveu do seu estômago para seu seio, massageando seu pico dolorido. Ele rolou seu mamilo e puxou enquanto seus dedos procuravam uma penetração mais profunda. A pequena parte do seu cérebro que ainda estava funcionando não conseguia afastar a sensação de que ele a estava distraindo, mas estava jogando com seu corpo como um maestro experiente, o que a impediu de formar quaisquer motivos coerentes sobre o motivo dele querer distraí-la. Sentiu-o pressionando contra seu bumbum quando ele apertou os quadris contra ela. Ele trabalhou até que seu corpo estivesse bem sensível, e então agarrou seus quadris e empurrou dentro dela em um impulso longo, duro. Ela gritou quando seu corpo sofreu um espasmo, cada terminação nervosa disparando para enviar choques elétricos correndo sobre ela. Seu corpo ainda estava apertando ao redor dele quando retirou-se dela, e um segundo depois, sua língua estava correndo em suas dobras.

— Oh meu Deus, Trace.

Seu domínio sobre o quadril dela apertou enquanto sua língua mergulhou profundamente, seus quadris instintivamente se moveram contra ele. Seu dedo trabalhou o nó entre suas pernas e ela estava impotente para parar o segundo orgasmo que rasgou através dela. Sua cabeça caiu contra o travesseiro, seu corpo ficou fraco de exaustão. As mãos dele eram gentis quando a

virou de costas, levantou seus quadris, e afundou-se profundamente dentro dela novamente.

— Fique comigo, Ember.

Os olhos dela se abriram, e nos dele, ela viu algo que parecia um bocado terrível como culpa, mas foi rapidamente substituído com luxúria enquanto seus quadris começaram a balançar para trás e para frente.

— Mais uma vez, querida.

Ele moveu-se lenta e deliberadamente; ela ficou maravilhada sobre como ele podia controlar sua própria libertação, mas o fez, trabalhando até que ela sentiu seu corpo começar essa espiral ascendente novamente. E quando ela se estilhaçou, seu corpo estremeceu e ele gritou o nome dela, derramando-se profundamente dentro dela.

Ela não podia se mover e não podia pensar. Ele a tinha amado quase até a morte.

— Isso foi demais?

Ela não podia negar sua suspeita de que ele tinha intencionalmente feito amor com ela, estúpido, mas estava exausta demais para falar sobre isso e então respondeu com um simples: — Foi incrível.

Ele levantou-se da cama e caminhou para o banheiro.

— O que você está fazendo?

— Preciso de um banho. — Ele balançou as sobrancelhas. — Pensei que poderíamos conservar os recursos.

— Minhas pernas não funcionam, você vai ter que me aguentar.

Ele parecia positivamente travesso quando respondeu: — Essa é a ideia.

Capítulo 5

Lucien releu a mesma sentença pela centésima vez e ainda não tinha ideia do que estava na primeira página, porque a sua concentração foi arruinada. Droga. Ele estava agindo como um maldito adolescente, com Darcy constantemente em sua mente. A partir do momento em que ela entrou em seu escritório, era tudo o que ele conseguia pensar. Como ele conseguia mostrar indiferença, quando o que estava sentindo era completamente o oposto, o surpreendeu. Lembrar como tinha sido entre eles o deixava ridiculamente curioso para saber exatamente o que ela estava fazendo com sua vida. Ela estava feliz? Ela estava onde esperou que estivesse? Será que se arrependeu de não encontrá-lo naquele dia? Ele não podia perguntar a ela, embora; havia uma parte que queria vingança, ainda que seu crime houvesse acontecido há muito tempo. Mas se estava sendo completamente sincero, havia uma parte dele ainda maior que não achava que iria gostar das respostas dela.

Quando agente de empregos de Darcy ligou sobre o trabalho, dizendo o nome dela, não havia nenhuma maneira que ele não tivesse concordado com a entrevista. Claro que não lidou muito bem com a primeira reunião deles, porque ainda havia amargura lá. Ele imaginou que aquilo significava alguma coisa, que ainda nutria animosidade contra ela. As pessoas dizem que há uma linha tênue entre o amor e o ódio, ele estava vivendo isso.

Sua mente derivou para a noite no Peacock. Vê-la dançar com aquele sorriso secreto em seu rosto o deixou louco com a necessidade de tocá-la. Não percebeu que seus pés o impulsionaram por todo o clube até que estava puxando-a em

seus braços. Ela era a mesma e ainda assim diferente, e o corpo dela ainda ajustava-se ao dele como se eles fossem duas partes de um todo.

Ele se sentiu culpado por beijar Cassandra na frente dela, mas fez isso de propósito. Segurar Darcy o fez lembrar, e isso o deixou com raiva. O olhar que ela lhe dera através do clube, como se estivesse reconhecendo que merecia o desprezo, torceu seu intestino. Embora quisesse que ela tomasse o insulto, estava com raiva por ela não ter se erguido por si mesma e dito a ele para ir se foder. Ele pensou sobre a mãe de Darcy e como Darcy também estava procurando o bem na feiura ali. Não gostou de como isso o fez sentir-se.

Ao vê-la de novo, todas as memórias que empurrou para os confins do seu cérebro voltaram correndo como uma onda do caralho. Ela estava tão constrangida quando chegou pela primeira vez no orfanato, uma menina que foi claramente negligenciada; mas tinham sido os olhos dela que primeiro chamaram sua atenção, porque o brilho neles insinuava uma pessoa extraordinária.

Sua chegada coincidiu com a Irmã Anne dizendo-lhe que estava gravemente doente, e havia uma parte dele que acreditava que Darcy fora enviada a ele para ajudá-lo a superar o que seria o pior e o melhor de dois anos de sua vida.

***

Dezesseis anos atrás...

Lucien sentou-se no canto escuro da sala que servia de refeitório. As refeições em St. Agnes eram muitas vezes tranquilas, já que o alimento era entregue de forma bem eficiente. Assim como qualquer boa prisão, eram oferecidas três refeições, e se você perdesse o horário da comida, você ficava sem. Ele estava agradecido pelo silêncio – ouvir risos, quando ele se sentia tão vazio por dentro, fazia a raiva que sempre estava sob a superfície se libertar do tênue controle que ele tinha sobre ela.

Irmã Anne estava doente, aparentemente, tinha estado por algum tempo, mas agora ela já não estava respondendo aos tratamentos. Ela estava morrendo. Quanto tempo ela tinha, ele não sabia, mas iria chegar um momento em que ela iria embora.

Ele não entendia como o Deus que ela adorava poderia ser tão cruel. Ela deu sua vida a Ele e, em troca, ela obtinha uma morte precoce. E o que iria acontecer com ele? Iria embora, porque com ela morta, não haveria nada lá para ele. Ele sentiu as lágrimas, odiava se sentir fraco, e tentou afastar a Irmã Anne de sua cabeça.

Ele sentiu olhos nele; tinha sentido durante a maior parte da refeição, e se virou para ver uma menina olhando para ele do outro lado da sala. Seus longos cabelos negros foram puxados para trás de seu rosto em um rabo de cavalo, ela não usava maquiagem e as roupas pareciam ser um tamanho muito grande, frouxas em seu corpo magro.

Viu quando ela se levantou e estava tentado a segui-la para fora do salão, mas então ela caminhou em direção a ele. Quando estava perto o suficiente para que ele a tocasse, notou que ela segurava um copo pequeno de pudim de chocolate.

Ela sentou-se sem ser convidada e empurrou o pudim

sobre a mesa para ele. Esse ato de bondade o tomou completamente de surpresa e respondeu sendo mais grosso do que pretendia.

— O que você está fazendo?

— Você gosta de pudim, então eu estou lhe dando o meu.

— Como você sabe que eu gosto de pudim?

— Eu estive observando você.

— O quê?

Ela apenas sorriu em resposta.

— Você não gosta? — Perguntou ele.

— É a coisa mais deliciosa que já provei.

Essa não era a resposta que ele estava esperando. — Então por que você não come?

—Porque eu pensei que se você tivesse um extra, isso faria você sorrir. Estive aqui por duas semanas e não vi você sorrir nenhuma vez. — Ela tocou o dedo na sua mão. — Porque você está tão triste?

Ele não queria gritar, mas o que ela sabia? — O que diabos há para sorrir a respeito?

Uma tristeza varreu o rosto dela e Lucien desejou que ele pudesse ter de volta suas palavras. E então ela falou e o que disse cortou através dele.

— Às vezes parece que não há nada, como quando minha mãe me bate ou quando eu costumava ter que me esconder no porão de nosso prédio para que os amigos da minha mãe não viessem para mim quando eles tivessem acabado com ela. Mas então, de vez em quando eu vou via uma borboleta voando pelo céu. A ideia de aquilo ser eu – de ser livre – me faz sorrir.

Ele não entendia os sentimentos que esta menina evocava nele – uma raiva que era quase palpável, mas ao mesmo tempo

uma ternura que quase o deixou de joelhos. Sua necessidade de protegê-la, a lagarta que estava esperando para se tornar uma borboleta, era esmagadora.

— O que aconteceu com sua mãe?

— Nada. Ela tem um novo namorado que estava me dando mais atenção do que a ela, então me enviou para cá.

Lucien tinha algumas palavras sobre sua mãe, mas em vez disso pegou sua colher.

— Eu não vou ser capaz de comer tudo isso. Talvez pudéssemos compartilhar.

O sorriso dela tomou todo seu rosto. — Você é um mentiroso terrível, mas eu gostaria de compartilhar com você.

Ele entregou-lhe a colher com um sorriso de resposta. — Obrigado, Caterpillar.

***

Darcy sentou-se em sua mesa, mas quanto mais tentava esquecer a cena no Peacock algumas noites atrás, mas isto estava bem ali. Ela tinha razão. Estava inclinada a andar até o escritório dele e dizer-lhe para ir se foder, mas essa não era a forma profissional para lidar com um conflito. Ela estava ponderando a elaboração de um e-mail duramente redigido quando ele apareceu em sua porta.

— Darcy, você poderia vir aqui, por favor?

O choque a deixou muda por um minuto. Fazia quase três semanas desde que ela começou a trabalhar ali e a única vez que ele a chamou em seu escritório foi no dia em que esguichou instruções para ela como se fosse uma criança voluntariosa. Que pérolas de sabedoria que ele daria hoje? Foi a curiosidade que a

fez ficar de pé e segui-lo até seu escritório.

***

Lucien decidiu que precisava começar a agir como a porra da idade que tinha. Darcy era sua empregada, realmente muito qualificada para a posição de assistente que tinha oferecido, e lhe devia a cortesia comum. E enquanto poderia alimentar essa besteira para si mesmo com tudo o que queria, a verdadeira razão que pela qual a contratou era porque sentia falta dela. Ela o procurou e talvez tivesse quatorze anos de atraso, mas ela estava aqui e estava tentando.

Ele se sentou em frente a ela e levou um minuto para estudá-la, sabendo que seu escrutínio serviria a dois propósitos: isto lhe daria um minuto para apreciar a vista e, ao mesmo tempo, seu olhar flagrante a irritaria. Sim, ele iria tentar fazer um esforço, mas era apenas humano, afinal, a avaliação foi pequena, mas muito gratificante quando viu seus olhos estreitam-se ligeiramente.

— Eu fui um pouco estúpido na primeira vez que eu chamei você aqui. O horário é flexível, desde que você esteja trabalhando oito horas e isso inclui uma hora para o almoço.

Ele não perdeu seu olhar de surpresa, nem o ceticismo queimando em seu olhar. Não podia culpá-la por isso. Como aliviar o clima? E então, lembrando-se de suas brincadeiras quando crianças, tentou pensar nas instruções mais absurdas para mostrar-lhe que fora rude.

— Quando você chegar, espero o café para começar já que não há nada que eu goste mais do que uma boa xícara de café

quente e fumegante de manhã. — Ele odiava café, e ele suspeitava que ela se lembrava disso. Ao ver o humor em seus olhos, ele continuou com sua lista de instruções completamente falsas.

***

Darcy sentou-se e ouviu a ladainha de besteiras que saiu de sua boca e teve que reprimir a necessidade de rir. Não podia mentir; foi bom ver esse lado dele novamente. Ela pensou que o tinha perdido. Teria ele se sentido culpado por suas ações no Peacock ou era possível que sentisse algo além de indiferença por ela? De qualquer maneira, pretendia apreciar este lado mais leve de Lucien.

Quando não estava pensando, ele era ainda mais bonito. Ela meio que ouviu e aproveitou a oportunidade para apenas olhar. Lembrou-se daqueles lábios. Mesmo aos dezessete anos, ele sabia o que estava fazendo. Ciúme agitou em seu intestino sobre todas as mulheres nas quais ele tinha usado aqueles lábios depois, mesmo percebendo que foi ela quem o empurrou para longe. Carma era vicioso.

— Você está ouvindo, Srª. MacBride?

— Sim, Sr. Black, o grampeador deve estar sempre à esquerda da mesa e o distribuidor da fita adesiva à direita. Embora eu gostaria de salientar que eu sou canhota e por isso vai ser um pouco estranho para mim estar constantemente alcançando através de mim mesma para chegar à fita.

Seus lábios se curvaram muito ligeiramente e a visão dele era como um choque de desfibrilador. Em oposição ele olhou para

ela magnanimamente antes de dizer: — Bem, suponho que eu posso te dar alguma margem de manobra em relação à fita.

— Deviam fazer um desfile em sua homenagem, — Darcy retrucou com a mesma generosidade.

— Você acha que isso é uma piada, Srª. MacBride?

— Nem um pouco, Sr. Black. Garanto que estou dando às suas instruções toda a atenção que merecem.

Ela o viu morder a língua e sabia que estava tentando impedir-se de rir. Seu tom soou levemente desinteressado quando ele perguntou: — Você sabe como digitar, sim?

Ela levantou os dois dedos indicadores e os mexeu para ele. — Ensinei a mim mesma.

— Touché. Há um arquivo de correspondência que precisa ser digitado. Assim que terminar com isso, nós vamos levá-lo a partir de lá. Isso é tudo.

Darcy levantou-se e começou a sair da sala quando Lucien acrescentou: — Bem-vinda à equipe, Darcy.

Ela se virou para encontrá-lo olhando, e o olhar em seus olhos fez o coração dela mover-se para sua garganta. Não foi o Sr. Black acolhendo Srª. MacBride; era Lucien acolhendo Darcy.

— Obrigada... — Ela quase acrescentou: “Lucien”, mas não teve coragem de fazê-lo. Ela virou-se e saiu do escritório com o seu nome não dito entre eles.

***

Na hora do almoço, Darcy decidiu fatiar uma maçã para

comer com seu sanduíche, mas não estava prestando atenção porque seus pensamentos estavam naquele pequeno sorriso que Lucien lhe tinha dado. Não esperava humor; tinha estado preparada para ele ser duro e cruel, mas não tolo, decretando onde o distribuidor de fitas devia ser colocado sobre a mesa. Ela riu e a faca escorregou, cortando seu dedo.

Não doeu e ela pensou que devia ter apenas desviado, mas com um olhar ela soube que estava errada. Era profundo, quase ao osso, e ela reagiu xingando como um marinheiro.

— Porra!

Lucien apareceu no limiar da cozinha. — Eu não sei o tipo de lugar que você está acostumada a trabalhar, mas aqui nós não usamos esse tipo de...

E então ele viu o sangue escorrendo de seu braço.

— Que porra foi essa que você fez? — Ele gritou enquanto pegava uma toalha para embrulhar a mão dela.

Ela já estava se sentindo estúpida o suficiente, e seu grito, independentemente da causa, a fez explodir. — Eu fui atacada por um vampiro. O que diabos parece que aconteceu? Eu estava cortando a minha maçã e a faca escorregou. — Um pouco da raiva deu lugar ao medo, e ela acrescentou mais suavemente: — Eu acho que foi até o osso. Eu posso precisar de pontos.

— Se você pode ver o osso, então você definitivamente precisa de pontos. — Ele pegou o telefone enquanto começava a guiá-la até o sofá em seu escritório.

Apesar de seus melhores esforços, suas próximas palavras saíram mais como um apelo: — Eu não quero ir para o hospital. — Ela sabia que pontos significava hospital, mas seu medo era ilógico e incapacitante.

Darcy sentiu Lucien tenso com as palavras dela. — Ok. Eu

vou chamar um amigo, mas eu quero que você se sente. Você parece um fantasma.

Ela deu dois passos e sentiu as pernas cedendo debaixo dela. — Eu estou indo... — Mas o resto da frase foi interrompido pela escuridão.

Quando voltou a si, estava deitada no sofá, no escritório de Lucien com a mão enrolada em uma atadura branca. Humilhação queimou através dela que não só tinha quase cortado seu dedo fora e desmaiado, mas também havia sucumbido a um medo que passou muito tempo aprendendo a controlar.

— A Bela Adormecida despertou. — Ele estava tentando ser engraçado, mas Darcy ouviu a estranha nota em suas palavras. Ela tentou sentar-se e ele moveu-se rapidamente para o seu lado para ajudar.

— O que aconteceu?

Ele olhou para ela de forma tão intensa – como se pensasse que ela desapareceria ou algo assim. E então disse: — Você desmaiou.

Quando se sentia fora de controle, ela fazia o que conhecia: humor. — Com graça, no entanto, certo?

— Você caiu como um saco de tijolos. Você tem sorte que eu sou tão rápido ou você teria tido uma concussão para ir junto com a mão cortada.

— Foi um corte de papel.

— Certo, um corte de papel que exigiu seis pontos.

— Quem me costurou?

— Um amigo. Ele normalmente trabalha em animais mortos, mas fez uma exceção para você.

— Sem graça.

Ele ficou sério. — Não foi engraçado. Vê-la tão pálida

quanto um fantasma e, em seguida, tê-la desmaiando. Jesus, isso assustou a merda fora de mim. Nunca mais faça isso ou eu vou reduzir o seu salário.

— Eu posso ver agora por que você ganhou o prêmio humanitário.

Alguma emoção passou por sua expressão, mas Darcy não poderia decifrar o que era. Ele disse: — Talvez você deva tirar o resto do dia de folga.

Ela moveu-se para ficar de pé e as mãos fortes de Lucien envolveram-se em torno de seus braços para estabilizá-la. Ele acrescentou: — Talvez eu deva levá-la para casa.

— Não! — A ideia de levá-lo ao seu santuário seria o seu inferno. Não quis gritar a resposta, no entanto, ela viu pela maneira que Lucien estava apertando sua mandíbula que tinha se ofendido.

— Me desculpe, é só que eu tenho sido uma dor grande na bunda o bastante por um dia. Eu vou pegar um táxi, mas obrigada, — olhou para a mão, buscando a força para terminar o pedido de desculpas com o qual estava engasgada, em seguida, levantou os olhos para encontrá-lo focando seu olhar nela — Por não ter me levando para o hospital. Meu medo deles é ridículo, mas muito real.

***

Lucien ficou na calçada por um longo tempo após o táxi desaparecer de vista, pensando em Darcy. Pensou em seu comentário a respeito de seu prêmio. Ele não podia sacudir a

suspeita sobre seus motivos, particularmente tendo descoberto que ela o acompanhou ao longo dos anos. Ela afastou-se dele e nunca olhou para trás, então o que mudou? Estava apenas curiosa ou estava realmente atrás de alguma coisa? Sem mencionar que ele sabia o tipo de mulher que era a mãe de Darcy. Ainda assim Darcy não tinha voluntariamente voltado com aquela mulher em vez de ir embora com ele? Por quê? Ele tentou não colocar muitos pensamentos no que aconteceu entre eles, porque só tinha desejado esquecê-la. Mas era possível que houvesse mais sobre a história?

Ele passou o resto do dia tentando não pensar em Darcy e falhando miseravelmente. O som de seu telefone foi uma distração bem-vinda.

— Ei, é Josh. — Aconteceu que o tio de Ember era um investigador particular malditamente bom. — É um momento ruim? — Perguntou.

— Não, não afinal.

— Desculpe-me por levar tanto tempo para voltar a falar você, mas o trabalho tem me mantido muito ocupado. Você ligou?

— Eu fiz. Encontrou alguma sujeira nos Carmichaels?

— Nada que levante quaisquer bandeiras, mas eu soube que Dane tem um grave problema com drogas.

— Realmente?

— Sim, coisas muito difíceis também. É inteiramente provável que ele não estivesse mesmo em seu juízo perfeito quando atacou Ember. Não muda o fato de que precisa de ajuda, mas é um bocado muito revelador.

— Concordo.

— Sua família é um tipo interessante. Seu avô, o juiz, comanda a família com punho de ferro. Então, por que não fez

Dane parar, eu não tenho nenhuma ideia. Mas eu estou supondo que agora que você elevou as apostas com o comitê de ética, ele pode ser forçado a fazer algo.

Lucien quase bufou com isso. Josh continuou: — O pai de Dane, o senador, está muito ocupado executando sua campanha para se preocupar com Dane, pois tem uma verdadeira concorrência para o seu lugar pela primeira vez em 12 anos.

Uma sensação desconfortável moveu-se através de Lucien antes que ele dissesse: — Charles Michaels.

— Exatamente. Pelo que tenho sido capaz de descobrir, o juiz, o promotor público, e o senador estão todos limpos.

— E Dane? Alguém além de Ember apareceu para denunciá-lo?

— Não, mas eu descobri algo interessante sobre Sabrina Douglas. Dane não foi o primeiro homem que ela alegou que a havia estuprado.

Sabrina era uma mulher que trabalhou para Lucien e era alguém que Dane tinha alegadamente violado. Ela não podia lidar com o que Dane fizera e escapou disso matando a si mesma. Esta notícia sobre ela, pegou Lucien completamente de surpresa. — O quê?

— Sim, ela registrou contra dois outros caras. Um em sua cidade natal de Oklahoma City e outro aqui em Manhattan alguns meses antes dela conhecer Dane.

— Espere, Sabrina era de Iowa.

— Não, ela não era.

— Que diabos? — Lucien se levantou e começou a andar em torno de seu escritório. — Por que ela mentiria sobre isso, de todas as coisas?

— Porque ela foi mantida em um das clinicas psiquiátricas

do estado durante vários anos.

— Jesus, então é inteiramente provável que Dane não a estuprou.

— Temo que sim. Não muda o que ele tentou com Ember, mas, tanto quanto Sabrina Douglas está em causa, eu estou supondo que dos dois, Dane não era o instável. Havia outra coisa que eu achei estranho. A forma como a mulher do senador, a mãe de Dane, foi embora parece suspeito.

— Significa?

— Eu não queria sondar muito e levantar suspeitas de ninguém, mas eu falei com a mulher do salão que Belinda Carmichael sempre frequentava, seu instrutor de yoga, e algumas outras pessoas na periferia de seu círculo social. Eles estavam todos completamente surpresos com sua partida. Segundo eles, ela estava muito feliz no casamento.

Lucien parou de andar. — Isso é interessante e ainda mais depois da minha conversa com o juiz, há algumas semanas. Eu dei a entender que eu sabia dos esqueletos no seu armário. Era um blefe total, mas ele reagiu como um homem culpado.

— Isso é interessante. Então, talvez a nora soubesse um pequeno segredo sujo e ele fez uma oferta que ela não pode recusar.

— Pagá-la para ir embora? Parece estranho, você não acha? Particularmente desde que ela nunca tentou entrar em contato com sua família — disse Lucien.

— É verdade, a menos que o que ela soube fosse razão suficiente para ficar longe. Você ouviu sobre o caso de assassinato nas notícias – Elizabeth Spano – ela é irmã de Belinda.

— Realmente? Bem, isso é interessante. Você localizou Belinda?

— Não foi fácil. Alguém fez um trabalho realmente bom em cobrir seu rastro.

— Mas você é melhor.

Josh soou quase arrogante ao responder: — Ela está vivendo em Maryland com sua outra irmã. Você quer que eu entre em contato com ela e descubra o que a fez ir embora?

— Você acha que ela vai falar? — Perguntou Lucien.

— Eu posso ser muito persuasivo.

Lucien riu. — Eu aposto. Deixe-me saber o que você descobrir.

— Com certeza.

— Há algo mais, mas isso precisa ser tratado com muito cuidado.

— Ok.

— Eu gostaria que você investigasse Darcy MacBride. Ou seja, procure o que ela tem feito nos últimos 14 anos.

— Certo. Quem é ela?

Como Lucien responderia a isso? Ele tentou ser tão vago quanto possível. — Morávamos no mesmo orfanato e agora ela está trabalhando para mim.

— Ah, uma ex. Você tem certeza que me quer cavando em seu passado? Se há algo que você quer saber, você não deve apenas perguntar?

— É complicado.

— Bem, filho, isso vai ficar ainda mais complicado se ela descobrir que você está invadindo sua privacidade.

Lucien sabia que ele estava certo, mas sua necessidade de preencher todas as peças que faltavam para que pudesse entender o que tinha acontecido entre eles era muito forte. — Eu sei, mas você poderia fazê-lo de qualquer maneira?

Foi a única vez que Josh não saltou sobre uma atribuição, mas ele era um profissional e assim depois de alguns minutos disse: — Vou começar imediatamente.

— Obrigado.

Lucien se sentiu culpado sobre o que estava fazendo, mas não culpado o suficiente para não fazê-lo. Além disso, ela era a única culpada. Ele tinha o direito de saber o que aconteceu.

***

Dane odiava vir para a propriedade. Ele estava fora das drogas, embora soubesse onde havia um esconderijo. A ironia por trás das palestras sobre a família, as aparências e de como Dane era um canalha, era que um dos membros de sua família, provavelmente seu tio, inalava as linhas exatamente como ele.

Ele moveu-se pelo piso, esperando como o inferno que seu avô não estivesse em casa.

O grito, quando veio, foi inesperado. Sem mencionar, que não era de seu avô. Então, quem estava em seu escritório? Ele se aproximou para espiar pela fresta da porta e pegou uma parte da conversa.

— ... não vale o preço que eu pago. Você pensaria que tinha uma buceta de ouro. Eu acabei, mas se você quiser continuar, você vai aprender em primeira mão a conveniência de uma família rica e bem relacionada.

O suspiro de Dane foi audível, alto o suficiente para seu pai virar-se em sua direção. Não ficaria por aqui para ter uma conversa pai-filho. Ele saiu pela porta, sem sequer se preocupar

em conseguir o que tinha vindo fazer. O homem ao telefone parecia seu pai, mas com certeza não agia como ele. E o que a voz no telefone disse a ele?

Ele sempre se perguntou por que sua mãe, uma mãe e esposa aparentemente amorosa, um dia se levantou e foi embora, para nunca mais voltar. Ele não era muito maior do que um bebê, mas tinha ouvido a história de sua traição a partir de seu avô mais vezes do que poderia contar. Ele sempre acreditou que ela encontrou-se com algum o jogo sujo, sobretudo tendo em conta que o seu avô usava o verbo no passado, quando falava dela.

Nunca pensou muito sobre isso. Na verdade, estava com medo. Ele não tinha nada além de sua família. Mas talvez a partida dela não fosse mistério. O homem que o público conhecia como um playboy charmoso, parecia algo bem diferente por trás de portas fechadas.

***

Dane voltou para casa e ainda estava nervoso com o comportamento de seu pai mais cedo. Ele chamou Lena já que sempre era uma boa distração, e ela veio. Enquanto ele lhes preparava uma bebida, ouviu uma batida na porta seguida rapidamente por Lena falando: — Eu vou atender. — Quando ela moveu-se para a porta e abriu, Dane poderia dizer que quem estava do outro lado pôs Lena no limite.

— Posso ajudar?

— Eu preciso ver Dane. — Ele conhecia aquela voz. Heidi.

— Posso perguntar o que você quer?

— Como se isso fosse da sua conta.

Ultraje fez as bochechas de Lena corarem, o que lhe valeu uma risada de Heidi. — Relaxe, eu não quero transar com ele, eu só preciso falar com ele.

Dane apareceu à vista e olhou para Heidi. — O que diabos você está fazendo aqui?

— Eu tenho algumas notícias para compartilhar.

— Não. Eu já te disse que eu estou fora. Foi divertido por um tempo, mas você está indo longe demais. Terminei. Não venha mais aqui.

— Covarde.

— Você deveria ser um pouco mais covarde.

Heidi dispensou em seu comentário com um aceno de sua mão antes de ir para a porta. — Tanto Faz. Não venha para mim quando você ver o quanto você perdeu.

— Acredite em mim, eu não vou.

Dane fechou a porta a suas costas e se inclinou contra ela.

— O que foi aquilo? — Perguntou Lena.

— Você não quer saber, confie em mim.

***

Trace observou Ember falando com seu pai e tio.

Eles foram ter seu jantar mensal, um evento que Trace descobriu que realmente gostava. Seu foco mudou para os rostos dos homens mais velhos e sabia que não ia demorar muito para que ambos fizessem o seu caminho até ele. Abraçar era algo a que ele ainda não tinha se acostumado, mas Ember e sua família

faziam isso muitas vezes.

Ela riu e tirou uma mecha errante de cabelo do seu rosto, sua aliança brilhando em seu dedo. Possessividade o enche e andou até ela, assim que seu telefone celular tocou com uma chamada recebida. Estava prestes a deixá-lo ir para o correio de voz, determinado a puxar sua esposa em seu escritório por alguns minutos de privacidade, mas algo o fez alcançá-lo.

— Trace — disse ele.

— Precisamos conversar.

A raiva subiu nele mesmo com a apreensão preenchendo-o. Era Heidi, e esta era a quarta vez que ela ligava esta semana.

Ele se moveu pelo corredor até seu escritório e fechou a porta atrás dele. — Eu lhe disse para parar de me ligar.

— Eu preciso de dinheiro.

O coração de Trace parou enquanto um momento de culpa torcia seu intestino. Ele endureceu o tom. — Não é meu problema.

— Será se você não vai me ajudar.

— Como exatamente?

— Como está Ember?

Raiva queimou por ele, mas sua voz estava controlada quando ele disse: — Você está jogando um jogo muito perigoso, Heidi. Fique fora da minha vida e longe da minha esposa.

— Você nunca disse a ela sobre nós. Por quê? —Sua voz se tornou descontente antes que ela dissesse: — Eu acho que há uma parte de você que sente falta de mim.

— Não se iluda.

— Eu preciso de dinheiro e você vai dá-lo para mim ou eu vou contar tudo a ela.

— Se você falar qualquer coisa para a minha esposa, eu vou ter certeza de que nunca encontrarão o seu corpo. Você me

entendeu?

Ela ficou em silêncio por um momento, mas quando Heidi finalmente falou sua voz estava menos segura. — Dois mil até a próxima sexta-feira.

Ela desligou, mas sabia muito bem que ele iria pagá-la. Ele tinha se enganado em acreditar que seu passado estava finalmente no passado. Desde que se casou com Ember, tudo parecia ter se resolvido. Mas Heidi nunca iria embora e então mais uma vez o seu passado estava olhando-o fodidamente no rosto.

Ele levou alguns minutos para se acalmar. Ao ouvir uma batida leve na porta, tentou controlar sua expressão exatamente quando Ember apareceu.

— Ei, você está bem?

— Sim, desculpe, uma coisa de negócios.

Ela estudou-o por um momento antes de perguntar: — Você tem certeza que está tudo bem?

— Está tudo bem. — E, em seguida, para mudar de assunto, ele disse: — Você está linda esta noite.

Ele tocou o cabelo dela, precisava sentir os fios sedosos sob seus dedos. Mesmo depois de tudo o que tinham passado, ela corava sob um elogio.

— Obrigada.

Ela sorriu e pressionou a boca contra a dele. Seus braços se apertaram em torno dela quando disse: — Os nossos convidados vão começar a falar.

— Deixe-os falar, — disse quando a puxou para outro beijo. Ele estava tentado a empurrá-la contra a parede e afundar-se dentro dela, mas o pensamento de seu pai e tio no outra sala enfraqueceu seu ardor. Ela sabia onde seus pensamentos

estavam, e não apenas porque ele estava tão duro como o pico de uma montanha.

— Estou sentindo a necessidade de uma lavagem nas costas mais tarde — ela sussurrou.

— Oh inferno, sim. — Ele beijou-a com força e, em seguida, colocou alguma distância entre eles antes que jogasse a precaução ao vento.

Ele foi para a porta. — Uma lavagem nas costas, uma lavagem na frente... — Ele olhou para ela, só para vê-la corar.

— Não faça isso, querida, ou não estamos deixando este quarto.

— Como você faz isso?

— O quê? —, Perguntou.

— Ficar pronto tão rápido.

— Não é rápido, Ember, eu desejo você 24/7.

— Agora eu preciso molhar meu rosto com água fria.

— Você faz isso e eu vou enfiar minha cabeça no congelador. — Estava a meio caminho da porta quando olhou para ela e piscou antes de desaparecer pelo corredor.

Trace estava conversando com Rafe quando Ember reapareceu, e com base na sua falta de maquiagem, ela realmente tinha respingado seu rosto com água. Ele estava prestes a caminhar além e sussurrar algo sugestivo em seu ouvido quando a campainha soou. Mudou de rumo e abriu a porta para ver Lucien, carregando um presente embrulhado em prata com um arco branco. A estranheza da figura fez Trace perguntar quase de modo grosseiro: — Que diabos é isso?

— Minha roupa suja. O que diabos você quer dizer com 'o que é isso'? É um presente ao anfitrião, seu idiota.

Ember apareceu em seguida, abrindo a porta ainda mais

enquanto dava um sorriso a Lucien. A mandíbula de Trace apertou.

— Lucien, oi. Por favor, ignore este grosso e entre. Posso levar isso?

— Deixe o grosso levá-lo.— Lucien nem sequer se incomodou de esperar pela resposta de seu amigo antes de empurrar o presente nas mãos de Trace. Para ser um cretino, ele pegou a mão de Ember, e roçou os lábios em seus dedos antes de colocar a mão dela no braço dele. Ele olhou para Trace sobre a cabeça de Ember e ficou feliz de ver que seu flerte havia atingido sua marca. Um sorriso maroto brincou sobre sua boca. Trace iria pegá-lo mais tarde por isso, mas tinha valido tão a pena.

Ember acompanhou-o até seu pai, assim que Trace apareceu e habilmente inseriu-se entre Lucien e Ember.

— Lucien, como vai você, meu filho?

Lucien sorriu para Shawn, ignorando Trace, e estendeu a mão. — Eu estou bem, senhor, e o senhor?

— Maravilhoso.

Lucien observava enquanto Trace puxava Ember de volta contra o seu peito e envolvia os braços ao redor da cintura dela. Por um momento, eles não eram Trace e Ember, mas ele e Darcy, uma visão do que poderia ter sido se suas vidas tivessem sido diferentes. Foi nesse momento que ele foi capaz de admitir para si mesmo que nunca namorou sério, porque nenhuma das mulheres em sua vida eram Darcy. Não sabia o que fazer com esse conhecimento, mas felizmente ele não teve que pensar muito tempo sobre isso, porque Chelsea apareceu e pegou a mão dele e disse: — Venha ver o meu quarto. Eu o pintei de roxo.

***

Na manhã seguinte, Trace subiu os dois andares para o pequeno apartamento na vila que ele havia comprado cinco anos atrás. Ele raramente vinha aqui; não via a necessidade de torcer a faca mais do que o necessário, mas Heidi tinha ido longe demais. Estava disposto a assumir a responsabilidade que ele encontrou jogada a seus pés, mas não estava disposto a fazê-lo ao custo de sua esposa. De maneira nenhuma.

Destrancou o apartamento e não se surpreendeu ao ver a princesa de gelo deitada no sofá assistindo televisão. Seus olhos pálidos o encontraram e ela sentou-se como um sorriso puramente sexual em seus lábios. O estômago de Trace virou.

— Onde está o menino?

— Saiu, — ela ronronou enquanto movia-se do sofá, seu vestido mal cobrindo as coxas. — Você pode ficar um pouco? — A implicação era clara.

— Esta merda para agora, Heidi.

Ela parou bem na frente dele, os lábios fazendo beicinho em uma expressão que supostamente era para ser excitante, mas ele sentiu seu café da manhã cambaleando até a garganta. Quando as mãos dela encontraram seu peito, ele agarroulhe os pulsos.

— Eu concordei em ajudar, mas você me ameaça e estamos a acabados. O único que vai se machucar em tudo isso é o menino. Gostaria de pensar que, como mãe dele, você seria mais maternal.

Ela afastou-se dele e sussurrou: — Eu nunca quis o pequeno mendigo, mas ele vem de uma família rica. Você não joga

fora esse tipo de boa sorte.

— Sua puta fodida.

— Estou falando sério, Trace. Você pode não gostar disso, ou de mim, mas você não tem uma escolha. Nós somos uma família, quer você admita ou não. —Ela se sentou no braço do sofá e abriu as pernas, sua calcinha mal cobrindo os seus bens. — Além disso, você nos levou adiante.

— Eu não sei o que é que você acha que têm a ganhar com isso, mas eu prometo a você que não vai terminar da maneira que você espera.

— Oh Trace. Não se preocupe comigo. Desde que esses cheques continuem vindo regularmente, estamos bem. — Ela correu o dedo por sua coxa. — Se você quiser pegar parte do dinheiro em negociação, eu estou sempre pronta para isso.

— Nunca vai acontecer.

— Tanto faz.

Naquele momento, a porta abriu enquanto um menino de cerca de dezesseis anos entrou. Toda vez que Trace o via, ele sentia uma dor lancinante no peito. O cabelo preto e olhos azuis... o menino era quase a sua imagem no espelho.

— Ei, Trace.

— Seth, como você está indo?

— Bem. Preciso comer, embora, e fazer meu dever de casa.

Trace observou enquanto Seth desaparecia em seu quarto. Ele nunca olhou para a mãe e foi isso, mais do que qualquer coisa, que deixou Trace com um gosto amargo na boca. Ele sabia como se sentia ao ser negligenciado. Culpa torcia dentro dele bem quando Heidi disse: — Ele parece exatamente como você.

— Foda-se.— Trace bateu a porta atrás de si. Qual era a expressão que Lucien estava para sempre dizendo? *Deite-se com*

cães e levante-se com pulgas. Foda-se se isso não era verdade.

Capítulo 6

Darcy chegou ao trabalho às oito horas da manhã. Fazia uma semana desde que Lucien dera suas instruções estúpidas, e já que eles pareciam apreciar a trégua, decidiu que ele não se oporia a uma pitada de humor. Ela parou numa loja de comida perto de seu apartamento e comprou para Lucien a maior caneca que pôde encontrar. Estava escrito: *"Eu ♥ café".*

Ela colocou sua bolsa na escrivaninha e andou até a cozinha. Ligou a máquina de café e esperou até que ficasse pronto.

Não apenas Lucien não gostava de café, mas até a ideia de fazer isso com açúcar e creme torcia seu estômago, logo, naturalmente, ela colocou quatro colheres de sopa cheias de açúcar na caneca e encheu com creme suficiente para parecer que era um sorvete de baunilha.

Tentando, com muito afinco, manter o sorriso longe de seu rosto, ela bateu na porta do escritório dele.

— Entre.

— Seu café. — Ela disse como cumprimento.

Ele olhou para cima, seus olhos nela por um minuto antes de se focarem na caneca gigante na mão dela. Ele estava tentando, e ela lhe deu pontos pelo esforço válido, mas apesar de tudo um sorriso apareceu no seu rosto.

Inclinou-se para trás em sua cadeira, enquanto Darcy colocava a caneca no centro de sua escrivaninha. — Obrigado.

O olhar dela encontrou o dele, e por um segundo viu o seu Lucien – o belo e sério garoto com olhos que viam bem mais do que deveriam ver. Como se estivesse encantada por uma canção

favorita, apenas olhar para sua expressão desprotegida a varreu de volta para o tempo em que ela ainda acreditava em felizes para sempre. Mas é claro que não era real, e aprendeu isso bem demais. Ela começou a sair do escritório.

— Darcy.

Fechou os olhos por um momento antes de lançar um olhar por sobre seu ombro. — Sim?

— Eu estava lendo o seu resumo, muito impressionante.

Orgulho ferveu através dela com as palavras, já que ele era o único cuja opinião já importou alguma vez. A voz dela não estava muito firme quando respondeu: — Obrigada.

Ele a estudou por um minuto antes de perguntar. — Posso lhe perguntar por que você deixou o trabalho na Sookie's buffet?

— Sookie se retirou, porque ela estava prestes a ter um bebê e entregou a rédeas para seu parceiro, por isso pedi demissão.

— Eu usei os serviços algumas vezes, a comida é deliciosa e o serviço excelente. O fato de que era você por trás das cenas que mantinha tudo correndo de forma tão estável fala muito de suas habilidades de gerenciamento.

Ela não queria sorrir pelo elogio, mas como não sorrir? — Eu gostava do trabalho.

— Esse emprego não precisa ser apenas sobre digitar, arquivar, — ele sorriu — ...e fazer café. Eu tenho fornecedores para meus vários restaurantes que precisam ser gerenciados. Se você estiver interessada, as informações estão todas naqueles arquivos bem ali.

E só com isso ela era aquela garota de catorze anos de idade novamente, que acreditava que podia se pendurar na lua. —

Eu gostaria muito disso. Agradeço pela oportunidade. — Antes de sair da sala, ela adicionou. — Aproveite o café.

Mais tarde, um e-mail surgiu em sua caixa de entrada, e ao ver que era de Lucien fez seu coração martelar em seu peito.

Imediatamente, todos os assuntos relacionados a fornecedores devem ser entregues a atenção de Darcy McBride, minha nova gerente de relações de vendas.

Lucien

— Se prepare para os telefonemas.

Darcy estava envergonhada por ser pega encarando o seu e-mail, mas como era típico dele simplesmente pular com os dois pés em algo.

Parecia que ele sabia o que estava ela pensando quando disse: — Você é perfeita para o trabalho e mais do que qualificada como assistente.

Quando ela olhou para cima, sabia que o que estava sentindo era fácil de ler em seu rosto. — Obrigada.

— E também, você faz um café horrível.

A risada dela foi inesperada e tão genuína quanto o sorriso que ele ofereceu em retorno.

***

Ainda bem que Lucien a avisou sobre as ligações. Logo ela se encontrou tendo sua bunda ocupada durante uma hora e meia

por um fornecedor irritado por ser ignorado pelo temperamental chef do Tapas. Tapas era uma das propriedades de Lucien no Financial District. Que lidava com, em sua maioria, aqueles que queriam uma bebida e alguns aperitivos após o trabalho.

Darcy podia entender a necessidade de perfeição do chef, especialmente quando era o nome dele associado com a comida, mas havia protocolos para seguir. Ao deixar de apresentar suas reclamações para Darcy, ela agora tinha uma dor de ouvido por conta do fornecedor indignado que já começava a lhe causar dor no outro ouvido. Ela fez o melhor para acalmar as coisas e quando desligou, começou a lidar com Kenneth, o chef, mas então percebeu que ele não a conhecia do Adam. Isso precisava ser tratado cara a cara. Ela se apresentaria, e então daria um tapa na cabeça dele.

Lucien não estava em seu escritório, então ela deixou um post-it em seu monitor, pegou sua bolsa e foi à procura de um taxi, o qual ela estava sem dúvida, colocando na conta do escritório.

As costas de Kenneth estavam voltadas para ela quando entrou em seu domínio. — Com licença?

Ele a ignorou e continuou a falar com quem quer que fosse que estava com ele, provavelmente um membro da equipe de garçons.

— Sr. Drake, meu nome é Darcy MacBride. Recentemente fui contratada pelo Sr. Black para lidar com relações de fornecimento. — Nada, nem mesmo um aceno de sua cabeça. Darcy desistiu de ser profissional e civilizada e apenas gritou:

— Você não pode dispensar um fornecedor. Temos contratos com todos eles. Cancelá-los sem seguir o protocolo pode gerar processos judiciais.

Kenetth se virou, sua forma enorme cobriu a pessoa com quem ele estava falando enquanto ele retornava o grito dela com um de seus próprios gritos. — Quem diabos é você?

— Eu sou Darcy MacBride. Responsável por lidar com os fornecedores.

— Melhor você do que eu.

— Sim, bem, você não pode dispensá-los sem falar comigo primeiro.

— O inferno que não posso. Produtos inferiores são inaceitáveis.

— É o meu trabalho conseguir o que você necessita e é o seu trabalho fazer pratos que farão as pessoas voltarem. Você gostaria se eu entrasse aqui e lhe dissesse como comandar sua cozinha?

Um pouco da raiva deixou Kenneth antes dele dizer: — Não.

— Então me permita fazer aquilo pela qual sou paga para fazer.

— Eu não receberei produtos daquele fornecedor novamente, — Kenneth disse, mas era apenas para se mostrar e ambos sabiam disso.

— Eu concordo. Eu tenho uma lista do outros fornecedores que pedirei para trazerem uma seleção de frutas e vegetais para sua inspeção nessa tarde.

— Justo. — Ele a estudou por um minuto antes de perguntar: — Quanto trabalho eu te causei?

— Alguns telefonemas, uma dor de ouvido, e um monte de

bajulação, mas está tudo organizado.

— Desculpe. — Ver arrependimento vindo de um homem tão grande era muito engraçado.

E então, a pessoa com quem Kenneth estava falando apareceu. Lucien. Ah Inferno. Por apenas uma fração de segundos, pensou em mergulhar para debaixo do balcão, mas isso seria estúpido, pois ele já a tinha visto.

— Darcy, vejo que você conheceu Kenneth. Ele tem o pior temperamento de todos os meus chefs, cabeça quente é uma falha, mas isso não pareceu ser um problema para você.

— Eu sinto muito...

— Não se desculpe. Ele precisa que sua cabeça seja acertada de vez em quando.

— Eu preciso, é verdade. — Kenneth concordou.

Lucien adicionou. — Mas ele faz um inferno de enrolado de bife com molho de laranja picante.

E como que numa sugestão Kenneth foi para o fogão e começou a colocar colheradas de algo num prato.

— Você precisa experimentar. Isso veio para mim num sonho.

Lucien puxou o banquinho que estava usando.

Realmente cheirava divinamente, embora ela tentasse soar embaraçada e falhasse quando disse: — Bem, se você insiste.

***

Brandon estava quase correndo enquanto se movia para a

sede de Michael, então se forçou a desacelerar. Isso era loucura, ela era velha demais para ele, mas tinha uma queda por Ember Montgomery. Era um desejo de morte, sabendo quem era o marido dela, mas o coração quer o que o coração quer.

Ela não percebeu que ele tinha uma queda por ela; se percebesse não iria encorajá-lo.

Parou do lado de fora e arrumou o cabelo antes de abrir a porta. Seus olhos pararam em Ember, mas foi o gigante perto dela que ganhou a total atenção dele. Era o seu marido e olhava para ela como um homem faminto encarando um bife. Brandon endireitou sua coluna. Sentia-se pequeno, o que era ridículo, pois eram apenas uns 6 centímetros de diferença.

Ele começou a se mover em direção a eles, mas hesitou quando viu a seriedade em suas expressões. Então de repente, Ember sorriu e todo o ar deixou seus pulmões. Percebeu que o marido dela não era imune ao sorriso enquanto seus olhos suavizavam bem antes da boca dele abaixar e capturar a dela. Sortudo, bastardo sortudo.

Ele se sentiu um pouco como Peepinng Tom[4], mas Ember estava claramente louca de amor pelo seu marido e ele estava tão ferido quanto surpreso. E então a cabeça dela virou para ele e sorriu, não o mesmo sorriso "*nós compartilhamos um segredo*" que tinha dado ao marido, mas ainda era deslumbrante.

— Brandon. Esse é meu marido, Trace.

Quando Trace se virou para Brandon, ele engoliu em seco alto. Foi a dureza naqueles olhos que o surpreendeu, pois acabara de vê-los suaves e carinhosos quando Trace estava olhando para sua esposa.

As pernas de Brandon se recusaram a ir para frente, o medo de que Trace descobriria seu segredo fez seu estômago dar

um nó. E então, apenas como se ele tivesse falado isso alto, ele assistiu enquanto uma sobrancelha de Trace se elevou lentamente. Um sorriso se espalhou pelo rosto de Trace e o significado pingava daquele sorriso arrogante: pobre bastardo.

Ember, obviamente, disse para Trace. — Trabalharemos até as seis e então iremos comer alguma coisa num lugar não muito longe daqui. Estarei em casa por volta das oito.

Os olhos de Trace nunca deixaram Brandon. — Você se certificará de que minha esposa chegue em casa a salvo.

Seu propósito, ou ameaça, de qualquer forma que você queira interpretar, era muito claro. — Sim, senhor.

— Me chame de Trace. Bom lhe conhecer, Brandon.

— Igualmente.

— Ember, você pode ajudar-me com isso? — Caitlin chamou do outro lado da sala.

— Claro, um segundo. — Ember se moveu da sua escrivaninha até Trace. — Vejo você mais tarde.

Brandon os assistiu como se fosse testemunha de um passo de dança perfeitamente orquestrado. Ember se moveu para o marido, encaixando-se bem contra o corpo dele, enquanto ele abaixava sua cabeça para o beijo dela.

— Tenha cuidado. — Trace sussurrou logo que ela se separou dele.

— Sempre.

Trace olhou Ember por um momento antes de se virar para Brandon. Brandon quase se contorceu com a inspeção demorada que estava lhe dando, e então Trace se aproximou e disse: — Não posso lhe culpar por ter bom gosto.

A boca de Brandon se abriu.

— Sendo isso dito, ela é minha esposa. Você me entende?

— Sim, senhor.

— Bom. Tenha uma boa noite. — E com isso ele se afastou.

Na hora de ir embora Brandon já havia encontrado o equilíbrio novamente. Era enervante estar cara a cara com o competidor por aquilo que você ama, não que houvesse qualquer competição pela afeição de Ember, fora de suas fantasias. Eles estavam indo jantar; e ele a teria para si mesmo pelas próximas duas horas.

Assim que ela fechou o seu computador e pegou a bolsa, eles andaram para a porta. Acabaram de chegar à rua quando ela perguntou: — Você disse que seu amigo trabalha onde estamos indo?

— Sim, mas ele não está trabalhando nessa noite.

Uma pequena taberna de tijolos apareceu na frente deles. Eles têm os melhores malditos hambúrgueres da cidade.

— Aqui estamos, — Brandon disse enquanto abria a porta para ela. Encontraram um acento num canto quieto. Depois de fazerem os pedido, Ember descansou os braços sobre a mesa e perguntou:

— Você mencionou que vivia em um orfanato. Se importa se eu perguntar qual?

— No Inferno de Cozinha, St.Agnes.

Surpresa passou pelo rosto dela antes de dizer: — Sério? Meu marido passou um ano lá quando criança.

— Mesmo? — Brandon se animou com aquilo. — Mas ele não é rico?

Ember riu. — Sim, mas ele precisava de algo que dinheiro não podia comprar.

A curiosidade de Brandon foi verdadeiramente fisgada. —

O quê?

— Amor.

Brandon ponderou sobre a resposta por um momento antes de mudar de assunto. — O lugar é realmente velho, mas ultimamente algumas reformas ocorreram e deixaram o local bem mais legal. Temos Wii e Xboxes, mesas de bilhar, e livros melhores. O sótão é um pouco assustador, mas há tantas antiguidades guardadas lá. As freiras perguntaram se algumas das crianças queriam fazer algum dinheiro vasculhando e procurando algo que o orfanato pudesse usar, caso contrário devemos embalar tudo para doação. Eu entrei com tudo por que eu gosto de ver antiguidades.

— Verdade?

— Sim, talvez isso seja estúpido, mas eu gosto de entender de onde as pessoas vêm. Eu suponho que seja por não ter nenhuma ideia de onde eu vim. Talvez alguma hora você gostaria de ver também.

— Eu gostaria muito disso, Brandon.

***

Dane odiava vestir um smoking, e odiava ainda mais ter que socializar com os idiotas pomposos da alta sociedade de Manhattan. Afrouxou sua gravata, esperando que aliviasse o sentimento de estrangulamento e desejando como o inferno ficar bêbado primeiro. Ele pegou uma taça de champanhe de um garçom que passava e engoliu tudo antes de pegar outra taça.

— É maravilhoso. Você não ama isso? — Lena balbuciou.

Ele olhou para ela de sua taça e sentiu seu pênis se contrair. Sim, pelo menos estaria batendo uma mais tarde. Usando um vestido verde que marcava seu corpo e com aquele cabelo impetuoso puxado para cima, ela parecia comestível. Todd era um idiota por deixá-la escorregar por entre seus dedos. Ele abaixou a cabeça e roçou seus lábios na orelha dela.

— O que você está usando embaixo disso?

Os olhos dela ampliaram um segundo antes de se estreitarem em fendas sexy. A voz dela diminuiu para um sedutor ronronado.

— Nada.

— Boa garota. — A mão dele se moveu para sua bunda e apertou. — Talvez devêssemos encontrar um armário.

Sua resposta foi um beicinho. — Ainda não. Eu ainda não conheci o homem do momento.

— E você não vai conhecer. Meu pai está ocupado demais conversando. Acredite em mim, você não está perdendo nada.

Ele percebeu a linha se formando entre as sobrancelhas dela, mas apenas não estava interessado no que se passava na sua cabeça. A ideia de apresentá-la ao seu pai estava fora de cogitação. Ele nunca escutaria o final disse até que a largasse e, francamente, ele gostava dela. Ela era um pouco pegajosa, mas era inteligente e engraçada e muito ousada na cama. Ele não se livraria dela até que estivesse pronto para isso.

Lena ligou seu braço com o dele, e quando ele a olhou, ela sorriu.

— Tudo bem.

A fácil aceitação dela era suspeita, já que Lena era tudo menos conformada, mas estava grato por não ter que lidar com

ela naquela noite.

— Vamos conseguir uma bebida, — ele sugeriu.

— Eu quero ir ao lavabo para arrumar a maquiagem. Já volto.

Ela atravessou a multidão com graça, os olhos dele em sua bunda, a qual parecia fantástica naquele vestido. Oh sim, ele definitivamente mal podia esperar até mais tarde.

— Fecha a boca, Dane.

Ele fechou seus olhos com um gemido. — O que diabos você está fazendo aqui, Heidi?

— Você sabe malditamente bem por que estou aqui.

Ele pensou que havia finalmente se livrado dela, já que não ouviu falar dela desde que veio ao seu apartamento, e isso foi há duas semanas. Seus olhos passaram pelo corpo dela e não estava surpreso em vê-la majestosa num vestido branco colado ao corpo e nem pela maioria dos homens estarem olhando. Heidi Moore sabia como manipular sua aparência para conseguir o que queria.

— Indo para o virginal, não estamos?

Ela jogou o cabelo por sobre o ombro e olhou para ele friamente. — Eu tenho todo o direito de estar aqui.

— Eu suspeito que há aqueles aqui que discordariam disso, — Dane falou.

— Tanto faz.

Ele segurou o braço dela e abaixou sua voz em tom de aviso. — Você não tem ideia de com quem está fodendo. Eu tenho sido muito cuidadoso com esse jogo. Você foi avisada. — Dane alertou antes de se virar e andar para longe.

***

— Cuidado onde pisa, Ember. Há mais caixas no topo das escadas também, — Brandon avisou antes de entrar na escuridão para acender a luz, trazendo um leve brilho para a escuridão do sótão. — Obrigado por vir. Eu fiquei surpreso quando você disse que sim.

— Eu adoro olhar coisas antigas e, com Trace fora ajudando seu amigo a entregar algumas peças, eu tinha a manhã livre. — Ember alcançou o topo e passou um tempo olhando ao redor. — Você não estava brincando sobre ter muitas coisas aqui. Acho que eu nunca deixaria esse lugar até descobrir tudo o que há.

— É tentador. Eu já vasculhei aquelas caixas ali: a maioria tem roupas e sapatos antigos que irei lavar e distribuir para as crianças. Meu amigo e eu estamos trabalhando nessa parte.

— Seu amigo?

— Sim, Seth. O que trabalha no restaurante em que fomos no outro dia. Logo ele chegará aqui.

— Ele vive aqui também?

— Não, ele vive com a mãe dele, mas ele vem aqui com ela às vezes. Não tenho certeza por que ela viria aqui, mas em uma das visitas chamei Seth para jogar vídeo games comigo enquanto esperava. Depois disso começou a vir sozinho. Ele é legal. Conversamos sobre arranjar um lugar para morarmos quando ficarmos mais velhos.

— Mal posso esperar para conhecê-lo. — Ember disse. Ela sentou na frente de uma grande arca de cedro. Havia um cadeado, mas não estava preso, pois quando ela levantou a tampa

ele abriu facilmente. — Tem certeza que ninguém vai se importar se olharmos essas coisas?

— Tenho. Eles querem se livrar disso, então quanto mais gente ajudar melhor.

Ela empurrou a tampa e abriu totalmente antes de se inclinar e pegar um pequeno cobertor. As cores estavam desbotando, mas fora isso estava em ótimo estado. Não havia dúvida de que era algo feito a mão e Ember achou estranho que algo assim acabaria aqui. Por que uma criança com um presente tão adorável teria sido abandonada? Ela redobrou o cobertor e colocou gentilmente do lado de fora antes de alcançar um pequeno par de sapatinhos. Com lantejoulas brilhantes em cima, imaginou que eles uma vez pertenceram a uma menininha.

Havia uma parte dela que se perguntava se poderia encontrar algo de Trace. Uma pequena caixa de madeira estava enterrada bem no fundo da arca e ao abrir revelou-se cartas amarradas com uma fita de seda rosa. Não precisava lê-las para saber que eram cartas de amor.

— Brandon, de onde vem tudo isso?

— Aparentemente, a Madre Superiora que costumava trabalhar aqui era um pouco viciada em brechó.

Bem, isso certamente explicava a caixa de madeira. Era triste que as cartas estivessem aqui, esquecidas, quando elas tinham claramente representado algo importante para alguém. Queria lê-las; apesar disso ser uma invasão de privacidade, a tentação era grande demais.

— Posso levá-las para ler? Eu as trago de volta.

— Fique com elas. Coisas assim serão jogadas fora.

Ember olhou para as letras, debatendo consigo mesma.

— Apenas leve-as, — Brandon insistiu; isso era tudo o que precisava ouvir antes de enfiá-las em sua bolsa e continuar a explorar a arca. Quando atingiu o fundo, ela cuidadosamente colocou tudo de volta. Levantou-se e começou a ir para outro canto do sótão, mas quase caiu de costas nas caixas. Brandon estava lá para estabilizá-la.

— Você está bem?

— Sim, obrigada. Apenas perdi o equilíbrio. — Olhou para as tábuas do chão como se fossem culpadas; mas na verdade ela tropeçou por ver uma caixa com o nome “Irmã Anne”.

Ela levou-a até a luz e estava tão tentada em olhar dentro, mas pensou que quem deveria fazer isso primeiro era Lucien.

— Um amigo meu que cresceu aqui deveria ter isso. Talvez eu possa falar com a Madre Superiora e a convencer a me deixar levar a caixa.

— Não vejo por que não. Isso faz as antiguidades saírem daqui.

O som de passos descendo a escada fez Brandon chamar: — Bem na hora, Seth.

Ember estava tirando a poeira da caixa quando Seth chegou no sótão.

— Encontrou alguém mais para ajudar com toda essa tralha?

— Isso não é tralha são memórias, memórias perdidas, certo Brandon? — Ember disse.

— Seth, essa é Ember. Ember, meu amigo Seth.

— Oi, — Seth disse, mas Ember continuou em silêncio, o que fez Brandon olhar para ela.

— Ember, o que há de errado?

— Sinto muito. Estou sendo rude, é apenas que você se

parece muito com o meu marido, o que é inquietante.

— De boa. — Seth assinalou a caixa. — O que é isso?

— Uma caixa que um amigo meu gostará muito de ver.

— Eu levarei para você, — Seth ofereceu.

— Obrigada, eu vou ver se encontro a Madre Superiora. — Ember falou antes de começar a descer as escadas.

Brandon andou para perto de seu amigo e silvou: — Eu a vi primeiro.

— Baseado no que me disse, eu duvido que isso importe.

— Sim, ainda assim.

— Você é um idiota. — Seth disse e riu quando seu amigo o empurrou.

Ember continuou a descer as escadas e, embora estivesse lisonjeada por Brandon ter uma queda por ela, seria muito cuidadosa para não incentivá-lo.

Capítulo 7

— Pegue ambos. — Darcy se virou para ver Lucien segurando uma cesta de compras. A visão dele fazendo algo tão rotineiro teve um efeito estranho nela: isso a deixou triste. Ela lançou um olhar para a cesta e avistou o pudim, o que a fez sorrir, mesmo com a sua dor no coração.

— Ainda gosta de pudim, eu vejo.

Se ela não estivesse parada ali, observando, nunca teria acreditado que Lucien Black pareceu envergonhado, mas ele se recuperou rapidamente.

— É um vício.

Na semana depois que foi atrás de Kenneth, Lucien passou mais tempo no escritório, e eles estavam, definitivamente, fazendo progresso no departamento de amizade. O problema era que, estar tão perto dele de novo apenas reforçou o que ela já sabia. Não queria ser apenas amiga dele.

Numa tentativa de diminuir a ânsia por algo que ela não poderia ter, parou na mercearia em seu caminho para casa, depois do trabalho. Sorvete era um substituto fraco, mas mendigos não podiam escolher.

E foi quando ficou parada na frente do freezer, tentando decidir entre New York Super pedaços de caramelo ou Half Bake, até que a voz do homem que ela estava tentando esquecer surgiu atrás dela.

— Você compra aqui frequentemente?

Assim que as palavras saíram, ela quis bater a própria cabeça contra o freezer, repetidamente. Agora estava envergonhada por ser tão idiota.

Ele pareceu sentir o que ela estava passando e respondeu:

— É conveniente.

— Comprando para uma pessoa só? — Era isso. Realmente estava numa onda de estupidez agora.

Algo apareceu nos olhos dele antes de olhar para a cesta dela.

— Sim, igual a você.

Ele a estudou por alguns minutos, seus pensamentos para si mesmo, e então perguntou:

— Você já jantou?

Nervosismo desceu pela sua espinha enquanto a empolgação fez seu coração bater mais rápido. — Não.

Ele levantou a cesta de compras. — Eu não sou capaz de comer tudo isso sozinho.

A memória bateu tão forte que sentiu lágrimas queimando em seus olhos. Sabia que ele sentia isso também, pois, embora ele parecesse despreocupado, sua mandíbula cerrou.

— Você é um mentiroso terrível, mas eu adoraria.

Ela assistiu enquanto o peso que ele sempre parecia carregar simplesmente saiu dos ombros dele antes que pegasse a mão dela.

— Eu conheço um lugar perfeito.

***

Eles sentaram embaixo de uma árvore no parque e comeram um jantar que consistia inteiramente em pudim de chocolate. Darcy lambeu a colher antes de devolver para Lucien.

— Você alguma vez já trocou isso e comeu de baunilha?

O sorriso que ele lhe deu era tão juvenil que por um momento o viu com dezesseis anos fazendo a mesma coisa de agora.

— Não. — Quando ofereceu a colher, ela levantou a mão.

— Eu não posso comer nem mais uma colher. — Ela se inclinou contra a árvore e o observou cavar no pequeno copo para conseguir pegar até o menor resquício de pudim. Nesse momento a lembrou tanto do garoto que ela conhecia, mas ele já não era mais esse garoto. Um olhar para as roupas dele, as quais custaram mais do que ela conseguia em uma semana, era prova disso.

— Você está feliz? — Essa era a pergunta que esteve esperando para perguntar, mas nunca teve coragem para isso. Mas o compartilhamento da memória do pudim e de quão boas as coisas já foram entre eles alguma vez fizeram as palavras fugirem de sua boca. Ela ficou tensa, preparada para a raiva que sabia que havia nele. Ele a estudou por um minuto e então levou mais um tempo para jogar o copo numa sacola que estavam usando como lixo. Assumiu que esse era o modo dele de não responder, mas então a cabeça dele levantou e encontrou seu olhar.

— Você está?

Ela levou um minuto para pensar sobre isso, já que era algo em que realmente nunca se aprofundou.

— Eu tenho sido alegre. Feliz, eu acho, é uma palavra forte, mas eu não tenho estado triste.

— Como está sua mãe?

Darcy descansou sua cabeça contra a árvore e olhou para as estrelas. —Ela está bebendo até morrer e dormindo com qualquer coisa que tenha um pulso. Mas eu não posso cortar a

corda, porque no fundo eu temo que terminarei igual a ela, miserável e sozinha.

A pergunta dele foi tão baixa que ela não tinha certeza de que ele a fez. —Você está sozinha?

Sentada na grama, ela se voltou para ele. Como parecia natural, e ainda assim estava igualmente confortável em ternos, socializando com os ricos e famosos. Sua pergunta não era algo que podia responder honestamente, todos os homens que entraram na vida dela sempre tinham algo faltando. Ela sabia o que esse algo era, mesmo que tentasse ignorar isso. Nenhum deles era Lucien.

— Sozinha, mas não sempre solitária. — Ela ficou em silêncio por um minuto antes de adicionar. — Eu quero saber o que você tem feito nos últimos quatorze anos, mas eu não acho que tenha o direito de perguntar isso.

Ele a observou em silêncio antes de o mais leve dos sorrisos curvar um dos cantos de sua boca e se inclinou e puxou uma mecha do cabelo dela.

— O que você quer saber?

— Você me perdoou?

Em resposta a sua pergunta ela viu um lampejo de dor antes que ele perguntasse: — Por não aparecer?

— Por não seguir meu coração e por quebrar o seu.

O silêncio se estendeu por tanto tempo que se tornou estranho; Darcy estava tentando encontrar algo para mudar de assunto quando Lucien abruptamente se levantou. Darcy sentiu vontade de se chutar por abordar uma memória tão dolorosa. A amizade que eles tentavam reconstruir estava agora em chamas. Ela estava prestes a abrir a boca e pedir desculpas quando ele se abaixou e esticou a mão para ela. Ela deslizou sua mão na dele e

sentiu o calor, que sempre flamejava quando eles se tocavam, subir por seu braço. Ele a puxou para seus pés, mas não soltou sua mão. Eles ficaram alguns minutos apenas se encarando até ele dizer.

— Está tarde. Vou lhe chamar um taxi.

***

Darcy teve que sufocar um suspiro quando pensou sobre Lucien e ela jantando no parque. Nunca pensou que ele novamente olharia alguma vez para ela do jeito que fez na noite passada: com afeição. Eles podiam nunca voltar a ter o que tinham, mas estavam encontrando um caminho como amigos, e isso era muito mais do que já esperou.

Preocupação se agitou em seu estômago, pois eles estavam conversando regularmente e então ela não tinha, realmente, uma desculpa para não lhe contar o seu segredo. Medo a estava mantendo em silêncio agora. Ele a odiaria como ela se odiou? Ele se afastaria dela novamente? A ideia de perdê-lo logo depois de tê-lo encontrado era o suficiente para deixá-la de joelhos. Ela não podia evitar contar para sempre, mas não precisava fazer isso hoje.

Levantou-se e andou até a porta dele, batendo levemente.

— Entre.

Darcy abriu a porta e caminhou até a escrivaninha, agenda na mão. Ela não perdeu tempo com cumprimentos, mas foi direto aos negócios.

— Você tem almoço com Declan Grant no Savannah ao

meio-dia, um encontro às duas horas com Kenneth para discutir sobre o novo menu do Tapas, e jantar com Candy ou Sandy no Clover às sete horas.

Lucien deixou de olhar seus papeis e olhou para cima. — Bem, é Candy ou Sandy?

Ela rolou os olhos para ele antes de murmurar: — É claro que haveria uma Candy e uma Sandy. Eu não sei. A voz dela era tão alta que estava quase fora do alcance do ouvido humano.

Lucien se inclinou para trás em sua cadeira enquanto um sorriso aparecia em sua boca. — Você acabou de fazer uma piada?

O olhar inexpressivo que ela lhe deu em resposta deveria ser o suficiente. — Não, meramente constatando um fato.

Ele a observou por um minuto.

— O que mais você está pensando?

— Eu? Pensando independentemente? Vou me esforçar para esmagar essa característica não atraente imediatamente.

— Significado?

— Candy e/ou Sandy? Eu tenho que soletrar? Oops, com esperança não na frente delas ou elas estariam completamente perdidas.

Instantaneamente o humor voou de sua expressão e raiva ficou no lugar. Foi tão de repente e tão dramático que Darcy sentiu seu coração cair até o estômago. As próximas palavras dele foram cortantes e com raiva.

— Minha vida pessoal não é da sua maldita conta.

Isso doeu, mas novamente, ela tinha cruzado a linha.

Eles eram amigos, ou estavam trabalhando nisso, mas alguns tópicos apenas estavam fora de cogitação. Não estava mais tão rápida em responder, e quando o fez, a sua voz havia perdido

a provocação que tinha um momento atrás.

— Sinto muito. Você precisa de algo?

— Não.

Ela não hesitou em se afastar dele, fechando sua porta atrás dela com um *click* decidido.

***

Na hora que Lucien encerrou o dia, já era tarde da noite. Ele tinha cancelado o jantar com Candy já que ela não era a pessoa com quem queria compartilhar a noite. Desligou as luzes de seu escritório e olhou para o corredor para ver que Darcy já havia ido embora. Sentiu-se mal por mais cedo, mas não pôde ajudar com a amargura que as vezes saia de lugar nenhum e ameaçava sufocá-lo. Ele deveria ter superado isso, pelo amor de Deus. Isso foi há fodidos quatorze anos atrás, mas ele não superou e se perguntava se algum dia iria. Como seus sentimentos por perder Irmã Anne, um lugar nele iria sempre estar vazio por perder Darcy; ele estava começando a perceber que Darcy havia clamado por um pedaço de seu coração que seria sempre dela.

Allegro estava lotado quando ele atravessou o clube, procurando por Darcy para se desculpar por ser tão idiota. Sabia que geralmente ela ia para um drink depois do expediente, mas quando a encontrou ela não estava sozinha.

A cabeça dela estava levemente inclinada então ele podia ver o sorriso e a forma com que seus olhos estavam brilhando do excesso de álcool.

O homem estava tocando nela, um leve roçar de seus dedos nas costas de sua mão, e sentiu um desejo primitivo de rasgar o bastardo em pedaços por tocar no que era dele.

No próximo minuto, o bastardo descarado pegou a mão de Darcy e a levou do bar para a pista de dança. Mesmo que a música fosse agitada, ele a puxou para perto enquanto a reivindicava, pelo menos pela noite, ela era dele.

Deveria ser nos braços dele que ela ficaria e seu corpo pressionado contra o dele. Eles pertenciam um ao outro, então por que ele constantemente a empurrava para longe? Essa era uma pergunta fácil de responder: era um idiota. Moveu-se para o final do bar, o lado oposto de onde Darcy e seu amigo estiveram sentados, e assinalou para Tara.

— Hey, chefe, o que posso fazer por você?

— Whisky puro.

— É para já.

Tara colocou um copo na frente dele e serviu-o com o Scotch. Ela percebeu os olhos de Lucien na pista de dança.

— Darcy fez um amigo. Ele tem a observado por algumas noites e finalmente tomou coragem para fazer um movimento.

Lucien abaixou seu whiskey e tocou na borda do copo, indicando que queria outro.

— Sabe algo sobre ele?

— Ele é um regular. Parece vir principalmente pela música, como Darcy. Sem problemas, chefe, estamos cuidando dela.

— Bom.

***

— Você tem certeza que realmente tem álcool nesse drink, Tara? — O zumbido não estava vindo rápido o suficiente. Darcy não tinha planejado ficar bêbada, mas o entorpecimento a mantinha longe de pensar sobre como tinha fodido tudo mais cedo com Lucien.

— Dobro de álcool, como você pediu. — Darcy quase tinha esquecido que fizera a pergunta a Tara.

Sua mente tendia a divagar quando ela bebia demais.

— Não posso sentir isso. — E ainda assim sua boca parecia grande demais para a boca dela. A ideia da sua língua crescendo exponencialmente até atingir o chão provocou um ataque de risadinhas.

— Quem é seu encontro?

— Não é meu encontro. Ele é um homem legal que queria beber e dançar. Eu acho que está no toalete.

— Como você vai para casa, Darcy? — Tara perguntou.

Darcy deu de ombros, o que levou Tara a dizer: — Não vá sozinha, entendeu?

A continência que fez se transformou numa batida forte em seu nariz, o que fez suas risadinhas virarem para risadas.

— Talvez você devesse comer algo. Eu vou pegar o menu para você.

— Só escolha algo. Eu comerei qualquer coisa, — Darcy disse.

— É para já.

Sua atenção estava em Tara, então não sabia que Lucien havia chegado perto dela até ele dizer seu nome. Ela se virou tão rápido em seu banquinho que quase caiu. Os rápidos reflexos de

Lucien preveniram uma cena realmente humilhante.

— Você está bem? — pergutou, mas Darcy estava mais focada no fato de que as mãos dele ainda estavam nela.

Sim, ela sabia que era por que não queria que ela caísse e o processasse, mas era uma sensação realmente boa. Ela se deu outro minuto para aproveitar o sentimento de suas mãos quentes sobre ela antes de bater as suas próprias mãos no balcão tão forte que sentiu o impacto por todo caminho até as articulações do ombro.

— Darcy?

— Mãos são engraçadas, você não acha? Mas não tanto quanto pés. — Ela se inclinou para frente para olhar os pés, o que quase a fez escorregar do banco de novo. Lucien a estabilizou. O olhar dela foi até as mãos dele.

— Não as suas. — Darcy disse.

Darcy viu o sorriso que torcia a boca dele. Ela queria beijá-lo até ficar sem ar e se sentiu inclinar na direção dele.

— Não as minhas o quê? — Havia humor em seu tom.

Os lábios dele se moviam, mas ela não escutou o que disse, pois estava ocupada demais visualizando a língua dela na boca dele.

— Darcy?

— Hum.

— Não as minhas o quê?

Oh, certo, mãos.

— Suas mãos são lindas.

A expressão dele deixou seus olhos mais escuros, e a visão disso fez com que as palavras que sempre estiveram na ponta de sua língua caíssem da sua boca.

— Você é tão fodidamente lindo.

Ele se aproximou tanto que ela sentiu a agitação de sua respiração contra a boca dela. O momento sumiu rapidamente, quando o homem, Kevin, voltou.

— Hey, Darcy.

Ela queria bater em Kevin, pois estava quase certa de que se ele não tivesse aparecido, a boca dela estaria agora na de Lucien, mas controlou a vontade e sorriu.

— Oi Kevin, esse é meu chefe Lucien. Lucien, Kevin.

Darcy não viu o olhar que Lucien deu, por ela ter se referido a ele como seu chefe, porque estava ocupada demais contemplando como mais poderia ter apresentado ele.

— Está pronta para ir para casa, Darcy? Eu te levarei se você estiver.

Ele era doce, Kevin, e ela deveria ir com ele, mas isso era meio difícil de fazer no momento, pois as mãos de Lucien ainda estavam nela. Antes que pudesse dar uma desculpa, Lucien disse:

— Eu a levarei para casa. Está no meu caminho.

Kevin pareceu ter a noção de não argumentar com seu chefe. Estava tonta pelo álcool, mas havia um toque de estranhamento nela por Lucien estar sendo tão prepotente quando havia sido ele que, naquela manhã, tinha traçado uma linha na areia em relação ao relacionamento deles.

Kevin estava olhando para ela com expectativa, então ela disse: — Talvez amanhã eu te veja. Geralmente fico um pouco aqui toda noite.

— É um encontro. — Ele olhou para Lucien enquanto dizia isso, lançando um desafio silencioso. Darcy riu alto.

— Não se preocupe com ele. Ele é só meu chefe. Não sou mais o tipo dele. Ele não pode me perdoar por algo que fiz há quatorze anos. Não posso culpá-lo, mas pense sobre guardar

rancor.

— Eu te vejo amanhã, então. — Kevin se inclinou e pressionou um beijo nos lábios de Darcy, apesar de Lucien estar pairando sobre ela como uma mãe protetora. Ele se virou e andou para longe e Darcy sorriu.

— Vamos, Darcy. — Lucien começou a pegar seu pulso, mas ela o parou.

— Eu tenho que pegar minha bolsa no escritório.

— Eu pego, — Lucien disse antes de olhar para Tara. — Você pode observar Darcy por um minuto? Eu já volto.

— Claro, chefe. — Ela colocou um prato de Nachos na frente de Darcy. —Coma isso enquanto você espera.

— Oh, boa escolha. — Ela estava comendo os cobertos de queijo quando Lucien retornou.

— Está pronta?

Ela colocou o último nacho em sua boca e lambeu seus dedos. — Sim. —

Ele pegou a mão dela e entrelaçou seus dedos antes de falar para Tara.

— Até amanhã.

— Boa noite, chefe. Boa noite, Darcy.

***

Estava surpreendentemente frio quando eles saíram. Sem ter que pedir, o manobrista correu para pegar o carro de Lucien, e Darcy se perguntou como era ter tantas pessoas prontas para fazer suas vontades.

— No que você está pensando?

Ela virou sua cabeça para longe dele para esconder o seu sorriso, pois era um dos lacaios ansiosos para fazer tudo para esse homem. — Nada.

— Você está se sentindo bem?

— Sim, eu não vou ficar enjoada no seu carro.

Ele tocou sua bochecha e virou o rosto dela para ele. — Não é por isso que perguntei. Eu não ligo para o maldito carro.

— Eu já vi seu carro. Você está mentindo.

Ele não disse nada, mas o olhar que lhe deu fez o sangue dela ferver. Claramente estava alucinando. Estava provavelmente deitada de cara no chão do banheiro e sonhando sobre toda essa noite. O sonho era muito realista; o som do ronronar de um grande gato selvagem que o carro de Lucien fazia reverberou pela rua segundos antes do lustroso carro preto parar na frente deles.

— Charger 69, certo? — Darcy perguntou.

Ela não perdeu o flash de orgulho nos olhos dele antes de dizer: — 68.

— Eu imagino que custou um bom dinheiro para ter esse carro na cidade, já que tenho certeza que você não estaciona em qualquer lugar.

Ele lançou um sorriso. — Valeu cada centavo.

Lucien abriu a porta e ajudou Darcy a entrar, indo tão longe quanto podia para fechar o cinto de segurança antes de dar a volta e entrar no banco do motorista. Um momento depois eles estavam cruzando a rua. Ela encostou a cabeça contra a janela e fechou os olhos. Na sua imaginação, eles estiveram num encontro e estavam indo para casa para fazer amor. A ideia disso foi tão crua que Darcy sentiu luxúria atingir suas terminações nervosas. Deve ter feito algum som, porque Lucien perguntou no que ela estava pensando. E respondeu sem pensar:

— Em você.

Quando percebeu o que tinha dito, ela queria se atirar do carro em movimento. O que havia de errado com ela? Era por essa razão que deveria evitar álcool em excesso. Ele ficou em silêncio pelo resto da viagem, estava provavelmente com medo dela se jogar em cima dele quando a ajudasse a sair do carro. Ela não o fez, embora. Tentadora quanto era a ideia, manteve suas mãos e seus pensamentos para si mesma.

Eles chegaram ao prédio dela ao lado da Times Square e, apesar do seu mau humor, ela estava feliz por estar em casa. Amava isso aqui: as multidões, as luzes, e o caos geral. Fora isso o que a atraíra para essa parte da cidade, era difícil se sentir sozinha quando havia tanto ao seu redor.

Eles subiram as escadas até o terceiro andar. E então foram até a porta de seu apartamento, ele parecia quase com pressa de se livrar dela. Se estava com tanta pressa, por que diabos a levou até em casa? Sentiu raiva de novo, mas tentou afastar isso, pois, independentemente do motivou, ele a levou a salvo para casa. Ela destrancou a porta e entrou. Lucien a seguiu.

— Você ficará bem? — Mesmo a voz dele soava tensa. Ela sentiu as lágrimas e odiou a si mesma por elas.

— Estou bem. Obrigada pela carona.

Ele silenciosamente a observou, as mãos dele entrando no bolso da calça. Não podia lê-lo, mas achou que ele estava tentando determinar a menor quantidade de tempo que ele precisava ficar sem parecer rude. Ela estava prestes a tirá-lo de sua miséria quando ele foi até a porta.

— Vejo você amanhã.

Ele fechou a porta antes que ela tivesse tempo de responder, o click da porta fechando ecoando como um tiro em

seu apartamento silencioso. Ela se inclinou contra a porta e deixou as lágrimas caírem por ser tão fodidamente idiota quando o assunto era Lucien.

Capítulo 8

Darcy não estava certa de como conseguiu evitar Lucien pela próxima semana. Ela não tinha pedido para que ele interferisse naquela noite com Kevin, mas ele o fez de qualquer forma, e agora ela suspeitava que ele estava a evitando.

Quando ele lhe encaminhou um convite para algo que era obrigação dela, a sua primeira impressão era de que a estava chamando para acompanhá-lo, mas então a sanidade retornou quando percebeu que provavelmente deveria ir no lugar dele. E então descobriu que nenhuma hipótese era verdade quando ela checou a agenda dele e viu que ele tinha escrito o evento a lápis. Isso era como um tapa em sua cara e, por isso, ela decidiu tirar o resto do dia para ela e ir fazer compras. Ela precisava de um vestido, e ainda melhor, ele não estava lá para lhe dizer que ela não podia.

Infantilidade, sim, mas ela era superior a tudo. Até poderia pagar pelo jantar e mandar a conta para ele, pois se ele tivesse um problema com isso seria forçado a engolir e falar com ela. Ela estava sorrindo quando desligou o computador.

***

O jantar de gala anual dos proprietários de restaurantes era um evento enorme realizado todos os anos, e era a oportunidade perfeita para Darcy encontrar os fornecedores com quem estava trabalhando diariamente. Lucien estava tentado a

chamar Darcy para ir com ele, mas as coisas entre eles estavam suspensas desde aquela noite, há uma semana, quando ele a levou para casa. Então ele chamou uma de suas incontáveis amigas. Sempre se sentiu orgulhoso por ser uma pessoa com bom temperamento, mas desde que Darcy voltou tem agido como um completo lunático.

Poderia ser honesto consigo mesmo e reconhecer que estava agindo como um doente mental, pois apesar de tudo o que aconteceu entre eles, ele ainda queria Darcy tão selvagemente quanto quando eram adolescentes. Mas por ser um filho da puta do contra, toda vez que considerava a ideia de andar por essa estrada com ela novamente, a sua autopreservação lhe dava um chute para lembrá-lo do quão insensivelmente ela tinha sido ao se afastar de tudo o que eles tinham planejado.

Ele estava preste a pegar um drinque para seu encontro quando levantou a cabeça e quase derrubou a taça de vinho que segurava. Seu coração saiu à galope. Darcy. Ela era uma visão em branco, o fluido vestido insinuando o pequeno, mas tonificado corpo sob dele. Ela estava etérea: como um anjo que acabara de cair dos céus.

Estava perfeita.

E então os olhos dele pararam no homem que a seguiu para dentro. Ele foi interrompido de lançar adagas com seu olhar quando sua acompanhante chegou perto dele.

— Lucien? — Sua mandíbula cerrou, mas tirou sua atenção de Darcy e se virou para o seu encontro.

Para sua surpresa, sua voz não o traiu quanto ao que estava realmente sentido: ciúmes tão forte que torciam suas entranhas — Vamos encontrar um lugar.

***

Era como se ela estivesse num desses pesadelos onde estava parada, pelada no meio da cafeteria da escola. Na realidade, ninguém a estava encarando. Não estava sendo apontada enquanto as pessoas sussurravam atrás das mãos, mas ela malditamente se sentia como se estivesse. Darcy inconscientemente alisou o vestido enquanto tentava acalmar suas selvagens batidas de coração. Ela nunca esteve em um evento como esse. Sookie tinha sido bem sucedida, mas era um pequeno negócio familiar. As pessoas nessa sala comandavam 95 por cento dos restaurantes da cidade, ela tinha feito uma pequena pesquisa para se preparar.

Apesar do nervosismo, levou um minuto para admirar o salão com suas mesas cobertas por toalhas de tecido, acentuadas por enormes arranjos de flores frescas e com talheres requintados. As pessoas no salão estavam vestidas com marcas que ela tinha visto apenas em revistas. Ela se sentiu assustava e animada ao mesmo tempo.

— Quer uma bebida?

Ela voltou-se para seu par: Kevin. Ela apreciava a companhia de Kevin e por sorte, aconteceu que ele possuía o Smoothie Hut – uma franquia, aparentemente – e estava vindo para o evento de todo modo. Era infantilidade, mas ela estava agradecida por ser Kevin o seu encontro, pelo quão bem ele e Lucien se deram. Era uma pequena estupidez, mas uma muito gratificante. Podia ser que os olhos verde mar dele não a lançassem para o caos com apenas um olhar, mas definitivamente

tinha potencial. Ele era legal, engraçado, e sexy com seu cabelo castanho.

— Vinho, por favor. — Ela respondeu.

— Eu já volto.

Ela olhou o salão a procura de Lucien, porque estava esperando encontrá-lo para apresentá-la a todos, mas o avistou em um canto com seu par, e negócios era a última coisa na mente dele.

Uma mesa estava arrumada com as etiquetas com nomes, o que era uma enorme ajuda, então ela cruzou o salão e encontrou o dela e de Kevin. Ele voltou com as bebidas, logo quando ela avistou o fornecedor com quem havia falado no outro dia, então endireitou seus ombros e andou para se apresentar.

***

— Você fez isso muito bem. Falou com todos que esperava conversar? — Kevin perguntou uma hora mais tarde.

— Espero que sim. Não foi tão ruim depois da primeira apresentação. — Ela apertou as mãos dele. — Obrigada por ser meu braço direito.

— O prazer foi meu. — Ele olhou para sua taça vazia. — O jantar começará num minuto. Você gostaria de outra taça de vinho?

— Sim, por favor.

Ele hesitou por um momento antes de roçar seus lábios na bochecha dela.

— Eu já volto.

Ela o observou ir, e seu coração bateu apenas um pouco mais rápido.

— Você está, certamente, abrindo seu caminho pela população masculina.

E então seu coração parou totalmente antes de guinar num ritmo rápido. Ela se virou para Lucien enquanto as palavras dele caíam e a raiva veio à tona.

— Como alguém uma vez afirmou tão eloquentemente, minha vida pessoal não é da sua maldita conta.

As palavras dela tiveram o efeito desejado quando os olhos de Lucien se escureceram de raiva antes de se virar e afastar-se sem outra palavra. E então ela se preocupou em afastar Lucien de sua mente, antes que seu par voltasse. Mas durante todo o jantar permaneceu ansiosa. Ele não apenas não a apresentou para os *seus* fornecedores, mas implicou que ela estava sendo uma vadia por fazer contato por si mesma. Ela estava tão irritada que finalmente o procurou.

A acompanhante dele estava jogada sobre ele como um fodido poncho[{5}]. Ele a olhou friamente e ela estava tão fria quanto ele quando perguntou:

— Podemos conversar?

Ele removeu seu par facilmente e levou Darcy para um local calmo.

— Sim?

— Você está me chamando de puta, porque estive atrás das pessoas que você me pediu para conhecer? Não foi por isso que você me chamou aqui nesta noite?

Ela viu um flash de culpa nos seus olhos, mas estava fodidamente farta da merda dele.

— Eu cometi um erro há quase metade da minha vida. Eu

pensei que estávamos acima disso, mas claramente você não está então me deixe lhe dar um conselho: fodidamente supere isso, — ela disse

— Talvez eu não possa.

— Então eu vou me demitir, porque eu já cansei, me arrependi e me culpei o suficiente pelo que aconteceu e deixei você cavar mais ainda por que lhe devia isso. Mas eu não vou pagar uma pena pelo resto da minha vida por uma decisão que fiz quando era uma criança assustada. Cresça, Lucien, pois você é o único errado agora, mas você é velho o suficiente para reconhecer isso.

E então ela virou-se com uma nuvem de branco e se afastou com a cabeça erguida.

***

Lucien caminhou por seu escritório, mas sua culpa estava pesando. Não podia acreditar que havia realmente implicado que Darcy era uma puta na noite passada. Talvez tivesse um tumor cerebral, mas sabia que isso não era verdade. Ele sóhavia começado a agir como um completo idiota no dia que Darcy voltou para sua vida. Sabia o que havia provocado, e mesmo que quisesse dizer que fora sua raiva ou sua necessidade de autopreservação, essa também não era a razão. Ele estava fodidamente com inveja – com tanta inveja de qualquer homem que a tocava – então, é claro, sendo o adulto maduro que era, a chamou de puta.

Não dormiu, nem uma piscada porque estava tentando descobrir como pedir desculpas, realmente pedir desculpas. Ela

estava certa. Ele era o errado e deveria saber disso. Passou seus dedos através de seu cabelo antes de andar até a porta e a abrir. Havia dado a ela o escritório bem ao lado do seu e a encontrou trabalhando na escrivaninha.

— Podemos conversar por um minuto?

Ela olhou para cima e, como se estivesse programada para isso, sorriu, mas o maldito sorriso não parecia verdadeiro.

— Claro.

Ele entrou no escritório dela, mas não sentou porque estava se sentindo muito nervoso.

— Eu sinto muito. Tenho sido um idiota.

A resposta dela foi se inclinar para trás em sua cadeira e entrelaçar os próprios dedos. — Continue.

— Você não deixará isso mais fácil, vai?

— Eu acho que não, não.

Ele tinha que sorrir para a sua honestidade. — Eu já lhe perdoei.

— Realmente? Eu não consigo ver isso. Eu acho que você quer me perdoar, mas apenas não consegue. Toda oportunidade que você tem para me atingir, você utiliza. Isso não é perdoar, é vingança. Eu entendi. Eu te machuquei, mas isso foi há quatorze anos. Não somos mais aquelas pessoas.

— Você está certa.

— Eu quero trabalhar aqui. Quero trabalhar para você. Quero você em minha vida, Lucien, pois você já foi meu melhor amigo uma vez. Eu nunca mais tive, na época ou agora, ninguém que significou para mim o que você significou.

Ele caminhou para sentar no topo da mesa dela enquanto um sorriso puxava os lábios dele. — Vejo que você vai tornar isso mais fácil. Você sempre teve um jeito de ir direto ao coração do

assunto e, ao mesmo tempo, tirar meu chão.

— Eu não posso continuar numa posição de ser atingida por você, particularmente quando meus pés não estão firmes o suficiente sozinhos.

— Eu sinto muito, Darcy. Eu estou realmente, realmente, arrependido. Eu quero você aqui. Aquilo foi antes e isso é agora. Você me daria outra chance?

Ela revirou os olhos, algo que frequentemente fazia quando o perdoava, antes de dizer.

— Está bem.

Ele andou até a porta, mas olhou para ela por sobre seu ombro. —Almoço?

— Desculpe, eu já tenho planos.

***

Darcy sentou-se no Allegro escutando Kevin falar sobre seu dia quando ela sentiu um choque através de sua espinha e logo sabia que Lucien havia chegado. Era uma triste situação quando seu corpo reagia mais por alguém evidentemente do outro lado da sala do que pelo homem realmente legal sentado ao lado dela.

Darcy tinha saído com Kevin quatro vezes na última semana e queria tanto sentir a faísca, queria continuar com sua vida. Ele era um cara tão legal. Mas não era ele que a mente dela perseguia, mesmo quando estava falando com ela como fazia agora. Era patética, verdadeiramente patética.

E então ela viu Lucien andando através da sala, e

imediatamente seu corpo estava vibrando de excitação. Sabia que os olhos de Lucien estavam nela, então manteve o olhar em Kevin. Ainda assim seus mamilos endureceram e se recusou a admitir que a dor entre suas pernas fosse por culpa de Lucien a despindo com seus olhos do outro lado do salão. E então ela olhou para Lucien, e o sexy, presunçoso bastardo piscou para ela. Piscou!

Sim, ela era patética. Kevin nunca teve uma chance.

Foi depois do quase orgasmo de um simples olhar a uma semana que a brincadeira sexual entre ela e Lucien começou. Ele sabia que ela seria receptiva.

Frequentemente ele apenas pararia muito perto, seus braços roçariam os delas, ou seus dedos trilhariam uma linha para baixo desde o pescoço. Mas eram os olhares, os que diziam: "*eu já lhe vi nua antes e quero fazê-lo de novo*", que eram os mais difíceis para ela. Toda vez que ele lhe dava esse olhar ela queria arrastá-lo para o chão e devorá-lo. Ela suspeitava, mas não sabia com certeza, que ele estava batalhando contra os mesmos sentimentos. Esperava que sim, porque não era certo que apenas ela sofresse, mesmo que fosse uma excelente tortura.

***

Naquele mesmo dia Lucien assistiu enquanto Darcy lutava para fazer a impressora funcionar. Mesmo distante podia ouvir os palavrões, os quais lhe fizeram sorrir. Fazia uma semana desde que o relacionamento deles havia feito uma agradável volta. Ainda era tão agressiva quanto ele lembrava e não era difícil para ele

recordar por que se apaixonara por ela em primeiro lugar. A disputa deles era baseada em preliminares verbais, e ele fodidamente a desejava.

Os seus olhos se moveram por ela. Seu corpo não era nada como o que ele conhecia, com curvas que suas mãos coçavam para tocar. O seu cabelo estava para cima, embora o preferisse solto, e cachos escapavam do nó. Ele lembrava vividamente da visão do cabelo dela espalhado pelo travesseiro dele. Tinha que admitir que ainda era tão interessante para ele quanto havia sido há quatorze anos.

Apesar de tudo, ainda era a sua Darcy – doce, inteligente, e ingênua, exceto naquele momento. Ela parecia pronta para tacar fogo na impressora, então ele foi ajudá-la. Enquanto se aproximava, ela estava realmente encarando a bandeja do papel, gritando para as criaturas que viviam ali dentro.

Ele riu, o que deve tê-la pego de surpresa, pois saltou para trás e acabou pisando em cima do pé dele.

— Porra! — ele xingou.

— Desculpe.

Ele olhou para as sandálias de tiras com salto alto o suficiente para estacar um vampiro, e teve a visão daquelas pernas suspensas sobre os seus ombros. Instantaneamente, ele estava duro.

— Eu estava prestes a lhe oferecer ajuda. A impressora pode ser temperamental, mas agora estou sangrando por uma ferida de estaca.

Ela não perdeu uma oportunidade. — Isso provavelmente nem atravessou a pele. O que é que vocês caras falam? É só jogar alguma sujeira dentro.

Ele lançou um olhar para os saltos dela. — Essas coisas

deveriam ser listadas como armas letais.

— Dificilmente. Há, de longe, maneiras mais baratas de se matar alguém. — Ela se inclinou para olhar dentro da impressora novamente e Lucien usou a oportunidade para checar a curva da sua bunda na pequena preta saia que ela vestia.

— Pare de encarar a minha bunda e me ajude.

Nem um pouco arrependido por ter sido pego encarando, ele respondeu facilmente. — É um congestionamento de papel.

Ele pensou que estava ajudando e quando ela se endireitou lentamente, se divertiu com a noção de que ela estava lutando contra a necessidade de se jogar nos braços dele em gratidão. Um olhar para seu rosto, no entanto, e sabia que não era isso.

— Seus poderes de dedução são impressionantes. Seriamente, você deveria fazer um seminário sobre domínio do óbvio.

Ele tentou não rir, mas perdeu a batalha. E ela respondeu arrancando um pedaço dele com sua língua afiada

— Eu sei que é um atolamento de papel, Sherlock, eu apenas não consigo encontrá-lo.

— Geralmente fica na parte de trás, — Lucien disse enquanto alcançava a traseira da impressora, seu braço roçando o dela de propósito. Darcy sugou o ar em resposta, o que fez suas bolas se apertarem. Ele desatolou o papel e o liberou.

Virou-se para ela com um sorriso presunçoso, o qual ela retornou com uma precisão fantástica antes de dizer:

— Obrigada. Eu quase perdi a calma.

— Quase?

Um leve sorriso tocou seus lábios. — Eu deveria ir imprimir meu trabalho.

— Provavelmente, a menos que você consiga que o pequeno homem que vive dentro da impressora faça isso por você.

— Brownies.

— O quê?

Ela riu: — Não os assados, as pequenas e travessas criaturas místicas.

— Eles vivem dentro da minha impressora?

— Talvez. — Ela começou a ir para longe, mas parou e se virou para ele. — Obrigada.

— Jante comigo esta noite.

Ela o olhou por trás de seus cílios antes de dizer: — Você está pagando.

E então se virou e desapareceu dentro de seu escritório.

***

Ele lhe entregou uma colher gordurosa com que comeram panquecas e bolo de carne. Esse foi o jantar mais ridículo que ela já teve e o que mais apreciou.

Quando eles estavam na calçada do lado de fora da lanchonete, Darcy se virou para Lucien e perguntou: — Você faz isso frequentemente, ter café da manhã e jantar juntos?

— Às vezes eu não consigo me decidir o que quero, então consigo ambos.

Lembrando-se de como a comida era tão limitada no orfanato, não podia realmente culpá-lo. Ele deve ter percebido uma mudança nela, pois a voz dele suavizou.

— Você caminharia comigo?

Emoção subiu pela garganta dela até sufocá-la, enquanto recordava quantas vezes eles saíram em longas caminhadas. Empurrou as mãos dentro dos bolsos da sua calça, mas manteve o cotovelo levantado para ela. Ela deslizou seu braço nele antes de começarem a caminhar. A noite estava quente, mas a umidade estava presente.

Poderia ser mil graus e ela teria absolutamente amado.

— Times Square. — A cabeça dele virou na direção dela e o impacto daqueles olhos fez o coração acelerar em seu peito. — Como é morar lá? Deve ser uma loucura na noite de Ano Novo.

— No começo, eu amei; mas eu agora me certifico de estar em outros locais da cidade no Ano novo.

Ela podia dizer que ele queria lhe perguntar algo, mas parecia debater consigo mesmo se deveria.

— O que você quer saber? — ela perguntou.

— Por quanto tempo você tem vivido lá?

— Eu me mudei para lá logo depois da faculdade.

Ela sabia o que ele estava pensando, tão claramente quanto se ele estivesse dizendo em voz alta: O que aconteceu na vida dela durante os anos em que eles estiveram separados? Como ela passou pela faculdade? Ele não perguntou, embora, e o silêncio lhe machucasse ela seguiu em frente. — Onde você mora?

— Na Upper East Side.

— Aposto que é lindo.

— Talvez alguma hora você possa ir e ver.

E naquele momento não era o homem bem sucedido e confiante que havia se tornado, mas o garoto de dezessete anos desejando, compartilhar um pedaço de seu presente com um pedaço de seu passado. Ela precisava fazê-lo entender que era uma forma de afirmação, então disse: — Eu levarei pudim.

Ela não podia ler o que ele estava pensando, mas sabia que ele estava se esforçando muito para manter o controle. A voz dele soou quase tensa.

— Está tarde. Vou te conseguir um taxi. — Mas antes que fizesse, ele a beijou e ela respondeu instintivamente. Os lábios dele se moveram sobre os dela, moldando-os, e então lambeu seus lábios antes de invadir sua boca. Ele sugou a língua dela enquanto seus braços a rodearam para segurá-la mais perto. Antes que ela quisesse, ele se afastou, mas os dedos seguiram a trilha da mandíbula dela.

Um taxi apareceu, como se conjurado, e Lucien abriu a porta traseira para ela.

— Vejo você pela manhã, Caterpillar. — Ele fechou a porta antes que ela pudesse responder. Ela se virou para vê-lo em pé na calçada, observando-a, suas mãos nos bolsos da frente de sua calça e sua expressão séria. Eles estavam velhos agora, mas ele ainda era o seu Lucien e ela ainda era a sua Caterpillar. Ela sorriu por todo o caminho até sua casa.

***

Na manhã seguinte Lucien caminhava em seu escritório. Ele estava bastante certo de que havia perdido sua cabeça; era a única explicação para tê-la beijado quando eles ainda estavam trabalhando em serem amigos. Mas gostava dela, inferno, era capaz de admitir que a amava. Ele sempre a amou. Estar ao redor dela novamente trouxe isso de volta, e não apenas as coisas ruins. Mesmo quando crianças eles tinham uma conexão que

apenas poucos já experimentaram e apesar de tudo, ainda estava tão forte quanto antes.

Queria levá-la para sair, queria ela em seu braço, queria reivindicá-la. Isso soava bárbaro, mas a necessidade de fazê-la sua era tão forte agora quanto tinha sido naquele orfanato.

Ouviu sua chegada e lhe deu alguns minutos para se estabelecer. Uma vez que chegou ao escritório dela podia dizer, apenas em vê-la, que ela estivera passando pelo mesmo argumento consigo mesma, sobre a sabedoria de passar por aquela estrada novamente. E sabia que ela chegaria à mesma conclusão que ele – eles podiam lutar contra isso tanto quanto quisessem, mas era uma batalha que não ganhariam.

Os olhos dela se levantaram para os dele e sorriu como costumava fazer, de forma fácil e sincera.

— Bom dia.

— Eu tenho uma arrecadação de fundos hoje à noite. Você virá comigo?

Se possível o sorriso dela ficou ainda mais quente. — Eu amaria isso. — E então pareceu que se recordava de algo, adicionou: — Eu precisarei lhe encontrar lá, porque tenho um compromisso antes.

Ele não gostou nem um pouco disso. Rosnou para ela. — Que compromisso?

— É apenas um compromisso que marquei, mas serei sua pelo resto da noite.

Parte de sua fúria lhe abandonou. Um homem podia sonhar.

— Começa às sete na Biblioteca Pública de Nova York da quinta. Eu te encontrarei dentro, na entrada para o Corredor de Astor.

— Estarei lá.

Ele começou a sair, mas a espreitou da porta. — Oh, é traje a rigor, — ele falou com um sorriso.

—É claro que é.

***

O cemitério estava vazio e Darcy ficou grata por isso, já que gostava de seu tempo a sós com Irmã Anne. Ela carregava mudas de plantas, uma pá e suas luvas. Esse era o modo de se recordar não apenas da Irmã Anne, mas de Lucien. Sentia-se mais próxima dele aqui, tocando a mesma pedra que ele tocou incontáveis vezes ao longo dos anos, andando pelo mesmo caminho que ele caminhou.

Ela tivera apenas dois anos com a Irmã Anne – e, infelizmente, por muito desse tempo a freira estivera batalhando contra o câncer – mas a mulher deixara sua marca. Num mundo em que mesmo o clero se envolvia em aparências e políticas, Irmã Anne era uma mudança refrescante, porque ela estava mais interessada no que estava no interior das pessoas.

Lucien várias vezes se referiu a ela como mãe e, havendo testemunhado o relacionamento deles, era algo muito belo de se ver. Darcy lhe disse que mesmo que se sentisse feliz por ter encontrado algo assim, Irmã Anne era mais uma mãe para Lucien do que a própria mãe dela havia sido para ela.

Darcy sentou na frente do túmulo e tirou as plantas que morriam do solo antes de começar a plantar as novas; lantana amarela, heliotrope roxa, petúnia rosa-claro, e stock branca. Como era seu hábito, ela encheu Irmã Anne com os eventos

recentes.

— É engraçado, mas não parece que quatorze anos se passaram. Não é o mesmo que era antes, mas eu acho que tem o potencial para ser ainda melhor. — Ela pegou o regador e observou enquanto a água banhava as pétalas das flores.

—Eu acho que ele é feliz, no modo dele, e sei que eu seria feliz com o homem que ele se tornou. Você fez um ótimo trabalho com ele, Irmã Anne. — olhou seu relógio, o que a fez se levantar. — Eu devo ir. Chegarei atrasada e Sr. Black não tolera atrasos. — Um sorriso tocou seus lábios com a memória.

Ela jogou um beijo para a lápide antes de juntar suas coisas e se afastar do cemitério.

***

Lucien caminhou pela entrada no Astor Hall, checando seu relógio a cada poucos minutos. Ele faria uma trincheira no chão de mármore. Ela estava atrasada, o que era completamente fora do comum para Darcy. Ele se perguntou o que a mantinha longe. O que quer que fosse deveria ser muito importante para ela. O fato de não saber o que essa coisa era, particularmente se envolvia um homem ou não, o fez cerrar a mandíbula.

Dez minutos se passaram; no momento que ele pegava seu celular a porta se abriu e ela entrou. Ele planejou fazer uma palestra para ela sobre atrasos, mas as palavras fugiram com a visão. Ela estava de tirar o fôlego. Seu vestido preto era alto na frente e mais decotado na parte de trás, abraçando suas curvas e atingindo até o chão; mas foi a fenda na perna esquerda que fez

sua boca secar. Com o seu cabelo para cima, o delicado pescoço estava exposto e de repente queria a boca dele bem no encontro do seu pescoço com o ombro. Ele sabia como isso a deixava louca.

A visão dela era como receber um soco, então, para ajudar a manter o equilíbrio, ele decidiu tirar o equilíbrio dela. Ao invés de dizer quão bela ela estava, ele franziu o cenho e disse:

— Você está atrasada. — Ele trouxe a mão dela para seus lábios e pressionou um beijo na palma. — Eu lhe perdoo, no entanto, porque você está absolutamente deslumbrante.

Uma suavidade apareceu em sua expressão e o sorriso dela o atingiu bem no meio do peito. Não queria soltá-la, então manteve sua mão na dele.

— Podemos?

Eles andaram para o terceiro piso, onde a arrecadação de fundos estava ocorrendo numa sala espantosamente ornamentada com murais pintados nas paredes de stucco que fazia parecerem painéis de madeira. Enquanto atravessavam a multidão até o bar, Lucien foi parado por um cavalheiro mais velho. Ele tinha que estar em torno dos setenta anos, e ainda assim era forte e bastante bonito de uma forma distinta; mas foi a forma com que Lucien ficou tenso quando o homem entrou no caminho deles que deu uma pista a Darcy de que esse não era um amigo.

— Lucien Black.

— Juiz.

— Estou surpreso em lhe ver aqui; eu teria pensado que você tinha assuntos mais interessantes do que dar suporte às artes.

— O que mostra que você não sabe nada sobre mim; — Lucien apertou mais a mão de Darcy, e ela podia praticamente

sentir a raiva pulsando a partir dele.

— Quem é sua amiga? Ela não é muito o seu tipo, não é?

Darcy se intrometeu no momento, porque havia sentido que Lucien estava prestes a socar o velho na cara.

— Darcy MacBride, e você é?

Ele não pareceu escutá-la, pois simplesmente a encarou com um olhar estranho em seu rosto. E então, como se seu cérebro tivesse começado novamente, um sorriso se espalhou pelo seu rosto, mas estava longe de ser acolhedor quando ele pegou a mão dela e levou até seus lábios.

— E o que faz uma criatura tão bela com alguém como ele...?

Darcy puxou sua mão e sua voz ficou fria. — Lucien, eu gostaria de uma bebida.

Sem perder uma batida, Lucien a afastou do Juiz.

— Muito bom, Darcy, — ele sussurrou no ouvido dela, e ela olhou para ele, surpresa por ver que seu humor já havia substituído a raiva.

— Que idiota, — ela falou em resposta.

Um pouco depois, Darcy bebericou seu vinho e observou Lucien falar com algumas pessoas importantes pelo salão. Não tinha conseguido afastar seus pensamentos o cumprimento deles mais cedo. Não era tanto o que ele havia dito, mas sim a maneira como ele olhou para ela, como se ela fosse um copo de água e ele um homem sedento.

A cabeça dele virou em sua direção e sorriu, um sorriso secreto que fez o desejo queimar em suas entranhas. Em um minuto estava andando em sua direção, e seu olhar determinado fez o corpo dela pulsar. Ele a alcançou e segurou sua mão antes

de levá-la para longe da multidão. Encontrou uma sala vazia e a conduziu para dentro antes de fechar a porta atrás deles.

— Se você não parar de me olhar desse jeito, eu vou desistir, Darcy, e que as consequências vão para o inferno.

Mesmo que já soubesse da resposta, ela se ouviu perguntar: — Olhar de que jeito?

Ele se moveu para tão perto dela que os corpos estavam quase se tocando. A respiração dele se espalhou pela pele dela enquanto o seu cheiro a enchia. —Como se você quisesse me devorar.

Ela queria. Que os céus a ajudassem, mas ela queria.

— Diga-me que estou errado. — Ele mandou.

As palavras não queriam sair e ela até mesmo foi tão longe quanto lamber seus lábios em antecipação. Os olhos dele se moveram para sua boca e ela viu o quanto ele estava lutando.

— Beije-me, — ela disse.

Ele não precisava de outro encorajamento e a puxou contra ele antes de cobrir a boca dela com a sua. Ela era como uma viciada, desejando o gosto dele. Lambeu os lábios dela e ela suspirou, ele mergulhou sua língua, provando-a com uma perfeição que a deixou fraca. As suas mãos se moveram sobre as costas nuas dela, reivindicando-a, enquanto as mãos dela se moviam por baixo da jaqueta dele para vagar pelos músculos de suas costas.

Ele queria empurrá-la contra a parede, levantar sua saia e afundar dentro dela, mas a auto-preservação o fez se empurrar para longe. Os olhos dela ainda estavam fechados e o desejo trouxera um tom rosado para as suas bochechas. Era tão fodidamente linda, tão malditamente comestível, mas sexo era a parte fácil; era com todo o resto que eles teriam problema.

— Eu não deveria ter feito isso.

— Eu quis, — ela disse simplesmente.

— Eu também quis, mas...

Darcy terminou o que ele pretendia dizer.

— Não é uma boa ideia.

— Fico feliz por você se sentir da mesma forma. — Mas não estava. Ele estava, na verdade, irritado que ela poderia sugerir que algo tão explosivo quanto aquele beijo havia sido uma ideia ruim. Ele ignorou o fato de que estivera prestes a dizer a mesma coisa.

— Nós devemos, provavelmente, sair daqui. Ainda há pessoas para cumprimentar, — ela disse, e embora soasse como se tentasse ser divertida, pareceu falso.

Arrependimento era o que ele sentia, mas era o melhor. Pegou a mão dela, que ficara fria, e entrelaçou seus dedos.

— Sinto muito.

Ela moveu aqueles olhos para ele e viu um brilho lá, como se fosse de lágrimas, mas ela sorriu e apertou sua mão. — Eu também.

Capítulo 9

— Lucien, você está aqui?

Darcy estava no meio de encontrar um arquivo no gabinete, mas olhou para cima para ver uma mulher que era o contrário da preferência habitual de Lucien, boa, uma professora de jardim de infância doce, com cabelos e olhos escuros.

E depois de Lucien ter ido embora na outra noite, o pensamento de que essa mulher estava envolvida com ele fez Darcy de repente se sentir doente, ao contrário das outras, Darcy podia se ver gostando desta mulher.

Quando a mulher se virou e viu Darcy, ela parecia genuinamente surpresa.

— Oh, Oi. Lucien está?

— Não, desculpe, ele teve uma reunião de almoço.

— Certo. Deveria ter ligado primeiro. Eu sou a Ember. Você é nova?

— Sim, comecei há alguns meses. Sou a Darcy.

Malícia brilhou nos olhos da outra mulher antes dela perguntar: — Como é trabalhar para Lucien?

— Ele é realmente um chefe muito justo.

— Eu aposto. Bem, eu não quero retê-la. Você pode deixá-lo saber que passei por aqui?

— Eu irei.

Ela sorriu e começou a se afastar, mas parou e olhou para trás por cima do ombro.

— Você já almoçou?

— Estava prestes a ir.

— Sozinha?

— Sim.

— Gostaria de companhia?

Darcy ficou completamente surpresa. Tinha sido um longo tempo desde que recebera tal simpatia genuína.

— Quero dizer, a menos que prefira comer sozinha. Entendo completamente isso.

— Não, gostaria de almoçar com você.

— Oh, bom. Conheço um ótimo lugar que é perto.

***

O restaurante que Ember escolheu era o Village, um café que servia sanduíche orgânico e sucos. Parecia pouco popular, hippie, acima do beco de Darcy. Elas checaram o quadro negro de ofertas do dia antes de pegar numa mesa pequena de bistrô com um guarda-sol para mantê-las frescas no sol brilhante da tarde. Uma vez que elas estavam sentadas, uma garçonete veio e anotou suas bebidas.

— Estes vasos de plantas são bonitos. O arranjo. Vou tentar copiar para as minhas escadas de incêndio, — disse Darcy quase distraidamente.

Ember seguiu seu olhar para os grandes vasos de cerâmica transbordando de cores. — Você é uma jardineira.

— Trabalho com o que tenho.

Ember sorriu em resposta antes de mudar de assunto. — Não sabia que Lucien estava contratando, embora eu veja completamente sua necessidade de ajuda. O homem está

constantemente fazendo tudo e de alguma forma consegue fazê-lo com sucesso. Eu, se tentasse fazer tantas coisas, seria um desastre.

— Posso perguntar como você o conhece? — Perguntou Darcy.

— Ele é amigo do meu marido, Trace.

— Trace Montgomory?

A outra mulher deu um olhar interrogativo a Darcy. — Sim. Você o conhece?

— Não realmente.

Darcy não tinha certeza se era um truque da luz solar, mas parecia como se alguma bondade desaparecesse do olhar de Ember enquanto ela a estudava, então Darcy mudou de assunto.

— Você já mora há muito tempo em Manhattan?

— Faz quatro anos. É cara, lotada, barulhenta, suja, e eu adoro isso—

— Concordo. Há algo sobre isso aqui que apenas parece um pouco mágico.

A garçonete se aproximou delas para pegar os seus pedidos, mas algo do outro lado da rua pegou a atenção de Darcy. Ela mal ouviu Ember dizer a garçonete que precisavam de mais alguns minutos, e perguntar: — Darcy, o que há de errado?

Ela estava vendo um fantasma.

Quando Ember voltou a sua atenção para ver o que Darcy estava olhando, Darcy não esperava ouvi-la ofegar. Ela se virou para ver que Ember empalideceu.

— Você a conhece? — Perguntou Darcy.

— É Heidi Moore, e o homem com ela é o meu marido.

Darcy olhou para o casal do outro lado da rua, obviamente, no meio de uma discussão. Ember perguntou depois

de um minuto: — Como você a conhece?

— Você não quer ir até lá e descobrir o que diabos está acontecendo?

— Quero, mas eu confio nele. Seu passado é cheio de merda e ela é parte dele. Vou descobrir, mas não no meio da rua, com todos estes olhos observando.

— Isso é muito… wow, não acho que poderia fazer isso.

Ember voltou a sua atenção para Darcy. — Talvez você ainda não encontrou o homem certo. Então me diga, como conhece Heidi?

Não era uma história que ela já tenha contando, mas havia algo sobre Ember que fez Darcy querer descarregar a carga que tinha transportado durante tanto tempo. — Esta é uma conversa melhor com muito vinho.

Darcy sinalizou para a garçonete, e depois o seu vinho foi colocado diante delas, ela tomou um longo gole antes de começar.

— Quando eu tinha catorze anos, minha mãe me deixou em um orfanato.

Ember compreendeu imediatamente. — St. Agnes.

— Sim, foi assim que eu conheci Trace. Nós estivemos lá juntos por um curto período de tempo. De qualquer forma, Lucien e eu ficamos juntos imediatamente. Durante dois anos, éramos inseparáveis e planejávamos fugir juntos.

Havia simpatia nos olhos de Ember quando Darcy olhou para ela, claramente seus planos nunca se vieram a concretizar. — Mas como você pode imaginar, não funcionou e parte da razão foi aquela mulher.

— Não entendo.

Darcy pensou muito ao longo dos anos e concluiu que alguém observava Lucien e ela em St. Agnes e contado sobre o

que estava vendo. Isso explicaria a visita do estranho e como ele sabia tanto. Houve uma pessoa que tinha feito sua função saber de todos os assuntos e essa mulher estava atualmente no outro lado da rua.

Darcy disse: — Ela foi fundamental para o meu rompimento com o Lucien.

— Como?

— No dia em que eu deveria fugir com Lucien, um homem veio me ver. Ele sabia de coisas que não poderia ter conhecimento. Ele jogou com as inseguranças dos meus dezesseis anos de idade e me convenceu que era do melhor interesse de Lucien não me ter em sua vida. Eu o escutei.

— Oh meu Deus. Quem era ele?

— Não sei. Nunca o vi novamente, mas todas as promessas que fez eram mentiras. Quebrei o coração de Lucien e o meu por nada.

— Você já contou para Lucien? Quer dizer agora que você está mais velha?

Darcy brincou com o seu copo. — Não sei como ter essa conversa. Como dizer a ele que virei as costas para tudo o que ele planejou com base nas palavras de um completo estranho. — Ela olhou para Ember. — Eu o feri, Ember, realmente o machuquei, e ele me retribuiu ao me dar emprego. Ele é melhor sem mim, mas enquanto eu posso dizer isso mil vezes, simplesmente não consigo deixá-lo ir.

Ember ficou em silêncio por um momento, como se hesitando, então Darcy pergunta: — O quê?

— Parece-me que se você é boa ou não para ele deveria ser decisão de Lucien. Já passou tempo suficiente e talvez você devesse apenas falar com ele. No mínimo, deve ser capaz de

colocar isso para descansar, mas talvez ele vá surpreendê-la.

— Para quê?

— Por ser uma mulher loucamente apaixonada por meu marido, reconheço os sinais em outros. Você é louca por ele. Deve isso a si mesma e a ele, deixar o passado no passado.

Darcy riu e estendeu a mão para o seu vinho. — É sempre tão livre com conselhos?

— Desculpe, isso é um problema, obtive do meu pai.

— Acho que gostaria do seu pai.

Após o almoço Darcy caminhou de volta para o escritório, mas sua mente voava de volta para o dia em que tudo mudou.

***

Quatorze anos atrás...

Darcy estava fazendo as malas, mas suas mãos tremiam de emoção, o que estava fazendo com que a tarefa demorasse muito mais tempo. Ela tinha uma surpresa para Lucien e não conseguia pensar em um momento melhor para dizer-lhe do que hoje, o dia em que eles iriam começar as suas vidas juntos. Ela olhou para o seu relógio, estava atrasada.

Ao ouvir uma batida, chamou a pessoa para entrar enquanto verificava debaixo da cama para ter a certeza que não tinha deixado nada.

Um homem que ela nunca tinha visto antes entrou, e como a sua única experiência com homens eram os amigos da sua mãe, o medo disparou por sua espinha. Ele não estava vestido como os

amigos da sua mãe, no entanto. Ele parecia extravagante, o tipo de extravagância reservada para feriados e igreja.

— Darcy?

— Hum, sim.

— Você esta indo para algum lugar?

Fugir com Lucien continuava a ser um segredo, então Darcy mentiu. — Não.

— Nenhum ponto em mentir. Posso ver por mim mesmo que você está fazendo as malas. Está fugindo com Lucien, não é?

Mesmo através de seu medo, Darcy estava desconfiada de como ele sabia dos planos deles. Quem lhe tinha dito? E quem era ele? Como entrou no prédio? Quem o ajudou. O homem entrou em seu quarto como se fosse o dono e sentou-se na cama de sua companheira de quarto.

— Você já disse a ele sobre o bebê?

Seu corpo ficou dormente, com raiva queimando através dela. — Como sabe disso?

E então lembrou-se do dia em que descobriu que estava grávida. Alguém havia entrado no banheiro quando ela estava esperando o resultado do teste de gravidez. Deixou a caixa no balcão enquanto estava no lavabo, e quando saiu, Heidi tinha estado à espreita no corredor.

— Não é importante. Você realmente acha que ele vai ser feliz? Ele quer ficar longe daqui para que consiga fazer algo de si mesmo. Você acha que vai ser fácil para ele ter que cuidar de você e um bebê? Sei que o conhece bem o suficiente para saber que ele vai trabalhar em qualquer emprego que puder, para fazer exatamente isso, mas é isso que você quer para ele? Empregos sem futuro tudo porque você queria uma família na sua idade?

Darcy sentiu as lágrimas começarem, por mais que não

quisesse ouvir, o homem estava expressando os seus próprios pensamentos.

— Eu estou pedindo para você pensar em Lucien. Se você o ama tanto quando acredito que faz, deixe-o ir. Eu vou cuidar dele, olhar por ele, e ter a certeza que ele consiga tudo o que deseja, mas eu só vou fazer isso se você sair da sua vida.

— Não! Não me peça para fazer isso. Eu o amo, ele é a minha família. Quem é você para ele?

— Alguém com os melhores interesses no coração, e parece-me ser o único. Você está mais interessada em si mesma do que no melhor para Lucien. Vai considerar não ser tão egoísta e afastar-se dele dando-lhe uma chance real de felicidade?

— Ele está feliz comigo.

— O amor jovem é muito inconstante. Uma vez que ele souber sobre o bebê e como sua liberdade está prestes a ser arrebatada, seu amor vai desaparecer, e rapidamente. Confie em mim.

O coração de Darcy quebrou enquanto ele falava em voz alta o seu maior medo. Ela adorava tanto Lucien, amando o suficiente para deixá-lo ir. No entanto, apenas o pensamento de não o ver novamente quase a levou a ficar de joelhos.

— Ele está a minha espera. Preciso falar com ele. Tenho que dizer adeus.

— Você acha que isso é sábio?

Ela estava incrédula e indignada quando ela o acusou corretamente. — Você quer que ele ache que eu me esqueci dele.

— Sim, sua raiva irá deixá-lo romper com o seu passado e seguir em frente para o seu futuro. Será que temos um acordo?

Sua resposta foi quase inaudível, mas era tudo o que o homem precisava antes de se virar e caminhar para fora. Darcy

deixou-se cair sobre a cama. Ela se sentia morta por dentro, mas cada batida dolorosa de seu coração servia para lembrá-la que não teve essa sorte.

***

Naquela noite Lucien caminhou ao redor de Allegro fazendo sua normal verificação de rotina, mas havia uma parte dele que estava esperando encontrar Darcy. Ele encontrou-a sentada em um canto, bebendo um copo de vinho, completamente absorvida na música. Ele gostou que ela parecesse gostar da música tanto quanto ele. Os olhos dela moveram-se para ele como se soubesse que estava lá e um pequeno sorriso tocou em seus lábios.

— Oi.

— Se importa se eu me juntar a você?

Ela apontou para a cadeira livre em frente dela. — Por favor.

— Eles são ótimos, não são?

Sua atenção já tinha voltado para a banda quando respondeu. — Sim. — Ela olhou para ele. — Onde você aprendeu a tocar?

— Havia um cara que tocava em um clube onde eu era segurança. Ele era brilhante e tão contente. Acho que foi o que chamou em primeiro lugar a minha atenção, a paz nele quando tocava. Ele disse-me que a música poderia me dar a fuga que estava procurando. Ele me ensinou, e cada momento livre que tinha, eu praticava.

— Você foi maravilhoso, naquela noite no Peacock. Podia ouvi-lo durante toda a noite.

Ele sabia que estava encarando, mas não podia parar. Ela era mais velha e mais confiante, mas mesmo assim podia ver a lagarta que ela foi. Ele viu o canto da sua boca se elevar antes de dizer: — Vou enviar uma foto.

— Você se transformou em uma borboleta.

A visão da dor que varreu em seu rosto fez seu coração se torcer em seu peito. Ela baixou os olhos. — Não, apenas troquei uma gaiola por outra.

— O que isso significa?

Ela levantou os olhos tristes para ele. — Fiz uma escolha que lamentei a partir do momento que a fiz. Machuquei a única pessoa que amei. Vou-me arrepender de não ir encontrar você para o resto da minha vida.

Dor e raiva tornaram sua voz dura. — Porque não foi?

— Acredite ou não, eu fiz isso por você. Pensei que estaria melhor sem mim.

Ele não tinha intenção de agarrar-lhe no braço com tanta força, mas pensar que ela poderia usar uma desculpa tão esfarrapada como razão para quebrar o seu coração só o irritou ainda mais. — Porque diabos você acha isso?

— Ele me disse que cuidaria de você, que se certificaria que todos os seus sonhos se tornariam realidade, eu só tinha que sair da sua vida. Não deveria ter acreditado nele. Não deveria ter sido tão tola.

— De quem você está falando?

As lágrimas encheram seus olhos. — É exatamente isso, eu não sei.

Ele estava tão confuso com as palavras dela que não fez

nenhum movimento para impedi-la quando ela se levantou e foi embora.

***

Lucien passou um dia em casa, confuso. Ele estava obteria respostas de Darcy, ela gostasse ou não, mas precisava esfriar ou ele corria o risco de dizer algo que não poderia retirar.

Tara chamou-o no terceiro dia de sua ausência, porque uma banda conhecida por causar tumultos tocaria no clube e ele havia esquecido completamente. Naquela noite, ele estava conversando com um dos membros da banda, enquanto examinava a multidão para potenciais problemas e ele encontrou, não na forma que ele tinha esperando.

— Com licença.

Ele atravessou a pista de dança com a habilidade de alguém que passou muito tempo em multidões, mas seus olhos estavam totalmente focados em Darcy, que estava dançando com um cara. Seu cabelo estava solto, os fios pretos grossos brilhavam como seda, e o homem estava a tocando, segurando-a enquanto movia os seus quadris contra ela. Seus olhos estavam fechados e ela parecia perdida na música ou no homem. Seu corpo balançava no tempo da batida. Ele sentiu a fúria, como esperado, mas também um soco de luxúria que quase o derrubou em seus joelhos.

Darcy adorava dançar e teve que admitir que era bom ter alguém tocando-a. O homem que estava dançando com ela atualmente era um pouco perigoso, mas tinha aprendido a se

defender, se necessário, graças ao grupo de safados de sua mãe.

A música encheu a sua cabeça e envolveu-se ao redor, enquanto seu corpo se movia. A tranquilidade caiu sobre ela, como um sonho que era apenas um pouco desfocado, real, mas ilusória. A calma quebrou quando dedos fortes envolveram em torno do seu braço, e sabia antes mesmo de abrir os olhos que era Lucien. Ele não parecia feliz, na verdade, parecia como se quisesse matá-la, lentamente. Antes dela conseguir se opor à sua idiotice machista, o homem com quem ela estava dançando aproximou-se e estufou seu peito como um babuíno.

— Ei, cara, espere sua vez.

O olhar que Lucien lhe deu poderia ter derretido aço, mas o homem não entendeu a dica e moveu-se para o espaço de Lucien. Sem dizer uma palavra, Lucien puxou Darcy para trás dele, um pouco antes do cara dar um soco que aterrissou solidamente em sua mandíbula.

Uma névoa vermelha encheu a visão de Darcy e a raiva consumiu-a enquanto a cabeça de Lucien virava por causa do golpe. Ela começou a afastar-se, mas não tinha ideia do que pretendia fazer. Ela andou ao redor dele, mas não tinha ideia do que pretendia fazer. Não foi muito longe antes de Lucien virar a cabeça e dar-lhe um olhar que a congelou no lugar. Ele se moveu com uma velocidade que ela nunca viu nele, e segundos depois, o homem estava no chão.

Lucien, ao que parece, só tinha uma coisa em mente e estaria gritando com ela até que ficasse surda. Ele pegou a sua mão e puxou-a para fora da pista de dança, arrastando-a pelo clube e pelo corredor até seus escritórios. Empurrou-a para o seu, então fechou a porta e olhou para ela.

Ela podia admitir para si mesma que seu olhar era muito

enervante, enquanto o seu suor escorria entre os seus seios. Quando ele só continuou a olhar, ela encontrou seu próprio temperamento agitado.

— Que diabos é o seu problema? — ela perguntou.

— O que diabos você estava fazendo lá fora? — ela realmente sentiu o seu cabelo se afastar de seu rosto com a força do berro dele.

— Eu estava dançando.

— Dançando? Não, isso não era dançar.

— Oh realmente, então o que você chama isso?

— Se você quer foder, há lugares mais privados para fazê-lo. A menos, claro, que você queira audiência.

Merda. Ele queria retirar isso logo que saiu de sua boca. A reação dela foi imediata, a cor sumiu de seu rosto e seus olhos arregalaram com a dor, e em seguida, ódio.

— Considere esta minha demissão. — Ela virou-se, em seguida, saiu da sala.

Levou um minuto para reagir, porque não podia acreditar no que tinha acabado de sair de sua boca.

Quando percebeu que ela estava no final do corredor, correu atrás dela.

— Sinto muito, Jesus, me desculpe, Darcy.

Fúria encheu-a enquanto se virava para ele e o empurrou com as suas mãos, e foi só porque ela o pegou desprevenido que ele bateu de costas na parede.

— Quem diabos você pensa que é? Eu não o vejo por catorze anos e você me chama de prostituta, duas vezes! Posso ser um monte de coisas, mas não sou uma prostituta. — Ela afastou-se dele, mas não tinha ido longe quando ele agarrou-a e puxou para ele.

— O que diabos isso quer dizer? — Perguntou ele.

— Eu te machuquei, entendo. Você quer vingança, mas você me machucou também.

— Como? — Ele cuspiu.

— Você acreditou que eu fui com a minha mãe, a porra da minha mãe. Você sabia como foi para mim lá, mas acreditou sem questionar. Não apareci, claro, mas você nem sequer tentou descobrir porque. Sabia como eu me sentia sobre você. Sabia que o que tínhamos era real, mas nunca exigiu saber porque não fui. — Darcy estava surpresa com o nível de sua dor. Ela errou, mas Lucien também.

— Você me amava, mas não o suficiente para lutar por mim. Se tivesse sido você a não aparecer, eu o teria procurado e obrigado a me dizer o motivo na minha cara. Desistiu sem lutar.

E então ela se foi, mas tudo o que Lucien podia fazer era ficar lá e vê-la ir, porque sua mente ainda estava tentando entender o que acabara de ouvir.

***

Durante dois dias, Lucien tentou entender as palavras enigmáticas de Darcy antes de decidir visitar a irmã Margaret. Voluntariamente, nem menos. Darcy lamentou não encontrá-lo naquele dia, e foi encorajada a não fazê-lo por alguém, mas quem? Havia uma pessoa em St. Agnes que sabia tudo e via tudo, Irmã Margaret, a cadela malvada.

Ele parou na frente da casa de repouso perto da auto-estrada de West Side e saiu do seu carro. Ele ligou antes como

uma cortesia e foi surpreendido pelo fato da visita ter sido bastante fácil. Uma voluntária acompanhou-o pelo corredor sombrio e por um momento ele teve uma pontada de simpatia pela Irmã Margaret passar seus últimos dias em tal buraco. Este pensamento foi imediatamente descartado quando ouviu os gritos muito familiares vindo de uma sala no corredor.

— Charmoso, não é? — Lucien murmurou, o que lhe valeu um sorriso da voluntária.

Assim que a viu, uma enxurrada de lembranças o atingiu, nenhumas das quais eram boas. Os olhos redondos dela, desviaram da enfermeira que ela estava repreendendo, e mostrou reconhecimento no seu rosto.

— Lucien Black. O que diabos você está fazendo aqui?

— Prazer em vê-la também.

— Não me responda de volta, rapaz. Posso ser idosa, mas você vai me mostrar respeito.

Lucien mordeu a língua, ele se recusou a morder a isca em vez disso tentou sufocá-la com bondade.

— Você está parecendo bem. — Para um demônio sugador de almas.

— Eu pareço uma merda e você sabe muito bem disso. O que você quer?

Direita ao ponto. Ele gostava disso no velho pássaro. — Você se lembra de Darcy MacBride?

— A garota que você pensava que andava sobre a água.

Sua raiva se transformou em uma voz muito fria. — Pensei que ela andava sobre a água.

Irmã Margaret acenou com a mão em indeferimento. — Tanto faz. Então o que você quer saber?

— O dia em que saí, alguém veio vê-la. Você sabe quem

foi?

Um olhar estranho passou sobre o seu rosto antes dela voltar a sua atenção para a voluntária que tinha escoltado Lucien, e dizer: — Traga-nos um chá gelado, adoçante e bolachas.

E assim tão regiamente, ela dispensou tanto a voluntária como a enfermeira antes de olhar para Lucien. Ele ficou surpreso com o seu pedido uma vez que o lugar realmente não era muito bom, mas sabia que eles trariam o chá e os biscoitos, porque eles estavam com medo de não trazer.

— Bem, sente-se. Eu vou ficar com uma cãibra no pescoço.

Ele olhou para o travesseiro e pensou como seria muito fácil sufocar a velha cadela, mas, então, ele não saberia o que viera procurar. Ele sentou.

— Um homem veio para St. Anges naquele dia, mas ele era um bastardo sorrateiro. Alguém o deixou entrar, então ele contornou a recepção. Meu palpite é que não queria que ninguém soubesse que estava lá.

— Como você sabe, então?

— Darcy veio ao meu escritório depois. Ela não entrou em detalhes, mas a visão dela era comovente e vindo de mim, você sabe que isso significa alguma coisa.

— Que porra foi que ele disse a ela?

—Não use essa linguagem comigo, rapaz. Você não aprendeu nada com a Irmã Anne? — Ela esperou a voluntária que havia retomado com um prato de biscoitos e pegou um antes dos seus pequenos olhos se voltarem para ele. — Mas, para responder a sua pergunta, eu não sei.

— E você não o viu?

— Não, não vi, mas como eu disse, alguém o deve ter deixado entrar sorrateiramente.

— Alguma ideia de quem?

— A mesma garota que convenientemente o distraiu no exato momento que o homem visitava Darcy.

Compreensão de que tinham dado a ele e a Darcy a porra de um remédio amargo.

— Heidi.

E então a culpa rapidamente se seguiu como um chute no estômago. Todo esse tempo ele culpou Darcy, mas ela foi apenas um peão, alguém que se machucou tanto se não mais do que ele. Saber como insegura Darcy era aos dezesseis anos, e ser confrontada por um adulto teria feito ela se questionar. Suas palavras da outra noite ainda martelavam em sua cabeça porque ela estava certa. Ele não lutou por ela.

— Obrigado, — foi tudo o que Lucien se sentiu compelido a dizer, mas as próximas palavras de Irmã Margaret detiveram-no quando estava para sair.

— Acho que a Irmã Anne ficaria orgulhosa de ver o homem que você se tornou.

Lucien já estava experimentando uma sensação de aperto estranha no peito ao pensar sobre Darcy e, em seguida, uma queimadura começou por trás de seus olhos quando olhou para a Irmã Margaret. Ela parecia tão desconfortável como ele.

— Eu vou negar que já disse isso. Agora vá.

Ele precisava de uma bebida, mas primeiro precisava fazer uma chamada. Ele esperou até chegar ao seu carro antes de discar para Josh.

— Hey Lucien. Desculpe não ter ligado para você, mas estava pesquisando sobre Darcy.

— Não é por isso que estou ligando. Como você se sente sobre quebra-cabeças?

Havia humor na sua voz, quando Josh respondeu: — Gosto deles. É parte da função de investigador particular. Por quê? Você tem um para mim?

— Sim, preciso que encontre um homem que visitou Darcy em St. Agnes, há quatorze anos, mas não tenho quase nada para você seguir.

— Soa como um desafio.

Lucien começou do início e disse-lhe tudo o que sabia.

***

— Ember, poderia ter um minuto? — Charles voltou para seu escritório, sem esperar por uma resposta. Ele acabara de se sentar em sua mesa, quando Ember apareceu.

— Sim?

— Por favor, sente-se. Pergunto-lhe aqui porque sei a sua situação com Dane Chamichael desde o ano passado, e eu queria ter a certeza de que ele não continuava a incomodá-la.

Ember ficou surpresa com a pergunta, bem com a sinceridade que ela viu em sua expressão.

— Não, Dane não me incomodou desde aquela noite.

— Bom. — O sorriso de Charles foi charmoso e arrependido. — Fiz um monte de erros na minha vida e falhei inúmeras vezes com a minha família. Estou tentando mudar isso.

Ember ficou sem palavras e um pouco desconfortável com a direção da conversa.

Charles estava obviamente sentindo isso também quando acrescentou apressadamente. — Isto é tudo o que eu queria dizer.

Ember tinha acabado de chegar à porta, quando ele disse: — A mulher que estava aqui há algum tempo, Heidi Moore, eu acredito que ela seja uma conhecida do meu sobrinho. Seja cuidadosa, ela é um problema.

Ember esperou até estar de volta em sua mesa antes de deixar escapar um suspiro. Ela sentiu que havia mais do que preocupação vinda de Charles. Ele estava tentado lhe dizer alguma coisa, mas o quê? Ember lembrou vividamente quando Dane e Heidi foram vê-la no Clover no ano passado.

Qual era a ligação entre eles? Ember descobriria.

***

Lucien bebeu o seu peso corporal em Scotch nos últimos dois dias e ainda assim não conseguia fazer a culpa e a dor desaparecer. Ele culpou Darcy por quebrar o seu coração, e, no entanto, a verdade era que ele não teve fé suficiente neles e deixou as mentiras ficarem no caminho.

Quem era o homem que falou com Darcy há quatorze anos, e porque ele esteve tão determinado em manter Darcy afastada? A ideia de conseguir uma confissão de Heidi quase colocou um sorriso na sua cara. Uma hora depois, ele rastreou Heidi em seu apartamento em Village. Não ficou surpreso por só precisar tocar a campainha e ela abrir sem se preocupar em descobrir quem era. Ela era do tipo imprudente. Ao subir a escada, passou por Todd que descia. Ele se perguntou brevemente se Todd morava no prédio, mas em seguida, ele alcançou a porta de Heidi e imediatamente afastou Todd de seus pensamentos.

Ela parecia genuinamente surpresa quando abriu a porta. Quem estava esperando? Mas em seguida, olhou no rosto da

cadela que ajudou a afastar ele e Darcy, e sentiu o seu temperamento aumentar.

— Lucien Black, que agradável surpresa.

— Hiedi, você está parecendo vulgar como sempre. Ainda perseguindo o que não pode ter?

Seus olhos flamejaram, mas sua voz se manteve na mesma quando ela disse: — Não, eu consigo o que quero agora.

— Aposto. — Ele entrou no apartamento dela e percebeu que apesar de ter sido muito bem decorado, o lugar estava imundo.

— Parece como um pequeno chiqueiro. Acho que você está gastando muito tempo no quarto. — Ele olhou de volta para ela e olhou-a da cabeça aos pés antes de acrescentar, — provavelmente não ganhando muito nestes dias. Parece que está ficando um pouco cansada ao redor dos olhos.

Ela retrucou. — O que diabos você quer?

— Quem mandou você me beijar?

Levou um minuto para entender o que ele estava perguntando, mas, em seguida, um sorriso maligno apareceu em seus lábios.

— Gostarias de saber, não?

— Só vou perguntar mais uma vez.

Ela riu. — Ou o quê?

Ele manteve sua voz suave e nivelada, tornando a ameaça ainda mais assustadora. — Eu vou encontrar outra maneira de fazê-la falar. Tive um passado muito colorido e aprendi muito sobre como persuadir pessoas a contar os seus segredos. Para mim, você é simplesmente alguém que tem informações que eu quero e vou obter isso de você de qualquer maneira. — Ele deu um passo mais perto dela antes de acrescentar: — Com o que

você me custou, dolorosamente seria preferível.

Os olhos de Heidi se arregalaram de medo antes de se conter. Ele podia ver as rodas girando em sua cabeça e ele suspeitava que dizer o que ele queria saber comprometeria os seus planos futuros construídos cuidadosamente. Seu interior sabia que o que ela fosse dizer a seguir seria uma mentira.

— Eu não sei. Nunca o vi antes ou depois. Ele me deu uma centena de dólares para segurar a porta aberta e mantê-lo distraído.

— Mas você já não vivia em St. Agnes então.

— Gostava de visitar.

Era besteira, mas ele deixou passar. — Por que eu não acredito em você?

— Porque você é cínico.

Ele agarrou o braço dela com tanta força que sabia que ficaria com uma contusão, mas a raiva o alimentava. Ela não ia dar o que ele queria. — Me machuque se precisar, mas eu não sei, — disse ela.

A porta do apartamento se abriu, o que fez Lucien liberar o seu domínio sobre Heidi. Ele estava prestes a emitir uma ameaça quando um menino entrou. Heidi estava grávida quando ela chegou ao orfanato e vendo como menino era a cara de Trace fez que a ameaça morresse em sua língua.

— Ah foda-se.

— Parece como o seu pai, não é? — As palavras dela escorriam com presunção.

Capítulo 10

— Você não pode comer massa crua, Chelsea.

— Por que não? É delicioso.

— Você não acha que seria melhor cozida?

— Gosto das duas coisas.

Ember sorriu em resposta porque ela concordava. O som da porta se abrindo fez Chelsea guinchar antes de sair correndo

— Trace! — ela gritou.

Sua risada ecoou pelo corredor até Ember, assim como o som de seu corpo batendo contra a porta. Momentos depois, Trace entrou na cozinha.

— Ei, linda.

— Ei. Onde está a Chelsea?

— Um filme chamou-lhe a atenção.

— Acho que lá se vai a minha ajudante.

Ele puxou-a para os seus braços e beijou-a muito profundamente. — O que você está fazendo?

— Empadão de frango.

— Bom. Estarei aqui para ajudá-la em um minuto.

— Ok. — Ele apertou seus lábios contra os dela mais uma vez e, em seguida, virou-se e saiu da cozinha. Tinha se passado alguns dias desde a conversa de Ember com Charles, e mais de uma semana desde que ela viu Trace com Heidi. Ela esperava que ele voluntariamente compartilharia com ela o que estava acontecendo, mas até agora não o fez.

Era ainda um pouco mais perturbador saber o que Heidi fizera no passado de Darcy e Lucien. Parecia que Heidi era uma instigadora. O que é que ela sabia sobre Trace que a mantinha na

periferia de sua vida?

Dez minutos mais tarde, Trace ainda não havia retornado, então Ember caminhou de volta para o quarto para ver o que estava levando tanto tempo. Ela chegou ao escritório e ouviu a sua voz baixa e irritada. Ela não podia ouvir o que ele estava dizendo, mas estava definitivamente chateado. Não querendo escutar, voltou para a cozinha, mas se perguntou se ele estava falando com Heidi.

Trace apareceu alguns minutos depois e parecia completamente à vontade. Se ela não tivesse ouvido a sua discussão, ela não teria acreditado que ele tinha acabado de ter uma.

A pergunta caiu de sua boca. — Porque você demorou tanto?

Algo passou por seu rosto. — Precisava fazer uma chamada rápida. Posso ajudar?

— Algo errado? É Heidi?

Surpresa passou pelo seu rosto. — Por que você pergunta isso?

— Apenas algo que Charles disse para mim.

— O que ele disse?

— Ele me avisou que Heidi era um problema, então apenas assumi que ela estava tramando algo.

— Charles avisou você sobre Heidi? — Trace perguntou, genuinamente surpreso.

— Sim, por quê?

— Eu não estava ciente de que ele a conhecia.

— É sobre Heidi?

Ele a olhou bem nos olhos. — Não, Ember.

Seu coração se afundou. Estava na ponta da língua dizer-

lhe que ela o vira com Heidi, mas as palavras simplesmente não saiam. Sabia o que estava acontecendo, ele estava tentando protegê-la daquilo.

O fato de que ele teve que mentir para ela foi algo que teve que ignorar.

— Ok.

Ele sorriu, mas não chegou a atingir os seus olhos. — O que posso fazer?

***

Ember acordou de manhã com uma cama vazia. Ela calmamente procurou pelo apartamento, mas Trace não estava em casa. Chelsea estava na sala de estar comendo cereal e assistindo televisão.

— Bom dia, Chelsea.

— Oi, Ember. Olha, fiz o meu próprio café da manhã.

— Onde está Trace?

— Ele saiu há um tempo. Disse que tinha coisas para fazer antes de sua luta hoje à noite. — Trace era um lutador amador e, embora não lutasse com tanta frequência como costumava fazer, ainda gostava de entrar no ringue algumas vezes por mês.

— Oh, ok. Vou fazer café.

— Eu quero.

— Pode apostar.

Ela andou para a cozinha quando uma onda de náusea a atingiu do nada. Correu pelo corredor para chegar ao banheiro. Depois de vomitar foi até o lavatório para espirrar um pouco de

água no seu rosto, e surpreendeu com o reflexo fantasmagórico que olhava para ela no espelho. Quanto tempo se passou desde que ficou menstruada? Quando tomou consciência, a emoção quase fez com que ligasse imediatamente para Trace, mas decidiu que seria melhor ter a certeza antes de dizer qualquer coisa. Ela ligou para uma farmácia e fez os arranjos para ter vários testes de gravidez entregues no apartamento. Uma hora depois, estava olhando para três resultados positivos. Ela não confiava neles, no entanto. Queria ter a certeza absoluta, então ligou para sua médica.

Ela teve a sorte de obter uma consulta mais tarde naquele mesmo dia e ela lutou com o entusiasmo enquanto estava sentada na sala de espera. O som de seu nome fez se levantar e caminhar até a balança onde foi pesada. Foi-lhe dado um roupão de papel.

— Dispa-se, a abertura é na frente. Dra. Cole estará com você em um minuto.

Poucos minutos depois ela subiu na mesa, e Dra. Cole entrou. Ela era a ginecologista de Ember a anos.

— Ember, você está maravilhosa. A vida de casada combina bem com você. Então, você acha que está grávida. Vamos dar uma olhada.

O coração de Ember estava em sua garganta, pois se ela não estivesse grávida a decepção que se seguiria ia ser difícil.

Ela se deitou na mesa de exame enquanto a médica colocava um gel frio no estômago de Ember.

— Ok, vamos ver o que temos. Normalmente teríamos que usar a sonda vaginal, mas para confirmar a gravidez, a velha forma funciona bem e não é tão desconfortável.

Dra. Cole move a sonda, mas o foco de Ember estava completamente na tela. Ela não podia dizer o que ela estava

olhando até que viu um pequeno ponto que estava vibrando. Ela apontou para ele e perguntou: — Oh meu Deus, é o coração?

— Claro que é. Com base no tamanho eu diria que você está de sete semanas. É importante começar a tomar vitaminas pré-natais. Eu vou prescrevê-las antes de você sair.

Ember estava surpresa de estar de tanto tempo, mas o seu período nunca fora regular, de modo que acompanhar o seu ciclo sempre foi um desafio. A Dra. Colo estava olhando para ela, Ember percebeu que estava à espera de uma resposta. Ela rapidamente respondeu: — Tudo bem.

Dra. Cole começou a mover a sonda ao redor novamente, mas os pensamentos de Ember já estavam em Trace e dizer-lhe que seria pai. Ela sabia que a princípio ficaria aterrorizado, com o pensamento de que seria, mas ele realmente queria filhos. Ela estava tão perdida em seus pensamentos que não ouviu Dra. Cole até que ela riu e entregou-lhe uma toalha para limpar o gel.

— Precisamos marcar um ultrassom interno o mais cedo possível. Agora, aqui está o que você pode esperar pelos próximos meses...

***

Ember estava fora do consultório médico quando ligou para Trace. Queria descobrir onde ele estava para poder dizer a boa notícia pessoalmente, mas ele não atendeu. Pelo resto do dia não foi capaz de falar com ele. Naquela noite, enquanto esperava a luta de Trace começar, sentiu-se quase inquieta com a necessidade de dizer a ele que ia ser pai. Ela não queria estragar a

sua concentração, mas não podia suportar esperar mais. Olhou para Lucien e sabia que algo estava acontecendo com ele também, e levou um momento para perceber que estava começando a conhecê-lo suficientemente bem para saber os seus diferentes níveis de silêncio.

— Está tudo bem, Ember? Você tem estado muito quieta.

Sua pergunta surpreendeu-a e ela respondeu com a alegria que estava sentindo. — Está tudo maravilhoso. Quando vai começar a luta?

Ele olhou para o relógio. — Em cerca de dez minutos. Por quê?

— Preciso falar com Trace.

— Agora?

— Sim.

— Ele provavelmente está no vestiário. Venha, eu vou levá-la. — Ele pegou a mão dela enquanto lutava contra o caminho através dos corpos. — Você parece como o gato que comeu o canário, — ele disse por cima do ombro.

Ela só sorriu em resposta. Eles tinham acabado de chegar à parte de trás perto do vestiário quando Lucien parou abruptamente e Ember bateu em suas costas.

— Você poderia ter me avisado que estava parando, — disse ela em tom de brincadeira, mas quando viu a razão para a sua parada rápida, todo o humor a deixou. Trace estava parado em um canto escuro, e ele não estava sozinho. Heidi estava com ele. Enquanto falavam, as cabeças quase se tocavam. Ember sabia que ele a amava e sabia que não iria traí0la, mas ele mentiu e, por alguma razão, ver a prova da mentira machucou ainda mais do que a mentira real.

Como se ele soubesse que ela estava ali, a cabeça de Trace

disparou em sua direção e seus olhos se encontraram.

— Ember.

Ela sabia que ele podia ver que estava magoada antes dela se virar e começar a se afastar. Não foi muito longe antes de sua mão tocar em seu braço. — Sinto muito.

— Você mentiu para mim. — Ela não teve coragem.

— Eu sei. Não queria puxá-la para isto. Você já passou por merda suficiente por minha causa.

— O que ela quer?

— Dinheiro. Estou lidando com isso.

Ela se virou para isso. — Como exatamente? E porque ela pensa que você é a pessoa que vai dar?

Ele passou a mão apelo cabelo. — É uma longa história. Vou contar tudo hoje à noite.

Ela queria exigir saber o ele tinha para lhe dizer, mas estavam-no chamando para a sua luta.

— Espere por mim. — Ele beijou-a com força na boca. Ela viu quando ele subiu no ringue e então seus olhos pousaram sobre ela e piscou. Ela não podia deixar de sorrir, mas vacilou quando viu Heidi e o menino com ela. Seth. Os olhos dela se mudaram para Heidi para encontrá-la já olhando em direção a Ember, e o olhar presunçoso em seu rosto era de confirmação. Seth era filho de Trace.

Ela não conseguia respirar, não conseguia ar em seus pulmões. Não sabia quando tempo ficou ali, mas quando ela não já não conseguia ver por causa das lágrimas nos olhos, virou-se e fugiu. Lucien apareceu quando chegou à porta.

— Ember.

— Só preciso de um pouco de ar.

— Vou levar você para casa.

— Ok, mas eu quero alguns minutos a sós. — Ele obviamente não gostou, mas concordou.

— Ok.

Fora da academia, uma dor lancinante explodiu em seu peito. Seth, o garoto que era parecido com o seu marido, era seu filho. Não é de admirar que Heidi fosse mais do que apenas uma de muitas. Um maldito grande segredo para guardar. O que fez Ember se sentir realmente doente era a pergunta, será que ele teria contado a ela sobre Seth se não o tivesse visto esta noite?

Caíram ainda mais lágrimas, porque ela achava que eles estavam experimentando a gravidez pela primeira vez juntos e ele já tinha um filho quase adulto, e nunca tinha pensado em mencionar, um filho que tinha estado em sua vida há mais de quinze anos. E Heidi estava chantageando para manter o segredo afastado de Ember? Esse pensamento a fez se curvar e vomitar.

Lucien apareceu e pegou-a pelo braço. — Vou levá-la para casa.

— Não para lá.

— Então vou levá-la para o meu apartamento.

A luta tinha-a drenado. — Ok.

***

Lucien podia sentir a dor de Ember através da sala. Ele não sabia o que diabos estava acontecendo, mas sabia que Ember merecia algum tempo longe de Trace.

— Gostaria de algo para beber? — Soou fraco, mas ele estava um pouco sem chão aqui.

A visão de seu rosto coberto de lágrimas o comoveu através da sala. Ele se juntou a ela no sofá e tomou-lhe a mão.

— Ele te ama.

— Eu sei, mas ainda dói.

— Bem, ele é um homem, e eu tenho dito repetidamente que os homens são idiotas.

Seu leve sorriso em resposta encorajou-o a continuar. — Ele deveria ter dito a você, mas entendo por que ele não o fez.

Ele podia ver a questão em seus olhos quando olhou para ele. — Ele te ama. Vocês fizeram uma vida juntos e a ideia de que um segredo do passado pode afastá-la dele, bem, isso faria alguém cobrir as suas apostas. — E ele percebeu enquanto como aquelas palavras se encaixam exatamente a ele também. A falta de comunicação entre ele e Darcy certamente tinha tomado um preço em seu relacionamento.

Ember balançou a cabeça. — Ele deveria saber, especialmente depois de tudo o que nós passamos, que seus segredos não têm esse tipo de poder. Eu o amo e isso significa que amo tudo sobre ele.

— Concordo, o que nos leva de volta para ele ser um idiota. — Lucien ficou sério um minuto. — Sério, eu estava como você está agora. A mulher que eu amava me machucou e, em vez de lutar por ela, lutar por nós, fiz a escolha fácil e afastei-me. Tive que viver com isso desde então, e sei que se tivesse que fazer tudo de novo, teria lutado com tudo o que tinha. A vida com ela é confusa e frustrante, mas a vida sem ela não é bem uma vida.

— Darcy?

— Sim, Darcy.

— Gosto dela.

Surpresa brilhou em seu rosto. — Você a conhece?

— Vim ver você no Allegro, mas não você estava lá. Acabamos indo almoçar.

— E o que você falou nesse almoço?

O sorriso de Ember virou tímido. — Não gostaria de saber? — E então ela apertou a mão dele. — Nós falamos o suficiente para saber que ela se sente da mesma maneira sobre você, como você sente por ela. Não é tarde demais.

— E nós estamos trabalhando nisso. Não que eu não tive meus próprios ataques de idiotice.

— Significado? —, Perguntou Ember.

— Vamos apenas dizer que continuo deixando meu ciúme ignorar o bom senso e digo coisas para Darcy que ela realmente devia me bater por ter dito.

— O que você disse a ela?

— Chamei-a de prostituta, duas vezes.

— O quê! Oh, eu teria esmurrado você.

O sorriso de Lucien era mau. — Disso não tenho nenhuma dúvida. — Ele ficou sério. — Preciso que ela saiba que estou ciente de quanto idiota eu fui.

— Então diga isso.

Lucien ergueu a sobrancelha em ceticismo. — Assim simples?

— Aham. E ela gosta de flores.

— Obrigado, vou manter isso em mente. — Ele podia ver que seus pensamentos voltaram para Trace quando a tristeza tomou conta de sua expressão.

— Acha que o garoto é de Trace?

— Ele realmente é bastante parecido com ele, mas não posso acreditar que Trace teria escondido isso de você. Honestamente não sei. Seria um problema se ele fosse?

— Não, claro que não. Só estou magoada por ele não me ter dito nada. Não é culpa de Seth.

— Seth? Você sabe o nome dele?

— Sim, ele é amigo de Brandon, o menino que conheci no escritório da campanha. Bom garoto.

— Mundo pequeno, — disse Lucien enquanto Ember bocejou. Ele se levantou e puxou-a do sofá.

— Precisa dormir.

— Não quero ser um incômodo.

Ele se virou e olhou para ela como se tivesse três cabeças. — Os amigos nunca podem ser um incômodo.

Ele acompanhou-a até o quarto de hóspedes. Ela entrou no quarto e se virou para ele. — Obrigada, Lucien.

— A qualquer hora, Ember.

***

Três horas mais tarde, Lucien abriu a porta para um Trace muito preocupado.

— Onde ela está? — Perguntou Trace.

— Está dormido. Entre, vou pegar uma cerveja. — Eles ainda não tinham chegado a cozinha quando Lucien perguntou. — Trace, quem é o garoto que está vivendo com Heidi?

— Porque você foi à casa de Heidi?

— Uma longa história que eu vou compartilhar outra hora. Quem é ele? Porque quando o vi, pensei que ele era seu, assim como fez Ember.

— O quê? — E, em seguida, compreensão bateu em Trace

e, de repente, sua ira foi substituída por medo, uma emoção que não estava acostumado a sentir. Ember ia saltar para a conclusão natural e odiá-lo por esconder isso dela.

— Sua mãe é Heidi, — Trace disse em derrota.

A voz de Lucien soou como uma explosão de arma. — É ruim o suficiente Ember ter visto você e Heidi juntos, mas não acha que era importante dizer para sua esposa que teve um filho com Heidi?

Culpa agitou no interior de Trace. — Ele não é meu.

— O quê? — Lucien perguntou.

— Ele não é meu filho. Ele é meu meio-irmão. Não sabe quem é seu pai porque eu estou tentando protegê-lo da realidade de onde ele vem. Ele suspeita que estamos ligados, uma vez que somos tão parecidos, então eu disse-lhe que era o filho de um primo meu. Tenho que viver com o conhecimento do meu pai. Não desejo isso para ele. Não contei a Ember ou a Chelsea. Estava tentando protegê-las disso também.

— E agora sua esposa pensa que você teve um filho e nunca disse a ela, — disse Lucien em voz baixa.

Essa realidade torceu como uma faca na barriga de Trace. Deus, ela deve odiá-lo. Ele odiava a si mesmo naquele minuto por não contar a ela imediatamente. Sua intenção era poupar a criança, mas não à custa de sua esposa. Quando ele visse Heidi novamente, iria torcer o seu pescoço. Ele precisava ver Ember e, como se seu amigo tivesse lido a sua mente, Lucien disse: — Ela está no final do corredor, última porta à esquerda.

— Obrigado, Lucien, por estar lá.

— A qualquer hora.

Trace andou pelo corredor e teve o cuidado de ficar quieto quando ele abriu a porta. Aproximou-se da cama onde Ember

estava enrolada em uma bola, sua posição típica de dormir, quando não estava na cama com ela. Suas mãos estavam debaixo de seu rosto, e podia dizer pelo inchaço de seus olhos que ela tinha passado um bom tempo chorando. Seu coração se contorceu em seu peito. Sentou-se na borda da cama, tocou o seu rosto, precisando senti-la sólida e quente sob seus dedos. Ela mexeu-se, instintivamente se movendo para ele como se soubesse que estava lá. Ele queria acordá-la, pedir-lhe perdão, fazer amor com ela, mas ao invés disso se sentou em frente a ele, e viu-a dormir.

Quando Ember acordou, estava escuro lá fora. Levou um minuto, mas Trace viu quando seu corpo ficou tenso, e ele soube que ela o tinha visto lá e se virou para ele, e o caleidoscópio de emoções que passou sobre o seu rosto quebrou seu coração, mas não tinha perdido seu olhar de alegria quando ela tinha inicialmente o visto.

Ela se levantou da cama e colocou a distância da sala entre eles. — Lucien chamou você, — disse ela sem preâmbulos.

— Sim.

— Você deveria ter me dito.

— Ele não é meu filho.

Levou um momento para ela registrar o que ele disse antes de exalar um soluço, cobrir a boca com a mão e virar-se. Ele aproximou-se dela e envolveu-a em seus braços, ela enrijeceu em seu abraço, mas ele respondeu segurando-a mais perto.

— Ele não é meu filho, Ember. Deveria ter dito a você sobre ele, mas estava tentando proteger Seth. Não queria que ele tivesse que sentir o peso de ser um filho bastardo do meu pai.

Olhos marejados olharam para os seus. — Seth é seu irmão?

— Meio-irmão. Heidi é sua mãe.

A resposta dela foi enterrar o rosto em seu peito.

— Heidi tem estado extorquindo dinheiro de mim e eu venho pagando, em uma tentativa de manter afastado Seth de saber quem é seu verdadeiro pai. Não lhe disse porquê era apenas mais merda do meu passado, mas sinto muito que você teve de saber sobre ele daquela maneira. Não posso nem começar a imaginar o que sentiu ao ver Seth com Heidi.

Ergueu o queixo para forçar o seu olhar sobre ele. — Me perdoe.

— Preciso de um minuto, — ela sussurrou.

A frieza de seu tom fez gelar o seu sangue. Este era apenas o primeiro drama de muitos?

Ela finalmente recuperaria os seus sentidos e chutar a bunda dele para a calçada? Ela deveria fazer, mas foda-se, agora ele nunca a deixaria ir. Ela se afastou e de repente ele sentiu um vazio interior.

— Existe mais alguma coisa que preciso saber?

— Não.

— Não posso ter outra surpresa como essa, Trace. Você me disse uma vez que tinha um monte de merda no seu passado e eu aprecio isso, mas outro choque como este e eu acho que ele poderia me quebrar.

— Não há mais nada.

Sua cabeça baixou, mas ele ouviu claramente as suas palavras. — Você assumiu a responsabilidade de Seth, não foi?

— Alguém precisava. Com um pai e uma mãe com a dele, teria caído através nas rachaduras.

Olhos brilhantes olharam para ele. — E você está preocupado sobre tornar-se como seu pai? Você não é nada como

ele.

— Diga-me que você me perdoa, Ember.

— Eu perdoo.

— Sinto muito.

— Desculpe-me, eu tirei conclusões precipitadas, — ela sussurrou.

— Foi uma conclusão justa a fazer. — Ele caminhou até ela e puxou-a em seus braços. Seus lábios nos dela, mas era apenas um gosto e ele precisava de mais. O beijo se tornou carnal e ansiava por estar dentro dela, para encontrar a conexão que só tinha com ela, mas não queria ser um completo bastardo no cio que iria tomá-la e em seguida magoá-la ainda mais. Ela aparentemente sentiu o contrário. Pegou a mão dele e moveu-a para baixo de seu corpo. Ele estava tão duro como pedra. Pelo menos nisso poderia mostrar a ela como se sentia.

Ele enfiou a mão entre os corpos para encontrar e afagar a protuberância entre as pernas dela. Ela respondeu com um gemido sem fôlego e abriu as pernas para lhe dar melhor acesso.

Trace se lembrou de quando ele conheceu Ember e como tinha desejado ter se divertido com ela naquela noite de um modo semelhante, em vez de com a garota que ele tinha estado. — Lembre-se de dizer que queria ter sido com você a estar comigo em vez de Sapphire quando nos conhecemos? Eu também.

Seu som suave estava-o deixado louco. Sua cabeça caiu sobre seu ombro enquanto seus quadris moviam-se contra a sua mão. Seu polegar continuou até o momento de prazer em que ele empurrou dois dedos dentro dela, seu corpo se movia suavemente para cima e para baixo enquanto o montava. Ele queria ficar de joelhos e levá-la em sua boca, saboreá-la enquanto gozava, mas ela estava tão perto. Seus lábios roçaram sobre o ouvido dela.

— Monte com mais força, goze para mim.

Seus músculos se contraíram e ela mordeu o seu ombro para abafar o grito quando ela chegou ao clímax. Foi a coisa mais sexy que já tinha visto. Seu rosto estava corado e seus olhos ainda quentes com o desejo quando ela olhou para ele. Ele segurou o seu olhar e levou os dedos à boca para lamber o seu gosto.

— Doce fodido.

Ember de repente estava tranquila, ele estava prestes a perguntar o que ela estava pensando quando sua mão inconscientemente mudou-se para o seu estômago.

— Fui ver o médico ontem.

Levou um segundo ou dois e, em seguida, a mão dele cobriu a dela com o que aquilo que ela não disse o atingiu. — Você está grávida.

Ela uniu os seus dedos. — Nós estamos grávidos.

Ele não tinha a certeza de que emoção ele sentia com mais força, alegria ou medo. Segurou o seu olhar quando perguntou: — O que foi esse olhar?

Seu coração torceu com amor com as súbitas lágrimas nos olhos dela. — Isso é uma coisa boa, certo?

Sua voz falhou, mas ele respondeu honestamente. — Incrível.

— Mas?

Eles estavam à espera de uma criança. Ele não podia mentir, estava emocionado, mas também estava apavorado. E se ele se torna-se como seu pai doente de merda? Ember iria deixá-lo, ele iria insistir nisso, e perdê-la seria o fim dele.

— Trace.

Uma parte dele estava crescendo dentro dela e esse

pensamento trouxe uma onda de protecionismo nele.

— Uma moeda pelos seus pensamentos? — Ela se aproximou antes de perguntar: — Diga-me o que está colocando esse olhar em seu rosto.

— E se eu for como ele? E se for realmente um filho da puta doente como o meu pai? E se eu machucar o nosso filho?

Ember reagiu como se ele a tivesse esbofeteado. — Como diabos você pode sequer pensar isso?

— Como diabos não posso?

Foi compaixão que encheu a sua voz quando ela falou novamente. — Você não é nada como seu pai, mas vejo que terei que lembrá-lo disso repetidamente ao longo dos próximos sete meses.

Um sorriso relutante passou em sua boca. Sua crença inabalável nele era humilhante. Ele aproximou-se dela e envolveu-a em seus braços. — Provavelmente.

Olhando dentro daqueles olhos, ele sabia que ela era seu lar. Faria qualquer coisa por ela. — Quero ir com você para sua próxima consulta pré-natal.

— Realmente gostaria disso.

— De quanto tempo você está?

— Sete semanas. Nem percebi que não tive o meu período. Nunca foi regular e sempre foi louco, sinceramente nem sequer pensei nisso.

Ele sorriu e seu coração bateu mais rápido em seu peito.

Ele a puxou para ele e selou suas palavras perfeitas com um beijo.

Capítulo 11

Darcy chegou ao trabalho muito cedo na segunda-feira. Ela não podia mentir, ela estava desapontada que Lucien não fizera nenhuma tentativa de entrar em contato com ela no fim de semana, considerando que ele a chamou de prostituta, por duas vezes, ele deveria ter pelo menos tentado. A porta de seu escritório estava fechada, o que era estranho, já que ela sempre deixava aberta. Assim que acendeu as luzes, suspirou de prazer. Todo o seu escritório estava colorido com vasos de jardim cheios com todas as cores e variedade de flor cobrindo toda a superfície horizontal.

Um vaso, cheio de peônias em vários tons de rosa, se localizava bem no meio de sua mesa. Ela pegou o cartão e não pôde deixar de rir das desculpas de Lucien.

Eu fui um idiota. Perdoe-me.

Ela virou, com o coração na garganta, para vê-lo encostado na porta de seu escritório. Ele tirou seu fôlego, e ao vê-lo parecendo tão contrito e malditamente sexy, ela poderia perdoá-lo agora. Mas ela iria fazê-lo trabalhar por isso.

— As flores são lindas.

— Você me perdoa?

— Por me chamar de prostituta, porque eu estava dançando? Eu ainda estou em cima do muro.

— Acho que eu mereço isso. — Ele entrou em seu escritório e parou bem na frente dela. — Eu pensei que sobre o que você disse sobre como eu não lutei por você. Você está certa,

eu não fiz. Na época, eu estava tão devastado, perder a Irmã Anne e então você, eu acho que apenas desliguei. Eu deveria ter isso atrás de você.

Ela queria se jogar em seus braços, mas se manteve firme. Ele precisava saber que ele não poderia continuar jogando seu passado em seu rosto.

— Sinto muito sobre a noite de sexta. — Ele olhou para baixo por um momento antes de dizer: — Eu estava com ciúmes.

Suas palavras fizeram com que se sentisse quase tonta, mas ela controlou sua expressão. — Ciúmes. Bem, não havia necessidade de estar. Eu só estava dançando.

— Mas não comigo.

Ela inclinou a cabeça e sorriu. — Você não pediu. —

— E isso é tudo que eu preciso fazer? Pedir?

A expressão dela mudou de provocadora para sincera. — Eu nunca neguei nada a você, você sabe disso.

Seus dedos brincavam com uma mecha de seu cabelo e se ela teve a sensação de que ele estava tramando algo, não disse uma palavra, antes dele se virar e sair de seu escritório.

Por volta de meio-dia, Darcy foi pegar algo para comer, mas quando ela saiu de seu escritório, havia uma placa na parede em frente a porta que dizia: —Junte-se a mim?

No final do corredor ela podia ver um outro sinal. Este tinha uma flecha e ela seguiu até a próxima, subiu as escadas, por um corredor até uma porta com uma placa que dizia: — Demorou bastante.

Era a porta para o telhado e ela empurrou-a para ver Lucien de pé ao lado de uma pequena mesa com duas grandes tigelas de cristal cheio de pudim. Quando ela se aproximou, ele puxou a cadeira para ela e pousou o guardanapo no seu colo

antes de tomar o assento à sua frente. Ele levantou a colher e esperou por ela fazer o mesmo, antes de piscar. As palavras não eram necessárias. Foi, facilmente, o melhor almoço de sempre.

***

Duas noites depois Darcy sentou-se em seu apartamento com seus pensamentos inteiramente em Lucien. Após seu almoço de pudim, ele a levou de volta para seu escritório e beijou sua mão, antes de retornar ao seu próprio escritório. Na manhã seguinte, havia uma pequena caixa em sua mesa. Esteve esperando que pudesse ser flores, mas ela não esperava este tipo de presente. Ela abriu a caixa para encontrar uma caneca com o rosto de Lucien. Ela riu alto por causa da foto ridícula. Seria, com certeza, colocado proeminente em sua mesa, como ele sabia que ela faria.

Ela enfiou os dedos pelos cabelos quando preocupação arrepiou sua coluna. Tinha que contar a ele sobre o bebê, mas ela não sabia como. Ela sofreu com a culpa por anos sobre posteriormente perder sua criança. Será que ele pensaria que ela era responsável também? Isso era terrível, e ainda assim ela sabia que eles seriam incapazes de seguir em frente até que ela superasse o medo e contasse a ele.

A manhã de Darcy foi tranquila, por isso, na hora do almoço foi em busca de Lucien. Ela o levaria para almoçar e lhe contaria tudo. Parou na porta de seu escritório e levou um minuto para apenas olhar para ele. Ele olhou para cima, a viu e sorriu.

— Você gostaria de ir almoçar? — Ela perguntou.

— Sim. O que você está querendo comer? — Ele perguntou enquanto se moveu da sua mesa em sua direção.

— Chinês.

— Eu conheço um lugar.—

Lá fora, o sol brilhava no céu azul. Ele pegou a mão dela, algo tão simples e que a fez se sentir como se estivesse no topo do mundo. Nunca pensou muito sobre dar as mãos, mas segurar a mão de Lucien, era algo tão natural, quase inconscientemente – sim, ela gostou muito. Eles foram em direção a um caminhão prata no canto. — Nós estamos pegando chinês de um caminhão? — Perguntou Darcy.

— Não há lugar melhor na cidade, confie em mim.

Ele carregava o saco plástico branco, enquanto a levava ao que era, segundo ele, o lugar perfeito. Eles pararam em frente a uma das carruagens puxadas por cavalos e depois de pagar, ele a ajudou a subir. Ele Instalou-se ao lado dela e distribuiu as caixas.

— Eu nunca andei em um desses antes, — disse ela.

— Nem eu.

— Bem, então, como é que você sabe que é o lugar perfeito para o nosso almoço?

Seu sorriso foi lento, mas de tirar o fôlego quando completou: — Estamos nos movendo, então se eu disser algo estúpido, você não pode escapar.

— Você é um idiota. — Mas por dentro ela estava grata que ele não poderia ir embora depois que ela contasse as novidades a ele.

Ele não tirouos olhos dela, quando disse: — Eu fui, mas eu estou trabalhando nisso.

Suas palavras a surpreenderam. E seus lábios estavam tão perto que se ela se inclinasse para ele, os sentiria sob os dela.

— Eu vou beijar você, — ele disse suavemente. E então aqueles lábios estavam sobre os seus, ela e suspirou, concedendo-lhe acesso total a sua boca.

Minutos depois, ele se inclinou para trás, como se estivesse tentando manter-se sob controle, mas com desejo queimando em seus olhos quando ele olhou para ela.

— Gostosa, — disse ele, depois sorriu. — A comida, quero dizer.

Agora era a hora de dizer a ele, mas não conseguia pronunciar as palavras. O pensamento dele nunca olhar novamente para ela com tanta ternura foi suficiente para fazer Darcy atrasar por apenas mais um dia.

***

— Ember, Trace, este é o Dr. Lipton. Se estiver tudo bem com você, ele vai ver no seu ultrassom hoje. Ele é um cirurgião neonatal a quem eu pedi por uma consulta, — disse Dr.ª Cole.

— Claro. — Voz de Ember soou um pouco tensa, não era de se surpreender, uma vez que ela estava nervosa, um sentimento compartilhado de Trace.

— Ok, vamos prepará-la.

Dr.ª Cole entregou o vestido de papel para Ember antes de levá-los para um quarto. — Estaremos de volta em dez minutos.

Trace virou-se para Ember uma vez que a médica saiu. Ela estava olhando para a máquina de ultrassom. — Isso não parece muito confortável, — disse ela.

Olhos de Trace seguiram os dela. — Não, isso não é. — Ele

deu um passo mais perto dela. — Você está bem?

— Nervosa.

— Devo tirar sua roupa.

— Normalmente, essa afirmação vinda de você me deixa quase tonta em antecipação, mas não tanto hoje.

— Eu estarei bem aqui.

— Eu sei.

Trace colocou o vestido em cima da mesa antes de pegar a barra da camisa de Ember.

— Braços para cima, querida. Quando isso acabar, eu vou te comprar um cake pops.

Ela sorriu. — Dois cake pops.

— Você pegou isso. —

Uma batida na porta sinalizou a chegada dos médicos. Levaram alguns minutos para chegar com tudo organizado. — Você está pronta, Ember?

— Sim.

— Eu sei que é um pouco desconfortável, mas tente relaxar.

Trace sentiu uma onda de amor por ela quando ela tomou algumas respirações calmantes antes de dizer: — Eu estou pronta.

Ember ficou tensa, seu aperto em sua mão apertando, enquanto Dr.ª Cole inseria a sonda.

— Ok, vamos dar uma olhada. — A voz do Dr.ª Cole tirou a atenção de Trace para a tela. Ele viu quando Ember apertou a mão dele. O coração batendo. Ele não poderia dizer exatamente qual a emoção passou por ele ao ouvir o coração de seu filho, mas foi bem poderoso.

Dr. Lipton avançou para estudar algo na tela, o que fez

Trace perguntar: — Está tudo bem?

— Parece haver uma membrana que divide o útero de Ember. — Dr.ª Cole apontou para uma pequena e fina linha branca.

— Isso é um problema? — Trace sentiu seu coração se contrair.

— O bebê tem espaço para crescer, mas não sei se é o suficiente, — disse ele. — Neste momento, está tudo bem. O bebê está em uma boa posição e a placenta parece bem. Vamos acompanhar com ultrassons, uma de duas em duas semanas. O útero é um órgão incrível e tem a capacidade de aumentar de forma substancial, de modo que poderíamos estar nos preocupando por nada.

— E se não for? — Perguntou Trace.

—Bem, dependendo de quanto tempo a gravidez estiver, vamos confinar Ember a uma cama para descansar por algumas semanas até chegar o mais longe que pudermos com o bebê antes de dar à luz. E se tivermos que fazer a cirurgia mais cedo, as chances para os bebês prematuros são incríveis com a tecnologia de hoje. Mas não vamos nos preocupar com isso agora. Como eu disse, isso pode nunca chegar a esse ponto.

— Vou pedir à enfermeira para agendar outra ultrassom em duas semanas. Tome suas vitaminas, coma bem, faça alguns exercícios leves, e vamos levá-lo um dia de cada vez, — encorajou Dr.ª Cole.

— Tudo bem e obrigada — disse Ember.

— Vamos ver vocês em duas semanas, — disse o Dr. Lipton disse antes que ele e Dr.ª Cole deixassem o quarto.

Ember mudou-se para sentar quando Trace pegou suas roupas.

— Você está preocupado? — Perguntou Ember assim que os médicos deixaram. Trace poderia dizer que ela estava, ela tinha medo praticamente saindo em ondas dela.

— Sim, mas vamos tentar não nos preocupar. Você ouviu os médicos. Tudo poderia ser preocupação por nada. — Ele virou o rosto para o dela. —Mas me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

— Se isso se resumir a você ou o bebê, eu escolho você.

— Trace.

— Ember, prometa-me.

Ele sabia que as palavras eram difíceis para ela dizer, mas ele também sabia que, uma vez que ela dava a sua palavra, ela iria honrá-la. — Eu prometo.

Ele nunca sobreviveria se a perdesse, de jeito nenhum. Ele afastou o pensamento de sua cabeça e tentou ser leve, quando disse: — Eu não posso acreditar que estou dizendo isso, mas vou te vestir. Temos cake pops para comprar.

***

Darcy tinha começado a roer as unhas. Era um hábito terrível, mas os nervos fizeram isso com ela. Duas semanas depois que ela prometeu contar a Lucien sobre o bebê, ela ainda não tinha feito. E pior, ele estava fora em uma viagem de negócios para ouvir uma banda que ele estava considerando patrocinar. O que diabos ela estava fazendo? Ela sabia muito bem o que estava fazendo; ela estava adiando porque temia que o perderia cedo demais, logo depois de tê-lo de volta em sua vida. Houve uma

pequena parte do seu cérebro que pensou que ela estava sendo razoável, mas ela não conseguia ouvir aquela voz da razão. Seus dedos estavam de volta em sua boca, quando houve uma batida na porta.

Ela caminhou até a porta, olhando pelo olho mágico para ver Lucien parado lá.

Seu coração foi até a garganta.

Ela abriu a porta.

Seus olhos encontraram atrevidamente para os dela e em seguida, deliberadamente, moveram o olhar para baixo de seu corpo.

— Quando você fez... — Suas palavras foram cortadas quando a sua boca esmagou a dela. Todas as células em seu corpo explodiram a partir do contato quando seus braços encontraram seu caminho em torno de seu pescoço, mesmo sem ela ter um pensamento consciente de fazê-lo. Braços fortes enrolaram em volta da sua cintura e a puxaram para que seus corpos estivessem apertados, a suavidade da moldagem do corpo dela aos planos duros dos dele.

— Abra a boca para mim, — ele exigiu contra seus lábios, e ela seria estúpida se fizesse qualquer outra coisa, senão o que ele pediu. Assim como ela, sua língua varreu cada centímetro de sua boca. Levantou-a e pressionou-a contra a parede de seu apartamento, fechando a porta. Ela passou as mãos pelos seus cabelos e enrolou as pernas em volta de seu quadril.

Ele a queria, e a queria nua embaixo dele. Sua necessidade era tão poderosa que ele quase fez isso, mas eles precisavam levar as coisas devagar desta vez. Com mais força de vontade do que ele sabia que possuía, afastou sua boca. Ela abaixou a cabeça em seu ombro, sua respiração instável. Seu

coração batia contra o dele.

Ela levantou a cabeça e seus olhos azuis brilhantes estavam brilhando com amor e desejo, algo que Lucien não tinha visto em muito tempo. Seu instinto foi abraçá-la mais perto. Um pequeno sorriso brincou em torno de sua boca, e ao vê-lo teve que responder com um sorriso maldoso.

— Eu senti sua falta, — disse ela — Isso é um eufemismo. — E então ele a levou para o quarto. Quando chegou a sua cama, ele a deixou cair na cama.

— Lucien. — Ele parou no meio do movimento para o cobertor e lhe deu um beijo longo e duro. Ele gostou disso demorou alguns minutos para abrir os olhos. Depois, ele a cobriu com o cobertor. E ela perguntou:

— O que você está fazendo aqui?

Ele esfregou a nuca e a olhou pensativo por um minuto: — Levando as coisas devagar.

Ele queria ficar nu e subir na cama com ela, mas era melhor ser mais cauteloso desta vez. E depois disse: — Eu sei que seus sentimentos por mim estão mantendo você acordada à noite, mas você precisa dormir. Você tem círculos escuros sob seus olhos.

— Presunçoso.

— Certo.

— Arrogante.

— Ainda está certo.

— Maldito bastardo.

Ele pressionou seus lábios contra os dela. — Com certeza. — Ele ficou sério e escovou seu cabelo do rosto.

—Eu não quero foder isso de novo. Eu sei que nós tivemos ajuda para estragar tudo, mas também fizemos nossa parte.

— Eu concordo, mas por que você veio esta noite se você já está saindo?

— Saí do avião e encontrei-me à sua porta.

— Boa resposta

Ele a beijou de novo antes de se levantar. —Vejo você na parte da manhã.

Ele virou, mas, então, sua voz suave veio de trás dele. — Dorme aqui.

Ele se virou de volta. — Não, nós não vamos dormir.

Ela parecia quase nervosa quando disse: — Eu tenho que te contar uma coisa.

Apreensão o encheu. — Parece importante.

— E é.

— Podemos conversar amanhã? Estou exausto.

Ela mordeu seu lábio inferior por um minuto. — Tudo bem.

Ele começou a partir do quarto novamente, sentindo-se tenso. Ele sabia que ela estava tensa também, quando procurou aliviá-lo através de provocações. Ele estava feliz em jogar junto.

— Você não vai esquecer o meu nome, não é? — Disse ela.

— Não, Gwen.

— Saia.

— Partindo, Nancy.

Ela jogou o travesseiro nele, que se esquivou facilmente, e começou a partir do quarto. — Durma bem, Bertha.

Ele fechou a porta de seu quarto com o som de sua risada.

***

Darcy acordou pela manhã, sentindo cheiro de café, então ela percorreu o corredor até ver Lucien sentado em sua cozinha lendo um jornal. A memória de ontem à noite em toda a sua glória veio correndo de volta para ela, e então aquela voz maravilhosa cumprimentou-a do outro lado do cômodo.

— Bom dia.

— Você está aqui novamente.

Ele dobrou o jornal e colocou-o sobre a mesa antes de se levantar e caminhar até ela. Ele a puxou para mais perto.

— Eu nunca saí. Lutei por mais de uma hora comigo mesmo sabendo que você estava lá e que eu poderia estar também. Adormeci em seu sofá. Eu não conseguia me fazer sair. — Ele a beijou e ela sentiu seus lábios transformando-se em um sorriso antes dele dizer: — Eu fiz café para você.

Ela não queria o café; ela queria tirá-lo de suas roupas e beber nele. Seus braços apertaram ao redor dela, como se pudesse ler sua mente.

— Você queria conversar.

—Sim, mas eu não quero ter essa conversa neste momento particular.

Curiosidade brilhou em seus olhos, mas ele pareceu superar e perguntou: — Há uma festa na cada de Trace amanhã à noite. Você quer vir comigo?

— Sim.

Ele tocou seu cabelo, esfregando alguns fios entre os dedos, antes de levantar os olhos para ela. — Eu quero fazer amor com você, Darcy, mas em primeiro lugar, quero conhecer você novamente.

— Tudo bem.

— Não há argumentos? Isso não parece possível.

— Quando você faz sentido, eu não tenho nenhuma necessidade de discutir com você. — Sua provocação ficou séria antes dela acrescentar: — Eu nunca pensei que estaria aqui novamente, então eu vou levar qualquer maneira o que possa ter você.

Seus olhos escurecerem. — Foda-se à espera.

Ele levantou-a do chão e não soltou quando eles alcançaram seu quarto, mas deixou-a deslizar para baixo contra ele, apertando-a com força pouco antes de sua boca cobrir a dela. As mãos dela se moveram em torno de suas costas para aprender o corpo do homem que ele tinha se tornado. Ela deslizou por baixo da camisa para tocar sua pele quente e os músculos duros. Suas mãos se moveram para emoldurar seu rosto quando ele aprofundou o beijo, sua língua explorando cada parte de sua boca antes de ele sugar a sua língua. Ele se moveu para os ombros dela, empurrando a camisa solta pelos braços, prendendo-os ao lado dela. Sua boca puxou a dela e ele parecia perigoso quando seus olhos se moveram para baixo de seu corpo até os seus seios.

— Você é linda, — ele sussurrou, antes de fechar a boca sobre o seu mamilo, sugando um dos picos profundamente em sua boca. Desejo disparou em diretamente para entre suas pernas. Ele se mudou para o outro seio e a necessidade de tocá-lo era crua, mas não podia, porque seus braços estavam presos.

— Eu quero tocar em você.

Ele abaixou a camisa, liberando seus braços antes que de le se abaixar na frente dela e pressionar beijos na sua barriga. Quando ele a beijou entre as pernas através da seda de sua calcinha, ela quase veio. Ele deslizou a seda por suas pernas. — Abra suas pernas para mim.

A lembrança de sua primeira vez provocou sua mente e ela sabia que ele se lembrou também.

Ele pressionou um beijo na parte interna do seu joelho, em seguida, até a coxa dela, até que chegou ao seu centro. Ele abriu-a com seus dedos antes de sua língua experimentar, justo em seu nó dolorido.

— Oh Deus.

Ele olhou para ela com um sorriso antes de dizer: — Lucien. Oh Lucien.

— Provocador, — ela sussurrou.

Como para confirmar essa afirmação, ele correu um dedo sobre seu calor úmido, provocando-a enquanto brincava com o nó sensível circulando sobre ele, mas não entrando. Seus quadris se moveram contra sua mão, ansiosos pela penetração, mas sem conseguir isso.

As palavras saíram de sua garganta, sem pensamento consciente. — Oh Lucien.

Ele empurrou um dedo dentro dela, profundo e lento, antes de retirar. Ele acrescentou outro dedo, chupando-a ao mesmo tempo, e ela veio forte. Sua língua moveu-se para combinar com seus dedos e provar a evidência de seu orgasmo. Ele beijou seu caminho subindo pelo seu corpo antes de estabelecer a sua boca sobre a dela.

— Eu nunca esqueci seu gosto.

Ela colocou os braços em volta de seu pescoço e o beijou, saboreando sua língua. Seus braços em volta dela antes dos dois caírem na cama. Ele se estabeleceu entre suas pernas e esfregou contra ela através de suas roupas.

— Você está usando roupas demais.

Ele sorriu contra seus lábios. — Concordo.

Ele se movia com uma graça que foi de dar água na boca. Ela observou-o levantar a camisa com avidez sobre sua cabeça. Seu peito era espetacular, bronzeado e rasgado com músculos, seu estômago era plano, eram tão definido que parecia esculpido. E então seus olhos viram a tatuagem sob o seu braço direito. Uma palavra parecendo solitária, até um pouco perdida, o que ela tinha certeza era o ponto: — Esquecido.

— Darcy?

Ela mudou-se para ajoelhar na frente dele e levantou o braço para traçar as linhas cursivas de sua tatuagem.

Quando seus olhos se encontraram novamente, havia lágrimas nos dela, porque acreditava que ele acreditou que foi esquecido.

— Por que você está chorando?

— Você nunca foi esquecido, Lucien. Pensei em você a cada dia de merda.

Sua confissão deixou Lucien sem palavras. Não havia palavras que podiam fazer justiça ao que ele estava sentindo, então mostrou a ela. Ele se moveu entre suas pernas e quando entrou nela, ele o fez lentamente e viu seu rosto enquanto ele a encheu centímetro por centímetro. Quando ele estava totalmente dentro dela, gemeu e, em seguida, começou a se mover. Suas pernas vieram ao redor dele, exigindo que ele fosse mais fundo. Sentiu-a apertar em torno dele e se moveu de forma que a cada impulso ele estaria atingindo a parte que iria mandá-la novamente. E quando ela veio, ele levantou os quadris e puxou-a contra ele antes de realmente começar a se mover. Ele estava perdendo-se ao estar dentro dela novamente, mas quando chegou, ele não rugiu seu nome, mas sussurrou quase com reverência.

Ela estava sorrindo para ele, e foi assim que ele a queria

novamente.

***

Darcy ficou na cama, alegando que ela havia perdido o uso das pernas. Isso era possível. Lucien tinha feito com ela quatro vezes apenas hoje e ele estava ansioso para voltar até ela e torná-lo cinco. Suas palavras para ele – que ele não foi esquecido – tinham fodidamente chegado a ele, especialmente desde que ele sabia que ela falava a verdade.

Sentiu raiva por ele, pela ideia de que alguém tinha deliberadamente se marginalizado. Josh não fizera nenhum progresso sobre o homem que procurou Darcy, mas ele o chamou para dizer a Lucien que ele tinha algumas informações sobre seu passado. Ele parecia um pouco relutante em discutir o assunto por telefone. Curiosidade, bem como culpa, tomou conta dele por ter ido por trás das costas de Darcy, mas o que foi feito não pode ser desfeito. Agora não era o momento para refletir sobre o desagradável.

Ele suspeitava que sabia porque Trace e Ember estavam tendo uma festa.

***

Vinte minutos depois, ele estava no meio de uma loja que parecia um conto de fadas que tinha dado horrivelmente errado.

O que diabos o possuiu? Não era tanto as mini-cozinhas e os berços gigantes, mas as mães empurrando em torno com esses Hummers para crianças. Se mais um carrinho de criança batesse na parte de trás da sua perna, ele provavelmente iria queimar o lugar.

Seu brilho feliz foi desaparecendo rapidamente e, em seguida, um cavalo de balanço no canto da loja chamou sua atenção. A madeira parecia ser de carvalho e era da cor de mel e tinha crina de cavalo de verdade. Ember amaria isso.

Uma voz atrás dele chamou sua atenção a partir do caos ao seu redor. Demorou um pouco para ele registrar que a loira de pernas longas era uma vendedora na seção de bebês, porque ela parecia mais como a estrela do Van Halen do vídeo "Hot for Teacher": uma saia muito curta, saltos foda-me nos calcanhares, e uma camisa oxford desbotada de uma forma completamente não educadora. Quem diabos ela estava tentando impressionar?

E em seguida, ele notou alguns pais na frente da sala – cansados, estressados, e claramente privados de sexo pelo caminho, seus olhos fixados na bunda da vendedora. Quem diria que um departamento de bebê poderia ser tão carnal?

— Eu posso ajudá-lo? — Juro por Deus, ela ronronou para ele, a questão só atada com um duplo sentido.

— Eu gosto deste cavalo.

— Claro que sim. Você vê mais alguma coisa que você gosta?

A vendedora era definitivamente mestre do duplo sentido, e houve um tempo em que Lucien teria aceitado a oferta da mulher sexy. Ele teria feito com ela contra a parede em um banheiro de família, mas agora ele tinha Darcy. E o pensamento dela nua e na cama deixava-o com pressa de voltar para ela.

— Não, só o cavalo.

— Isso vai levar apenas um momento, — ela sussurrou.

***

Darcy estava ao lado de Lucien, correndo os dedos sobre os músculos de seu abdômen. Ela havia sentido falta disso quase mais do que os momentos depois do sexo quando falavam sobre tudo e de qualquer coisa. Isso sempre foi assim para eles, de modo fácil e confortável.

Ela esteve pensando mais e mais sobre a conversa que teve com aquele homem naquele dia. Ele disse a ela que iria ajudar Lucien, mas com base em algumas das histórias que tinha ouvido, isso não aconteceu, parece que ele não manteve sua palavra. Mas ainda assim, Lucien era um homem muito rico agora, talvez por isso. Ela se levantou sobre os seus cotovelos.

— Como você ficou tão rico?

— Você só está atrás do meu dinheiro, eu vejo. — Ele deu-lhe uma piscadela.

Ela o empurrou e riu. — Eu me apaixonei por você, quando você não tinha um centavo para chamar de seu.

Ternura tomou conta de seu rosto e ele se inclinou e a beijou. — É verdade. — Ele colocou uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. — Por que você está perguntando?

— O homem que veio até mim naquele dia prometeu que o ajudaria, enquanto eu me afastasse da sua vida. Eu pensei que era apenas mais uma mentira, mas você não pode discutir com o seu sucesso. Você sabe se talvez ele manteve a sua palavra? Ele

poderia ter estado ajudando você ao longo do caminho.

Ela viu a sua ira e não poderia culpá-lo por isso, mas talvez o que eles estavam procurando estava bem debaixo de seus narizes.

— Eu peguei todo o trabalho que eu poderia encontrar e guardei a maioria do que eu fiz. Quando eu tinha guardado o suficiente, comecei a investir em negócios não muito respeitáveis e em pouco tempo eu possuía essas empresas. Eventualmente eu comecei a investir em negócios legítimos. Não foi fácil. Eu aumentei as minhas dívidas e fiz merda, eu não me orgulho disso. — Ele tocou o cabelo antes de correr o seu dedo ao longo da mandíbula dela. — Em retrospectiva sendo isso é o que é, eu estou feliz que você não estava lá para isso. Que você não foi exposta a tudo o que eu era.

Ela viu o momento ah-ha bem antes dele dizer: — Mas... sim, houve algumas vezes que eu não entendi como eu consegui alguns dos trabalhos que eu fiz. Por que alguém confiaria em um garoto como eu. Alguém importante nos bastidores poderia ter puxado algumas cordas. Isso faria sentido. Até o meu registro adolescente...

Darcy sentou-se. — Você tem um registro criminal?

— Será que surpreende você?

Ela nem sequer hesitou em responder, o que fez seu coração bater um pouco mais rápido em seu peito. — Sim, porque o menino que eu conhecia não era um criminoso.

Ele beijou a bochecha dela. — Bem, fique tranquila, não tenho antecedentes criminais e nas poucas vezes em que eu estava encarcerado, foi apenas uma pernoite. Eu nunca fui preso. E você? Você tem alguns esqueletos no seu armário?

Ele estava brincando, mas ela olhou como se fosse

culpada. O que ela estava escondendo dele? Ele estava tentado a extrair uma confissão, mas não teve coragem. Ela lhe diria quando estivesse pronta.

Ela encontrou seus olhos e apertou os lábios, pensativos. — Então, quem é o homem por trás da cortina e qual é o seu interesse em você?

Ele esperava que ela mudasse de assunto. Hora de algo diferente. Ele rolou, prendendo Darcy sob ele. — Boa pergunta, mas eu não estou interessado no momento.

Suas pernas vieram ao redor de seu quadril e esfregou-se contra ele. —Nem eu.

Capítulo 12

— Tem certeza de que está pronta para isso? — Trace estudou Ember da porta de seu quarto enquanto ela prendia o cabelo para cima em algum tipo de nó sexy. Eles decidiram ter um jantar para anunciar o bebê. Sabendo que ela estava grávida, especialmente após a montanha-russa emocional que ele a fez passar, não queria que ela se esforçasse.

Paciência dominou o olhar que ela lhe deu. — Estou grávida, e não inválida.

— Algumas semanas atrás, eu passei o inferno.

— Sim, e nós seguimos em frente.

— Se você se cansar, basta dizer alguma coisa e eu vou chutar todo mundo para fora do apartamento.

Ela se moveu até ele, colocou os braços ao redor da sua cintura e apertou seus lábios contra os dele. — Eu estou bem, mas eu vou te dizer quando eu me cansar.

— Bom. — Suas mãos se moveram pelo corpo dela até os quadris para que ele pudesse pressioná-la mais de perto, então sua boca se estabeleceu firmemente sobre a dela. Demorando algum tempo antes de soltá-la. Seus olhos ainda estavam fechados quando ela disse: — Definitivamente terminaremos esta conversa mais tarde.

Seu sorriso era arrogante quando ela finalmente abriu os olhos. O beijo foi duro e rápido.

— Vejo você lá fora, — disse ele.

— Ok.

Uma hora mais tarde, Trace pediu a atenção de todos. — Nós estamos grávidos.

O pai de Ember a levantou e a girou ao redor, fazendo com que sua risada preenchesse todos os cantos do apartamento.

— Eu vou ser titia, — Chelsea gritou enquanto ela se jogou em Trace. —Tia Chelsea.

— E também vai ser uma excelente tia, irmãzinha.

***

— Obrigado por ter vindo comigo. Quando a multidão se dissipar, eu vou levá-la e te apresentar novamente a Trace. Ember mencionou que você e ela já se conhecem, — disse Lucien a Darcy.

Um olhar estranho atravessou o rosto de Darcy com seu comentário, e Lucien levantou uma sobrancelha em curiosidade. — Eu estava com ciúmes quando a vi.

— De Ember, por quê?

— Ela não era seu tipo habitual e o pensamento de que você poderia estar falando sério sobre ela me deixou ciumenta.

— Ember sempre teve olhos somente para Trace, mas eu gosto de saber que você estava com ciúmes.

O rolar de olhos era clássico de Darcy. — Você é um palhaço.

Trace se aproximou de Lucien mais tarde, enquanto Ember conversava com Darcy.

— Obrigado por ter vindo, e pelo cavalo de balanço. Ember realmente chorou quando ela viu. Claro que ela chora por qualquer coisa atualmente. Ainda ontem ela quebrou enquanto

assistia a um comercial de café.

Lucien gargalhou. — Parabéns. Você deve estar animado e apavorado ao mesmo tempo.

— Estou muito feliz, mas eu não sei se sou ideal para a paternidade. — O tom de voz de Trace revelou mais do que suas palavras reais.

Lucien pôs a mão no ombro do amigo.

— Eu te conheço há muito tempo, e posso dizer sem dúvida que você será um excelente pai. Veja como você se importa com Chelsea e Seth. E você não é seu pai, Trace.

— Isso é o que Ember continua dizendo.

— Ouça ela. Ela sabe o que está falando.

O olhar de Trace mudou-se para Ember, assim como Lucien olhou para Darcy. — Darcy, sua Caterpillar, não é?

Mesmo que os três estiveram em St. Agnes juntos, Trace e Darcy nunca tiveram realmente uma chance de conhecer um ao outro. Anos depois de St. Agnes que Lucien ficou tão bêbado que começou a balbuciar acerca de Darcy. Ele não tinha bebido o suficiente, infelizmente, porque ele se lembrava do seu estupor apaixonado e Trace também.

— Você se lembra disso?

— Sim. Então o que aconteceu?

— Ela se candidatou a um emprego no Allegro e uma coisa levou a outra. Agora não é o momento, mas mais tarde eu gostaria de falar com você sobre Heidi.

— Por que diabos você quer falar sobre ela?

— Ela desempenhou um papel no que aconteceu entre Darcy e eu. Ela sabe mais do que está dizendo.

Algo escuro se moveu no rosto de Trace. — Heidi é uma cadela manipuladora, então eu posso acreditar em qualquer coisa

quando se trata dela. Se ela viu uma oportunidade, absolutamente a agarraria. Eu estou assumindo desde que Darcy está aqui com você, que vocês trabalharam nisso.

— Estamos trabalhando nisso.

Trace bateu nas costas do seu amigo. —Estou feliz por você. Eu sempre tive a sensação de que ela significa para você o que Ember passou a significar para mim.

Lucien nem sequer hesitou em sua resposta. — Ela significa.

***

Mais tarde, Josh se aproximou de Lucien. — Podemos conversar?

— Claro.

Eles entraram no escritório, que estava vazio, antes de Josh virar-se para Lucien. — O tempo é uma porcaria, mas você está aqui e esta atribuição não está certa. — Ele olhou para baixo por um minuto.

— Eu pesquisei sobre Darcy como você pediu, mas você está com ela agora, então eu acho que seria melhor se você apenas conversasse com ela.

Lucien estava prestes a concordar, mas havia algo no tom de Josh que o fez parar.

— O que você descobriu?

— Algo que eu acho que deve perguntar a Darcy.

Imediatamente, Lucien se colocou na defensiva. Será que ela estava escondendo alguma coisa dele? Ela era casada? Se ela

tivesse sido? Após essas semanas eles tinham acabado compartilhando, como ela poderia esconder alguma coisa dele?

— Não, diga-me.

— Eu realmente acho que você precisa falar com Darcy.

— Apenas me diga! — Lucien perguntou, seu ciúme se transformando em uma coisa viva.

— Era um bebê.

Ela teve um bebê. Bebê de outra pessoa? Seu bebê? Era por isso que ela o procurou?

Ela estava atrás de dinheiro? Ciúme se transformou em raiva. Ou será que ela desistiu de seu bebê? E então ele se lembrou de sua reação à sua pergunta sobre esqueletos. Que porra de segredo para esconder dele, especialmente considerando suas próprias infâncias.

Sua voz se tornou fria e dura. — Onde está a criança agora?

Houve simpatia na expressão de Josh quando ele disse: — O bebê morreu.

De repente, Lucien se sentiu mal. — Como?

— Aparentemente, a gravidez foi difícil. Um dia, Darcy ficou tonta e caiu da escada. Ela foi levada às pressas para o hospital, mas o bebê não suportou, e ela quase não suportou também.

A voz de Josh suavizou quando ele acrescentou: — Era o seu filho.

— Oh meu Deus. — Lucien ficou horrorizado, quase tanto de si mesmo quanto por causa das conclusões que ele teve, enquanto ela perdeu seu filho. — Onde o bebê está enterrado?

— A mãe de Darcy teve o bebê cremado como John ou Jane Doe, enquanto Darcy estava inconsciente em sua cama de

hospital. Não houve cinzas.

— O quê? — Essa palavra saiu como um rugido. Conhecendo Darcy como ele fazia, ela teria se sentido responsável por perder o bebê; mas a decisão sobre seu lugar de descanso ter sido tirado dela deve ter sido devastador. Ela não tinha sequer um lugar para ir lamentar por seu filho.

Suspeita o encheu sobre os motivos da mãe de Darcy. Ela não dá a mínima para Darcy, então por que se envolver com o enterro do bebê? Por que veio até Darcy depois da tragédia?

E Darcy teve que lidar com uma gravidez, a perda de seu filho, e quase morreu sozinha. Ele precisava dela naquele momento. Ele precisava senti-la segura e quente, e então ele ficaria de joelhos e implorar-lhe que o perdoasse. E não apenas pelo passado, mas porque ele violou a confiança dela, buscando informações que ela obviamente não estava pronta para compartilhar.

— Obrigado, Josh.

— O que você vai fazer?

— Implorar por seu perdão.

O sorriso de Josh era ligeiro antes que ele disse: — Soa como um bom modo de começar, meu filho.

***

Darcy estava em seu caminho para o banheiro quando ouviu o som da voz de Lucien. Ela parou a tempo de ouvir Lucien gritar: — Apenas me diga!

— Era um bebê.

Ela reconheceu a voz do tio de Ember. Mas o tom de Lucien a deixou doente, ele acreditava que ela havia desistido de seu bebê. Como é que ele podia acreditar isso sobre ela? Mas então Josh passou a detalhar, seu próprio pesadelo. Ela afastou-se da porta, quando dormência a encheu. Ele a tinha investigado, havia violado sua privacidade e cavou em seu passado e sua dor. Quem diabos lhe deu o direito de fazer isso? Ela tinha que sair de lá.

Ela chegou à sala e viu Ember. Ela pensou em dizer alguma desculpa sobre o porquê ela estar saindo assim de repente, mas ela simplesmente não fez isso.

— Eu tenho que ir.

A preocupação estava clara na voz de Ember. — Está tudo bem?

Ela não podia responder por que as palavras não saíam. Em vez disso, ela agarrou a mão de Ember e apertou, antes que ela praticamente corresse do apartamento. Do lado de fora, ela começou a andar até que viu um táxi e chamou.

***

Quando ela chegou ao orfanato, ele parecia tão diferente do que tinha sido, quando ela o chamou de casa, mas havia um lugar que ainda parecia o mesmo: sua árvore. A mesma árvore que ela e Lucien tinham combinado de se encontrar naquele dia.

Seu bebê já havia sido cremado pelo tempo que ela estava consciente de novo, uma cremação aberta com outras almas sem nome, de modo que não havia cinzas para Darcy. Sua mãe alegou

que era a opção mais barata, mas por que a mãe dela não esperou por ela? Era como se a mãe dela estivesse cuspindo nela de propósito. Então, ela perdeu o bebê, nunca chegou a segurá-lo ou segurá-la, ou dizer adeus. Não havia nem mesmo algum lugar para ela ir visitar o bebê que tinha amado a partir do momento em que descobriu que estava grávida.

Darcy odiou voltar para casa com sua mãe depois que ela perdeu o bebê, mas a mulher insistiu e desde que Darcy era menor de idade, não teve escolha. E então, logo que eles voltaram para casa, tudo era exatamente como tinha sido, exceto o aumento da dependência de sua mãe com álcool. Por que sua mãe a queria em casa novamente?

Sua mãe passou os seus dias bebendo e suas noites saindo com estranhos. Como ela pagou o aluguel foi além da compreensão de Darcy, porque a mulher não funcionava. Darcy pensou em deixá-la inúmeras vezes, mas o único lugar que ela tinha, que ela poderia ir era St. Agnes. Duas coisas a impedia de fugir para lá: sua mãe só a encontraria e traria de volta e havia muitas lembranças para assombrá-la.

Ela afastou os seus pensamentos da sua mãe. A dor da traição de Lucien era impressionante. Isso era sobre ela, por não ter lhe dito mais cedo sobre o bebê, ela sabia disso. Mas ele a investigou, o que era ruim o suficiente, mas era imperdoável que ele poderia saltar para a conclusão, que ele teve sobre o bebê: que ela abandonou seu filho. Mais uma vez, ele acreditou no pior sobre ela. Não questionou, não discutiu, mas acreditou com tanta facilidade que ela poderia fazer algo tão horrendo: levar seu filho ao tipo de infância que ambos tinham sofrido também. Ela amava o seu bebê, teria feito qualquer coisa por seu filho; na verdade, ela já tinha começado a olhar para a ajuda do governo e habitação de

modo que pudesse ficar com o bebê. Todos esses anos ela carregou a culpa e a responsabilidade do que havia acontecido entre ela e Lucien, mas pela primeira vez, sua raiva não foi dirigida para dentro dela. Ouvir o desgosto em sua voz, saber que ele acreditou imediatamente no pior dela, a deixou com uma emoção que se parecia como um ódio terrível.

***

Lucien saiu do escritório de Trace sentimento como se tivesse acabado de encarar um trem a toda velocidade. Eles haviam feito um bebê. Ele deu a si mesmo um momento para pensar em *e se*. Sua criança teria quase quatorze anos agora se ele ou ela estivesse vivo. Era um menino ou uma menina? Será que ele ou ela teria o nariz e boca de Darcy? Talvez seus belos olhos.

O pensamento de que Darcy lidou tanto com a gravidez, quanto com a perda sozinha enquanto ele estava fora sendo amargo e auto-destrutivo, o enojava. Ele precisava encontrá-la e dizer-lhe tudo e depois como ele disse a Josh, lhe pediria para perdoá-lo. Quando chegou à sala, ele notou que Darcy não estava lá, mas Ember e Trace estavam e parecia que estavam esperando por ele.

Ele perguntou: — Onde está Darcy?

— Ela já foi. — A voz de Ember tinha uma nota de piedade.

Imediatamente ele sabia que Darcy ouviu sua discussão com Josh. — Há quanto tempo?

— Cerca de dez minutos.

— Maldição.

— Você quer ajudar para encontrá-la? — Perguntou Trace.

Lucien parou no meio do caminho até a porta para olhar para trás, para seu amigo. — Obrigado, mas eu preciso fazer isso sozinho.

— Ligue se você mudar de ideia.

***

No momento em que Darcy voltou para casa era perto das três horas da manhã e ela não estava realmente surpresa ao ver Lucien sentado do lado de fora do meu apartamento. Assim que a viu, ele se levantou e foi em sua direção. Ela o impediu de puxá-la para seus braços e segurá-la.

— Estou cansada. Isso vai ter que esperar.

— Droga, Darcy, eu estive sentado aqui fora por toda a porra da noite.

Ela se virou para ele e toda a raiva que estava sentindo pelas últimas horas apenas borbulhou fora dela.

— Realmente, eu estou tão triste por isso, mas, apenas um pensamento, talvez se você não tivesse ido atrás do meu passado e me investigado, você não teria motivo para se sentar aqui.

— Eu estava errado. — Como simples e fácil era dizer aquelas palavras.

— Estou feliz que estamos de acordo sobre esse ponto.

— Eu estava errado, Darcy. Eu sei exatamente como eu estava errado, mas eu te amo, porra.

E os golpes continuaram chegando por ouvir aquelas palavras dele agora com seu coração quebrado. Eles não iam

mudar o que ela precisava fazer.

— Você não tem ideia de quanto tempo eu esperei ouvir você dizer essas palavras para mim de novo, mas é muito, muito tarde, Lucien.

— O que diabos você está dizendo?

Ela ficou surpresa com a calma que soou quando seu coração estava quebrando. — Eu poderia ter perdoado por invadir a minha privacidade, posso até entender o que alimentou a sua necessidade de fazê-lo, mas não posso perdoá-lo por acreditar que eu teria abortado a criança. Toda vez que você se depara com uma escolha, você sempre acaba acreditando no pior de mim.

— Darcy, eu estava errado.

— Sim, você estava, e da próxima vez que você se deparar com a escolha em acreditar em mim ou não, o que impedirá você de fazer o que você sempre faz? Julgando-me. — Lágrimas de raiva queimaram seus olhos e deixaram suas bochechas coradas. — Você não pode me julgar. Você não estava lá, — sua voz quebrou e seus ombros caíram em derrota, — Através da devastação da perda e nos anos que se seguiram. Eu não preciso do seu julgamento ou seu ódio, porque eu me odeio o suficiente por nós dois.

Lucien tentou dar um passo em direção a ela, mas ela se afastou dele. —Darcy.

— Eu não posso fazer isso. — Ela se virou e começou a entrar pela sua porta.

— E você começa a decidir que está tudo acabado entre nós? Esta segunda oportunidade que nos foi dada, você está apenas disposta a abandonar isso?

Seus olhos o encararam por cima de seu ombro. — Eu estou seguindo a sua liderança.

A porta fechou-se em seu rosto com um clique decidido.

***

Na manhã seguinte Darcy queria dizer que estava doente, mas ela nunca tinha sido uma covarde. Assim que ela abriu a porta do Allegro, ela esperava que Lucien tivesse um inferno de um dia e uma semana fora. Ela não era sortuda; quando ela passou por seu escritório, o viu atrás de sua mesa. Ele levantou a cabeça e olhou bem para ela, mas sua expressão estava completamente em branco.

Ela correu para o seu escritório na esperança de se esconder o dia todo, mas ela não tinha sequer se sentado quando uma batida suave e um movimento na porta chamou sua atenção. Lucien estava em sua porta. Sua boca abriu para pedir para ele deixá-la, mas ele parou com as suas palavras:

— Ouça o que tenho a dizer e então eu vou deixá-la sozinha.

Dor estava ligada através de suas palavras, e ouvi-lo partiu seu coração. Ela não foi à única machucada e então ela balançou a cabeça em resposta.

— Eu só amei duas pessoas na minha vida. Eu perdi a Irmã Anne e em pouco tempo, eu perdi você. Sua perda foi dolorosa, mas a sua foi devastadora. Você está certa, eu não lutei por você, porque algo dentro de mim se partiu quando você me deixou. Eu sei que você não teria desistido de nosso filho, minha reação foi instintiva e foi errada me desculpe, por te machucar, mas eu não vou cometer o mesmo erro novamente. Eu quero você

na minha vida, Darcy, e eu não vou deixar você se afastar de mim. Vou dar-lhe tempo, porque eu lhe devo isso, mas eu planejo lutar como o inferno por você.

Darcy observou-o ir embora antes de puxar a cadeira e cair nela.

— Uau.

— Você tem um minuto? — Darcy olhou por cima de seu trabalho mais tarde naquele dia para ver Ember em sua porta.

— Ember, oi.

— Desculpe por apenas aparecer, mas...

Darcy recostou-se na cadeira e estudou a outra mulher. Ela não era nada difícil de ler.

— Você veio para ver se eu estou bem.

Humor atravessou a expressão de Ember. — Estou realmente expressando isso?

— Sim.

— Eu não estou tentando me intrometer, mas você parecia muito chateada ontem e eu sei que não é da minha conta, mas se você precisa de alguém para conversar ou um ombro para chorar ou apenas quiser comer seu peso corporal em chocolate e assistir a filmes bobos, eu estou aqui.

Darcy ficou surpreendida, não só pela oferta, mas pela percepção de que ela realmente queria alguém para conversar. — Eu gostaria muito. Você está livre hoje à noite?

— Eu estou. Correndo o risco de intromissão, eu não sei o que aconteceu entre você e Lucien, mas eu conheço o homem que ele é agora. Ele é complicado e privado, mas ele é o primeiro a oferecer uma mão quando alguém precisa dele.

— Parece que ele não mudou muito em tudo.

— Aqueles que amamos podem nos machucar mais, e ele

te ama. Está escrito por todo o seu rosto.

— Obrigada por isso. Na minha casa, esta noite às sete. Eu vou te enviar uma mensagem com o endereço.

— Eu estarei lá.

***

Lucien bebeu devagar seu Scotch e pensou em Darcy. A memória bateu nele.

Quinze anos atrás

— Você já pensou sobre onde você quer estar daqui a dez anos? — Lucien perguntou a Darcy enquanto caminhavam pelo bairro familiar perto de St. Agnes.

— Eu pensei.

O modo como ela respondeu despertou seu interesse. — E?

— Eu quero uma família: filhos e um marido que me ama sem interrupção. Eu quero um lugar onde Eu pertença, onde eu não sinta que estou me intrometendo, onde eu só seja eu mesma.

Lucien parou de andar e se concentrou em Darcy. — Você se sente assim em torno de mim?

Seus olhos não conseguiam encontrar os seus. — Eu sinto. Em meus sonhos, você é o marido que me ama sem interrupção.

Ele tocou-lhe o queixo para levantar o olhar para ele. — Eu estou bem na minha maneira de amar você sem interrupção. — E então ele balançou as sobrancelhas. — Crianças... sim, quando

estivermos mais velhos talvez eu possa pensar nisso, especialmente com a dedicação que teria de ter em fazer as crianças. Isso é um trabalho incansável, mas eu acredito que estou à altura da tarefa.

— Você é um bobão.

Ele envolveu seu braço em volta dos seus ombros para que pudesse puxá-la para mais perto e beijar a sua cabeça. — Mas eu sou o seu bobão.

— E você? — Perguntou Darcy. — Já pensou onde vai estar daqui a dez anos?

Ele encontrou seu olhar. — Cercado por hordas de crianças com uma mulher que eu amo sem interrupção.

Darcy tentou se afastar dele. — Você está tirando sarro de mim.

Ele a puxou para mais perto e passou os braços em volta dela. — Eu quero fazer algo por mim mesmo. Como é que eu vou fazer isso, eu não sei. Quando eu olho para o meu futuro, a única coisa que eu vejo claramente é que você estará comigo.

— Você está me provocando?

Ele emoldurou seu rosto com as mãos. — Eu estou sendo completamente sério. Você é a minha constante.

***

Lucien foi resgatado da sua memória quando alguém falou seu nome. Ele olhou para cima para ver Kyle.

— Hey.

— Desculpe, você parecia mergulhado em seus

pensamentos, mas eu queria agradecer-lhe por falar da minha banda com o seu amigo. Estamos trabalhando para fazer uma demonstração.

Lucien apontou para a cadeira em frente a ele. — Eu soube. Ele me ligou logo depois que ele ouviu você tocar. Ele não esteve animado com uma banda há muito tempo.

— Obrigado por suas palavras e por nos dar uma chance.

Lucien sorriu. — Apenas se lembre de mim quando você estiver aceitando o Grammy.

— Se alguma vez chegar tão longe, você pode ter a maldita certeza disso. — Kyle ficou em silêncio por um momento. — Você está bem? Você se parece com alguém que teve o seu cão chutado.

— Você tem uma namorada, Kyle?

— Não no momento; Nunca conheci ninguém que eu gostei o suficiente para querer ficar com ela depois de uma briga. Por quê?

— Eu tenho sido profundamente estúpido quando se trata da pessoa mais importante na minha vida. Eu estou a puxando para perto em um minuto e no outro a afastando.

— Isso parece ser uma reação normal para mim.

Lucien não escondeu sua confusão quando ele perguntou: — Como assim?

— É uma porcaria quando as pessoas dizem que você não deve tentar mudar alguém. Toda a natureza de um relacionamento é compromisso, e compromisso é mudança. Pode ser assustador como o inferno mudar o que você conhece para se encaixar com alguém, então eu acho que você tem o direito de se arrastar um pouco.

Lucien riu com autodepreciação com a simplicidade de

Kyle, porque ele reconheceu a si mesmo. — Isso foi incrivelmente perspicaz, Kyle.

— Eu sou um Dr. Phil regularmente. — Ele se inclinou e apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Eu nunca conheci qualquer um que eu estivesse pelo menos disposto a me preocupar, do modo que o que você encontrou... Portanto, não se arraste por muito tempo. Não é provável que ela voltará novamente.

Lucien sinalizou para o bartender antes de seu olhar voltar para Kyle. —Se a sua carreira musical não decolar, você sempre pode se tornar um psiquiatra de televisão.

— Bem, agora isso é reconfortante. Então você pode comprar rodadas até que meu sucesso comece a chegar.

— Com prazer, e obrigado, Kyle.

O sorriso de Kyle veio em um flash. — Uma mão lava a outra.

***

As lágrimas rolaram pelo rosto de Darcy, enquanto ela assoava o nariz em um lenço de papel. Ember estava sentada ao seu lado, soluçando baixinho. Os créditos para as *Beaches*estavam rolando na tela, mas Darcy não podia vê-los através das lágrimas nos olhos.

— Por que diabos você nos fez ver isso?

— Seus problemas não parecem tão ruins agora, não é?

Darcy sabia que ela estava olhando para Ember como se tivesse brotado asas nela, mas ela percebeu que Ember não estava errada. — Eu acho que não.

— Nós poderíamos assistir Drácula de Bram Stoker, em seguida.

— Por quê?

— Porque esse é um relacionamento que te faz chorar mais.

Darcy riu, mas saiu mais como um suspiro, e em seguida, ela ficou séria. Ela não quis deixar escapar do jeito que ela fez. — Eu perdi Lucien e meu bebê quando eu tinha dezessete anos.

— Oh Darcy.

— Lucien descobriu sobre o bebê e pensou que eu tinha abortado o nosso filho.

Um olhar de descrença cruzou o rosto de Ember. — Isso é uma conclusão rápida para se ter.

— Exatamente.

— É claro, Lucien soube que ele teve um filho, então eu imagino que era mais fácil para ele aceitar que você abortou o bebê do que pular para o fato de que o bebê que acabara de saber que tinha morreu.

Darcy se sentiu mal. Ela ainda não tinha considerado os sentimentos de Lucien. Ele pode ter descoberto a verdade sobre o seu filho somente agora, mas não fazia a dor da perda menor, mesmo depois de tantos anos. Vergonha a enchia por ela ter sido tão egoísta. Ember parecia ser uma leitora de mente. — Às vezes é difícil ver uma situação claramente quando você está no meio dela.

Darcy sentiu as lágrimas malditas novamente. — Eu nem sequer o segurei, não me solidarizei com ele sobre a perda do nosso filho. Eu não pensei sobre ele em tudo.

As palavras de Ember tiveram mais impacto por causa da simplicidade delas. — Eu acho que ele vai entender isso, porque

ele não estava pensando em você também; ou melhor, ele estava pensando mais sobre como a notícia afetava a ele. Mas não é tarde demais.

***

Darcy desligou as luzes e se mudou para o quarto depois de Ember sair. Ela já estava preparada para dormir, subiu em seus cobertores e tentou dormir, mas sua mente permaneceu inquieta. Ela estava com raiva de Lucien por sua reação à notícia sobre o seu bebê, mas era a sua intensidade que ela amava. Como ela poderia manter o que ela mais gostava nele contra ele? Quando ela adormeceu, ela sonhou com ele.

***

Quatorze anos atrás...

Ela não o ouviu entrar na sala de estar até que a sua mão se moveu em volta dela e ele a puxou para ele. Ele não disse uma palavra, mas a levou até o sótão. A porta mal fechou atrás dela antes que sua boca estivesse sobre a dela. Havia uma selvageria sobre ele que a deixou sem fôlego e ligada além da imaginação. Ele levantou a camisa dela sobre a cabeça e jogou o sutiã um segundo antes de sua boca fechar sobre o seu peito. Seu jeans seguiu a sua camisa e, em seguida, ele estava arrastando-a no chão, espalhando suas pernas, e provocando-a em sua boca. Sua

língua era quase brutal enquanto ele a penetrava, e, em seguida, seus dedos substituíram sua língua enquanto ele mudou-se para apertar a sua protuberância sensível, provocando-a até que ela trabalhou em um orgasmo que beirava a violência. Seu corpo ainda estava descendo quando ele se levantou e caminhou até o outro lado do sótão. Ela se sentiu exposta e vulnerável , ela não chamaria isso de estupro, que tinha sido mais sexo do que o amor. Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, a voz angustiada preencheu o silêncio constrangedor.

— Sinto muito.

— O que foi aquilo?

Ele entrelaçou os dedos atrás da cabeça e ela viu como ele se esforçou para levantar o olhar para o dela. — Eu estava pensando em você, e eu não sei. Estou constantemente andando na linha da insanidade quando se trata de você. Trata-se de mais do que sexo e até mesmo o amor: eu preciso de você. Isso assusta a merda fora de mim que eu poderia perder você como eu perdi a Irmã Anne. Eu não queria... — Ele se virou para ela. — Eu só precisava de você.

Ela se levantou e virou-se para ele, suas mãos indo parar em suas costas. — Estou aqui.

— Porra. Eu praticamente te estuprei.

Ela obrigou-o a encará-la. — Isso nunca poderia ser estupro com você. Foi apenas um pouco fora de controle.

— Sinto muito.

— Nunca peça desculpas por me amar. — Seus dedos agarraram sua camisa e a levantou sobre sua cabeça.

— Mesmo quando você está um pouco fora de controle, eu amarei cada segundo. — Ele estava tão tenso e ela conhecia a maneira de relaxá-lo, mas ela nunca tinha feito isso antes. Mesmo

assim, ela esperava que ele não pudesse ver como suas mãos tremiam quando ela desabotoou a calça jeans e as puxou para baixo junto com a cueca. Ela ajoelhou-se na frente dele e olhou para cima para ver seus olhos ardendo, mas ela viu culpa lá também: que ela iria oferecer algo tão íntimo depois de ele ter estado tão fora de controle com ela.

— Eu quero — foi tudo o que disse. Seus olhos nunca deixaram os seus enquanto ela o levou em sua boca.

— Darcy, oh Deus... — Suas palavras terminaram em um gemido quando ela chupou-o profundamente em sua garganta.

Suas mãos procuraram a curva de sua bunda enquanto ela trabalhou nele. Ele não foi o único fora de controle desta vez, como ficou evidente quando ele se mudou e se abaixou para se ajoelhar no chão, puxando-a com ele. Seus olhos estavam fechados quando ela montou seus quadris e levou-o profundamente dentro dela. Suas pernas enrolaram na sua cintura, enquanto suas mãos embalaram sua bunda.

As palavras vieram de seu coração. — Eu e você sempre.

Suas palavras a marcaram, e ele começou a movê-la para cima e para baixo de seu pênis duro, seus olhos nunca deixaram um ao outro e, quando ela chegou, ele estava ali com ela. Ele envolveu-a em seus braços e segurou-a bem perto.

— Sempre. Lembre-se disso, Darcy.

***

Trace estava na porta do escritório e viu como Ember

passava a amostra da pintura na parede. Rafe tinha ajudado a mudar os móveis para a unidade de armazenamento no porão mais cedo para que Ember pudesse começar a trabalhar no quarto do bebê. Eles só tinham anunciado o bebê há uma semana e Ember já estava atolada em planejamento. Ele não tinha sido capaz de parar de pensar sobre a visita ao médico mais cedo naquele dia. Eles tinham tido outro ultrassom positivo, mas ele se sentia em conflito. Por incrível que foi ver a vibração que eram os batimentos cardíacos da criança, o pensamento de algo dar errado e Ember ser colocada em perigo nunca o deixou. A voz de Ember tirou-o de seus pensamentos conturbados.

— Você quer saber o sexo? — Ela perguntou quando olhou para ele por cima de seu ombro.

Ele encostou-se no batente da porta com as mãos nos bolsos da frente da calça jeans. — Eu não sei. Você?

Ela se virou para ele e um leve sorriso tocou seus lábios quando ela disse: — Eu acho que eu quero.

— Você está esperando por um menino ou uma menina?

— Os dois, mas eu gostaria de ter um pouco de você andando por aí, — disse ela.

Ele teria pensado que estaria acostumado com as coisas que ela diz, mas ela sempre o surpreendeu. Ele foi em sua direção. — É muito cedo para descobrir?

— Podemos perguntar a Dr.ª Cole no próximo ultrassom.

Ela caminhou até ele, envolvendo os braços ao redor da cintura e descansou a cabeça em seu peito.

— Você provavelmente deve tirar um cochilo. Você parece exausta, — disse ele.

— Eu estou.

— Eu sinto muito, Ember.

Confusão franziu seu cenho quando ela perguntou: — Por quê?

— Com esta merda de chantagem de Heidi. Você já sofreu o bastante e apenas quando as coisas se acalmam, nós somos confrontados com algo mais.

— Não é culpa sua.

Ele abraçou-a e deu um beijo em sua cabeça. — Não importa.

— Nós vamos passar por isso.

O sorriso floresceu involuntariamente, quando ele olhou para ela. —Aguardando o mal que vem para o bem, e você?

— Há sempre um, — ela murmurou.

Ele levantou-a em seus braços e partiu para seu quarto. — Você realmente precisa descansar.

— Descanse comigo.

— Se eu acompanhá-la, não iremos descansar.

Seus dedos dançaram ao longo de sua mandíbula. — Eu sei.

Eles chegaram à cama e ele colocou-a em pé, enquanto sua boca desceu sobre a dela. Ela suspirou em sua boca e colocou os braços ao redor dele para mantê-lo perto.

— Levante os seus braços, — ele sussurrou. E assim que ela fez, ele levantou a camisa para cima e a tirou sobre sua cabeça. As mãos dela baixaram para descansar em seus ombros antes que ela as movesse lentamente por seus braços, seu toque delicado fazendo-o sentir quase primordial. Ele habilmente abriu o fecho de seu sutiã e deslizou a renda pelos braços.

— É a minha vez, — ela respirou contra sua boca enquanto seus dedos encontraram seu alvo e trabalhou ao longo de sua cabeça. Ela apertou os lábios sobre o seu coração, como

ela faz toda vez que ela vê o nome dela em sua pele, e ele sentiu o calor de seu beijo iluminar até os ossos. Ele os livrou do resto de suas roupas antes de colocar seu braço em volta da sua cintura e puxou-a para a cama, acomodando-se entre suas coxas. Ela inclinou seus quadris, esfregando-se contra ele, enquanto sua boca esmagava até a dela. Ela estendeu a mão para seu rosto, enquadrando-o com as mãos enquanto ela puxava a língua em sua boca, chupando-o antes de acariciá-lo com a sua mão. Suas mãos se moviam sobre ele e em todos os lugares que ela tocou, parecia haver um fogo escaldante ao longo de sua pele.

Ele mudou de posição para que pudesse olhá-la; seus olhos estavam fechados e desejo tinha trazido um blush para suas bochechas. Ele não tinha palavras como ela tinha para expressar o que sentia.

— Olhe para mim, Ember

Seus olhos se abriram e houve aquela ternura que ele tinha vindo a ansiar ver. Ele a tocou, seus dedos executando uma trilha ao longo de sua mandíbula até o queixo. Mudou-se, afundando lentamente nela, quando eles se uniram, suas pernas se espalharam ainda mais enquanto seus quadris se levantaram, e então ele se manteve completamente imóvel. Isso era o mais próximo ao céu que ele estava obtendo.

— Minha esposa, — ele sussurrou com reverência, e então ele começou a se mover. Suas pernas em volta de sua cintura enquanto ele lentamente a trouxe para a borda, ele viu seus olhos vidrados quando seu orgasmo a levou. A sua liberação foi logo a seguir, o corpo dela ainda com espasmos em torno dele quando ele veio. Ele abaixou-se em cima da cama e envolveu Ember em seus braços. Protecionismo inchou nele enquanto seus braços apertaram ao redor dela inconscientemente. Ela acomodou a

cabeça contra seu peito, o braço veio descansar em sua cintura.

— Isso foi lindo. — Suas palavras foram faladas tão suavemente, como se estivesse sentindo o que foi isso: temor sobre o que eles compartilharam que era muito mais do que sexo.

Ele deu um beijo em sua testa uma vez que ele não tinha palavras que fariam justiça ao que era esse sentimento.

— Durma, querida.

— Fique comigo.

— Sempre.

Ela pressionou outro beijo em seu coração e ele sentiu uma umidade lá antes dela sussurrar: — Eu te amo.

***

Trace acordou quatro horas mais tarde, com um movimento. Ele nunca em sua vida tirado uma soneca. Lá fora estava escuro e um olhar para o relógio mostrou que era perto das nove horas da noite. Ember ainda estava dormindo, praticamente em cima ele. Ele gentilmente rolou para fora e saiu da cama. Durante o sono, a mão dela se estendeu para a mão dele e quando ela voltou de mãos vazias, ela se enrolou em uma bola do seu próprio lado. Ele puxou as cobertas sobre ela e beijou sua cabeça. Vestiu um jeans e foi ao quarto do bebê. Em menos de seis meses haveria um bebê dormindo lá. Ele sorriu quando ele foi para a cozinha tomar uma cerveja, então se estabeleceu na sala de estar com alguns arquivos que ele queria ler.

O som do telefone da casa o assustou. Quando ele olhou para a tela ele ficou surpreso que era depois das três da manhã.

Sua surpresa se tornou aborrecimento quando viu o número de Heidi.

Por que diabos ela estava chamando em seu número de casa?

— Que porra é essa que você quer?

— Você tem que me ajudar. — Sua voz soava estranha.

— Não, eu não.

Ele estava prestes a desligar quando ela chorou. — Eles vão me matar.

— Do que diabos você está falando?

— Eu os subestimei. Me ajude, Trace.

Ele foi tentado a desligar na cara dela, mas o medo em sua voz era genuíno. E se ela estivesse em perigo, então Seth também estaria. — Subestimou quem?

— Não por telefone. Você pode me encontrar no restaurante vinte e quatro horas, perto do apartamento?

— Agora?

— Por favor.

— Se você estiver brincando... juro por Deus, Heidi.

— Eu não estou.

— Vou encontrá-la em trinta minutos. — Ele desligou sem esperar por uma resposta. Ele não queria acordar Ember, mas ele não queria que ela acordasse e percebesse que ele tinha saído, também. Ele entrou no seu quarto e sentou na beira da cama.

— Ember, querida.

Levou alguns minutos para que os seus olhos abrissem. Quando ele viu que ela estava na maior parte acordada, ele disse: — Eu preciso sair.

Ela olhou para ele e para o relógio, e quando ela percebeu que era três da manhã, ela estava instantaneamente acordada. —

Por quê?

— Heidi ligou. Ela está com problemas e ela está com medo.

Ele viu seu rosto escurecer em resposta, então ele acrescentou: — Eu sei o que você está pensando, eu estou com você sobre isso, mas ela realmente parecia assustada. Se houver mesmo a menor chance de que Seth pode estar em perigo, eu preciso fazer o que puder para ajudar.

Ela sentou-se antes de perguntar: — Ela disse o quê ou quem a assustou?

— Ela não faria por telefone.

— Ok. — Ember começou a sair da cama.

— O que você está fazendo?

— Eu vou com você.

— O inferno que você vai, — ele retrucou. — Se realmente há algo nisso, você vai estar tão longe disso quanto possível.

— E você, mais uma vez, vai caminhar cegamente para algo. É de Heidi que estamos falando.

Ele passou a mão sobre a sua cabeça em frustração. — Acredite em mim, eu sei, mas é tarde e você está grávida.

— Eu não quero que você vá sozinho, — disse ela em voz baixa.

O sorriso arrogante foi instintivo. — Eu posso lidar com Heidi.

— Trace.

Ele se moveu para ela e a envolveu em seus braços. — Eu vou ficar bem. Por favor, volte para a cama; você tem círculos sob seus olhos.

Ele sabia que ela estava mais cansada do que estava deixando aparecer, quando ela não discutiu mais e escorregou

debaixo das cobertas.

— Acorde-me quando chegar em casa.

— Eu vou.

Ele estava fora da porta, dez minutos depois e em sua moto cinco minutos depois. Uma inquietante sensação atingiu seu intestino quando chegou à esquina onde o restaurante estava localizado e viu luzes vermelhas e azuis piscando. Ele parou, desceu, e juntou-se à multidão que se formou envolta da fita de crime bloqueando o estacionamento da lanchonete. Um olhar e seu estômago revirou, porque deitada em uma poça de sangue, olhando mas não vendo, estava Heidi.

— Oh merda. — Mesmo ele ficou surpreso com sua insensibilidade quando ele não sentiu o menor remorso por sua morte, apenas irritação. Assim como Heidi, mesmo na morte, ela trouxe tristeza. Graças a Deus Ember não veio e não viu isso. A visão do cabelo pálido de Heidi encharcado de sangue era algo que ele não ia esquecer por um bom tempo. Onde diabos estava Seth? Ele olhou ao redor, mas ao não vê-lo o fez sentir uma onda de alívio. Pelo menos ele foi poupado disso.

Trace procurou o oficial encarregado. O oficial era mais velho, talvez quarenta e tantos anos, e atarracado, mas a inteligência ardia em seus olhos castanhos quando ele olhou para Trace.

— Posso ajudá-lo? — Ele perguntou, impaciente.

Trace exalou em resignação antes de dizer: — Meu nome é Trace Montgomery. Heidi Moore é a vítima, ela me ligou e pediu para eu encontrá-la aqui.

Imediatamente, a impaciência foi substituída por interesse. — Sério? Bem, os detetives vão querer falar com você. Eles estarão aqui em vinte minutos.

***

Era perto das nove horas da manhã quando Trace voltou para casa. Ele destrancou o apartamento e viu Ember de pé na sala de estar com o telefone na mão. Assim que o viu, ela começou a ir em direção a ele e havia preocupação e interesse em sua voz quando ela perguntou: — O que aconteceu?

A visão dela tão vibrante e viva o fez silenciosamente se mover em direção a ela e envolvê-la em seus braços.

— Trace, você está me assustando.

— Heidi está morta.

Ember se soltou dele. — O quê? Morta?

— Assassinada.

— Meu Deus.

Seu corpo começou a tremer, então ele a trouxe de volta para ele e abraçou-a. — Ela estava morta justamente do lado de fora de onde nós tínhamos concordado em nos encontrar.

Sua voz não era muito firme quando ela perguntou: — Os policiais não acham que você teve alguma coisa a ver com isso, não é?

— Eu não tenho certeza. Parece haver alguma discrepância em relação à linha do tempo, porque eles estavam me martelando sobre quando ela ligou. Eles estão correndo nossos registros telefônicos para saber o tempo exato. Fui convidado para não deixar a cidade.

— Isso é ultrajante. Por que a linha do tempo é de tal interesse para eles? — Ela não estava realmente perguntando-lhe,

apenas falando em voz alta, enquanto tentava trabalhar com isso.

— E você não tem ideia do porquê ela queria se encontrar com você?

— Só que ela estava com medo de alguém, alguém disse que ia matá-la, mas eu não me preocupei porque eu pensei que era apenas mais um de seus jogos. É claro que não era.

Seus olhos se arregalaram. — E quanto a Seth? Onde ele está?

— Ele está bem. Ele estava em casa dormindo. A polícia me permitiu ir com eles e eu estava surpreso com o quão bem ele recebeu a notícia. Eu percebi que não havia amor entre eles, mas ela ainda era sua mãe.

Ember disse: — Eu imagino que os policiais encontraram sua reação interessante. Ele, sem dúvida, está sendo olhado como um suspeito em potencial.

— Eles não dizem muito, mas eu tenho essa impressão, sim.

— Eu não acho que ele fez isso, — disse ela com ferocidade.

— Nem eu.

— Pobre Seth. Independentemente de seu relacionamento com Heidi, eu não poderia imaginar ter que ficar nesse apartamento onde tudo o lembra dela.

— Eu concordo.

— Brandon mencionou que ele e Seth estavam esperando conseguir um apartamento juntos. Agora mesmo, ele está vivendo na casa do grupo na Hell's Kitchen que você, Lucien e Rafe ficavam, — disse ela.

— Sério? Isso é interessante. Da próxima vez que você ver Brandon, mencione isso a ele. Eu espero ajudá-los a cobrir as

despesas.

Ember pegou sua mão. —Eu acho que é uma ideia maravilhosa e podemos pensar sobre isso mais tarde. Agora, você precisa dormir.

Ele permitiu que ela o levasse em direção ao seu quarto, porque ele estava exausto. Passaram pelo quarto do Chelsea e Ember olhou para ele. — Você vai dizer a ela?

— Não agora. Ela não sabe quem Seth é e eu realmente não quero sobrecarregá-la com ele.

— Boa escolha.

Quando eles chegaram ao seu quarto, Ember virou Trace e levantou a camisa sobre a sua cabeça. Passando as mãos sobre o botão da calça jeans o deixou instantaneamente bem acordado e ele se levantou para cumprimentá-la. Ela o sentiu, enquanto moveu sua mão para acariciar seu comprimento duro através de seu jeans. Seus mamilos estavam duros como pedra através da seda de sua camisola, e ele abaixou a cabeça para capturar o mamilo em sua boca.

— Você precisa dormir.

— Eu preciso mais de você.

Ele deu um passo para trás e levantou sua camisola em um movimento. Ele devorou a visão dela enquanto ela deslizou seu zíper para libertá-lo. Ele estendeu a mão para ela e jogou-a na cama antes de remover a última de suas roupas, e atacando-a cobriu o corpo dela com o seu. Ela estava pronta quando seus dedos encontraram o seu caminho entre as pernas. Seus joelhos espalharam ainda mais quando ele se posicionou e lentamente entrou nela. Seus olhos se concentraram nos dela, conforme ele entrou centímetro por centímetro, incrivelmente lento. Era mais do que o amor: era afirmação da vida e de viver. Quando ele

estava totalmente dentro dela, ele ainda se segurou, primeiro amando cada parte dela, e então ele começou a se mover. Sua boca se fechou sobre seu mamilo e suas mãos agarraram a bunda dele, pedindo-lhe para ir mais rápido. Ele rolou, mantendo-a perto, até que ela o montou. Ela não precisava de mais apoio quando começou a se mover, seus quadris o deixando louco. Ele sentiu seu corpo apertando-o, assim que ele encontrou o local que ele sabia que iria mandá-la ao longo da borda.

Ela gritou quando veio.

Trace estava duro como rocha quando ele virou-a e começou a empurrar para dentro dela novamente, profundo e rápido.

— Mais uma vez, — ele exigiu enquanto seus dedos encontraram seu nó e o acariciou. Sentiu-a tendo espasmos em torno dele assim quando ele veio.

Seus olhos estavam fechados quando ela sussurrou: — Eu amo quando você perde o controle comigo.

Ele não respondeu com palavras, mas tomou sua boca em um beijo que o fez perder o controle novamente.

Capítulo 13

Uma nuvem escura pairava sobre a sede da campanha, quando Ember retornou dois dias depois do assassinato de Heidi, embora a maioria dos que lá trabalhavam não conheciam Heidi ou sabiam que ela estava morta. Foram, provavelmente, as próprias emoções de Ember que causaram a sensação. Ela tentou concentrar sua atenção na última missão de seu editor, ler sobre Nathaniel Carmichael.

Era estranho estar lendo sobre o pai de Dane. Nathaniel era querido, respeitado, e um político bem-sucedido, que tinha sido um banqueiro de investimento, obteve ainda mais sucesso quando suas aspirações se voltaram para a política. Apesar de ter sido descrito como um playboy, ele era respeitoso com as mulheres, ao contrário de Dane. De tudo o que ela tinha lido, não havia esqueletos no seu armário, mas ela tinha certeza de que o mesmo não podia ser dito do seu filho.

A vida dele parecia muito tranquila, exceto pelo seu casamento. A mãe de Dane tinha sido bonita e havia inúmeras fotos dela jovem e sorridente no braço de seu marido. Para todos os efeitos e intenções, os dois pareciam felizes no amor, mas os olhares poderiam enganar, porque ela deixou Dane quando era apenas um bebê e nunca olhou para trás. Por ter uma mãe que optou por abandoná-lo realmente explicava muito sobre Dane.

No entanto, Nathaniel nunca pediu o divórcio. Talvez ela não o amasse, mas parecia que ele a amava.

A atenção de Ember virou-se para Charles enquanto ele andava em seu escritório. Ele estava agindo de forma estranha, quase nervoso. A memória da visita de Heidi para Charles surgiu

em sua cabeça. Era surpreendente para Ember que Charles tivesse sequer conhecido Heidi, mas ainda mais estranho foi a raiva que Heidi mostrou naquele dia. O que aconteceu com tudo isso?

Heidi esteve chantageando Trace; talvez ela tinha algo sobre Charles também, mas o quê?

***

Mais tarde naquele dia, Ember voltou para casa para encontrar Trace sentado na sala, olhando para a parede.

— Oi, linda.

— Hey. Onde está Chelsea?

— Eu a deixei na casa da sua amiga. Ela vai passar a noite.

— Isso é bom. — Ela se acomodou ao lado dele, e ele virou o foco da parede para ela.

— Charles parece estar levando com dificuldade a morte de Heidi, — disse Ember.

— Por que você diz isso?

— Ele está fora, agindo irritável e nervoso. Ele conhecia Heidi. Eu te contei sobre o dia em que ela foi vê-lo e que eles conversaram. Você acha que ele a conheceu quando ela estava em St. Agnes?

— Por que isso é tão importante?

— Só estou tentando descobrir o quão longe era a relação deles.

Trace pensou em sua pergunta. — Eu não sei como ele teria conhecido ela, então, e eu certamente nunca os apresentei.

— Ela estava lá porque ela estava grávida, não estava?

— Sim.

Ember sabia que ambos estavam pensando a mesma coisa: que ser humano nojento tinha sido seu pai. Machucando de seus filhos, drogando sua esposa, e pegando meninas de dezesseis anos de idade.

— Como diabos o seu pai a conheceu?

— Conhecendo meu pai, ele provavelmente estava de olho no ensino médio, aquele doente fodido.

— Você minimiza isso, mas você levou-a sob sua asa, ainda que a contragosto, porque ela era um modo de se conectar a Seth. — Ele olhou para ela de maneira engraçada e ela acrescentou:— Você não tinha que pagar o resgate. Eu conheço você, e você poderia ter encontrado várias maneiras de conseguir que ela ficasse quieta, sem pagar-lhe um centavo.

Seu sorriso parecia quase infantil. — Você acha?

— Eu sei que sim.

— Eu paguei a ela no começo porque ela e Seth precisavam, apesar do fato de que ela estava me chantageando. Mas depois que você entrou na minha vida, eu paguei para ela ficar quieta. Estúpido, mas feito com as melhores intenções.

Ela pegou a mão dele. — E antes?

— Evitei porque ela desenvolveu uma paixão por mim e eu não estava nada interessado. Eu não contei muito sobre ela, porque ela era apenas mais uma das aquisições do meu pai que eu tinha que limpar. Ela nunca foi nada mais para mim do que isso apesar de seus esforços para mudar isso.

Ember pensou sobre a conversa que ela e Heidi tiveram no

ano passado e como Heidi perseguiu Trace para saber mais sobre ele, o que foi estranho então. Mas agora, sabendo o que os ligava, isso só reforçou o que ele disse. Ela realmente não tinha significado nada para ele.

— Então, por que você a usou para tentar me afastar?

— Porque, ao contrário das outras mulheres do meu conhecimento, Heidi não teria interpretado mal as minhas ações, porque ela sabia que não significava nada para mim. — Ele parecia um pouco nervoso antes de perguntar: — Nós estamos bem?

Ela se inclinou para ele e apertou seus lábios contra os dele. — Sempre.

Ele moveu-se rapidamente para trazê-la de volta para sua boca para um beijo que ela sentiu por todo o caminho até os seus pés. Ele estava sorrindo quando se inclinou para trás.

— Por que você estava aqui sentado olhando para a parede?

O humor desapareceu de seu rosto. — A polícia ligou. Eles checaram os registros telefônicos e eu estou fora de suspeita pelo assassinato de Heidi.

— Mas?

— Eles queriam passar nossa conversa novamente, palavra por palavra.

— Por quê?

— A linha do tempo novamente. Nossos registros telefônicos confirmaram que Heidi ligou aqui às 03:08 da manhã. A chamada durou dois minutos. O médico legista coloca hora da morte por volta de 03:45 da manhã.

Um arrepio me percorreu. — Ok, isso é assustador.

Seus olhos finalmente olharam para os dela. — Fica mais

assustador. A chamada para o 911 para noticiar a morte foi feita pouco antes das três.

— Puta merda.

— Sim, a pessoa que chamou o 911 sobre o assassinato era o verdadeiro assassino.

— Eu não entendi.

— Eu também não, mas a polícia tem algumas teorias.

— E eles compartilharam essas teorias com você?

— Sim, eu tenho a sensação de que eles estavam tentando me desarmar. Mas com base no que eles me disseram, eles acham que Heidi estava chantageando alguém. Ela foi longe demais e eles se livraram dela. Eles pensam que o chantageado contactou Heidi naquela noite. Há um registro de uma chamada em seu telefone às duas da manhã e eu estou supondo que era de um telefone descartável de modo que não podem rastreá-lo. Eles estão trabalhando sob a suposição de que ele estava perto na área, observando a reação de Heidi ao seu telefonema. Possivelmente, na esperança de que se ela estava trabalhando com alguém, ela entraria em contato com eles.

— E é aí que você entra.

— Exatamente. Se a polícia acredita que eu estou envolvido na chantagem o plano não é claro, mas se o assassino realmente estava lá, então eles vão pensar que eu estava trabalhando com Heidi.

— Maldita seja, mesmo na morte, ela fode com a gente.

— Concordo.

— Qual é a outra teoria? — Perguntou ela.

— Que ela tinha um cúmplice e que eles procurarão dar o troco.

Trace mudou-se para envolver Ember em seus braços. —

Há uma pessoa ainda mais afetada por essa merda do que nós.

Seu coração parou. — Seth.

— Ele estava lá naquele apartamento sem álibi. Com base na teoria da polícia, ele é o seu suspeito número um.

Capitulo 14

A cabeça de Dane descansou contra o sofá, enquanto as drogas percorriam seu sangue. Lena estava ajoelhada na frente dele lhe chupando, mas surpreendentemente os seus pensamentos estavam em outro lugar.

Heidi estava morta. E ele tinha uma sensação de que sabia por qual mão. Isso assustou a merda fora dele. Sabia que Heidi esteve chantageando alguém de sua família, talvez até todos eles. Ela acreditava que tinha todos eles envolvidos em torno de seu dedo mindinho, mas, obviamente, o chantageado discordou. O que provavelmente seria o motivo de ser deixado para trás por Heidi. Ele poderia estar implicado no esquema de Heidi? Se assim for, o assassino viria depois atrás dele? Ele não tinha ilusões de que foi poupado porque era um parente de sangue. Na verdade, na maior parte do tempo ele sabia que sua ligação biológica com sua família só serviu para irritá-los, incluindo o pai querido.

Ele tinha seguido as notícias e sabia que a investigação estava pairando sobre o filho de Heidi e ele sabia por que ela sentia uma conexão com traço Montgomery. Se ele compartilhasse o que ele sabia, talvez descobriria quem fez isso antes que eles vissem à procura de Dane.

Ele estava tão perdido em pensamentos que não percebeu que Lena havia parado de lhe chupar e estava prestando atenção nele atentamente.

— O que você está pensando?

— Eu acho que eu preciso de você para chegar a Ember.

Lena disse. — Não.

— Eu preciso que você a chame.

— Eu estava dando-lhe um bom boquete e você estava transando pensando em Ember? — Suas palavras seguintes ecoaram pelas paredes. — Por que ela?

— Eu tenho informações que pode ajudá-los a descobrir quem matou Heidi.

— E nós nos preocupamos com isso por quê?

— Porque talvez eles vão encontrar o assassino antes dele vir até mim.

A confusão se moveu sobre o seu rosto e as palavras não saíram por alguns minutos. — Por que o assassino virá atrás de você? — ela conseguiu dizer.

— Heidi e eu compartilhamos um pouco de atividade por um tempo e se ela comentou que eu era o seu cúmplice, o assassino pode pensar que eu ainda estava trabalhando com ela quando ela morreu. Se eles a mataram para manter seu segredo, não há nenhuma razão para acreditar que ele não vai me matar.

A luta apenas saiu dela. — Vou ligar para ela.

***

Lucien estava na cozinha fazendo o almoço quando seu celular tocou. Vendo que era Trace novamente, e sabendo que ele esteve fora por dois dias não recebendo chamadas ou e-mails de modo algum, inferno – ele nem mesmo estava prestando atenção aos eventos atuais – ele atendeu.

— Trace.

— Eu tenho tentado chamá-lo por dois dias. Eu estou supondo que as coisas não estão indo bem com Darcy?

— Ela é teimosa e obstinada, mas eu também

— Isso não é verdade. Ouça, Heidi foi assassinada.

— O quê?

— Sim, e agora eles estão considerando Seth como um suspeito.

— Isso é besteira.

— Você não tem que me dizer. Você mencionou que ela fodeu com você e Darcy no outro dia?

— Não apenas ela. Havia um homem que veio ver Darcy para tirá-la da minha vida. Quem quer que fosse disse-lhe que cuidaria de mim. Heidi ajudou a tirá-lo de vista passando pela recepção e me manteve distraído para que ele tivesse tempo de intimidar Darcy.

— Que porra é essa? Quem era ele?

— Isso é o que estamos tentando descobrir. Eu tenho Josh procurando por ele, mas o homem é como um maldito fantasma.

— Por que o interesse?

— A mesma pergunta que estamos fazendo a nós mesmos.

— Cara, eu sinto muito. Especialmente sabendo o que Darcy significa para você, que é fodido.

A voz de Lucien estava gelada quando ele disse: — Sim, o que tornará trazer aquele filho da puta para baixo, oh, tão agradável.

— Conte comigo. Você nunca se lembrou de Charles ou Vivian vindo para St. Agnes quando eu estava lá?

— Não, não que eu me lembre, mas a Irmã Margaret saberia. Por quê?

— Ember me fez pensar sobre Charles e sua conexão com Heidi e quão longe exatamente eles se conheciam.

Eles tinham o pensamento ao mesmo tempo: — Você acha

que Charles foi ver Darcy, — perguntou Trace.

— Qual seria o ponto? Eu não sei, mas é muito fácil de descobrir. Vou lhe mostrar uma foto dele.

— Mesmo que ela não esteja falando com você.

— Eu posso ser persuasivo.

Trace ficou em silêncio por um minuto. — Se for ele, você obtém primeira rachadura.

— E você vai acabar com ele.

— Claro, caralho. Ele tem muito a expiar.

***

Darcy limpou as mãos em suas calças e parou na porta do escritório de Lucien. Ele olhou para cima e imediatamente levantou-se.

— Darcy.

— Você tem um minuto?

— Sim. — Ele andou em volta da mesa e apontou para o sofá. Ela sentou-se no canto, enquanto ela organizava em sua cabeça o que ela queria dizer. Seus olhos se encontraram e ela podia ver o que ele estava sentindo ao olhar para ela: amor.

— Eu não deveria ter saído da festa.

— Eu entendo porque você fez.

— Foi apenas que ouvir o meu pesadelo sendo falado em voz alta, e ouvir a censura em sua voz... foi demais. Eu devia ter lhe contado sobre o bebê. Eu queria, mas cada vez que estávamos juntos, eu encontrava uma desculpa para atrasar porque eu estava tão feliz e eu não queria estragar isso.

— Por que dizer-me arruinaria isso? — Perguntou.

— Porque eu estava com medo que você achasse que era de propósito. Se eu não tivesse caído, nosso bebê estaria vivo. Vivi com que a culpa por tanto tempo.

— Jesus, Darcy. Foi um acidente. Como diabos eu poderia achar que você era a responsável?

As lágrimas encheram seus olhos e ela conseguiu um pequeno sorriso triste. — Porque eu me senti responsável e então eu apenas assumi que você faria também.

— Você vai me dizer o que aconteceu? — Perguntou.

— Eu descobri logo quando começamos a sair juntos que eu estava grávida. Eu planejei contar a você naquele dia. Quando eu me vi sozinha e grávida, eu estava apavorada, mas também estava muito animada, porque eu teria uma família. Eu estava indo muito bem até cair. Eu realmente não me lembro muito depois da queda, exceto que foi a Irmã Margaret, que me levou para o hospital. Os dias que se seguiram foram como um borrão e então eu soube que nosso bebê tinha morrido. Eu morri naquele dia também. Minha mãe veio me buscar e exigiu que eu voltasse para casa com ela. Eu não entendia por que, porque nada havia mudado, mas não me foi dada uma escolha.

Darcy notou o olhar que atravessou o rosto de Lucien. — O que você está pensando?

— As pessoas não fazem as coisas sem uma razão. Eu gostaria de saber a razão de sua mãe para se envolver. — Darcy nunca pensou nisso dessa forma. Era uma pergunta que ela planejava fazer à mãe.

— Será que o homem que veio para ver você sabia que você estava grávida?

Darcy acenou com a cabeça.

— Qualquer ideia de como ele saberia disso?

— Heidi. Ela estava no banheiro no dia em que eu fiz o teste de gravidez. Eu apostaria dinheiro que ela pegou o teste do lixo. Na época, eu apenas pensei que ela estava sendo ela, a típica assustadora, mas depois eu percebi que ela tinha uma ligação com o homem.

Raiva se tornou a voz de Lucien mais dura. — Faz sentido.

— Sinto muito que você soube sobre o nosso bebê da maneira que você fez.

— Desculpe-me, por não estar lá ao seu lado. Se eu soubesse, estaria.

— Eu não quero continuar correndo de você. Estou tão cansada de correr, Lucien.

Ele passou o dedo ao longo de sua mandíbula. — Nós dois fomos feridos e estamos muito mais cautelosos neste momento. Você disse uma vez que não somos as mesmas pessoas que éramos. Não somos, mas quero conhecer a pessoa que você se tornou. Eu ainda quero você na minha vida, Darcy.

— Eu quero isso também.

— Não tem outros segredos, não é? — Perguntou.

— Não.

— Então vamos levar dia a dia. — Ele pegou a mão dela e puxou-a para seus pés. —Você já almoçou?

— Não.

— Bom, então eu vou procurar algo na cozinha e você pode comentar sobre as minhas habilidades culinárias.

— Você pode me perdoar tão facilmente? — Ela sussurrou.

— Você pode? — Perguntou.

Sua resposta foi imediata e sincera. — Sim.

Ele deu um beijo em sua testa. — Eu também. Vamos.

Estou faminto.

***

Na noite seguinte, Darcy sentou perto de Lucien no Tapas. Eles estavam fazendo exatamente como Lucien tinha sugerido, levando um dia de cada vez. Ela viu quando ele fez o pedido para as suas bebidas antes de virar sua atenção sobre ela.

— Há algo que eu tenho vontade de lhe perguntar, mas sendo um pouco teimoso, me impedi de fazê-lo.

— O quê?

— Como você conseguiu entrar para a faculdade?

Sua reação a essa pergunta a surpreendeu. Um nó se formou em sua garganta e os olhos queimaram.

Lucien notou, e gentilmente perguntou: — Qual é o problema?

— Eu não achava que você se importava.

— Eu sempre me importei.

Ela aceitou essas palavras com a mesma sinceridade com que foram oferecidas. Ela se recompôs antes de responder.

— Irmã Margaret arranjou.

Seu olhar de descrença trouxe uma risada dela. — Como isso aconteceu?

— Quando fiz dezoito anos, ela me chamou, me disse que tinha tudo encaminhado e que tudo o que eu precisava fazer era aceitar.

— Por quê? Não que eu não esteja feliz que ela deu-lhe a oportunidade, mas isso não é ela.

— Isso é exatamente como eu me sentia. Ela alegou que era porque eu tinha sofrido por muita coisa, mas eu não faço ideia do quê. Eu sempre tive a sensação de que era penitência por alguma coisa.

— Por que você diz isso?

— Como você disse, ela não era esse o tipo de pessoa, então por que o interesse? As pessoas não mudam durante a noite, e ainda assim ela fez uma completa meia-volta quando me ofereceu uma chance de mudar minha vida. E isso foi feito com minha ida para a faculdade, levou a minha vida em um sentido que nunca teria ido.

Era o olhar pensativo no rosto dele que a fez perguntar: — O que você está pensando?

A garçonete voltou naquele momento e eles esperaram o vinho ser servido e para ela seguir em frente antes que dele responder: — Parece estranho que duas pessoas em sua vida conhecidas por seu desinteresse de repente tem um interesse em você. Por quê?

— Eu não sei. Eu tenho pensado sobre o que poderia ter motivado a Irmã Margaret, e a única coisa com que ela parecia se importar era com St. Agnes. Talvez ela pensou que eu estava indo para buscar a reparação, porque ter caído.

Lucien ergueu a taça, mas Darcy poderia dizer que ele estava meditando sobre suas palavras. — Talvez. Não explica a sua mãe.

— A menos que a Irmã Margaret pediu para ela vir me buscar, talvez compensando-a a fazê-lo. Minha mãe faria qualquer coisa por dinheiro.

Sua resposta foi quase inaudível. — Cadela.

E então ele ficou sério. — Sinto muito que você passou por

isso sozinha. Várias vezes eu quase voltei durante esse primeiro ano apenas para ver como você estava. Se eu tivesse, talvez você não teria caído.

— Talvez. E você teria ficado; eu conheço bem o suficiente para saber disso. Nós teríamos nosso filho, mas eu nunca teria tido certeza se você ficou porque queria ou porque você pensou que tinha que fazer. E eu suspeito que você teria se perguntado o mesmo. Foi um momento difícil, tudo acontece por uma razão.

Ele estendeu a mão sobre a mesa para sua mão. — Não, não, não teria havido qualquer pergunta. Eu teria ficado porque, apesar do quanto você me machucou, você é importante para mim. Sempre, Darcy. Eu quero dizer isso.

— Eu também.

Apertou-lhe a mão antes dele soltar e pegar o menu. — A nossa garçonete está voltando.

***

Meu querido amor,

Faz duas semanas desde que eu segurei em meus braços. Eu não posso suportar esta separação, eu preciso para te ver. Não consigo me concentrar no meu trabalho ou minha família, porque todos os meus pensamentos estão com você.

Você deve me colocar para fora da minha miséria e concordar em ser minha esposa. Por favor, meu amor. Eu sei o que eu peço, quanto você teria que desistir, mas eu estou perdido sem você.

Sempre seu,
XX

Querida,

Você deve se casar comigo agora. Você não consegue ver isso? Teremos o maior prazer, eu prometo. Por favor, deixe eu te amar. Deixe-me dar-lhe o mundo. Vou dedicar tudo o que tenho a você. Dê-nos uma chance de ter o nosso felizes para sempre.
Amor,
XX

Você ganhou. Eu não vou escrever de novo e eu vou manter minha promessa. Você está cometendo um erro, e um dia eu acho que você venha a perceber do que você desistiu. Eu espero que a vida que você escolheu valha a pena, que valha a pena perder algo tão absoluto. Eu nunca vou parar de te amar, e eu vou cuidar de você.
Como sempre, seu amor devotado,
XX

Ember dobrou a última carta e sentiu as lágrimas ardendo nos olhos. Foi de partir o coração, a agonia de amar alguém, mas lhe ser negado uma vida com ele. O que houve? É evidente que houve amor em ambos os lados; o fato de que as cartas foram salvas era prova de que significou muito para o destinatário. Elas pareciam velhas, com algumas décadas, ela iria adivinhar pela

descoloração. De quem eram elas?

Ela estava tão concentrada nas cartas que ela não percebeu a sua aproximação até que ele se inclinou e beijou-a.

Ele olhou para as letras.

— O que elas são?

— Cartas de amor que eu encontrei no sótão em St. Agnes. É como um tesouro. Eu não posso imaginar o número de segredos que o sótão está escondendo.

Ela se virou para ele e puxou-o para o chão com ela. — O que você está fazendo em casa? Eu pensei que tinha uma aula.

— Eu perguntei se Carlos poderia me cobrir.

— Por quê?

— Eu queria ver você. — Seus dedos passaram através de seu cabelo e ele parecia estar seguindo o movimento antes de perguntar: — Como está a escrita?

— Bem, mas eu estou tentando decidir sobre uma de duas direções. — Ela estava nervosa quando perguntou: — Será que você leu o que eu te mandei?

— Eu fiz.

— E?

— Bem...

Ela sentiu seu coração começar a bater com os nervos.

— Uma história sobre duas pessoas muito improváveis caindo descontroladamente no amor. — Seus olhos olharam diretamente nos dela e ele parecia tão sério. — Eu acho que é... um pouco improvável.

Um sorriso dividiu seu rosto e humor queimou em seus olhos enquanto ele continuava. — Quero dizer, qual é a probabilidade de que isso aconteceria? Parece que falta o realismo que seu professor gosta tanto.

A mandíbula de Ember caiu e Trace tocou-lhe com o polegar para que ela fechasse a boca. — Puta merda, você está me provocando. Trace Montgomery descobriu um sentido de humor. Eu preciso escrever isto agora.

— Estou aprendendo com você que existem outras maneiras de expressar o que eu sinto sem a necessidade de ficar nu.

Em resposta, o corpo dela se apertou desde que ela passou a gostar, muito, que ele se expressasse ao ficar nu. Tanto, na verdade, que ela estava de repente se sentindo muito quente; mas o sentimento era bonito e ela disse isso.

E então aqueles olhos ficaram escuros quando ele abaixou-a no chão e cobriu o corpo dela com o seu próprio.

— Dito isto, acontece que eu sou um grande fã de expressar a si mesmo nu.

Seus dedos já estavam movendo sua camisa para cima antes que ele desse um beijo em sua barriga. Ele fez isso muitas vezes e ela amou que mesmo que ele estivesse preocupado, ele queria o bebê. Ele agarrou suas calças e puxa para baixo de suas pernas, em seguida, levantou o pé em suas mãos, esfregando o arco com uma massagem que parecia muito boa.

Ele deu um beijo onde ele estava massageando antes de mover os lábios lentamente para cima da sua perna. Beijou a borda da calcinha, pouco acima do seu umbigo antes de subir pelo seu corpo para apreciar os seios a partir do topo antes de fechar a boca sobre um deles. Ela esfregou-se contra seu corpo vestido com jeans e abriu o botão. Ele rapidamente puxou sua calcinha antes dele retirar as roupas com uma economia de movimentos que foi muito apreciado. E então, ele tomou o seu tempo doce.

***

Trace voltou para a escola de culinária após a sua fabulosa pausa para o almoço. Ember foi trabalhar em seu livro e foi só iniciar uma cena que o telefone tocou. Ela não antenderia até que ela viu que era Lena. Seu estômago caiu, mesmo quando sentiu alegria por Lena finalmente retornar suas ligações.

— Olá.

— Ember, é Lena. — Ela parou por um momento, então disse: — Olha, me desculpe eu não te chamar antes, tenho estado ocupada com minhas próprias coisas.

— Eu entendo.

— Como foi o casamento?

Talvez fosse bobagem, mas Ember não podia deixar de sorrir. — Foi bonito.

— Você está feliz, certo?

— Sim. E quanto a você?

— Estou chegando lá. Você estava certa sobre Todd. Eu sei disso agora e eu sinto muito.

Progresso, pensou Ember. — Obrigada por dizer isso.

Houve um momento de silêncio. — Estou realmente ligando, a pedido de Dane.

Ember totalmente não viu o que vinha. — O Dinamarquês?

— Eu sei. Ele estava alto e seu julgamento foi seriamente desligado. Ele é o primeiro a admitir isso.

Ember não poderia ajudar a raiva que sentia lembrando-se da noite em que ele a arrastou com a intenção de... ela não queria

nem pensar nisso.

— Você tem todo o direito de odiá-lo, mas ele pediu que eu falasse algo para você.

Só por curiosidade quanto ao que Dane poderia pensar que ela acharia interessante, Ember disse: — OK.

— Ele sabe que os policiais estão suspeitando de Seth pelo assassinato de Heidi, mas Dane tem certeza que ela estava chantageando alguém de sua família e, embora não saiba quem é, com certeza, ele acha que era seu pai.

Ember não podia negar que o tempo de Dane foi impecável, mas por que ele quer que ela saiba disso?

— Heidi e Dane tinha um pequeno negócio de chantagem acontecendo. Coisas muito inofensivas e sem grandes pagamentos, mas Heidi queria mais. Ela não queria como tinha descoberto certas coisas. Então, quando ela levou a chantagem para o próximo nível, Dane recuou. Ele não estava envolvido, mas o assassino não sabe disso.

— E ele está preocupado que o assassino pode vir depois atrás dele, — Ember terminado.

— Sim, mas as pessoas estão olhando para quem tinha a ganhar com a morte de Heidi, quanto mais cedo o assassino for pego melhor.

— Por que ele simplesmente não vai à polícia?

— Medo de sua família. E uma vez que ele sabe de Heidi, e que você tem uma ligação em sua família, ele achou que você era a melhor opção.

— Eu não sei o quanto nós podemos ajudar, mas vou passar a informação adiante.

— É melhor eu ir.

— Ok, obrigada pela informação e por ligar.

— Sim. Eu vou falar com você depois.

Lena desligou antes que Ember tivesse uma chance de responder. Ela olhou para o telefone por um longo tempo em leve choque, perguntando se talvez, esse foi um passo em direção a elas serem amigas novamente, e então ela chamou seu tio e transmitiu a notícia.

Capitulo 15

— Eu entrei em contato com Belinda Carmichael, a ex-esposa. Levou algum tempo para chegar até sua irmã. Sua irmã Lily é um inferno de um cão de guarda e quando eu finalmente fui capaz de falar com Belinda, ela não foi de nenhuma maneira mais útil. Eu suspeito que isso era por causa do medo, além disso eu não estava certo — Josh disse a Lucien. — Ela pintou um quadro de seu marido, ser um assassino em série, embora eu suspeite que ela estava exagerando seus casos, porque existe muita amargura; mas nada que ela disse-me foi proveitoso para um chantagista. Ela ameaçou sair, mas foi o juiz quem julgou como isso pareceu para o público.

— E ainda assim ela o deixou. Como isso aconteceu? — Lucien perguntou.

— Aparentemente, ela tinha algo para usar como alavanca contra ele, e então concordou em deixá-la ir. O custo de sua partida foi dar-lhe seu filho e esconder da sua família o que ela tinha sobre ele.

— Então talvez Heidi descobriu o que quer que fosse sobre o juiz, — Lucien concluiu.

— Isso é o que eu acho.

— E nós ainda não sabemos a conexão entre Heidi e Charles, mas eu suponho que era chantagem também, — Lucien disse.

Josh se inclinou em sua direção. — Então Heidi estava chantageando um ou mais Charmicael e possivelmente Charles. Isso é uma enorme quantidade de pessoas que queriam sua morte e há provavelmente mais que sabemos.

— Sem dúvida, — Lucien replicou. — Trace já está procurando por conexões entre Heidi e Charles.

— Eu continuarei cavando os Carmichaels, — Josh ofereceu. — Como estão as coisas com Darcy?

— Fui um idiota e ela me chamou disso. Estamos trabalhando nisso.

— Estou feliz em ouvir isso.

— Devia ter ouvido você, — Lucien admitiu com um sorriso autodepreciativo.

— Eu estou contente em ouvir isso.

—Não fui o único a dizer isso para você... — Lucien juntou-se a Josh com um sorriso.

***

Darcy foi um pouco mais cedo para sua visita mensal a sua mãe, mas ela não podia parar de pensar sobre o comentário de Lucien. O que aconteceu com sua mãe? Ela desceu do metrô no Queens e caminhou até o apartamento de sua mãe.

Quando ela chegou havia um homem acabando de sair, o seu uniforme era de um popular local de encomendas, Darcy o parou.

— Você pode me ajudar? — ela perguntou.

— Eu estou fazendo a entrega, mas está tudo assinado.

— Entrega de quê?

— Um engradado de vodca. — E então claramente nervoso por pensar que talvez tivesse feito algo errado, olhou para a ordem e serviço. — Sim, a cada duas semanas um engradado de Absolut.

— Eu posso ver isso?

— Certo, mas eu deixei uma cópia no balcão da cozinha.

— Obrigada, eu apenas olharei isso.

Darcy entrou no apartamento de sua mãe e, como sempre, o lugar cheirava à morte. Ela entrou na cozinha para ver a caixa no balcão, cheia de garrafas de vodca. Ela viu o recibo e embolsou-o antes de pegar uma garrafa e caminhar até o quarto de sua mãe. A mulher estava espalhada na cama, um olho fechado enquanto tentava assistir algo na televisão.

— De onde no inferno veio isso? — Darcy exigiu enquanto ela balançava a garrafa de vodca.

— Dê-me isso, isso é meu, — sua mãe disse e tentou agarrar a garrafa, mas seu equilíbrio estava longe e ela perdeu por uma milha.

— Diga-me de onde veio isso em primeiro lugar.

— É dia de entrega.

— Assim é como você gasta o dinheiro que eu envio para você?

Sua mãe riu. — Certo. O que você envia mal me manteria feliz por dois dias. Não, eu tenho meu pequeno arranjo.

— Com quem?

— Eu não sei.

— E o que eles ganham nesse acordo?

— Nada.

— Então, algum estranho está enviando a você um engradado de vodca a cada duas semanas e eles não querem nada em troca?

— Nopes. Eles já conseguiram o que eles queriam.

— O que era?

Sua mãe pareceu ter um momento de lucidez e ela

imediatamente afastou seu olhar e começou a mexer em seu lençol. — Eu não lembro.

— Que porra é essa que você fez?

Um olhar de ódio voltou-se para ela quando sua mãe voltou a focar em Darcy. Ela podia ver que sua mãe estava apenas morrendo de vontade de dizer-lhe e ainda que um entorpecimento a enchesse, Darcy de alguma forma conseguiu encontrar as palavras de novo. — O que você fez?

—Nada, realmente, apenas menti. Você era muito jovem de qualquer forma. Eu fiz um favor a você.

Darcy atirou uma garrafa contra a parede e lançou-se sobre sua mãe, seu rosto diretamente no dela.

— Que porra você fez? Eu juro por Deus que se você não me disser, eu esvaziarei cada porra de garrafa de vodca nesta casa.

Pânico substituiu o ódio anterior as palavras apenas saindo de sua boca. — Seu bebê não morreu, você apenas deveria pensar que tinha.

— O quê? Quem faria tal coisa?

— Eu não sei e eu não me importo.

Darcy deu alguns passos para trás, mas suas pernas cederam e ela caiu de joelhos. Seu bebê estava vivo. Lágrimas borraram seus olhos e rolaram por suas bochechas.

— Meu bebê está vivo?

— Não que você alguma vez o encontrará.

Sua alegria foi alterada pelo ódio crescente, que ela sentiu pela mulher que chamava a si mesma de mãe.

— É por isso que você veio até mim no St. Agnes? — A voz de Darcy era quase inaudível.

— Sim.

— Como você pôde?

— Porque você foi meu maior arrependimento.

Darcy mal reconheceu sua voz quando ela disse: — E você é a menor forma de vida. Por que alguém tão bonita quanto Irmã Anne tinha que morrer quando um completo desperdício de matéria como você, continua viva? Você pode ir para o inferno, mãe. Eu tenho esperanças que você queime pelo que você fez.

E então ela caminhou para fora da porta, colocando sua mãe e essa parte de sua vida fora de sua mente para sempre. Nunca, jamais, voltaria aqui.

Seu bebê estava vivo. Ela tinha que encontrá-lo – ou era ela? Ela remexeu em sua bolsa até encontrar seu telefone e ligou para Lucien, mas seu telefone foi para caixa de mensagens. Seu próximo telefonema foi para Ember.

— Hei, Darcy.

— Você poderia me dar o número do seu tio?

— Sim. Está tudo bem?'

— Ficará.

***

O escritório de Josh Donnel ficava no Bronx. Um único seixo verde pendurado sobre a porta. Darcy o viu, logo que ela entrou e não perdeu o olhar de arrependimento em seu olhar.

— Darcy. Ele apontou para uma cadeira. — Por favor, sente-se. — Ele estudou-a por um minuto antes que ele dissesse: —Eu sinto muito sobre antes. Eu tentei...

Darcy o cortou. — Eu preciso de sua ajuda.

Ele viu quando ela estava abordando gradualmente e imediatamente mudou de rumo. — O que eu posso fazer?

— Meu bebê está vivo.

Seu choque não podia ser fingido. —O quê? Como você soube disso?

Raiva em direção a sua mãe queimou através dela, mas ela freou seu temperamento. — Minha mãe foi paga para mentir para mim. Ela não sabe quem foi, mas ela não se importou desde que fosse incentivada com líquido. Eu estou imaginando que foi o mesmo homem que veio até mim naquele dia. — Ela estendeu sua mão para sua bolsa para o recibo de vodca. — Eu acho que essa encomenda foi efetuada por quem levou meu bebê. Não sei se isso ajudará, mas...

— Qualquer informação, não importa quão pequena, é útil. Você acha que reconheceria o homem que veio ver você se o visse de novo? — Josh perguntou.

— Ele arruinou minha vida. Você pode apostar, porra, que eu o reconheceria.

— Sinto muito novamente, — Josh disse, o que imediatamente fez Darcy sentir-se arrependida.

— Não, eu sinto muito. Não foi sua culpa.

— Sim, bem eu era o mensageiro. — Ele puxou um caderno. — Dê-me todos os detalhes que você puder lembrar e eu chegarei nisso imediatamente.

Lágrimas encheram seus olhos e sua respiração engatou. — Obrigada.

***

Darcy foi para o Allegro encontrar Lucien. Ele não estava

atendendo seu celular e ela precisava dizer a ele as notícias sobre seu filho. Mas um passeio através do bar mostrou que ele não estava lá. Tara estava trabalhando, então Darcy parou no bar e esperou conseguir sua atenção para descobrir a quanto tempo Lucien tinha saído e se ele tinha mencionado onde ele estava indo.

Um grupo de mulheres entrou e sentou-se no bar perto dela.

— Eu me pergunto se ele está aqui hoje à noite. Eu não o vejo há um tempo. Eu ouvi que ele tem uma namorada agora.

— Lucien? Ele não me parece o tipo monogâmico. Homem, eu espero que ele não seja, de qualquer forma. Esse homem conhece seu caminho ao redor do corpo de uma mulher.

— Uma transa reta.

— Inferno, talvez sua namorada faça dentro de um trio.

Darcy sentiu seu temperamento agitar-se e ciúme queimou através dela.

— Hei, Darcy. Você quer beber algo?

—Você sabe onde está Lucien? Ele não está atendendo seu telefone.

— Ele estava indo para casa. A bateria de seu telefone morreu, então ele ia parar no caminho de casa para comprar uma nova.

Quando ela chegou ao seu prédio, ela de repente se sentiu fora de lugar com a visão do prédio que era tão elegante. A porta do táxi foi aberta por um senhor idoso.

— Boa noite, senhorita.

— Oi.

Ele segurou a porta aberta e silenciosamente esperou que ela descesse.

— Quem você está aqui para ver?

— Lucien Black.

— Por favor, por aqui.

Ele a levou para dentro e Darcy foi pega de surpresa pela beleza do edifício do apartamento de Lucien. Ela estava junto à escrivaninha de mármore do concierge enquanto o homem que a escoltava dentro do edifício falava com outro homem que se sentava atrás da escrivaninha.

— Ele chamará o Sr. Black para você, — o cavalheiro idoso disse antes que começasse a voltar em direção à porta.

— Tenha uma boa noite, senhorita.

— Obrigada. — Darcy tinha apenas terminado de dizer as palavras, quando o cavalheiro atrás da escrivaninha levantou o telefone ao seu ouvido. Um minuto depois ele disse: — Sr. Black. Eu tenho uma...

Ele olhou para Darcy que imediatamente disse: —Darcy MacBride.

— Darcy McBride para ver você. Imediatamente. — Ele desligou o receptor. — Tome aquele elevador lá para cima até o topo.

Darcy afastou-se dele. —Obrigada.

Quando o dourado elevador iluminado por lustres se abriu, ela sentiu sua confiança deslizar ainda mais. Ela sabia que Lucien era um homem rico, mas não tinha noção de quão rico até aquele momento.

As portas do elevador abriram para a cobertura, e de pé no hall de entrada estava Lucien.

— Darcy.

— Lucien.

Ele apontou para a sala de entrada. — Você quer sentar?

— Sim... não.

Suas sobrancelhas levantaram-se e ele inclinou a cabeça na pergunta.

Ela torceu suas mãos e lágrimas encheram seus olhos quando as palavras simplesmente caíram de sua boca. — Nosso bebê está vivo.

Sua expressão mudou de paciente para chocado antes de se estabelecer em alegria. Ela moveu-se através da sala e agarrou-a em seus braços. — Como você sabe? —

— Minha mãe mentiu – foi paga para mentir para mim.

Ela o sentiu tencionar com raiva quando ela disse: — Nós temos que encontrar nosso filho, mas eu nem mesmo sei por onde começar. Eu tive que pedir ao tio de Ember para investigar.

Ele a soltou apenas para enquadrar seu rosto com as mãos. — Nós o encontraremos — ele sorriu forçadamente — ou ela. O que há para procurar?

Ela queria aproximar-se de Lucien, mas ao invés disso ela deu um passo para longe dele. Ela olhou ao redor para seu alto e elegante apartamento – ela realmente não tinha nada em comum com ele mais. Era quase cômico fingir que eles fizessem.

— Por que alguém como você ao menos olha duas vezes para mim: uma garota sem nada, nem família? Você poderia ter qualquer uma; ninguém está fora de seu alcance, então porque eu? Talvez você se mantenha querendo-me, por quem eu realmente sou, pelo menos para alguém como você. Eu sei que nós dissemos que levaríamos um dia de cada vez, mas talvez você esteja motivado a fazer isso porque temos uma história. Eu não manterei isso contra você, se você não quiser.

— Você terminou?

Ela olhou para ele e, caramba, ela o amava. — Eu acho

que sim.

— Bem, agora você se calará e me deixará falar.

— Desculpe-me. Eu estava sendo muito sensata. Não há necessidade de ser um babaca.

— Sério? Você veio à minha casa e me disse que você não segurará nosso passado. Bem, isso apenas irritou a merda fora de mim.

— Por quê? — ela cuspiu de volta.

Ele a alcançou em dois passos. Sua boca se conectou com a dele poucos segundos depois, saboreando-a com uma meticulosidade que era de tirar o fôlego. Ele arrancou sua boca da dela, seus olhos como fogo azul quando ele disse: — Porque nosso passado é a única coisa em minha vida do qual eu sou fodidamente orgulhoso. Porque eu fui um burro ao afastar-me da única coisa pela qual eu devia estar correndo. Porque eu tenho amado você quase minha vida inteira, e eu amo você verdadeiramente e, porra, você me ama também.

Suas palavras foram tão suavemente faladas que ele quase não as ouviu. — Eu faço.

Um sorriso afetado cintilou sobre sua boca antes que ele a beijasse de novo. Suas mãos moveram-se para seus quadris onde ele deslocou o tecido para cima de suas pernas e a levantou do chão, suas pernas enrolando-se ao redor de sua cintura, e moveram-se para a parede, pressionando-a contra ela enquanto ele moía seus quadris contra os dela.

Suas mãos estavam ansiosas quando alcançaram sua camisa e puxou-a sobre sua cabeça. Ela pressionou sua boca nele antes que até mesmo a tivesse descartado. Sua língua lambendo sua pele dura e lisa, enquanto seus dedos trabalhavam no botão do jeans.

Suas mãos moveram-se entre suas pernas e deslizaram sobre a seda para encontrá-la úmida e pronta. Ele traçou seu polegar através de seu ponto de prazer repetidamente antes que ele deslizasse um dedo dentro. Ela gemeu quando ele adicionou outro.

A mão dela enrolou-se ao redor dele e puxou-o livre, enquanto a boca dele caia sobre seu peito, sugando seu mamilo dentro de sua boca através da seda de sua camisa e sutiã. Ela moveu sua mão sobre o sedoso eixo rígido, igualando seu ritmo enquanto seus dedos moviam-se dentro e fora dela.

Ela o sentiu ficar mais rígido e então ele estava arrancando sua calcinha e ela estava guiando-o onde ela o queria mais. Ele empurrou dentro dela lentamente, depois duro e rápido, ela quase implorou em seu ritmo deliberado. Seus olhos moveram-se para os dela e ele a observou, enquanto a preenchia. Quando ele estava totalmente dentro, manteve-se imóvel até seus olhos abrirem.

— Nós pertencemos um ao outro, você e eu, sempre pertenceremos.

Amor queimava através dela com suas palavras, e seus dedos moveram-se para baixo em suas bochechas em uma doce carícia antes que ela pressionasse seus lábios nele. Ele tornou o beijo mais profundo, pressionando-a contra a parede, e começou a mover-se. Ela o manteve mais apertado em seus braços e suas pernas e apenas deixou-se ir.

Sua boca estava na dela, sua língua correndo ao longo da curva de seu lóbulo. — Venha para mim, Darcy.

O orgasmo rasgou através dela, e ela gritou enquanto ele continuava a empurrar dentro dela, atingindo-a apenas direto no ponto para prolongar isso. Ele veio com um grunhido, seus olhos fechados enquanto puro prazer lavava sobre suas características.

Ele derrubou sua cabeça em seu ombro, seu batimento cardíaco rápido combinando com o dela, e quando ele levantou seu rosto, ela estava sorrindo. — Vamos tentar isso de novo, mas em uma cama.

— Boa ideia.

Eles estavam deitados na cama uma hora depois completamente gastos. Lucien tinha Darcy enrolada em seus braços com suas costas apoiadas em seu peito, seus dedos preguiçosamente correndo para cima e para baixo em seu estômago.

— Eu estava indo ver você, — ele disse.

— Sério?

— Sim, eu estava sendo cavalheiresco para sugerir que nós levássemos um dia de cada vez, mas eu não sou muito de cavalheiro.

Ela olhou de volta para ele e seu sorriso era infantil e mal ao mesmo tempo.

Enquanto o observava, ela viu sua expressão tornar-se séria. — Diga-me sobre a visita a sua mãe.

Ela virou-se para ele. — Seu comentário sobre o porquê ela ficaria envolvida com a minha vida de novo, estava fazendo barulho ao redor da minha mente. Quando eu cheguei ao seu apartamento, havia um homem da entrega saindo com um engradado de vodca. — Raiva surgiu através dela de novo apenas por pensar sobre sua mãe, e Lucien, sendo tão sintonizado, percebeu isso.

— O que há para procurar? — ele perguntou.

— Eu acho que ela ficou muito contente ao me contar sobre o papel que desempenhou naquilo, que aconteceu com nosso filho; eu acho que ela realmente gostou de falar sobre isso.

Ela viu a fúria queimar em seus olhos, mas sua voz estava suave, quase mais afetuosa, quando ele respondeu: — Tão triste quanto é dizer isso, eu não estou surpreso por seu comportamento. Você está?

— Não.

Seus braços se apertaram ao redor dela e ele falou com convicção. — Nós encontraremos nosso filho.

— Eu sei.

— Você acha que é um garoto ou uma garota?

Era quase demais para sentir, saber que seu filho estava lá fora e eles não o conheciam ou ela. Lucien parecia sentir quão doloroso foi para ela quando ele adicionou: — Muito em breve saberemos.

— Sim.

Ela precisava aliviar o clima porque ela estava perigosamente perto de perder-se. Ela descansou sua cabeça em suas mãos. — Eu estava no Allegro quando suas fãs chegaram. Elas estavam falando sobre você como um pedaço de carne.

Parecendo sentir o que ela precisava, Lucien replicou. — Sério? — Ele ergueu suas sobrancelhas para ela. — Diga-me.

Sua reposta para isso foi acotoveá-lo no estômago, o que lhe rendeu uma risada.

— Eu não gostei de ouvi-las falar sobre você como se você fosse uma propriedade pública. Elas ainda me mencionaram e como elas não se importariam com um ménage à troes.

Lucien inclinou-se um pouco para isso e Darcy pensou que ele estava indo dizer algo provocativo e estava preparada para bater nele novamente, mas ela foi completamente apanhada de surpresa pelo que ele disse.

— Compartilhar você? De jeito nenhum.

— O quê?

— Não é realmente a minha coisa para começar, mas meu foco está completamente em você, agora que está de volta a minha cama.

Ela o montou por aquelas palavras, levando-o em sua mão. Ela acomodou-se sobre ele, descendo em seu comprimento duro, o que lhe rendeu um gemido de aprovação. Suas mãos encontraram seus lábios quando ela começou a mover-se, lentamente, como ele tinha feito com ela mais cedo. Começou como um lento e provocativo, mas quando o orgasmo apertou sua barriga, ela atirou sua cabeça para trás e cavalgou com força até que ela veio.

Lucien se sentou sugando seu seio em sua boca antes dele os virar, levantando seus quadris, e começando a realmente mover-se até que ele a seguiu com sua própria libertação.

Os olhos de Darcy fecharam totalmente com o contentamento que a encheu. Ela sentiu-se deslizar dentro do sono quando Lucien rolou seu mamilo e puxou.

— Vamos sair.

— O quê? — ela respondeu, mas não conseguiu abrir seus próprios olhos.

— Vamos, eu tenho necessidade de levar minha senhora para sair.

Darcy estava tentada a rolar para seu lado, mas ela gostava do que ele estava fazendo para ela e como seu corpo estava respondendo a isso.

— Onde você quer ir?

— Allegro.

Havia uma nota de alguma coisa em seu tom, que a fez levantar suas pálpebras pesadas para olhar para ele.

— O que está rolando?’

— Nada. Venha comigo e então voltaremos e começaremos o segundo round.

Ele pressionou um beijo em sua barriga antes de levantar-se da cama. —Vamos.

— Eu preciso de um banho.

— Não.

Ela sentou-se a tempo de o ver vestir em seus jeans, e sabendo que ele não estava usando nada sob elas seria muita distração.

— Por que eu não posso tomar banho?

— Porque eu quero meu cheiro em você como um lembrete de que chegamos lá e de que chegaremos lá de novo mais tarde.

— Oh meu Deus.

— Agora vista-se. Quanto mais cedo nos sairmos, mais cedo nós voltaremos.

***

Darcy ficou ligada. Ela tinha estado desde que Lucien decretou que ela não podia tomar banho. Uma vez que eles entraram no clube, Lucien fez suas rondas habituais, mantendo-a ao seu lado o tempo todo, antes que ele pedisse uma bebida no bar. Seus lábios moveram-se para seu ouvido.

— Onde estavam às senhoras sobre as quais você falou?

— Mudou de ideia?

Ele sorriu, mas com uma intensidade que tinha um lugar entre suas pernas latejante ao mesmo tempo em que seu coração.

— A mesa perto do palco, as três loiras e a morena.

Ele pegou sua mão e guiou-a através da multidão, indo na direção do fã clube.

— O que você está fazendo? — Darcy sibilou.

Sua mão apertou a dela, mas ele não respondeu. Assim que elas o viram caminhando até elas começaram a afofar os cabelos e bater seus cílios. Darcy queria vomitar.

— Senhoras, vocês estão desfrutando sua noite?

— Agora mais ainda, — a loira alta, que tinha mencionado o trio, ronronou. Darcy queria arrancar seu cabelo grosso.

— Nós não temos visto você ao redor. Faz um longo tempo. — A morena disse, inclinando sua cabeça e fechando seus lábios ao redor de seu dedo. Darcy quase riu; honestamente, ela poderia ser algo mais óbvia? Por que ela não tinha apenas tirado seu vestido, subido na mesa e espalhado suas pernas? Um segundo pensamento, com a forma que ela estava olhando Lucien, ela ainda poderia.

— Quem é sua amiga? — a morena de alguma forma conseguiu perguntar ao redor do dedo que ela estava sugando.

Lucien inclinou-se mais perto da morena. — Ela é tudo.

E então ele se virou e atraiu Darcy para a pista de dança, a enrolando em seus braços, e a manteve perto.

— Por que você fez isso? — Darcy perguntou, olhando ao redor dele para a mulher que estava os observando com a boca aberta. Ela não estava certa, mas ela pensou que poderia ter visto lágrimas nos olhos da morena.

— Apenas acelerando o processo.

Darcy o empurrou, sentindo seu temperamento começara a se agitar novamente. — O que isso significa?

Humor tornou-se sinceridade. — Você reivindicou-me aos

dezesseis, então eu reivindico você de volta. E com aquele grupo de divas fofoqueiras, em menos de uma hora o lugar todo vai saber que você não é apenas alguma garota, mas que você é minha garota para sempre.

Sua raiva imediatamente sumiu. — Boa resposta.

Suas mãos moveram-se para baixo em suas costas até a sua bunda e ele a pressionou mais perto então ela podia sentir o comprimento duro dele. — Vamos para casa, então eu posso reivindicar você de novo.

***

— Darcy, você poderia, por favor, vir aqui? — Lucien chamou de seu escritório. Um momento depois ela apareceu na porta de entrada.

— Sim?

— Feche a porta.

— Algo está errado? — ela perguntou quando veio ao redor da escrivaninha. Ele não disse uma palavra, mas tomou sua boca em um beijo. Ela pensou sobre aquela boca toda a manhã. E ela estava realmente sem fôlego quando seus lábios se levantaram a partir dos dela.

— Sr. Black. Eu não estou certa que isso é apropriado para etiqueta de um escritório. — Sua voz não estava estável e seus olhos estavam suaves com desejo.

— Não? — Ele deslizou sua saia sobre seus quadris e sentiu a borda rendada de suas meias na altura da coxa. — O que as... — Ele nunca tinha visto alguma coisa mais sexy e instantaneamente ele era uma rocha dura. Sua voz trêmula com luxúria. — Você não pode usar esta saia com isso... — Seus dedos

correram ao longo de sua coxa — E não esperar que eu tome você contra a parede a cada oportunidade.

O olhar tímido em seus olhos o fez ficar ainda mais duro quando ele disse: — Você pequena raposa. Você me *quer* levando você contra a parede.

Ela escovou seu cabelo para trás de seu ombro e de repente ele queria seus dedos enterrados naqueles fios de ônix. — Eu não tenho ideia sobre o que você está falando.

No próximo minuto, ela estava para cima contra a parede com suas pernas enroladas ao redor de sua cintura enquanto ele trabalhava seu zíper. Ele moeu quando ela empurrou sua mão dentro e sentiu seu corpo apertando. Seus olhos encarando e suas coxas mantendo–o apertado enquanto ele movia-se profundamente dentro dela. Movimento áspero, rápido e tão, fodidamente, bom que ele estaria pensando sobre isso pelo resto do dia.

Ele derrubou sua cabeça em seu ombro. — Eu posso ter que demitir você, caso contrário nós nunca vamos ter qualquer trabalho feito.

Seus dedos passaram através de seu cabelo. — Eu posso me comportar se você puder.

— Esse um grande *se*.

— Lucien.

Ele levantou a cabeça com a seriedade de sua voz.

— Eu quero saber quem nós afastou. Eu quero saber quem levou nosso filho e por quê. Eu quero justiça. Inferno, eu quero vingança.

— Você e eu, ambos. Nós descobriremos, eu prometo a você.

Capitulo 16

Trace atendeu rapidamente quando o celular tocou.

— Sim.

— É Lucien. Pode me encontrar no Sapphire em cerca de vinte minutos? Preciso de sua ajuda.

— Vou sair agora.

Quando Trace chegou, ele ficou surpreso ao ver que Lucien tinha chamado Rafe e Kyle também. Ele chegou até eles e puxou uma cadeira. — O que está acontecendo?

— Sinto muito te ligar no meio do dia, mas eu preciso de ajuda. Darcy estava grávida quando saí St. Agnes. Eu tenho pensado sobre isso a cada momento desde que eu descobri sobre o bebê. Ela estava grávida. Você pode imaginar como apavorada ela deve ter estado sozinha e grávida aos dezesseis anos? O que poderia aquele bastardo dizer para fazê-la acreditar que era melhor para mim, ela enfrentar a gravidez sozinha?

— E o bebê?— Perguntou Kyle.

— Foi-lhe dito que ela perdeu, mas a mãe finalmente confessou que mentiu. Que ela foi paga para mentir, provavelmente pelo mesmo bastardo que veio ver Darcy naquele dia.

— O quê! Que porra é essa? — Exigiu Trace.

— Eu não sei, mas eu quero encontrar meu filho.

— Você sabe se é um menino ou uma menina? — Perguntou Rafe.

— Não, mas ele ou ela estaria com quase quatorze anos, crescendo como nós, acreditando que ele foi esquecido. — Eles merecem saber a verdade, ele merece saber que têm uma mãe que

tem lamentado a perda dele todos os dias por quatorze anos e um pai que moveria céus e terra por ele. — Eu quero lhe dar o que nos foi negado: uma família.

— Claro, porra. O que precisa? — Trace disse, o que fez Lucien sorrir.

— Eu não posso estar em todo lugar, mas eu preciso descobrir quem estava de plantão na noite do parto da Darcy. É claro que não foi apenas a mãe dela que este homem pagou. Josh já está procurando por ele, mas vai precisar de ajuda; tanto tempo se passou que levar um monte de pesquisa e trabalho de campo apenas para encontrar todo mundo.

— Diga o que você precisa, e você tem isso, — Trace disse, então, perguntou: — E Darcy?

O sorriso de Lucien apareceu em seu rosto. Trace riu. — Eu estou supondo por esse olhar que você está trabalhando nisso.

— Sim.

***

Mais tarde naquele dia, Trace entrou na sede de campanha de Charles. Ele esperou por um dia quando Ember não estivesse trabalhando, porque ele não queria magoá-la e ele não podia ter certeza de como a conversa seria. A secretária de Charles cumprimentou-o e se levantou.

— Por favor, siga-me. Seu tio está esperando por você.

Charles estava no telefone quando ele entrou em seu escritório, mas logo terminou a chamada.

— Trace, é bom ver você. — Ele se levantou e apertou a

mão de Trace. —Por favor, sente-se.

Trace não retornou a saudação e em vez disso, foi direto ao ponto. — Qual é sua ligação com Heidi?

Trace notou que, embora o homem empalidecesse um pouco, ele não ficou surpreso com a pergunta.

— O menino, Seth... ele não é do seu pai. Ele é meu.

— Que tal começar do início? — Trace definitivamente não estava esperando isso.

Charles foi até um armário e tirou uma garrafa de uísque e dois copos, antes de voltar para sua mesa e derramar em cada um três dedos. Ele bebeu o copo inteiro antes de servir outro.

— Deixe-me começar desde o início. Quando conheci Vivian, ela era como ninguém que eu já tinha conhecido. Ela veio do nada e ainda parecia como uma rainha. Apesar de minha afeição por ela ser genuína, era meu dinheiro e as conexões que ela procurava. Não me importei porque ela era divertida e gostou de mim no caminho. Quando ficamos juntos, ela não hesitou em mudar sua aparência, mesmo indo tão longe para fazer sua reforma na minha irmã... — Ele esfregou uma mão na cabeça dele. —Diabos, até o nome dela, Vivian escolheu, por causa de tudo que pudesse ganhar. — Obviamente, havia um pequeno herói oculto lá.

— Por um tempo ficamos felizes, mas, em seguida, realmente entrou em sua nova imagem e começou concentrar-se mais sobre a vida social e as conexões que ela oferecia. Encontrei-me sozinho muitas vezes.

— E isso foi quando você conheceu Heidi, — concluiu Trace.

— Sim, ela era jovem, fresca e sexy como o inferno e estava interessada em mim, um homem com quarenta.

— E você não pensou que era estranho, uma garota apaixonada por um homem com idade para ser seu pai?

— Havia uma parte de mim que perguntava, mas era inebriante ser desejado por alguém como ela. Enfim, nosso breve namoro terminou quase assim que tudo começou.

— E então ela deixa cair à bomba que eu iria ser pai.

— Sim, mas ela realmente deixou claro para mim que ela havia planejado isso. — Ele se afastou de sua mesa e caminhou até a janela. — Ela tinha apenas dezesseis anos.

Trace estava incrédulo porque era descarado até mesmo para Heidi. — Merda. Ela se preparou para chantagem.

— Ela sabia que se meu caso com ela aparecesse, minha carreira e vida teriam virado fumaça, então ela fez sua proposta. — Ele se virou a Trace. — Se eu lhe pagasse uma quantia mensal, ela ficaria quieta.

— E você concordou.

— Vivian não estava prestes a desistir do estilo de vida, ela havia se tornada acostumada e insistiu que eu concordasse. Ela nem se importou sobre o caso, apenas sobre a ideia de perder seu status na sociedade. Foi um sucesso, mas eu deveria ter previsto.

— Então, por que diabos Heidi disse que Seth era do meu pai?

— Ela estava fixada em você e até mesmo mudou-se para St Agnes para estar perto de você. Alegar que seu filho era do seu pai, deu-lhe uma aproximação com você. Eu sabia o que ela estava fazendo, mas eu não a impedi; ainda tive outra oportunidade para ajudá-lo, mas não o fiz. — Ele parou por um minuto antes de acrescentar: — Eu preciso que você saiba que não te ajudei quando seu pai estava vivo, porque eu estava lidando com essa merda com Heidi, mas eu deveria ter feito,

porque nada vem perto do horror daquele animal infligido sobre você e sua irmã. Eu tenho que viver por ter falhado com você e Chelsea pelo resto da minha vida.

Charles sentou-se, mas não havia convicção queimando em seus olhos. —Eu não a matei. Eu estava disposto a pagar pelos meus pecados, mas não éramos os únicos que ela estava chantageando.

— Como você sabe disso? — Trace perguntou.

— Ela teve o prazer de me dizer. Ela deixou seu emprego para encontrar sujeira das pessoas e explorá-los com ele. Éramos nada comparado aos outros.

Trace estava com os pensamentos voltados para Dane e como ele acreditava que Heidi chantageou a família dele. Mas como ela os conheceu, desde que Dane parecia com muito medo de ter feito as apresentações? — Você sabe se Heidi sabia sobre o mais o velho dos Carmichaels?

— Sim, conhecê-los fazia parte de suas demandas de chantagem.

— O que isso significa?

— Ela queria ser apresentadas a pessoas ricas e poderosas, a família especificamente. Eu não ficaria surpreso ao saber que ela estava chantageando-os também. Foi o que ela fez.

Ele não estava errado, mas Trace seguiu em frente. — Você disse que não a matou. Você acha que Vivian poderia ter feito?

— E perder uma gala por causa de uma sentença de prisão? Não. Vivian é muitas coisas, mas ela não é uma assassina.

— Vai sair com você e Heidi. Sabe disso, certo?

— Sim.

— O que vai fazer sobre Seth?—

— Você quer dizer, eu vou aceitá-lo como meu filho?

— Sim. Ele está em St. Agnes. Você conseguiu isso? — Trace perguntou.

— Sim, ele está sob a guarda do Estado por causa da Heidi, mas pelo menos em St. Agnes ele tem um amigo. Seth merece mais do que eu. Eu nunca estive lá para ele e sua vida tem bastante sem me adicionando à equação.

Trace estudou o homem mais velho por um minuto. Não foram muitas vezes que as pessoas o pegavam de surpresa, mas pareceu que Charles Michaels não era tanto um cretino egoísta como pensou. — Você consideraria me deixar ser seu tutor legal?

Surpresa estampou o rosto de Charles. — Você faria isso?

— Eu meio que venho fazendo isso já. Poderia muito bem torná-lo oficial.

— Eu acho que Seth tem muita sorte de ter você. Eu vou cuidar disso.

Trace achava. — Obrigado por compartilhar isso comigo. Não deve ter sido fácil. Podem descobrir sobre você e Heidi, mas isso não vai ser através de mim.

Era o mais próximo possível da absolvição que poderia oferecer antes dele se virar e sair.

***

Trace entrou em seu apartamento para ver Chelsea na sala assistindo televisão e comendo sorvete. Ela se virou para ele e sorriu, seus lábios cobertos de chocolate.

Ele se aproximou e se ajoelhou na frente dela. —

Chocolate, chocolate chip, yum.

— Você parece triste. Por que você está triste?

— Não triste, mas agradecido. Eu te amo, Chelsea.

— Eu sei.

Ele sorriu, antes de dar um beijo em sua testa e se levantar. — Onde está o Ember?

— Dormindo.

Ele caminhou pelo corredor até seu quarto e viu Ember enrolada em uma bola em sua cama. Ele fechou e trancou a porta antes de tirar os sapatos e subir na cama. Ele a puxou para ele e abraçou-a.

— Oi. — Sua voz era suave ainda com sono.

— Peço desculpas, te acordei.

— Eu não. — Ela olhou para ele e imediatamente se sentou. — O que está errado?

Ele disse a ela sobre seu encontro com Charles e sua conversa com Lucien. Ele observou raiva e simpatia passar em seu rosto.

— Eu não poderia imaginar perder um filho, mas para alguém mentir sobre isso... Ter perdido todo aquele tempo... Quem faria uma coisa tão vil? — Perguntou ela, com lágrimas nos olhos.

— Eu não sei, mas isso é o que vamos descobrir.

— Eu quero ajudar.

— Eu sabia que você iria. Eu disse a Lucien que você poderia fazer a pesquisa sobre as enfermeiras que estavam de plantão no dia Darcy deu entrada no hospital. Seu tio pode dar-lhe os detalhes, desde que Darcy já contratou-o para iniciar a pesquisa.

Trace ficou em silêncio por um momento, o que levou

Ember a perguntar: — O quê?

—Eu pedi para se tornar tutor legal de Seth. Eu deveria ter falado com você primeiro antes...

Ela apertou o dedo sobre seus lábios. — Concordo totalmente.

— Você tem certeza?

— Você já tem agido como seu tutor legal, então vamos torná-lo oficial.

Ele sorriu. Ember perguntou: — O que é esse sorriso?

— Foi o argumento exato que usei com Charles.

— Grandes mentes pensam da mesma forma. — A expressão de Ember ficou séria. — E quanto a Darcy e Lucien?

— Eles estão encontrando seu caminho.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Porque nós fizemos. — E então ele se moveu e rolou, prendendo-a debaixo dele. —Por favor, lembre-se que você está grávida.

— Eu vou.

— Você está vendo; há um pouco de ondulação.

— Eu não tinha certeza que você tinha notado.

— Eu conheço cada centímetro de seu corpo. É claro que eu notei.

E, em seguida, para provar seu ponto, ele levantou a camisola para cima e sobre sua cabeça e deu um beijo na base de sua garganta. Ele lambeu-a ao longo de sua clavícula antes de pressionar beijos no vale entre os seios até o umbigo. Ele espalmou a pequena onda em sua barriga antes de abaixar os lábios e beijar bem no meio dela.

— Eu sei que eu não tive um grande modelo, mas prometo-te que esta criança nunca vai duvidar de que ele ou ela é amada.

Ember envolveu seu rosto em suas mãos e ergueu seu olhar para o dela. — Eu sei.

***

Darcy estava andando do lado de fora do escritório de Lucien. Ela estava se esforçando muito para manter seu temperamento sob controle, mas ela ouviu sobre a reunião que Lucien chamou seus amigos, como uma estratégia para encontrar seu filho, e ela não fora incluída. Ela sabia que as intenções de Lucien eram boas, mas ela não seria forçada a ficar de fora, enquanto ele assumia o controle. Sua cabeça se levantou quando ouviu os passos pesados vindo do fundo do corredor.

— Onde você estava? — Disse ela em forma de saudação.

Ele tentou se aproximar dela, mas ela se afastou dele. — Lucien, você está me mantendo de fora.

Determinação surgiu em seu rosto. — Não é minha intenção. — Estou tentando mantê-la segura.

— Mantive-me segura por quatorze anos.

Ela viu a irritação em sua expressão. — As coisas são diferentes. Nosso filho está vivo e estamos procurando ativamente por ele ou ela, o que vai fazer com que o sequestrador fique nervoso ao saber disso.

— Isso não lhe dá o direito de ser tão arrogante. Eu não vou ser mantida de fora.

Raiva substituiu a irritação. — Não temos nenhuma ideia com quem diabos estamos lidando, mas com base no que eles fizeram para nós até agora, eu estou apostando que há muito

pouco que essa pessoa não faria para conseguir o que diabos seja que eles estão atrás. Se você acha que por um segundo eu vou sentar e ver você entrar em perigo potencial, você está louca.

A raiva subiu para combinar com a sua. — E se você acha que eu vou dar um passo para trás só porque você e eu estamos dormindo juntos e seu homem das cavernas interior está vindo à tona, você está fora da porra da sua mente.

Sua voz tornou-se gelada. — Se eu estivesse sendo um homem das cavernas, eu já teria batido na sua cabeça com o meu porrete e a colocaria sobre o meu ombro. Não que a ideia não tenha algum mérito. — Ela percebeu que não era só raiva escorrendo dele, mas doía.

— Acho que vou chamá-lo um dia.

Ela observou seus passos largos levá-lo para longe dela conforme raiva e remorso guerreavam dentro dela.

Capítulo 17

Darcy marchava em seu escritório. Fazia mais de uma semana desde que ela e Lucien trocaram palavras aquecidas. Ela sabia, mesmo sem ele precisar dizê-lo, que ele estava deixando-a no escuro porque estava tentando mantê-la segura. Apesar da consideração por trás de suas ações, isso ainda a irritava.

Darcy tentou executar o cenário do sequestro em sua cabeça. Havia pelo menos algumas pessoas que tinham que estar envolvidas apenas para retirar o bebê do hospital. Ela sabia que Ember estava procurando entre as enfermeiras, por isso ela se concentrou em sua mãe. Como ela foi abordada? A pessoa tinha que ter estado observando para saber o que a convenceria. Darcy nunca prestou atenção às atividades de sua mãe, enquanto ela e seus namorados ficassem longe dela. A parte de toda a bagunça a qual Darcy estava presa era: por que alguém se importaria com dois adolescentes? Por que intrometer-se tanto em suas vidas quando eles eram literalmente ninguéns?

A única ligação que eles tinham com seu filho era a mãe de Darcy, e por mais que ela não quisesse voltar para o Queens, ela queria dar uma olhada ao redor do apartamento de sua mãe. Darcy olhou para o relógio. A mãe dela provavelmente estaria fora, pegando o perdedor que ela levaria para casa pela noite. Ela poderia estar dentro e fora antes que sua mãe chegasse em casa.

O cheiro quase a atropelou quando ela girou a chave no apartamento de sua mãe uma hora mais tarde. Seus olhos lagrimavam enquanto ela tentava respirar através de sua boca. O lugar era um chiqueiro, mas talvez ela tivesse sorte e encontrasse algo que poderia dar-lhes uma direção na qual focar sua busca.

Uma hora depois, Darcy desistiu. A única coisa que ela descobriu conclusivamente foi que a mãe dela era uma porca nojenta e tinha um fetiche por caixas de fósforos. Ela olhou ao redor do lugar que fora sua prisão e quis incendiá-lo, mas isso não rsolveria nada, exceto aterrá-la na cadeia. Ela fechou a porta atrás de si enquanto decepção a enchia, mas pelo menos ela não estava de pé na margem fazendo nada.

***

Ember sentou e escutou enquanto Charles dizia a todos os seus voluntários que ele estava abandonando a campanha. Fazia apenas duas semanas desde que ele contou a Trace sobre Heidi e ele já estava saindo de campo. Eles tinham se encontrado antes com a editora dela para o artigo que ela escreveria para o In Step. Ela sentia muito por ele, pois ele também foi um peão.

Um homem ter que desistir de seus sonhos por causa das ações de outro era difícil de assistir, mas ele fez isso com tanta integridade e novamente Ember encontrou-se admirando-o. Vivian parecia prestes a cuspir pregos, provavelmente mais preocupada com a forma como a alteração de circunstâncias de Charles afetaria sua vida social. Vivian Michaels preocupava-se apenas consigo mesma, embora, por isso Ember não tinha dúvida de que ela pousaria em seus pés cobertos por seus sapatos de grife.

Ember começava a olhar para a sua parte do caso de Darcy, mas como isso tinha acontecido 14 anos atrás, nada era eletrônico. Conforme o hospital, arquivos anteriores a 2005 eram

apenas cópias impressas e armazenadas em arquivos.

— Ei, você ouviu que os policiais não estão mais suspeitando de Seth? — Brandon estabeleceu-se no canto da mesa, sorrindo.

— Eu não, não.

— Sim, ele está aliviado. Quero dizer, ele sabia que eles eventualmente descobririam isso, mas agora que eles o fizeram, ele está, tipo, totalmente voando.

— Graças a Deus. Eu me pergunto se Trace sabe? — Ember pensou em voz alta.

Ember sabia que Brandon tinha uma queda por ela, o que era o porquê de ela normalmente encontrar uma maneira de inserir Trace em sua conversa, mas isso não significava que ela não podia ajudá-lo. — Eu acabei de conversar com minha editora sobre você. Você ainda precisa investir em serviço comunitário certo?

— Sim.

— Bem, ela acha que pode encontrar um lugar para você.

A testa dele franziu antes que ele perguntasse: — Por que ela faria isso?

— Porque eu pedi a ela.

Levou um minuto antes de um sorriso espalhar-se em seu rosto, um sorriso letal. — Doce.

Ele percebeu seu bloco de papel onde ela anotou notas de sua conversa com o hospital. Um olhar estranho passou por seu rosto. — Você está doente?

— O quê?

Ele apontou para o nome do hospital que ela havia rabiscado no teclado. —Oh, não. Estou tentando colocar minhas mãos em registros que são bastante antigos.

— Registros sobre o quê?

— Uma amiga está à procura de alguém.

— Oh. São os registros no hospital?

— Sim.

— E você não pode simplesmente pedir para eles?

— Isso é onde fica complicado, porque os registros que eu quero são registros de funcionários.

— Então, qual é o seu plano? — Perguntou. Mas ela suspeitava que ele já soubesse, e ele confirmou isso quando disse particularmente incrédulo: — Você está pensando em roubá-los, não é?

— Não roubar, mas eu gostaria de colocar minhas mãos sobre eles. O problema é que eu não sei como obter acesso à sala de arquivo ou na sala onde eu precisaria olhar.

— Eu vou ajudar.

— Como?

— Bem, da maneira que eu vejo, você precisa de informações, e há pessoas que trabalham na sala de arquivo, então porque não apenas pedir às pessoas que trabalham na sala para encontrar o que você quer?

— Porque é contra a política do hospital compartilhar registros de funcionários. Se eu pudesse obter uma cópia do arquivo da minha amiga isso ajudaria, mas eu não sou a paciente, de modo que a confidencialidade médico-paciente vai impedi-los de compartilhar isso comigo.

— Por que você não apenas pede a sua amiga para vir e pegar o arquivo?

—Se eu tiver que pedir, pedirei, mas ela está passando por um momento muito difícil agora. A última coisa que eu quero fazer é forçá-la em um lugar onde ela tem algumas lembranças

verdadeiramente horríveis.

— Justo.

É evidente que algo estava na mente dele, de modo que Ember perguntou: — O que você está pensando? — Mas ela não tinha certeza se queria ouvir a resposta.

Ele lhe deu um sorriso que fez seu coração bater um pouco mais rápido. — Eu tenho um jeito com as pessoas.

— Disso eu não tenho nenhuma dúvida, mas isso é loucura. Eu não posso puxá-lo para isso.

— Você não está. Eu estou me oferecendo, — disse ele, e ergueu as sobrancelhas para ela.

— E o fato de que eu estou realmente considerando isso significa que eu estou indo para o inferno.

***

— Eu não posso acreditar que eu concordei com isso.— Eles estavam andando pela ala administrativa do hospital em seu caminho para – como Brandon colocou tão simplesmente – pedir a informação que eles queriam.

— Tem certeza que você pode fazer isso? — Perguntou Ember.

Ele sorriu e a visão disso era ambos, alarmante e muito familiar para Ember. Quando notou sua expressão atônita, ele disse: — Qual é o problema?

— Nada, você só se pareceu muito com um amigo meu por um minuto.

O sorriso se transformou em um sorriso completo. — Doce.

— E então ele acrescentou: — Observe e aprenda.

Antes que ela pudesse perguntar do que ele estava falando, ele girou para longe dela e se dirigiu para a mesa onde duas mulheres estavam trabalhando. Ember ficou ao lado e viu como Brandon ligou o charme; até mesmo como um garoto de dezesseis anos, ele tinha as mulheres comendo em sua mão. Ela observou quando uma mulher balançou a cabeça negativamente, mas Brandon não estava desanimado. Após apenas cerca de cinco minutos, a mulher se dirigiu para o quarto atrás da mesa. Poucos minutos depois, ela voltou com um ficheiro, fotocopiou o conteúdo, e entregou-lhe. Ember estava convencida de que ela estava indo definitivamente para a prisão.

No próximo minuto, Brandon virou e caminhou de volta para ela todo relaxado e fácil. — Pedaço de bolo.

— Você é inteiramente bom demais nisso.

— É um presente.

— O que você disse a elas? — Perguntou ela.

Ele deu de ombros antes de dizer: — Que eu estava procurando minha mãe biológica.

Dirigiram-se para fora até um banco antes de Brandon entregar a Ember o arquivo. Duas enfermeiras estiveram com Darcy, quando ela dera à luz, uma Nora Jerkins e uma Lacy Shane.

— Eu me pergunto se essas mulheres ainda trabalham no hospital?

— Você quer que eu volte lá e pergunte?

Ember não pôde deixar de sorrir, ele era apenas estupidamente adorável. — Obrigada, mas eu vou ligar para o meu tio.

Ela pegou o telefone e fez exatamente isso.

— Ei, Ember.

— Você pode me fazer um favor?

— Certamente, querida.

— Você pode checar uma Nora Jerkins e Lacy Shane? Eu preciso saber se elas ainda trabalham em Mt. Sinai. E eu também gostariam de seus endereços residenciais.

— Claro, eu vou buscar no google — provavelmente há um diretório online. É sobre Darcy?

— Sim.

— Dê-me um minuto. — Brandon levantou-se e começou a andar ao redor, enquanto Ember esperava alguns minutos antes de seu tio dizer: — Tudo bem. Nora morreu em 2002. Lacy Shane não trabalha no hospital; ela saiu em 2004. Eu tenho o endereço dela se você quiser anotá-lo.

Ela tirou uma caneta de sua bolsa e anotou.

— Deixe-me saber o que você descobrir, e tenha cuidado, Ember.

— Eu vou, obrigada, tio Josh.

Brandon agora estava inclinando-se contra uma árvore como se ele não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Encontrou-as? — Perguntou.

— Nora morreu, mas Lacy ainda está por aí. Eu tenho o endereço dela.

— Então, vamos falar com ela.

— Agora?

— Você tem algo mais para fazer?

Ele estava certo; ela tinha o dia todo livre. — Ok, e depois eu vou te comprar o almoço.

— Bom negócio.

***

Lacy Shane vivia em uma casa em uma fila decadente no Queens, por isso, se ela tinha sido paga todos aqueles anos atrás não tinham sido pago muito.

— Posso perguntar o que é isso tudo? — Perguntou Brandon.

Ember parou no meio do caminho até a calçada em frente à casa de Lacy e se virou para Brandon. — Desculpe-me, claro. Uma amiga teve um bebê que foi dito a ela que tinha morrido no parto, mas ela recentemente descobriu que isso era uma mentira.

Ele não disse nada a princípio, apenas a estudou. Após um minuto ou dois, ele disse: — Isso realmente é uma porcaria. Há quanto tempo foi isso?

— Quatorze anos atrás.

— E a sua amiga, como ela está lidando com isso?

— Ela está devastada, mas quer encontrar o filho.

— Catorze anos é muito tempo. Como ela sabe se seu filho ainda está por aí?

— Eu não sei, mas isso não vai impedi-la ou o pai.

— Eles são casados?

— Não, mas eles recentemente reataram.

Brandon enfiou as mãos nos bolsos da frente da calça jeans. — Soa como algo daquelas novelas que eu vejo as freiras assistindo quando elas acham que ninguém está por perto.

Ember olhou para ele com o canto do olho e sorriu. — E ainda assim você parece saber o suficiente sobre os enredos para comentar.

Seu sorriso veio em um flash. — Guilty Pleasure.

— Vamos conseguir hambúrgueres naquele lugar que você me levou, uma vez que terminemos com isso. Por minha conta.

— Você gostou de lá? — Perguntou.

— Guilty pleasure —, disse Ember, e ganhou uma risada em resposta.

Lacy não era o que Ember estava esperando. Ela estava no final de seus cinquenta anos, pesada e com cabelos grisalhos o suficiente para acrescentar mais alguns anos à sua idade. Sua casa era tão degradada no interior como era no lado de fora. Ela não parecia feliz de vê-los e Ember suspeitava de que ela, assim como Brandon, gostava de suas novelas e eles estavam interrompendo-as.

— O que você quer?

Como colocá-lo? Ember decidiu que franqueza era o melhor plano.

— Perto de 14 anos atrás, uma criança nasceu de uma moça de dezessete anos de idade, uma criança que foi dita a ela que morreu no nascimento, mas descobriu-se agora que sobreviveu.

Ember estava prestes a continuar, mas o rosto de Lacy ficou completamente branco. Ela parecia como se fosse desmaiar. Ela abriu mais a porta antes de dizer: — Por favor, entrem.

Eles se estabeleceram em sua cozinha, mas Lacy não conseguia ficar quieta e tranquila na frente de seu fogão.

— Eu estive esperando todos os dias por esse momento. Eu estava no meio de um divórcio desagradável naquela época. Meu ex estava ficando com tudo e, em seguida, um cara me ofereceu vinte mil para apenas virar as costas quando o bebê nasceu. Todos os dias eu pensei sobre o que eu fiz para aquela

pobre garota e o bebê, e para quê? Deixei o meu emprego porque eu não poderia sustentar a mentira.

— E Nora? — Perguntou Ember.

—Ela era meu contato e foi quem forjou os documentos e tirou o bebê da ala. Ela nunca me disse o quanto foi oferecido a ela, mas eu tinha a sensação de que era significativamente mais do que eu recebi.

— Você tem alguma ideia de quem abordou vocês?

— Foi um homem que organizou tudo, mas ele conversou apenas com Nora e ela me contou.

— Como você foi paga?— Perguntou Brandon.

— Em um bar aqui no Queens, Polly. Uma mulher me ligou para dizer que tinha um envelope com meu nome nele por trás do bar. — Ela parou de andar para olhar para Ember antes de perguntar: — Você é a garota?

— Não, mas ela é uma amiga minha.

— Eu espero que ela o encontre. Ele era um lindo bebê.

Lágrimas brotaram nos olhos de Ember. — O bebê era um menino?

— Sim.

Eles começaram a sair quando Ember ouviu-se perguntando: — O que aconteceu com Nora?

— Câncer. Ela morreu alguns meses mais tarde.

Depois que saíram de Lacy, Brandon e Ember foram almoçar como prometido antes que ela lhe enviasse para casa em um táxi. Ela ficou fora do restaurante e pegou seu telefone. Ela não podia entrar em contato com Darcy, por isso ela ligou para Lucien. Ele respondeu ao primeiro toque.

— Ember?

— Lucien, oi.

— Eu tenho você no viva-voz. Trace está aqui.

— Querida, está tudo bem? — Disse Trace.

— Sim. Eu tenho feito algumas pesquisas e descobri os nomes das duas enfermeiras que estavam com Darcy quando ela deu à luz. Uma, Nora Jerkins, morreu, mas eu acabei de vir da casa de Lacy. Ela nunca viu o homem, mas ela foi paga em um bar chamado Polly no Queens. Vinte mil para olhar para o outro lado.

Ember ouviu Lucien xingando baixinho e ela não podia culpá-lo. O xingamento dela não seria suave.

— Obrigado, Ember. Essa é a primeira pista que tivemos.

— Eu tenho uma outra peça de informação.

— Ok?

— Era um menino. Você tem um filho, Lucien.

Houve um silêncio sobre a linha por um minuto antes que ele falasse, e quando o fez, sua voz estava rouca. — Obrigado. Vou ligar para Darcy.

— Ok, eu vou passar para vê-la.

— Ela gostaria disso — ele respondeu suavemente.

***

— Ember?

Darcy continuou andando pelo corredor do Allegro em direção a sua amiga. Lucien ligou e foi a primeira vez que conversaram desde a sua briga. Ela esteve tentada a não responder, mas quando ele contou a ela sobre seu filho, seus sentimentos deram uma guinada radical. Suas lágrimas estavam

frescas e seu coração continuou a bater em seu peito. Darcy sabia que ela tinha reagido exageradamente à proteção de Lucien, mas ela não estava acostumada a ter pessoas tomando conta dela. Ela estava cuidando de si mesma por tanto tempo que ter alguém fazendo isso seria um ajuste, mas um que ela estava disposta a fazer. Eles tiveram um filho, eles eram uma família, e isso superou todo o resto.

Levou um esforço para mover seus pensamentos de seu filho para o motivo da visita do Ember. — Lucien mencionou que havia duas enfermeiras comigo quando eu tive o bebê. Uma está morta, mas a outra recebeu vinte mil para virar para o outro lado. — Darcy pegou os papéis e adivinhou com precisão: — E seu contato era a outra enfermeira.

— Sim, eu sinto muito.

Ela estava com raiva de que alguém tinha tão regiamente fodido seu mundo, mas não pôde evitar o toque de humor e gratidão que sentia antes de dizer: — Vocês são realmente bons. — Ela ainda estava encarando o papel quando ela teve seu momento ah-ha. — Irmã Margaret. Por que diabos eu não penso nela? Essa mulher sabia de tudo o que se passava em St. Agnes.

Os olhos de Darcy viraram para Ember e ela perguntou: — Alguma ideia de onde ela está agora?

— Sim, na verdade, eu sei.

***

O berro vindo pelo corredor era quase ensurdecedor. — Quem está fazendo esse som? — Ember perguntou ao enfermeiro

que estava levando-as para o quarto da Irmã Margaret.

Um sorriso malicioso curvou a boca dele. — A mulher que você veio para ver.

Se Darcy não tivesse tão nervosa por dentro, ela teria rido da expressão de Ember, particularmente quando o enfermeiro acrescentou: — Ela, na verdade, está muito calma hoje.

Eles caminharam até o seu quarto. Darcy nunca tinha realmente pensou em quão velha era a Irmã Margaret até que ela a viu aparentando cada um de seus noventa e tantos anos. Darcy ocasionalmente parou por ali para visitar a mulher, mas nem tanto nos últimos anos – e esses anos não foram amáveis com ela. Ela parecia frágil, como se a qualquer minuto seus ossos murchos fossem desintegrar-se em pó.

— Eu quero chocolate quente, maldição. Eu sou uma mulher morrendo e eu quero o meu chocolate quente agora!

E então seus olhos se voltaram para a porta e ela espetou Darcy e Ember com um olhar que na verdade fez o pelos nos braços de Darcy ficarem eretos nas extremidades.

— O que você quer?

— Eu não sei se você se lembra de mim... — Darcy começou a dizer, mas foi cortada pela freira com raiva.

— Darcy MacBride. Eu não perguntei quem você era. Eu disse: o que você quer?

— Ainda tão agradável quanto sempre, eu vejo, — Darcy respondeu com tal sarcasmo que Ember quase quebrou o pescoço virando para olhar para a amiga.

— Você não perdeu aquela insolência sobre você. Bom. Sente-se. Eu raramente recebo os visitantes.

— É realmente um dos mistérios da vida, você não receber visitante, sendo tão charmosa quanto você é.

No começo Darcy não tinha certeza de que som foi aquele que veio da garganta da idosa. Pensando que ela poderia estar asfixiando, Darcy quase ofereceu para lhe dar o Heimlich. E então ela percebeu que o som enferrujado era a risada dela.

Irmã Margaret virou seu foco para Ember. — E você?

— Sou Ember.

— Eu sei. A esposa de Trace.

Um olhar de descrença atravessou a expressão de Ember antes que ela perguntasse: — Como você sabe disso?

— Eu tenho os meus informantes. Então você vai sentar ou eu vou ter que olhar para cima para você? —

Elas se sentaram e um minuto depois uma enfermeira chegou com um bule de porcelana lascada cheio de chocolate quente. As mãos de Irmã Margaret estavam enrugadas, mas firmes enquanto ela levantava o bule e derramava o líquido espesso e marrom em um copo. Ela parecia quase delicada, segurando a xícara e o pires como uma senhora tomando o chá da tarde, mas, então, ela abriu a boca.

— Então, volto a perguntar, o que diabos você quer?

— Você foi quem me levou para o hospital no dia em que caí? — Perguntou Darcy e ela, aparentemente, não tinha necessidade de dar mais detalhes porque o entendimento brilhou nos olhos redondos da freira.

— Sim. Fiquei muito triste de ouvir sobre seu bebê.

A sinceridade foi tão inesperada que Ember olhou para a mulher mais velha de queixo caído.

Irmã Margaret não perdeu uma batida quando ela disse: — Você vai querer fechar isso. As moscas neste lugar são desagradáveis. — Ember estalou a boca fechada.

— Ele não morreu, — disse Darcy suavemente.

Foi interessante assistir as emoções que se moveram através de seu rosto velho e enrugado. Darcy viu ambos, raiva e confirmação.

— Como você sabe disso?

— Minha mãe me disse que ela foi paga para mentir. Ela foi compensada desde então para manter a mentira.

— Interessante.

— Você sabe de algo. O que não está dizendo? — Darcy exigiu.

Em vez de ficar com raiva, Irmã Margaret parecia quase satisfeita antes de dizer: — Eu vou dizer que eu acredito que o que aconteceu com o seu filho foi o movimento final em uma batalha de vontades que já se arrastava por um longo tempo. Eu acho que para encontrar as respostas que você procura, você precisa voltar para o início.

— O que isso significa? — Darcy estava começando a perder a paciência.

— Heidi sabia muito sobre um monte de gente. Mas como ela encontrava sua informação e, mais importante, onde ela mantinha toda a sua informação? Chantagem só funciona quando você realmente tem a sujeira de alguém.

Darcy estava ponderando aquilo quando Ember entrou na conversa. — O Sótão de St. Agnes.

Irmã Margaret olhou para Ember como se ela fosse sua aluna estrela. —Heidi viveu em St. Agnes e o sótão está preenchido apenas com entulho. É o lugar perfeito para esconder alguma coisa.

— Isso realmente explica muita coisa, como por que Heidi estava sempre por perto de St. Agnes e a forma assustadora que ela espreitava em volta. Mas como Heidi está envolvida no

sequestro do meu filho?

— Como eu disse, começar pelo começo. Descubra quem Heidi estava chantageando e você vai descobrir o que aconteceu ao seu filho.

A raiva transformou a voz de Darcy dura. — Você sabe onde meu filho está? — Ela perguntou.

Compaixão, que parecia completamente fora de lugar no rosto da mulher mais velha, suavizou as linhas duras do seu rosto. — Não, eu não sei, mas eu acho que ele está mais próximo do que você pensa.

Capitulo 18

Darcy bateu a porta da casa de repouso. —Eu gostaria de estrangular aquela mulher, mas eu a conheço por tempo o bastante para saber que ela não vai dizer nada.

— Podemos ir para St. Agnes e dar uma olhada ao redor do sótão, — Ember ofereceu.

— Eu gostaria, mas estou muito presa com isso agora.

— Então, voltamos para o enigma da irmã Margaret. Sabemos de algumas poucas pessoas que Heidi estava chantageando: meu marido, o tio de Trace e um dos últimos Carmichaels.

— Bem, podemos descartar Trace, — Darcy disse, ganhando um sorriso de Ember.

— E Charles foi muito claro sobre seu envolvimento com Heidi, então isso nos deixa com os Carmichaels. O problema é que há quatro deles.

— Descubra, — Darcy bufou.

— Eu acho que podemos descartar o mais jovem porque ele foi um dos que nos disse sobre a chantagem e foi, ao mesmo tempo, parte das atividades de Heidi. Talvez se reunirmos-nos com ele, nós poderíamos descobrir mais sobre sua família, — Ember disse.

— Você acha que ele iria?

Ember sustentou seu olhar e disse: — Há somente um modo de descobrir. Vamos perguntar.

— Sobre quem nós perguntaremos exatamente? — Darcy pediu.

— Dane Carmichael.

***

Dane Carmichael estava sendo discreto até que o assassino de Heidi fosse encontrado. Tanto quanto doía nele fazer isso, ele estava sóbrio por duas semanas. Ele precisava manter seu juízo se ele não quisesse estar encarando o cano de uma arma.

Seu pai estava satisfeito com a renúncia do seu concorrente pela corrida ao senado, deixando o caminho aberto para ele ter o seu quarto mandato consecutivo. Dane não se importava realmente. Quando seu pai estava feliz e ocupado com o trabalho, ele deixava Dane sozinho.

Ele estava procurando por sua água e desejando que ela fosse um Scoth, quando sentiu o seu cabelo da nuca ficar em pé. Um minuto depois, duas mulheres sentaram em sua mesa. Seu primeiro pensamento foi de Lena e como ela interpretaria mal a situação.

E então ele viu que uma das mulheres era Ember Walsh. Não, era Montgomery agora.

— Eu não fiz nada. — Ele imediatamente virou para olhar atrás dele para seu marido.

— Relaxe, Dane, estamos aqui para conversar, — Ember disse, mas Dane ainda manteve um olho na porta.

— Como você me encontrou? — Dane perguntou.

— Eu liguei para Lena, — Ember disse e Dane fez uma nota mental para não compartilhar seu paradeiro com Lena de novo.

— Seu marido sabe que você está aqui?

— Não.

— Ele vai provavelmente aparecer, interpretar isso mal e reorganizar meu rosto de novo?

Um sorriso arrogante espalhou-se sobre o rosto de Ember. — Mantenha suas mãos para si mesmo e não há nada para se preocupar.

— Certo.

Ele realmente queria ser atingido por algo para entorpecer sua mente. Seus olhos moveram-se para a outra mulher e – maldição, ela era bonita. Instinto chutando. — Hei, o que você está fazendo?

Sua reação não foi exatamente a que ele estava esperado. Ela na verdade revirou seus olhos para ele.

— Sério? Isso funciona mesmo?

Dane levou um momento para pensar nisso. — Sim, uma vez ou duas vezes.

As mulheres responderam com uma bufada.

Ember começou a falar. — Lena mencionou que Heidi estava chantageando alguém da sua família e você suspeitava que era seu pai. Alguma ideia do que ela tinha contra ele?

Ele mudou em sua cadeira. A última coisa que ele queria era estar envolvido no que fosse que Heidi estava fazendo com sua família, mas considerando seu último encontro com Ember, ele sentia a obrigação de dar algo a ela.

— Eu não sei, mas meu pai planejava um perigoso jogo de seduzir mulheres. Qualquer mulher é um jogo justo, mesmo as casadas. Ele é discreto, então a maioria não sabe o quanto de jogador ele é, mas não me surpreende que ele tenha segredos que ele queira manter em segredo.

— E seu tio?

— Ele trabalha duro. Todo o tempo, de fato. Ele não gosta do meu pai ou de mim por extensão, mas eu não acho que ele tenha tempo para fazer alguma chantagem digna.

— E seu avô? — Ember perguntou.

— Ele é um arrogante misógino egoísta que eu odeio com paixão. Eu amaria acreditar que ele fez alguma coisa ilegal então eu poderia observar ele ser enjaulado em uma prisão. Meu mais profundo desejo é ver o querido vovô no uniforme laranja. Idiota. Espere. Por que você se importa?

A outra mulher se inclinou de volta em sua cadeira e fechou as mãos em punhos. — Não temos realmente certeza do por que nos importamos. Eu estou tentando encontrar alguém e me disseram para eu investigar quem Heidi estava chantageando.

— Quem você está procurando? — Dane perguntou.

Ele teve a sensação que ela não responderia, mas então ela o fez – não que ela respondeu fez qualquer sentido para ele em tudo. — Meu filho.

— Como seu filho está ligado a Heidi?

— Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Foi me dito que ele morreu ao nascer, mas eu recentemente descobri que foi uma mentira e o que aconteceu com ele está ligado a Heidi.

— Bem, merda. Meu pai podia potencialmente estar envolvido? Sequestro é um crime, certo? — Um sorriso curvou seus lábios pelo pensamento.

— De acordo com uma freira que trabalha em St. Agnes enquanto eu estava lá, havia uma conexão entre meu filho e alguém que Heidi estava chantageando.

— Espere, Heidi saiu de St. Agnes também, — Dane disse, lembrando como Heidi tinha reclamado sobre viver em um lugar

tão decididamente abaixo dela. Quem ainda mesmo falava daquele modo?

— Sim, ela fez, — Ember confirmou.

Dane colocou seu cotovelo sobre a mesa.

— Eu não vejo o porquê meu pai estaria interessado no bebê de uma adolescente órfã — um olhar para a amiga de Ember — a menos que fosse seu.

— Não é.

— Não penso assim. Bem, eu farei uma pesquisa e verei se eu posso encontrar alguma coisa que possa ajudar.

— Você faria isso? Por quê? — Ember perguntou, genuinamente surpresa.

— Porque apesar do meu comportamento na última vez que nos encontramos, eu não sou normalmente esse violento e arrogante a menos que a senhorita goste desse modo.

— Muita informação, — Darcy disse ao mesmo tempo que Ember o fez.

— Dê-me seu número de celular e eu verei o que eu posso descobrir. Se você procura por pessoas que Heidi estava chantageando, você pode querer falar com Todd.

Surpresa ressoou na voz de Ember. — O ex de Lena?

— Sim, eles estiveram juntos por um tempo. Talvez ele saiba alguma coisa.

***

Lucien caminhava pelas familiares ruas de sua juventude em sua busca por resposta. Sua mente vagava até Darcy.

Ela não estava errada sobre ele agir como um homem das cavernas quando foi até ela. Agora que ele a tinha de volta em sua vida, ele não estava prestes a vê-la caminhar para o perigo. Se isso a chateasse, merda. O pensamento de Darcy o lembrou de uma de suas conversas. Ela perguntou se alguém o ajudou a chegar onde ele estava. Ele pensou bastante nisso desde que ela tinha metido a ideia em sua cabeça. Havia inúmeros trabalhos que ele conseguiu ao longo dos anos que ele pensou ser sortudo por conseguir.

Um daqueles trabalhos foi trabalhar para Santucci – o bastardo que o tinha deixado na pior. Ele olhou Santucci e sabia que o homem ainda estava correndo com sua operação no mesmo clube de cavalheiros que Lucien visitou quando criança. Naquela época, Lucien pensou que Santucci fosse um dos peixes grandes, mas ele sabia melhor agora. Sua operação era pequena, tão pequena que nem mesmo garantia atenção dos mais finos de New York.

O lugar estava dilapidado, os anos cobraram um preço sobre o pequeno prédio de tijolos. O lado de dentro parecia exatamente o mesmo. Inferno, até mesmo as cortinas de veludo vermelho pareciam como se fossem as mesmas de quatorze anos atrás. A memória do que fizera atrás daquelas cortinas azedava seu estômago, mesmo enquanto seu pau começou a endurecer.

Ele não chegou muito longe antes que fosse parado pelos bandidos, o que ele esperava. O que ele não esperava era ver seu velho amigo Jimmy. Ele não era a criança de antes. Muitos anos de vida dura o transformaram seu jovem rosto de criança em uma homem acima do peso e de aparência cansada.

Como Lucien, surgiu o brilho de reconhecimento naqueles olhos injetados de sangue.

— Lucien Black. Bem, foda-se.

— Jimmy você parece... mais velho.

— Eu pareço como merda, mas não você. Vivendo a vida, você não está?

Lucien não estava interessado em andar pela estrada da memória, então ele disse abruptamente: — Eu quero ver Santucci.

O sorriso de Jimmy mostrava seus dentes amarelos, dos quais ele tinha menos do que quando era uma criança.

— Santacci está ocupado.

Lucien inclinou-se mais perto, sua voz enganosamente suave. — Eu não estou pedindo. Ao contrário de você e seu chefe, eu pulei na parte funda da piscina e vivi para contar sobre. Ambos sabemos o que significa, então pare de desperdiçar meu tempo.

O sorriso arrogante do rosto de Jimmy desapareceu, porque ele sabia que Lucien fizera alianças com homens que davam a pessoas como Santucci pesadelos. — Mesmo como empresário legítimo, Lucien não virou as costas para os amigos, independentemente de que lado da lei eles escolhessem.

— Siga-me.

— Legal ver você de novo. Eu posso conseguir algo para você – um cigarro, Scoth, uma mulher?

— Não, apenas informação.

Santucci acenou para seus homens e todos saíram de seu escritório enquanto ele apontava uma cadeira. — Por favor, sente-se. — Ele voltou ao seu lugar atrás da escrivaninha antes de perguntar: — O que você quer saber?

— O emprego que você me ofereceu – alguém o encorajou a oferecê-lo para mim?

Confirmação queimou em seus olhos astutos. — Eu me

perguntei se você jamais descobriria isso. Mesmo motivo para eu de eu não o salvar da prisão. Foi me dito que não.

Alguém foi fodidamente um mestre de marionetes na vida dele e de Darcy. Fúria queimava como um fogo em seu estômago. — Quem foi?

— Você não vai acreditar em mim.

— Quem, diabos?

— Sua própria Irmã Margaret.

Lucien não sabia quem estava atrás das cortinas, mas ele estava certo como o inferno que não esperava essa resposta. — Você está fodendo comigo?

— Não, ela usou o argumento que minha alma era amaldiçoada, então eu devia fazer alguma coisa boa. Ela não percebeu o tipo de trabalho que você estava fazendo para mim e teve uma mudança de coração, porque ela não achava uma vida de crime trabalhando para mim era seu melhor passatempo. De qualquer modo, sendo católico, eu não podia negar uma freira.

— Filho da puta.

***

Lucien estava fervendo na hora que ele invadiu o quarto da Irmã Margaret, mas antes ele pudesse descascar uma camada de pele dos ossos da bruxa velha, ela se aproximou dele para dizer: — Então você falou com Santucci. Eu devia ter esperado isso.

— Você acha que isso é algum tipo de jogo? Isso é minha vida – a vida de Darcy – você estava fodendo com tudo ao redor.

— Eu estava protegendo você.

— Do quê?

— Mais como quem.

— Juro por Deus, Irmã, se você responder outra de minhas perguntas com a porra de um enigma, eu mesmo vou enviar você para o inferno.

— Mantenha sua merda. Eu tomei conta de você porque eu sabia que você estava machucado e as pessoas fazem coisas estúpidas quando elas estão emocionais. Eu estava protegendo você de si mesmo. Por que eu deixei você sentar na detenção juvenil um pouco. Agora você precisa ir; eu tive muitas visitas por um dia.

— O quê?

— Darcy e aquela garota Ember estiveram aqui mais cedo. Eu disse a elas um pouco das coisas e agora você sabe de tudo o que eu fiz.

— Por que você olharia por mim quando você sempre me odiou? — Lucien perguntou.

— Eu não odiava você especificamente. Eu apenas não gostava de crianças.

— E ainda assim você trabalhava em um orfanato.

— Deus chama quem ele escolhe. Irmã Anne estava lá para oferecer a você e todas as crianças o que me faltava.

Seus olhos ficaram suaves antes de adicionar: — Irmã Anne era a mais fina pessoa que eu alguma vez tive o prazer de conhecer. Ela me pediu para olhar por você quando ela se fosse. Eu estava apenas cumprindo seus desejos.

E mais uma vez Lucien sentiu a queimação atrás de seus olhos. Por essa velha puta de todas as pessoas. Ela não tinha que ajudá-lo, ele percebeu. Ela podia ter dito uma coisa e feito alguma outra coisa. Ele caminhou até ela e pressionou um beijo em sua

pele fina da bochecha e foi recompensado com o rubor vermelho florescendo. E por apenas um momento ele podia ver a jovem garota que ela foi, erguendo o olhar para ele como se ele fosse um gato miando.

— Agora dê o fora daqui antes que eu pegue minha régua para você. — E apenas com isso, o momento se foi.

***

Darcy sentou em seu escritório, mas é claro, ela não podia se focar. Tinha sido três semanas desde que ela soube que seu bebê estava vivo. Ele não seria um bebê, embora; ele tinha quase quatorze anos. Era feliz? Ele tinha um lar amoroso? Ela tinha sua idade quando conheceu Lucien. Como ele parecia? Ele era bonito como seu pai? Ele tinha seus cabelos ou olhos? Deus, ela queria tão desesperadamente segurá-lo em seus braços. E ainda, ela precisava estar ciente que ele podia não querer ser parte de sua vida porque ele estaria sem dúvida se perguntando onde no inferno ela tinha estado. Seu coração doía, mas mesmo que ela não tivesse um lugar em sua vida, apenas vê-lo e saber que ele era feliz e saudável seria o bastante. Pensar sobre todos aqueles anos que tinha perdido era difícil: primeiras palavras, primeiros passos, primeiros dias de escola, primeira paixão. Não era justo e havia vezes que ela queria se enfurecer com a injustiça disso, mas gritar, embora satisfatório, não levaria a nada.

Lucien estava fora fazendo algo, mas o que, ela não sabia. Ele ainda estava tentando protegê-la, mas ela não podia mais encontrar isso em si mesma para ficar louca. Seu foco, como o

dela, estava em encontrar seu filho e ainda mais, ele a amava o suficiente que ele não dava a mínima se sua necessidade de a manter segura a irritava. Seria um belo, se não um pouco fodido esse gesto. Tão difícil quanto o momento que eles estavam atravessando com suas perdas, ela estava grata de tê-lo de volta em sua vida.

Ela e Ember estavam fazendo planos para ir a St. Agnes verificar o sótão. Eles assinariam como se fossem convidados de Brandon. Ela não tinha esperanças que eles fossem descobrir nada, embora.

O som de seu telefone foi uma distração bem-vinda.

— Darcy McBride.

— Darcy, é o Josh.

— Oh, oi. Você descobriu alguma coisa?

— Eu estive olhando para as ordens de bebidas. Pelo que eu fui capaz de encontrar, essa transferência que sua mãe fez, não foi uma transação com cartão de crédito, mas sim de uma conta bancária.

— Isso é bom. Qual é o nome da conta?

— Não sei. Quem quer que seja que abriu, fez um bom trabalho em manter isso privado.

— Onde é o banco?

— De novo. Eu não sei. A conta foi criada para ser anônima.

— Maldição.

— Entretanto, eu tenho algumas boas notícias. Eu fui capaz de determinar que a vodca não está vindo da loja local de bebidas. Eu verifiquei os recibos de vendas de umas vinte lojas na área ao redor do apartamento de sua mãe e nenhuma delas combina com os casos de dois meses entregues a ela. Então eu

comecei a procurar por bares nessa área e todos os lugares que eu visitei foram muito úteis, exceto um. Eu estava realmente aparecendo nas portas.

— Por quê?

— Eu suspeito que há alguma lavagem de dinheiro acontecendo e eles estão usando o bar para fazer isso, integrando o dinheiro sujo com o dinheiro legítimo do fluxo do balcão do bar. Pagar fornecedores de álcool com o dinheiro sujo é uma boa maneira de limpá-lo. A vodca de sua mãe, eu suspeito, é um subproduto da operação.

— Então as pessoas que a pegam são possivelmente gangster.

— Ou conhecem alguns.

— Eu percebi que Luciem associou-se com um grupo obscuro, mas quando isso tudo aconteceu com o bebê, ele não tinha começado isso ainda.

— Quem fez isso não fez por causa do passado colorido de Lucien.

— Então voltamos à estaca zero.

— Não é bem assim. Sabemos onde o bar está localizado. O fato curioso: é o mesmo lugar onde Lacy recolheu seu dinheiro de suborno.

— Bem, inferno.

***

— Eu ainda não vejo o porquê de não trazermos Trace, — Kyle disse quando ele, Darcy e Ember subiram no táxi. Eles iam

para o Queens Boulecvard fazer um exame minucioso em Polly.

— Porque se ele souber que estamos indo até lá, ele não teria me deixado vir.

— Eu não deveria ter deixado você vir – qualquer uma de vocês.

Ember olhou para Darcy e acenou com sua cabeça na direção de Kyle. —Ele é ótimo, não é?

Eles estavam seguindo as direções dadas a eles por Josh e quando eles chegaram em frente ao bar sujo, Darcy parou de caminhar tão abruptamente que Ember caminhou direto para ela. O sinal de papagaio era o mesmo das correspondências do apartamento de sua mãe.

Ember perguntou: — Por que você parou?

— Minha mãe vinha aqui.

— Isso é interessante. Talvez ela começou a vir aqui regularmente depois que ela fez seu pacto com o diabo. Pelo menos nós sabemos que estamos no caminho certo, — Ember disse.

— Vamos ver se alguém lá dentro parece familiar, mas fiquem perto, — Kyle advertiu. — Se algo acontecer a qualquer uma de vocês, eu estarei tão bem quanto morto.

Darcy entrou no bar e o cheiro de gordura e álcool fez ela pensar no apartamento de sua mãe. O velho bar cheio de cicatrizes com paredes forradas estava lotado; nenhum banquinho estava vazio. O chão pegajoso por causa da cerveja derramada se encaixava perfeitamente com as mesas espalhadas que estavam a maioria vazias, exceto por umas poucas com restos de refeições.

— Lugar legal, — Kyle murmurou.

— Aquela mesa lá tem uma boa visão do bar, — Ember

sugeriu antes que de aproximar dela. Uma vez estabelecidos, uma garçonete se aproximou.

— O que posso conseguir para vocês?

— Duas garrafas de cerveja e uma taça de cerveja de gengibre, — Kyle disse. A garçonete mal anotou o pedido antes de retirar-se.

— Cerveja em uma garrafa, bom pedido, — Ember disse antes de olhar para cima para Darcy.

— Ninguém parece familiar?—

— Não ainda. — Darcy não tirou os olhos do bar quando ela respondeu, mas depois de uns poucos minutos ela se inclinou de volta em sua cadeira. Seu desapontamento era óbvio quando ela disse, — Ele não está aqui.

— Bem, ele não está aqui agora, mas sabemos que ele tem estado aqui, — Ember disse encorajadoramente.

— Eu sei. Eu estava apenas esperando que se entrássemos e o encontrássemos em pé em foco com uma grande flecha preta sobre sua cabeça. — Ela tentou um sorriso forçado acerca de sua tolice, mas estava se sentindo muito desanimada.

— Eu diria que temos nossas bebidas e daremos a isso uma hora. Podemos voltar tão frequentemente quanto precisarmos, — Kyle disse.

Darcy tentou ser otimista, mas falhou. — Ok.

Eles ficaram por poucos mais de uma hora até que Darcy fez a chamada de que eles deviam ir.

— Eu preciso fazer xixi. Já volto. — Ember estava na metade do caminho para o banheiro antes de Darcy a agarrar.

— Eu me lembro de fazer xixi o tempo todo.

Ember parou tão rápido que Darcy quase tropeçou em seus próprios pés para evitar bater nela e quando Ember virou-se,

havia lágrimas em seus olhos.

— Eu sinto muito. Eu estou chorando o tempo todo nestes dias, mas neste caso – Cristo, Darcy. Eu estou aqui se você precisar conversar.

Darcy sentiu sua garganta fechar porque ela não havia percebido o quanto ela sentia falta de ter uma amiga próxima em sua vida naquele momento. Palavras não vieram, então ela simplesmente respondeu: — Obrigada.

Ember pegou sua mão e apertou como se ela entendesse exatamente o que Darcy estava pensando.

— Ok, eu preciso fazer xixi ou isso vai ser embaraçoso.

Ember deu um passo longe de Darcy, que deu a Darcy uma visão clara do corredor de volta onde estava uma foto na parede; parecia que tinha sido tirada quando o bar foi aberto pela primeira vez. Havia várias pessoas no enquadramento, mas uma pessoa em particular chamou sua atenção.

— Esse é ele.

Ember estava procurando pelo corredor a pessoa em questão. Darcy deu um passo em frente da foto e apontou.

— Não é o que eu estava esperando.

A cabeça de Darcy ligeiramente inclinou-se na direção de Ember. — Sim, ele não parece tão intimidante agora que eu estou mais velha, mas quando eu tinha dezesseis, ele assustava a merda fora de mim.

— Sem dúvida. — Ember inclinou sua própria cabeça. — Eu acho que poderíamos pegá-lo totalmente.

Darcy não queria sorrir, porque a emoção que estava correndo para fora dela era intensa, mas seus lábios de curvaram da mesma forma.

Uma garçonete passou e Ember virou-se para ela e

apontou para o homem. — Vocês sabe quem é?

Havia uma desconfiança nos olhos da mulher mais velha, mas ela obviamente não achava isso suspeito, desde que ela ofereceu o seu nome com bastante facilidade. — Nick DiNuzzio, por quê?

— Eu acho que omos para escola juntos, — Ember disse antes de virar de volta para a fotografia.

A garçonete afastou-se, balançando sua cabeça. Darcy inclinou-se mais perto e sussurrou: — Você percebe que ele tem duas vezes a tua idade?

— Eu sei; eu entrei em pânico.

Ember olhou em volta antes de tirar a fotografia da parede e colocá-la em sua bolsa.

— Não podemos aceitar que seu nome é Nick, mas com essa fotografia, meu tio pode descobrir alguma coisa sobre ele.

Darcy teria pego a fotografia se Ember não tivesse, mas ela não pode falar para sua amiga.

— Isso é roubo, você sabe disso, certo?

— Sim, eu pareço estar fazendo isso muito ultimamente. Talvez eu sirva para uma vida de crime. Eu já volto.

— Eu vou com você.

Darcy apontou que Kyle chamou a atenção e estava mantendo suas mãos para cima em um gesto universal de "*Que porra é essa?*"

Ela apontou para o sinal do banheiro feminino antes de seguir Ember para dentro do banheiro.

— Com a frequência que vou ao banheiro, acho que devo mover nossa cama para dentro dele. É loucura. — O som da porta do banheiro abrindo fez Ember parar seu bate-papo. Ela terminou e saiu do cubículo para ver Darcy parecendo um pouco estranha,

seus olhos estavam deslocando-se da direita para a esquerda, e então logo que Ember desocupou o cubículo, ela entendeu o motivo. Nick DiNuzzio estava em pé no banheiro feminino.

Ele abriu sua jaqueta fazendo a arma em seu quadril brilhar antes de perguntar: — Por que vocês estavam perguntando sobre mim?

A mente de Darcy estava correndo, procurando por uma resposta, então levou um minuto para perceber que Ember tinha dado um passo mais perto de Nick. Ela estava estudando seu rosto como se ele fosse uma pintura.

Ele estava muito confuso por isso quando ele retrucou: — Que porra você está fazendo?

Ember moveu seus olhos para ele e deu um passo para trás. — Não, eu acho que eu estava errada.

— Sobre o quê? — Nick perguntou e a mesma questão estava na ponta da língua de Darcy.

— Eu pensei que talvez você fosse meu pai, mas eu não penso assim. Eu sinto muito.

Levou todo o esforço de Darcy para não rir em voz alta. Maldição, Ember era boa. Ela quase acreditou em sua sinceridade e ela a conhecia bem.

Ele pareceu desconfortável, como se a possibilidade que ele pudesse ter uma filha mulher com a idade de Ember não fosse tão exagerada. Ele olhou de volta para a porta. Claramente ele não queria qualquer parte na paternidade. —Erro bastante simples.

O próximo minuto aconteceu em um borrão. A porta abriu um segundo depois e Kyle tinha suas mãos ao redor do pescoço de Nick, empurrando-o contra a parede tanto que sua bochecha estava pressionada contra o ladrilho. A outra mão de Kyle estava na arma de Nick, apontando para sua cabeça.

— O que... como você fez isso... — Ember parou de falar e tomou uma respiração profunda antes que ela tentasse de novo.

— Como diabos você fez isso?

— Eu andei com um grupo ruim quando eu era mais jovem. Longa história para outra hora.

— Eu não posso acreditar que eu conheço você por quase quatro anos e eu não sabia que você teve seu caminho ao redor de uma arma. — Ember olhou de volta para Nick. — Eu também não posso acreditar que estamos em um banheiro sujo no Queens e meu melhor amigo está segurando uma arma apontada para a cabeça dele. Você não pode fazer essa merda.

Kyle forçou um sorriso. — O que agora?

Ember soltou um suspiro. — Chamamos Lucien e Trace. Maldição, eu desejaria que eu tivesse bolas de algodão.

Darcy não se preocupou em esconder sua confusão. — Por quê?

***

Uma hora depois Darcy e Kyle estavam em pé no escritório de Lucien na Allegro, depois de serem escoltados por dois homens muito zangados. Mesmo Nick parecia apreciar a situação e não se recusou quando foi sugerido por Lucien que ele se juntasse a eles. Mesmo à distância, Darcy ouvia Trace gritando tão alto com Ember que era o suficiente para balançar o edifício.

Kyle inclinou-se contra a parede com um leve sorriso no rosto. — Entendeu agora?

— Sim, ela vai ficar surda.

— Provavelmente, mas ela totalmente sabia disso.

— Deve ser legal ter alguém te amar tanto e gritar com você até que esteja incapacitado, — Darcy disse quase sonhadora.

— Eu duvido que Ember concorde com essa afirmação no momento.

Pisadas altas vieram do corredor abaixo apenas antes de Lucien aparecer na porta de entrada. Ele parecia como se quisesse matar alguém. Em duas passadas ele tinha a mão de Darcy e estava puxando-a para fora de seu escritório apenas quando Kyle disse: — Você pode repensar o seu último comentário.

Lucien estava tão zangado que uma vez que ele tinha Darcy em seu escritório, ele colocou o comprimento da sala entre eles. Ele estava certo que a mataria. Ele tentou tomar umas poucas respirações profundas e acalmou-se, mas pensamentos sobre como aquele presunçoso a ameaçou com uma arma, ele estava vindo a perder essa batalha.

— O que diabos você estava pensando? Você tem um fodido desejo de morte? Ele podia ter atirado em você! Eu devia colocá-la sobre a porra do meu joelho.

Darcy ficou em silêncio, observando enquanto Lucien fervilhava e andava, admirando sua forma esquia rondando. Ele ficou em silêncio por um minuto então, buscando aliviar o clima, ela perguntou: — Porra é a sua palavra do dia?

Ele a perfurou com um olhar que devia tê-la ferido.

— Isso não é uma piada.

— Eu sei. Não percebemos que ele estava armado.

Isso não foi a coisa certa a dizer porque ele virou um tom perigoso de vermelho.

Ela não era uma fã de ser repreendida, mas seu

sentimento anterior ainda permanecia. Era legal ter alguém preocupado o bastante para gritar. Ela nem mesmo pensou quando ela cruzou a sala e colocou os braços ao redor dele, pressionando-se tão perto dele quanto possível. Ele ficou tenso por um minuto e então seus braços vieram ao seu redor antes que ele enterrasse o rosto em seu cabelo.

— Eu sinto muito, — ela sussurrou. — E não apenas por estar em apuros, mas por ter ficado com raiva que você estava tentando me proteger. Eu não estou acostumada a alguém cuidando de mim. Acho que posso me acostumar a isso, desde que, essa pessoa seja você.

Ele a segurou até que a raiva passou, ela estava aqui e segura antes que ele se afastasse e embalasse seu rosto em suas mãos. Ele encarou como se ele estivesse sendo preenchido. Um leve sorriso tocou sua boca.

— Eu tentarei deixar meu porrete na caverna.

Ela sorriu em resposta, mas isso desapareceu. — Ele é o homem, — ela disse.

— Eu sei.

— O que faremos?

— Descobrir para quem ele trabalha.

— Ele pode não estar se sentindo muito falador.

Lucien pressionou um beijo em sua testa. — Ele falará, confie em mim.

***

Trace estava do outro lado da sala de Ember depois de ter

gritado até que ele praticamente perdeu sua voz. O homem tinha a porra de uma arma. O medo cortou através dele e alimentou sua raiva. Pelo tempo de um piscar de olhos, ela podia ter estado deitada em uma piscina de seu próprio sangue como Heidi. A própria ideia disso tinha lhe dado comichão de prendê-la a ele.

— Eu sinto muito. Isso foi imprudente.

Ele não sabia se a beijava ou a matava, quando a alcançasse. Ela era a porra de seu mundo inteiro.

Ela continuou falando, mas ele não estava realmente ouvindo suas palavras, porque tudo que ele podia ver em sua cabeça era Ember no lugar de Heidi na frente daquele restaurante.

— Eu sei que eu estou grávida e eu preciso pensar antes de fazer alguma coisa tão descuidada. Eu prometo, Trace, não colocarei o bebê em risco de novo.

— O bebê? — Ele fez um movimento para ela em seguida, caminhou direto até que ela tinha as costas retas contra a parede, onde ele a enjaulou com suas mãos uma de cada lado de sua cabeça.

— Você, Ember. É você que eu não quero se colocando em perigo. Eu não posso viver sem você. Você se enterrou tão profundamente em minha alma que eu não posso existir sem você. Você não entende isso? É de *você*, porra, que eu preciso.

Lágrimas brotaram em seus olhos e ela pousou sua mão sobre seu coração. — Eu amo você também.

Ele pressionou seu corpo no dela, do peito até a coxa, onde ele a segurou enquanto sua boca capturava e conquistava a dela. Seus lábios a um fôlego quando ele disse: — Eu quero o para sempre com você.

Ela sorriu e tocou seus lábios no dele. — Para sempre é

um bom lugar para começar.

***

Darcy observava enquanto Trace e Lucien levavam o homem para longe, mas onde eles estavam indo, eles não compartilharam.

— Onde você acha que eles o estão levando? — Ember deu voz aos pensamentos de Darcy.

Ela encolheu seus ombros. — Eu não sei, mas há uma forma de descobrir.

— Não, eu estou levando você para casa. Eu concordei com Lucien e Trace nisto. Estamos no caminho fora da profundidade.

— Não temos que sair do Táxi, — Darcy disse enquanto ela começava a descer o corredor para a porta.

— Verdade, podemos apenas segui-los e então irmos para casa. O que poderia dar errado? — Ember disse sarcasticamente, o que rendeu um olhar de ambos Darcy e Kyle.

— Você sabe que você está apenas tão curioso quanto nós estamos, — Darcy disse para Kyle, embora ela não tivesse ideia se isso era verdade. Kyle passou uma mão através de seu cabelo. — Não sairemos do táxi. Ember, se você tiver que fazer xixi, você fará xixi no táxi.

— Ok.

Eles saíram para o lado de fora e viram Trace e Lucien flanqueando Nick, que parecia satisfeito consigo mesmo, como se ele não entendesse verdadeiramente o problema em que ele estava. Trace parecia estar batendo-papo como se eles fossem

todos amigos e então sua cabeça virou na direção de Ember e olhar que ele lhe deu sacudiu Darcy. Uns poucos minutos depois, o carro de Lucien estacionou e eles subiram.

— Vamos, antes que os percamos. — Darcy abriu a porta de um táxi parado do lado de fora do clube.

— Definitivamente não sairemos do táxi, — Ember murmurou antes que ela subisse atrás de Darcy.

Kyle apenas fechou a porta quando Darcy disse ao taxista: — Siga o Charger, mas seja discreto.

O taxista olhou de volta para eles como se fosse uma piada, mas encontrou três olhares determinados.

— Discreto é extra.

— Seja como for, basta ir, — Ember disse, em seguida sentou de volta contra o assento. — Eu tenho que fazer xixi.

***

Vinte minutos depois, Lucien estacionou em fila dupla em frente e um restaurante popular.

— Então eles vão encontrar alguém, eu imagino, mas quem? — Darcy disse.

— Quem quer que seja, ele está provavelmente comendo algo gostoso.

Kyle virou-se para Ember, que estava acariciando sua barriga. — Foco, Ember.

— Eu estou tentando, mas é difícil quando seu estômago está comendo a si mesmo e sua bexiga parece como um balão com água.

— Não vamos sair do táxi, lembra? — Kyle disse firmemente.

Darcy olhou de volta para os outros. — Eles nunca saberiam que estamos aqui.

Kyle apontou para Ember. — Não saberiam que vocês estão aqui? Ela é como a kriptonita para Trace. Você o viu do lado do fora do clube. Ele sabe quando ela está perto.

— Ele tem um ponto. É estranho como ele sabe que eu estou por perto.

— Então Ember fica no carro.

— Eu não estou deixando ela sozinha e eu não estou deixando você entrar lá sozinha.

— Eu ficarei bem, — Darcy disse e sorriu.

— Certo, isso é o que dissemos da última vez e terminamos tendo uma arma apontada para nós.

— E lidamos com isso.

— Juntos, lidamos juntos. — Kyle virou-se para Ember, — Diga a ela... Ember, o que há de errado?

Darcy olhou de Kyle para Ember que parecia realmente pálida, com suor borbulhando em sua testa.

— Eu não me sinto muito bem, de repente.

Kyle deu o endereço de Ember para o taxista antes de ele pegar a sua mão e segurá-la na sua.

Estava fria e úmida. — Eu estou levando você para casa.

Ember encontrou seu olhar preocupado. — Eu acho que é uma boa ideia.

***

Ember ouviu Kyle e Darcy na sala ao lado, ambos se recusando a deixá-la até que Trace chegasse. Ela precisava chamar Dr.ª Cole amanhã.

Ela olhou para o relógio – quase duas da manhã – e então ela ouviu a voz profunda de Trace.

Um minuto depois ele estava em pé na porta de entrada de seu quarto e mesmo no escuro ela podia sentir sua preocupação.

— Eu estou bem.

Ele se moveu silenciosamente através do quarto e se estabeleceu na beira da cama.

— O que aconteceu?

— Eu apenas não me sinto bem. Um minuto eu estava bem e no próximo eu estava me sentindo mal. Não há realmente uma forma de descrever isso.

— E agora?

— Azia, mas eu tive isso por um longo tempo.

— Você vai ver o médico amanhã. — Ele não estava perguntando.

— Sim.

Ele pressionou um beijo em sua cabeça antes dele caminhar para fora do quarto. Ember sabia que ele estava chateado, então ela saiu da cama e o seguiu até a cozinha.

Ele tinha a porta da geladeira aberta, mas não estava pegando nada. Ele estava assustado e ela não podia culpá-lo porque ela estava assustada também.

— Você quer falar sobre isso?

— Eu quero essa criança, mas não ao custo de perder você.

— Eu prometo a você que eu tornarei isso fácil a partir de

agora.

Ele se virou para ela em seguida e ela viu aquele olhar perdido em seus olhos; a visão disso torceu seu coração dolorosamente em seu peito. — Sem fugas para perseguir a cara mal. Sem tiroteio, sem andar às cegas para a porra do meio do perigo.

— Você tem minha palavra.

— Lembre-se disso, porque você me prometeu o para sempre e eu pretendo segurar você nisso.

***

No momento que Darcy chegou em casa era perto das três da manhã, mas ela estava tão ligada que ela sabia que o sono não viria. Seu coração estava ainda sem bater direito depois do incidente com a arma e, embora isso tivesse sido aterrorizante, foi excitante também. Eles estavam chegando perto; ela apenas sabia disso.

Ela escorregou em sua camisola e então entrou em seu banheiro para ficar pronta para dormir. Ela lavou seu rosto e quando ela alcançou sua toalha, um grito subiu até a metade de sua garganta pela visão de Lucien no espelho atrás dela. Ela deu a ele uma chave, mas não o ouviu entrar. Ela estava preste a dizer isso, mas o olhar selvagem em seus olhos a parou. E então ele falou.

— Você assustou a merda fora de mim hoje à noite.

— Eu sei.

— O pensamento de algo acontecendo a você... — Ele deu

um passo mais perto e correu suas mãos para baixo em seus braços. — Você sente isso também, não sente? A necessidade de libertação.

A boca de Darcy estava seca. — Eu sinto.

Seu olhar sustentou o dela no espelho, enquanto ele retirava lentamente a camisola sobre a sua cabeça. Ele pressionou um beijo em seu pescoço e agarrou a seda de suas calcinhas e a moveu para baixo de suas pernas. Suas mãos se arrastaram de volta para seu corpo, acendendo pequenas fogueiras sob sua pele e estabelecendo-se em seus seios. Observando-o pelo espelho, Darcy estava hipnotizada. Suas mãos eram bonitas e a visão delas acariciando-a de forma tão terna, sentir aquela carícia, deixava-a seriamente quente. Ele pressionou seus quadris contra os dela e ela podia senti-lo duro e pronto. Ela o queria nu e como se ele pudesse ler seus pensamentos, deu um passo para trás. Ela começou a virar para ajudá-lo a despir-se, mas seu comando suave a parou.

— Eu quero que você observe.

Ele deu um passo para o lado para que estivesse completamente visível para ela no espelho e começou a desabotoar sua camisa, um botão por vez até que ele deixasse a camisa cair por seus braços. A camiseta estava abraçando seu peito esculpido, e os músculos de seus braços se agruparam quando ele estendeu a mão para a parte de trás dela e puxou-a em direção a sua cabeça. O coração de Darcy estava batendo ao mesmo tempo em que o pulsar entre suas pernas. Seus dedos se moveram para as suas calças e ela mordeu seus lábios ao observá-lo lentamente abaixar o zíper sobre o cume duro que formava uma tenda na parte da frente. Sua cueca saiu junto com suas calças, e Darcy gemeu porque o homem era lindo. Ele moveu

sua mão pelo seu corpo para envolvê-la ao redor de sua muito impressionante ereção, e então, ele deslizou sua palma sobre o comprimento. A cabeça desaparecendo em sua grande mão apenas para reaparecer momentos depois quando ele deslizou sua mão de volta para baixo apertando-o. Darcy apertou suas coxas porque olhar para ele a fazia doer tanto que machucava.

Ela o observou enquanto ele dava prazer a si mesmo, mas seus olhos estavam nela, movendo-se de seus seios para entre suas pernas. Suas mãos moveram-se mais rápido e seus quadris agitaram-se em resposta. Ela queria observá-lo dar a si mesmo um orgasmo, e em seguida ela queria colocá-lo em sua boca para então saborear a evidência de seu desejo. Ele parou de repente e deu um passo mais perto, capturando seus seios em suas mãos de novo.

— Incline-se para frente e abra suas pernas.

Ele deu um passo para perto dela, abrindo suas pernas ainda mais antes dele posicionar-se exatamente onde ela queria que ele estivesse. Seus olhos estavam travados no espelho quando ele lentamente empurrou dentro dela. Darcy firmou-se sobre o balcão, e inclinou sua bunda para trás a fim de tomar tudo dele e sentir seu pesado saco pressionado contra ela, quando ele entrou totalmente dentro dela.

Ele manteve-se completamente imóvel por um momento e então seus quadris se moveram, tirando outro gemido dela. Ela observou quando uma de suas mãos moveu-se para baixo de seu corpo, se perdendo nos cachos entre suas pernas para que ele pudesse golpear e pressionar ao mesmo tempo. Ela queria fechar seus olhos e saborear, saborear ser tão completamente arrebatada, mas ela não podia afastar seus olhos dele, enquanto ele trazia o clímax para ela. Ela nunca tinha se observado fazer

sexo, mas seriamente amava o espetáculo.

Sua boca moveu-se para seu pescoço, sugando bem forte e ela gritou seu nome quando ela veio. Seu rosto congelou um segundo mais tarde e prazer ondulou sobre sua expressão. O orgasmo ainda estava formigando seus nervos, quando ela levantou seus braços e dirigiu-se para cama.

— Você estava certo. Eu precisava disso, — ela disse sem fôlego.

— Ambos, eu e você. — Ele caiu com ela na cama. — Mas eu ainda preciso de mais.

Capítulo 19

Lucien parou o carro em frente ao Clube Pirâmide, mas ele estava tão agitado, que mesmo depois de exaurir-se com Darcy na noite anterior, ele achava que poderia ter se cansado. Na noite passada, Nick não esteve interessado em falar até que ele e Trace trabalharam sobre ele. Ele não lhes deu muito, mas ele atirou um nome ao redor para intimidar. Mas isso teve o efeito oposto sobre Lucien.

Lucien sabia como Nick funcionava, mas ele ainda não sabia o motivo do interesse dele em Darcy e ele, quando eles eram mais jovens. Eles estavam aqui para descobrir.

Lucien olhou de relance para Trace, que estava ainda mais calmo do que o normal. Ele não sabia se o motivo era o que aconteceu na noite passada com Ember ou se isso era alguma coisa a mais, então ele perguntou: — Foi tudo bem noite passada?

Havia definitivamente alguma coisa acontecendo com ele, mas ele não estava compartilhando. Então Lucien não ficou surpreso quando Trace disse: — Eu estou bem, — e então mudou de assunto, apontando para o edifício.

— Você acha que ele verá você?

— Sim, eu tenho certeza. — Lucien sabia que ele não soou muito confiante, mas então, muito tempo se passou desde que ele vira o homem.

Estava escuro e barulhento dentro do clube quando eles fizeram seu caminho através da multidão em direção à parte de trás, onde Lucien sabia haver não somente os escritórios, mas onde o homem mantinha uma pequena residência. Uma vez que eles chegaram ao posto de controle, alguns homens se

aproximaram, forçando-os a chegarem a um impasse.

— Seus negócios? — o maior do grupo perguntou. Trace permaneceu em silêncio ao lado de Lucien, mas ele sentiu o ar ondular ao redor dele, como se ele estivesse apenas procurando uma desculpa para sair lutando.

— Eu estou aqui para ver seu chefe. Diga a ele que Lucien Black está aqui.

Flashes de reconhecimento surgiram nos olhos dos homens quando ele pegou o walkie-talkie.

— Lucien Black para ver o chefe.

Segundos depois a resposta veio. — Traga-o aqui atrás.

O contraste entre a frente do clube e a parte de trás era como noite e dia. As paredes estavam pintadas em um dourado suave e Lucien notou que alguns dos móveis eram antiguidades. *As Quatro Estações* de Vivaldi, uma das peças favoritas do homem que eles foram visitar, tocava nos autofalantes. Eles foram levados para uma sala de estar, onde um homem esperava por eles perto da cornija de lareira que Lucien sabia ser esculpida ao lado, porque foi Rafe quem a fizera.

Ao som de sua aproximação, o homem se virou. Olhares definitivamente enganavam quando viam aquele discreto homem mais velho, alguém que tinha dirigido os negócio da família por mais de quarenta anos.

Apesar da sua idade, Lucien sabia que ele não tinha intenção de se aposentar em breve. Este era o homem que estendeu a mão para Lucien quando ele era uma criança e oferecido a ele um emprego.

— Lucien Black, que agradável surpresa.

Lucien caminhou até o outro homem, e o puxou para um abraço, beijou ambas as suas bochechas em saudação.

— Bom ver você de novo. Trace, eu gostaria de apresentar você para Pasquele...

— Grimaldi, — Trace terminou e estendeu sua mão para o homem mais velho. — Bom conhecer você.

— Trace Montgomery. Um prazer.

Pasquele gesticulou em direção aos pequenos assentos da área. — Por favor, vamos sentar. Isso é tudo, Frank.

Depois que Lucien e Trace sentaram-se, Pasquale disse: — Então vocês estão aqui para descobrir porque eu pedi a Nick para fazer aquela visita ao St. Agnes. — Ele pausou por um momento antes de continuar: — Foi a pedido de um parceiro de negócios.

Por mais que Lucien gostasse do homem à sua frente, ele estava contemplando agarrá-lo pelo pescoço.

— Quem?

— Eu o conheço como Johnny, mas você o conhece como o honorável juiz Jonathan Carmichael.

Levou um minuto para deixar o nome afundar em sua pele, e quando o fez, raiva praticamente o levantou de sua cadeira.

— O juiz, pediu para você enviar Nick até Darcy?

— Sim.

— Que inferno, para quê?

— Ele queria machucar você. Não foi difícil para Nick dizer às palavras que sua garota já estava pensando. Ela era jovem, assustada e tentando fazer a coisa certa.

— E você concordou, por quê?

Pasquale não respondeu, mas ele não tinha que fazer. Estava muito claro que o juiz moldou casos para manter Pasquale em seu bolso.

Lucien praticamente berrou: — Aquele filho da puta

presunçoso sempre reclamando sobre integridade – ele é um fodido juiz corrupto! — Ele olhou de volta para Pasquale. — Então toda a merda que Nick disse a Darcy sobre me ajudar se ela ficasse longe era uma mentira.

— Era suposto ser. Ela não teria se afastado se ele não tivesse dado a ela um incentivo bom o suficiente, mas eu tive um ataque de consciência e enviei Dominic para te oferecer um emprego. Provavelmente não foi necessário desde que você já tinha pessoas observando suas costas.

— Irmã Margaret.

— Sim.

— Porque diabos o juiz se importava comigo quando eu era mais jovem? Ele não me conhecia.

— Pelo que eu fui capaz de reunir, você foi o produto da união que ele não aprovava.

Luicen ficou dormente quando as palavras de Pasquale penetravam. —Você está dizendo que o juiz sabe quem são meus pais?

O gangster parecia quase solene quando disse: — Eu temo que sim.

***

Lucien havia acabado de chegar em casa quando Trace ligou sobre alguma caixa da Irmã Anne que Ember trouxe para casa de St. Agnes para ele.

Meia hora depois Lucien estava em pé na sala de Trace

olhando o conteúdo da caixa. Não eram muitas coisas, apenas algumas das roupas e lembranças da Irmã Anne.

— É estranho ver suas roupas de rua. Eu só me lembro dela em seu hábito. — O hábito estava lá também, é claro, e vê-lo era doloroso mesmo depois de todo esse tempo que tinha passado. Embaixo de suas roupas, Lucien encontrou uma pequena caixa e dentro havia um medalhão de ouro, o tipo que um amante daria. Não havia nenhuma fotografia dentro, apenas uma nota dobrada com uma palavra nela: — Para sempre.

— De quem você acha que é isso? — Trace perguntou.

— Eu não tenho nenhuma ideia. — Mas era definitivamente algo que Lucien planejava procurar. Ele queria agradecer a Ember embora, por trazer isso para ele. — Ember está aqui?

— Ela está dormindo.

— Está tudo bem com vocês dois?

— As coisas entre nós estão bem, mas a gravidez é outra história. Vamos lá, eu vou pegar algumas cervejas. — Lucien seguiu Trace até a cozinha e de bom grado aceitou uma cerveja gelada.

— Eu não entendendo. Eu pensei que você queria a criança?

— Eu quero, mas eu não posso afastar a sensação de que alguma coisa ruim vai acontecer.

— Eu imagino que a maioria dos pais de primeira viagem passa por isso.

Trace passou a mão sobre sua cabeça e tomou um gole de sua cerveja antes de sentar no balcão próximo a ele. — Talvez, mas sua gravidez é de alto risco.

— Eu não sabia. Sinto muito, homem, mas eles entregam

bebês a cada minuto todos os dias. E Ember é resistente; eu quero dizer, ela suporta *você*.

O olhar que Trace deu a ele foi cômico – tanto presunçoso e desgostoso com a ideia de estar enrolado, embora ambos fosse verdade e ambos sabiam isso.

Lucien tomou um gole de sua própria cerveja e ouviu as palavras saindo de sua boca antes que ele pretendesse dizê-las. — Eu estraguei tudo com Darcy. Eu quase a perdi de novo.

— Sim? O que aconteceu?

— Quando eu ouvi sobre o bebê, eu mediatamente pulei para a conclusão de que ela havia dado a criança. Eu nem mesmo sabia o motivo, porque sei que Darcy nunca faria isso. Foi como se eu quisesse afastá-la.

— Você provavelmente queria.

Lucien olhou para seu amigo, confuso. — O que você quer dizer?

— Eu não sei, mas para mim, eu não quero querer Ember. Eu nunca precisei de ninguém em minha vida e eu não falo sobre Chelsea porque é diferente. E então surge Ember e era como se tivesse batido a fodida cabeça e de repente eu precisasse de alguém. Eu preciso dela. Eu a empurro para longe a cada chance que eu consigo e ela ainda me segura porque ela sabe o que eu estou me recusando a ver.

— O quê?

— Ela precisa de mim tanto quanto eu preciso dela.

— Essas são palavras de sabedoria, eu mal reconheci você, — disse Lucien em tom de brincadeira.

— Cala a fodida boca ou eu o socarei até ficar estrábico.

— E ele está de volta.

— O que você vai fazer sobre o juiz?

Lucien não podia evitar sua fúria pela ideia de uma pessoa que ele verdadeiramente odiava fosse a única pessoa que soubesse o segredo de seus pais biológicos.

— Eu não sei. Eu quero pregá-lo na parede por se intrometer na minha vida e fodê-lo de modo magistral, mas ao mesmo tempo eu quero saber quem são meus pais. Eu não estou certo nem mesmo do motivo, desde que eu fiz as pazes com as circunstâncias de meu nascimento a um longo tempo. Mas ele sabe. Como eu posso não perguntar?

Trace meneou sua cabeça em concordância antes de perguntar: — Você acha que era isso que Heidi tinha contra eles? Tinha que ser alguma coisa muito significante, porque o juiz não é um maricas.

— Talvez não fosse apenas o juiz que ela estava chantageando. Talvez ela estivesse extorquindo tudo deles. Eu acho que eu posso precisar retribuir uma visita ao DA. Ele deve pelo menos saber que seu pai é um filho da puta sujo.

— Dane acha que ela estava chantageando seu pai, — Ember disse da porta de entrada.

Trace virou-se para ela, e quando ele falou sua voz estava enganosamente suave. — Dane?

— Sim, ele me contatou para me dar o aviso sobre Heidi e suas atividades com sua família—

— Você tem visto Dane?

— Sim, mas ele foi um perfeito cavalheiro.

— Você não se lembra da última vez que você o viu? — Trace exigiu.

Ember pegou sua mão e deu um passo para ele. — Eu lembro, mas ele está diferente agora. Ele está limpo e com remorso. Ele estendeu a mão para ajudar. Ele morre de medo de

você, então ele mantém suas mãos para si mesmo.

— Eu não gosto disso, — Trace rosnou.

— Ok, bem se eu o ver de novo, eu terei a certeza de trazê-lo até você.

— Fodidamente certo.

— Você tem tanto jeito com as palavras.

Lucien olhou para baixo para o chão então Trace não veria seu sorriso, mas era engraçado observar seu amigo ser tão facilmente manobrado. Sim, Ember era mais forte do que parecia.

Ela voltou seu foco para Lucien. — De quem é esse medalhão?

— Eu estou supondo que é de Irmã Anne.

— Eu encontrei cartas de amor no sótão do St. Agnes. Eu me pergunto se elas são dela também?

Lucien não tinha certeza de como ele se sentia sobre o fato de que Irmã Anne devia ter tido um homem em sua vida. Felizmente, Ember tirou sua mente disso quando ela disse: — O que eu não estou conseguindo perceber é a conexão entre Heidi chantagear os Carmichaels e seu filho.

Lucien respondeu: — Vamos ver o que mais Dane sabe sobre a chantagem de Heidi.

***

Dane trouxe Lena porque esperava que talvez ela pudesse correr para interferir se as coisas ficassem feias com Ember e seu marido. Ele precisava repensar a sobriedade; realmente tudo isso lhe daria um ataque dos nervos.

— Aqui, eles vieram, — Lena disse, o que fez Dane virar em direção aos três caminhando em direção a eles. Grande, o gangster, Lucien, estava com eles e apenas olhar para Trace fez seu rosto doer.

Homem, ele queria uma bebida. Eles sentaram-se a mesa.

— Oi, Dane. Oi, Lena, — Ember disse.

— Oi, seus amigos querem beber? — Lena perguntou.

— Não, obrigada, — Ember disse, mas Trace e Lucien permaneceram em silêncio.

Dane remexeu-se em seu assento antes que ele encontrasse sua voz e perguntasse: — O que vocês precisam?

— Você descobriu o que Heidi estava mantendo contra a sua família?

De novo ele remexeu-se em sua cadeira – falar sobre uma porra de lata de minhocas. Mas se tinha qualquer esperança de se afastar de tudo isso, tinha que contar a eles tudo que ele sabia.

— Meu pai tem um gosto por mulheres mais jovens. Eu acho que ele dormiu com a jovem errada e Heidi estava usando isso contra ele. Meu avô fica psicótico quando se trata da imagem, é possível que Heidi ameaçou revelar o que ela sabia sobre meu pai, para ele também, esperando conseguir o dobro do dinheiro pelo mesmo petisco suculento. — Dane inclinou-se para trás em sua cadeira, ficando um pouco mais confortável com a ideia de vender tudo aos três descendo o rio. — Você sabe que eles são excessivamente críticos sobre meu comportamento, mas eles não são fodidamente diferentes. Sério, eu devia apenas mudar meu nome para Spano e fingir que eles nem mesmo são minha família.

Lucien endireitou-se me sua cadeira. — Spano? O caso de Elizabeth está em todos os noticiários.

Dane estava surpreso pela descarga de dor que ele sentiu

na resposta. —Ela era a irmã mais nova de minha mãe. Foi a aproximadamente trinta anos quando foi assassinada e nós ainda não temos ideia do que aconteceu. Meu avô não deixará isso, recusa-se a permitir que o assassinato de sua filha fique sem solução. Aparentemente agora há novas evidências no caso, que é o motivo das novas notícias. Talvez possamos finalmente saber o que aconteceu.

— Isso é terrível e cobrou um preço sobre a família. Fez com a minha, — Ember disse. Ela adicionou: — Meu tio tem estado em contato com sua mãe.

— Ele tem? Você sabe onde ela tem estado?

— Vivendo com sua irmã do outro lado de Baltimore.

Dane não estava certo como ele se sentia sobre isso. Ela morava relativamente perto e ainda assim ela não entrou em contato com ele, nem uma vez desde que foi embora. Ember parecia saber o que ele estava pensando.

— Meu tio, teve a sensação de que ela está com medo – o suficiente para não voltar, por medo do que aconteceria com você. — Ember inclinou-se um pouco mais perto antes de perguntar: — Você acha que é possível que sua mãe saiba quem matou sua irmã e esse é o motivo dela se afastar?

— Eu não sei. Elizabeth foi assassinada antes de eu nascer e minha mãe saiu quando eu tinha por volta de dois anos. Talvez.

Lucien falou pela primeira vez desde que eles tinham chegado. — Talvez seja a hora de você se encontrar com sua mãe.

— Sim. — Dane voltou sua atenção para Ember. — Lembra-se de quando eu mencionei que Todd estava passando muito tempo com Heidi?

— Sim.

— Eu não sei se isso significa algo, mas Todd deve para

alguns caras seriamente ruins, que deve ser o porquê de Heidi estar interessada nele.

Dane pegou um olhar de desconfiança no rosto de Lucien apenas quando Ember disse: — Obrigada.

***

Darcy e Ember estavam em seu caminho para St. Agnes a fim de verificar o sótão. Darcy sentiu uma pontada de tristeza ao ver a barriga de Ember crescer, mas ela passou por isso e perguntou: — Como você está se sentindo? O que o médico disse?

— Eu tenho proteínas na urina e minha pressão arterial está alta, o que são ambos os sinais de alerta para pré-eclâmpsia. Eu só tenho que pegar mais leve. — Ember mudou de assunto. — Meu pai ligou outro dia.

— O homem a quem você deve sua habilidade de dar conselhos, — Darcy disse com humor.

— O único. Ele está se mudando para a casa do meu tio; ele quer estar mais perto de mim e do bebê.

Darcy podia dizer pela alegria na voz de Ember que essas eram notícias realmente excitantes para ela.

— Ember, isso é maravilhoso. Eu estou ansiosa para conhecê-lo.

— Eu não posso dizer a você quantas vezes eu agarrei o telefone para tentar persuadi-lo a mudar-se para mais perto, mas sua casa era a única que ele compartilhou com a mamãe. Como eu poderia pedir a ele para deixar isso? Mas agora que ele está decidido a alugá-la.

— Esse é um bom compromisso.

— Sim, e ele vai trabalhar para meu tio, desde que ele está sobrecarregado de casos.

Darcy rio alto disso. — O trabalho de PI é definitivamente o forte de sua família.

O táxi parou no meio-fio. Ember pareceu surpresa. — Wow, nós já estamos aqui. Brandon vai nos registrar como convidadas. Ele deverá nos encontrar na porta.

Darcy esperou Ember descer do táxi antes de pagar o taxista e a seguir. Ela ouviu Ember gritar uma saudação para seu amigo e virou-se. Assim que ela viu o amigo de Ember, seus pés pararam de se mover e todo o ar deixou seus pulmões. Ela estava olhando para um garoto que parecia exatamente com Lucien em sua juventude. Lágrimas quentes queimaram em seus olhos, mas ela não podia olhar para longe do garoto que estava descendo os degraus em direção a elas. Era seu filho – seu filho. Ela apostaria um braço nisso.

— Darcy? — a voz de Ember tinha uma nota de preocupação.

— Esse é Brandon?

— Sim. — Ember parecia entender o que Darcy não estava dizendo quando ela exalou um suspiro. — Oh meu Deus. Eu nem mesmo pensei; eu quero dizer, eu vi similaridades, mas eu assumi que Brandon era muito velho para ser seu filho.

Darcy esforçou-se para manter-se sob controle, então ela não aterrorizaria o garoto. Ember alcançou sua mão e apertou, liberando-a apenas quando Brandon parou em frente a elas.

— Hei, Ember.

Darcy percebeu a estranha nota na voz de Ember, sem dúvida porque ela estava segurando suas lágrimas.

— Oi. Brandon. Esse é minha amiga Darcy.

— Hei...— Mas o que quer que fosse que Brandon estava indo dizer morreu em sua língua quando seus olhos se arregalaram.

Sua reação era tão estranha que Darcy deu um passo mais perto dele e perguntou: — Você está bem?

Sua voz estava tensa quando ele disse: — Yep, apenas...

— O quê?

— Eu conheço você? — ele perguntou, e de repente pareceu muito mais jovem.

— Não, mas eu gostaria muito de chegar a conhecê-lo—.

— Você é a pessoa que está procurando por seu filho? — ele perguntou.

O coração de Darcy parou de bater. — Sim. — E então as próximas palavras de Brandon vieram em um movimento rápido.

— Você está procurando por mim, não está?

Darcy desistiu e deixou suas lágrimas escorreram em suas bochechas. —Sim.

***

Lucien e Darcy passaram direto pela entrada de hóspedes; com a expressão em seus rostos, nenhum ousou detê-los. Eles invadiram o quarto de Irmã Margaret. Ela olhou para cima em choque, presumivelmente pela intrusão, até que ela viu quem era; então sua expressão tornou-se resignada.

— Você sabia, porra, — Lucien sibilou. — Você sabia que nosso filho estava no St. Agnes o tempo todo.

— Não, eu não sabia no começo; eu somente suspeitava, mas quando eu descobri a verdade, eu não podia dizer nada.

— Por que não? — Lucien exigiu.

— Eu estava sendo chantageada.

A raiva de Lucien transformou-se em confusão. — Heidi?

— Sim.

— O que ela tinha contra você?

— Não era de mim. Ela tinha informação de Irmã Anne e, embora ela tivesse ido, eu não queria seu nome, ou de nossa ordem sendo arrastado na sujeira. Não foi um caminho fácil.

— Isso é o porquê você nos quis procurando no sótão de St. Agnes. Heidi realmente mantinha seu esconderijo lá.

— Eu acho, mas eu nunca fui capaz de descobrir isso. Explica o porquê de ela estar sempre ao redor, por que ela parecia interessada no que todo mundo estava fazendo. Eu não ficaria surpresa em descobrir que ela foi paga para observar você.

A confusão de Darcy não era fingida. — O que você quer dizer com isso?

— Como os sequestradores sabiam quando você entrou em trabalho de parto?

Lucien ficou tenso ao lado de Darcy. — Puta do caralho.

— De qualquer forma, ela mudou de esconderijo antes de começar a me chantagear. Eu acho que ela realmente encontrou mais sujeira das pessoas, depois de vasculhar as coisas no sótão. Embora há anos, as Irmãs compartilharam comigo que Heidi continuava a visitar o St. Agnes, às vezes trazendo o filho dela. Eu tenho certeza que ela ia para o sótão procurar mais segredos. Era uma garota sórdida. Mas havia outra razão de eu encorajá-la a vir ao St. Agnes.

Darcy respondeu por ela. — Você sabia que se víssemos

Brandon, saberíamos que ele era nosso.

— Sim, e em seguida seus segredos estariam livres.

— E foi por isso que você arranjou para mim a faculdade. Era penitência, — Darcy adicionou.

Irmã Margaret nem estava levemente arrependida. — Por assim dizer.

— Heidi está morta agora, então por que você não nos contou quando nós viemos aqui da última vez?

— Eu ia, mas então ele me ligou.

— Ele? — Lucien perguntou.

— Sim, esse cara continuou com a chantagem de onde Heidi deixou então eu mantive meu silêncio, mas tentei dar indícios o bastante para vocês descobrirem de seu próprio modo.

— Quem é ele? — Darcy exigiu.

— Eu não sei. Eu nunca o vi, mas ele sabe tanto que eu apenas assumo que ele era o cúmplice de Heidi.

***

Lucien deitou na cama com Darcy, mas seus pensamentos estavam em seu filho. — Brandon concordou em fazer o exame de sangue?

— Sim, mas eu não preciso do resultado para saber. Ele parece com você. — Darcy levantou a cabeça em sua mão. — Quando eu o vejo na minha cabeça, ele era bebê. Eu sei que é bobagem porque ele tem quatorze anos, mas vendo-o quase totalmente crescido... perdemos tanto.

Lucien apertou seus braços ao redor dela. — Nós o

encontramos, Darcy. Podemos ter perdido quatorze anos, mas nós temos o resto de nossas vidas para conhecê-lo.

— Você acha que ele vai querer isso – quer dizer, ser parte de nossas vidas agora?

— Eu não teria me afastado da família em sua idade. Você teria?

Lucien viu a resposta em seus olhos antes que ela dissesse: — Não, eu não teria.

— Precisamos dar a ele tempo e não empurrá-lo, mas eu acho que ele está tão ansioso para nos conhecer, quanto estamos em conhecê-lo.

— Eu não posso esperar para você conhecê-lo, — Darcy sussurrou.

— Eu não estou certo como é ser um pai.

— Eu não sei nada sobre ser uma mãe, mas escobriremos isso.

Lucien conhecia o temor que ele estava sentindo vindo através de sua voz. — Uma família.

Darcy colocou os braços ao redor dele. — Nossa família.

— Ainda melhor, — ele sussurrou antes de cobrir a boca dela com a sua.

Capítulo 20

Dane não tinha certeza se ele queria seguir com seu plano, mas supôs que estar de pé em frente da sua mãe era o lugar errado para mudar de opinião. Lena e o tio Josh de Ember o acompanharam. Ele estava grato ao homem mais velho por oferecer-se para vir a ajudar, no que seria com certeza um primeiro encontro desconfortável.

Ele encontrou a mão de Lena na sua e era surpreendentemente reconfortante. Sóbrio, sua perspectiva mudou e uma das coisas que ele estava aprendendo era que Lena realmente parecia entendê-lo.

— Você está pronto para isso? — ela perguntou.

— Eu duvido.

Josh tinha vindo na frente para avisar Belinda de quem ele estava trazendo, portanto quando Dane chegou a porta, ela se abriu. Lágrimas imediatamente encheram seus olhos enquanto ela se movia para trás e acenava com as mãos.

— Por favor, Dane... todos vocês... entrem.

Eles se instalaram na sala – Dane e Lena em um sofá e Belinda em frente a eles na cadeira. Josh estava no fundo da sala dando-lhes alguma privacidade, mas perto o bastante para intervir se as coisas não fossem bem.

— Como você tem estado, Dane? — a voz de Belinda rachou.

Cara, aquilo era uma pergunta difícil. Ele respondeu com amargura: — Bem, considerando que minha mãe me deixou quando eu não tinha nem mesmo dois anos, eu estou muito fodido. Obrigado por perguntar.

O rosto de Belinda caiu e ela começou a chorar. — Eu sinto muito. Eu devia ter estado lá.

— Por que você partiu?

— Seu pai era um porco e eu não podia suportar vê-lo desfilar suas vadias na minha frente, não mais.

— Então você me deixou.

— Eu queria levar você comigo, mas eu não podia. Eu estava com medo de seu avô.

— Por quê? — Dane perguntou.

— Sua família costumava ser bons amigos para meus pais, o tipo de amizade que transcende gerações. Quando meu pai e seu avô eram mais jovens eles fizeram um acordo – um arranjo de casamento para proteger sua riqueza coletiva. Era realmente muito egoísta, mas eles eram da velha escola. Então um dos filhos dos Carmichaels casaria com uma das filhas de Spano. Quando chegou a hora, eu era a pessoa sem sorte, desde que Lily não preferia homens e Elizabeth era muito jovem e imatura. Foi no meu vigésimo aniversário que eu estaria casada com Nathaniel. Eu não o conhecia bem. Tínhamos dito oi em várias funções com nossos pais, mas certamente não tínhamos namorado em tudo e não conhecíamos um ao outro bem o bastante para casar. Eu lutei, mas seu avô era um homem muito poderoso, mesmo naquela época. Ele também tinha esse jeito com as pessoas. Ele podia fazer o que ele queria com elas, mas parecia como se não tivesse sido sua ideia o tempo todo.

— Meus pais fizeram uma festa de fim de semana prolongado para anunciar o noivado. A vida de casada no começo foi maravilhosa. Nathaniel era muito atencioso. Mas quando tivemos um filho, ele mudou. Ele era um playboy antes de casar comigo e, depois ele ficou entediado, e voltou a ser um. Quando

eu percebi que meu marido estava dormindo ao redor de novo, eu fui para seu avô e contei para ele que eu o estava deixando. Eu não podia acreditar que eu tive coragem de fazer isso, mas eu tinha algo sobre ele. Ele ficou lívido, mas pela primeira vez ele ficou assustado também.

— O que você tinha sobre ele?— Dane perguntou.

— Eu o peguei uma noite durante um final de semana prolongado no quarto de minha irmã Elizabeth.

— Ele dormiu com sua irmã? — Lena disse, horrorizada.

O que sua mãe disse a seguir pareceu como uma resposta ensaiada para Dane, e seus olhos, pela primeira vez durante sua visita, eram evasivos.

— Sim, e ele não queria que isso saísse. Eu não entendia o porquê, porque não era como ela fosse menor de idade. Meu palpite foi que ele não queria nosso pai descobrindo isso, porque ele não tinha a intenção de se casar com Elizabeth. Ele não acreditava em casamento, pelo menos no que dizia respeito a ele, então me deixou ir, mas o custo de sair era meu filho e o silêncio de minha família.

Tio Josh moveu-se em seu lugar na parte de trás da sala. — Sua irmã foi assassinada não muito depois daquele final de semana. Você nem considerou haver uma conexão entre aquele final de semana e sua morte?

Dane observou a mudança de expressão de sua mãe de cuidadosa para resignada e o que parecia como alívio apesar do medo em seu olhar: — É claro que eu fiz, mas se ele era capaz do que eu temia então ele era capaz de qualquer coisa. E também era um juiz com uma DA para um filho, o que fazia dele muito intocável. Qualquer tentativa de expô-lo teria eliminado meu filho.

— Então porquê falar sobre isso agora? — Dane

perguntou.

— Porque há algo pior do que o medo da morte e isso é não ser capaz de olhar para si mesma no espelho. Eu posso estar atrasada no jogo, mas ele precisa pagar pelo que fez.

***

Dane esperou até que seu avô saísse naquela manhã antes dele procurar seu pai. Ele o encontrou em seu quarto se vestindo.

— Posso falar com você?

— Eu estou no meu caminho para sair. Isso pode esperar?

— Eu vi a mamãe. — Dane ainda não parecia conseguir colocar sua cabeça ao redor do fato que ele tinha visto sua mãe. Para ele, parecia como a primeira vez porque ele era tão jovem quando ela o deixou. Ela era bonita e quando sorriu, ele podia ver a si mesmo em seu rosto. Por tanto tempo ele tinha nutrido animosidade em relação a ela, mas descobrir que ela tinha sido manipulada por seu avô o enfureceu. Apenas mais uma razão para ele odiar o velho bastardo.

Seu pai parou de endireitar a gravata e se virou para Dane. — Quando?

Sua pergunta o sacudiu de seus pensamentos. — Ontem. O que você pode me dizer sobre sua irmã, Elizabeth?

Dor cintilou através do rosto de seu pai e ele se estabeleceu na beira da sua cama. De repente ele pareceu mais velho.

— Ela era uma boa garota e uma atriz muito talentosa. Ela pensava que Belinda era apenas a maior e eu por extensão. Isso

dela ser assassinada parece sem sentido. Eu penso que se tornou ainda mais difícil porque seu assassino nunca foi encontrado e mesmo agora, trinta de dois anos depois, ele ainda não foi.

— Você nem mesmo se perguntou o porquê o avô permitiu a mamãe sair, particularmente pelo quanto ele se preocupa tanto com as aparências?

— Sim, isso cruzou minha mente uma vez ou duas. Por quê?

— Mamãe me disse que ela o viu com Elizabeth no final de semana do anuncio de seu noivado.

Dane observava as várias reações de seu pai aquela declaração; ele estava preparado para o açoitamento verbal que ele assumiu que aconteceria, por que ele tinha escutado a prostituta, como seu avô frequentemente chamava sua mãe.

— O que exatamente ela viu?

Raiva transformou seu rosto, tornando-o um saudável tom de vermelho, e então, ele estendeu a mão para o objeto mais próximo e atirou na parece. — Filho da puta. — Ele parecia como se estivesse pronto para um discurso realmente bom quando parou repentinamente e virou-se para Dare.

— Puta merda, isso na verdade esclarece algumas coisas.

— Como o quê?

— Depois daquele fim de semana, Elizabeth estava sempre ao redor. Eu pensei, no começo, que ela tinha uma quedinha por mim, mas pensando novamente agora, não era por mim que ela ficava animada ao redor.

— Vovô.

— Sim. Ela deve ter desenvolvido uma queda por ele. Eu sempre me perguntei sobre isso, especialmente com seu ódio por Belinda, mas isso faz sentido agora, não era tanto ela, mas o fato

de que ela era um lembrete constantemente da atenção indesejada de Elizabeth.

— Você acha que ele tem alguma coisa com sua morte? — Dane pergunta.

— Eu acho que se Elizabeth o ameaçou... sim, eu acho que ele é capaz de qualquer coisa.

***

Trace voltou para casa depois da aula para encontrar sua esposa entretida entre dois homens. Brandon e Seth estavam sentados no sofá um de cada lado de Ember, enquanto eles jogavam Wii[6]. Ela olhou para cima para ele, assim que inclinou-se e pressionou um beijo em seus lábios. Seus olhos encontraram o de Brandon que olhou com inveja e ele piscou antes de ir para o quarto para trocar-se.

Ele perguntou: — Vocês estão com fome?

Antes que Ember pudesse responder, Brandon e Seth disseram: — Famintos.

Chelsea saiu de seu quarto segurando um livro e quando ela viu Trace, ela sorriu.

— Oi, Trace. Seth irá ler para mim.

Trace tinha falado com Seth depois de sua conversa com Charles e dito a ele tudo. Ele recebeu as notícias realmente bem, mas Charles não era mais um pai para Seth do que Douglas foi para Trace, então ele não podia realmente culpá-lo por sua falta de entusiasmo. Seth parecia ligeiramente animado sobre vir viver com eles e Chelsea estava emocionada por ter um primo. Ela e

Seth tinham se dado bem instantaneamente.

— Vou me trocar, e então eu obterei alguma coisa. — Trace começou a ir para o quarto e Ember seguiu logo após, fechando a porta atrás dela. Ele virou-se para ela antes que ele puxasse sua camisa sobre sua cabeça e caísse na cama. Ele viu quando seus olhos se moveram para o nome em seu peito. Ele amava aquele olhar, todas às vezes. Seus olhos voltaram para ele e pode ver que ela viu muito mais do que demonstrava. Ela perguntou: — Alguma coisa está em sua mente. O que está acontecendo?

— Apenas alguns conflitos de horários na escola.

— Não foi isso que colocou aquele olhar em seus olhos.

Ele se moveu para ela e a agarrou em seus braços antes de beijar os seus lábios.

— Como você está se sentindo?

— Eu estou bem. — Ela inclinou sua cabeça e estudou-o quando compreendeu a tensão. — Você está preocupado, ainda?

— Vamos apenas dizer que eu estarei feliz quando houver uma pequena Ember naquele berço e você esteja quente e nua próxima a mim em nossa cama.

Ela estendeu a mão para seu rosto. — Esse é nosso primeiro filho. Tudo é assustador, mas tudo ficará bem. Você tem que ter fé.

— Eu prefiro ter você em vez disso.

— Eu não vou a qualquer lugar. Você está preso comigo. Até quando tiver noventa anos, e eu estarei perguntando a você onde eu deixei meus dentes.

Ele não disse nada em resposta, mas sabia que seu rosto estava dizendo muito. Observou seu rosto quando ela percebeu onde seus pensamentos tinham ido com sua última declaração e ele sorriu em resposta.

— Oh meu Deus, até noventa? Você está falando sério? — ela disse.

— Sem dentes e aquela boca... — Ele olhou para baixo antes de olhar de volta para ela.

— Foda-se, sim.

Seus dedos brincando com a auréola de seu mamilo através de sua camisa, seu sorriso se transformando em um travesso. — Você está dizendo uma coisa, doçura, mas seu corpo está dizendo algo mais.

— Há crianças na outra sala.

— Sim, e essa é a única razão pela qual você já não está deitada de costas.

— Poesia, você fala pura poesia.

— Eu lhe darei poesia. — Ele estendeu sua mão entre as pernas dela, mas ela afastou-se dele e balançou sua cabeça.

— Se você começar, eu não serei capaz de parar.

Seus olhos queimaram como fogo em resposta. — Eu chamarei um táxi para eles.

— Eu prometi comida a eles, mas depois eu sou toda sua.

Ele a agarrou e beijou sua boca duramente. — Lembre-se disso, — ele disse antes de sair de seu closet. — Brandon concordou com o exame de sangue?

— Sim. Esse é o motivo dele estar aqui. Eu acho que ele está se sentindo em conflito. Excitado que por ter encontrado sua família e aterrorizado ao mesmo tempo. Eu acho que está preocupado que Lucien e Darcy ficarão desapontados.

Trace na sua incredulidade. — Isso é possível.

— Sim, mas ele é um jovem encarando uma grande mudança de vida.

— Verdade, então é uma coisa boa que tem você em sua

vida para dizer-lhe o contrário.

— Não é estranho como eu sequer o conheço? Eu tornei-me amiga de um garoto que acaba por ser o filho de Lucien. É quase como se alguém orquestrasse isso.

Trace caminhou até ela e a puxou perto. — Eu não ficaria surpreso ao descobrir que alguém fez isso.

— Sério? Você não acha que pode ser a vida trabalhando seus caminhos misteriosos?

— Eu não tenho ideia, mas não haverá nada de misterioso sobre como eu planejo trabalhar em você mais tarde.

Ele viu um fleche de luxúria em seus olhos, juntamente com humor antes que dissesse: — Sim, eu sei poesia. — E então ele a beijou.

***

Lucien não podia acreditar que ele estava voluntariamente no escritório do DA, mas tempos desesperados pedem medidas desesperadas. O próprio homem estava sentado atrás da escrivaninha quando sua assistente escoltou Lucien para dentro do escritório.

— Lucien Black está aqui para seu compromisso das três.

Lucien observou enquanto o homem mais velho se levantava. Parecia haver a mais leve hesitação, quase surpresa, antes de ele ficar de pé.

— Por favor, sente-se.

Lucien ouviu a porta fechar-se atrás dele quando ele sentou em frente do DA. Horace tomou seu assento antes que de

perguntar: — Você mencionou ter alguma informação a respeito do caso de Elizabeth Spano.

— Sim, mas é uma situação estranha.

Horace inclinou-se para trás em sua cadeira. — Como assim?

— A informação que eu tenho diz respeito ao seu pai.

Lucien não perdeu o olhar calculado que cintilou nos olhos do DA. — Eu estou supondo que por esse olhar que você não está surpreso por ouvir que ele pode ter estado envolvido em sua morte.

— Meu pai é um tirano que usa sua influência para manipular as pessoas.

— E é capaz de assassinato? — Lucien perguntou.

— Eu não posso discutir o caso com você, mas eu acredito que ele é capaz de tudo, incluindo usar a sala de audiências como sua própria mesa de negociações. Ele não cumpre a lei; a torce e dobra para conseguir o que ele quer.

Lucien estava provavelmente cruzando uma linha quando ele disse: — E ele acredita que é intocável, com um filho no DA e outro senador.

Houve um leve brilho de humor nos olhos de Horace. — Arrogância pode fazer isso. O que você sabe?

— Seu pai dormiu com Elizabeth no final de semana do anúncio do noivado de Nathaniel e Belinda.

Lucien viu a raiva e a dor. Ele estava surpreso pela resposta crua do homem mais velho. — Ela era uma criança doce e tinha sua vida toda pela frente. — Seu rosto endureceu. — É um ultraje que seu assassinato tenha ficado sem solução desde que ele ocorreu.

— Mas? — Lucien perguntou.

— Todas as evidências, todavia, circunstâncias, sugerem que a família Grimaldi está envolvida. Meu problema com esse ângulo era a motivação. Pasquale Grimaldi é um homem esperto, mas o assassino foi desleixado. Elizabeth foi estrangulada, o que geralmente indica um crime passional, e o estilo dos Grimaldi é mais uma bala no cérebro. Mesmo com toda a escavação que eu tenho feito, eu nunca encontrei uma conexão que amarasse Elizabeth a alguém na família Grimaldi. Foi limpo, muito limpo.

Lucien leu nas entrelinhas de mentiras. — Você já suspeitava de seu pai.

— Eu negarei se disser isso, mas houve inúmeros casos que foram jogadas a partir da sala de audiências, casos que quando cavados profundamente o suficiente, estão ligados aos Grimaldi. Meu instinto sabia que era ele, mas eu nunca tive uma arma fumegando[7]. É o porquê de eu ter espirrado o nome de Elizabeth por todos os noticiários com a estratégia de 'nova evidência'. Eu estou tentando fazer meu pai sair, deixá-lo nervoso com a esperança que ele deslizará e me dará algo para usar contra ele.

Lucien sustentou o olhar firme do outro homem. — Você tem uma arma fumegando agora.

Um sorriso perverso curvou os lábios de Horace. — E eu tenho a intenção de usar muito a lei que meu pai jurou defender para enforcá-lo.

***

Lucien ficou em pé na entrada do grande saguão da

construção onde o Juiz Jonathan Carmichael tinha seu escritório, debatendo consigo mesmo. Ele contactou a secretária do homem mais cedo e sabia que o juiz estava terminando uma reunião de almoço, e Lucien esperava pegá-lo em seu caminho de volta ao escritório. Queria descobrir quem no inferno eram seus pais, mas ele hesitou em procurar o velho porquê do modo como estava se sentindo, era provável que ele estrangulasse a vida do juiz antes que alguma vez conseguisse o que veio buscar. Ele ainda estava debatendo consigo quando ouviu vozes abafadas vindo do corredor escuro. Ele se aproximou e, embora fosse escuro, não teve dificuldades em reconhecer as duas figuras: o juiz e o senador.

— Ela era uma maldita criança.

O juiz sibilou: — Abaixe sua maldita voz.

— Eu não posso acreditar que eu não vi isso. Todas aquelas visitas que Elizabeth fazia em casa. Eu pensava que ela estava vindo me ver, mas era você, não era?

O juiz manteve-se em toda a sua estatura. — Você se lembra com quem você está falando. Eu não sou apenas seu pai, mas eu sou um maldito juiz. Você respeitará isso e a mim.

Lucien observou quando Nathaniel entrou no espaço de seu pai tanto que eles estavam olho a olho.

— Você passou a maior parte da minha vida chamando minha esposa de prostituta, porque você não podia manter suas calças e seduziu a porra de uma caloura. Ela era a lembrança constante que você realmente não andava sobre a água, a razão de suas falhas causou danos inconscientemente sobre minha vida?

— O que diabos importa a você? Você não a amava, — o juiz retrucou.

— Não, mas eu gostava dela e eu gostava de Elizabeth. Era uma boa menina e não merecia... — Lucien observou quando Nathaniel terminou seu ponto no meio da sentença e então ele afastou-se como se com pressa para ir embora. Lucien deu um passo mais para dentro das sombras enquanto ele passava. O juiz não o viu, mas seu filho o fez, o sorriso se espalhou sobre o rosto de Nathaniel. E Lucien sentiu uma relutante admiração por Horace e Nathaniel Carmichael pela sua armadilha perfeitamente executada.

Capítulo 21

Dane procurou no restaurante por rotas de fuga. Lucien Black queria almoçar com ele. Fabuloso. Como se ele não tivesse merda suficiente acontecendo na vida dele, agora precisava lidar com o misterioso Lucien Black. E ele ainda estava sóbrio; deveria receber uma medalha.

Horace estava apenas terminando a papelada para a acusação de seu pai quando sua secretária o chamou.

— Seu encontro das quatro horas está aqui.

— Mande-o entrar. — Horace se levantou e andou até o armário na extremidade do escritório e serviu para si um Scotch. Após a visita de seu irmão ao seu pai, há algumas semanas, o velho entrou em contato com família Grimaldi, tentando dar um golpe em Nathaniel. Por mais estranhas que fossem as ações de seu pai, o mais perturbador para Horace era que, em seu estômago, ele sabia o que seu pai tentaria fazer. Horace tinha feito um acordo com Pasquale Grimaldi, o menor dos dois males, para montar o caso contra seu pai.

A porta se abriu e ele bebeu todo o conteúdo de seu copo antes de se virar para o visitante.

— Obrigado por ter vindo.

— Estou um pouco inseguro do motivo para me chamar aqui, — disse Lucien, enquanto ele ficava perto da porta, não querendo ir mais longe. Já estivera aqui uma vez e não estava emocionado por encontrar-se aqui novamente. Os escritórios de DA's o deixaram nervoso.

— Este não é um encontro oficial.

Lucien relaxou um pouco, mas ele ainda não se moveu mais para dentro da sala.

— Quer se sentar?

— Não, estou bem aqui.

— Fique à vontade. Eu chamei-lhe aqui porque eu tenho algumas informações que eu preciso compartilhar com você.

Lucien não tinha certeza se gostava de onde isso ia. — Ok.

— É incrível quantas vidas foram alteradas por causa do fim de semana do noivado de Nathaniel. Belinda era apenas uma estudante do segundo ano na faculdade quando lhe disseram que se casaria com meu irmão. Nathaniel é um bom rapaz, mas ele não era material para marido. Belinda parecia assustada e rebelde. Eu não podia culpá-la. Naquele mesmo fim de semana, percebi que a mulher com quem eu queria me casar não me aceitaria. Não era que ela não me amasse, mas o casamento a forçaria a desistir de seu chamado. Ela discutiu sobre isso por mais de um ano e eu realmente pensei que eu estava persuadindo-a, mas ela decidiu que não poderia fazer isso. Eu estava devastado porque eu a amava... ainda o faço.

Ele se virou para Lucien. — Você provavelmente está se perguntando por que eu estou dizendo tudo isso. Eu vou chegar ao ponto. Naquele fim de semana, Belinda e eu compartilhamos nossa dor dormindo juntos. Foi apenas uma vez e sabíamos que tinha sido um erro assim que terminamos. Juramos nunca mencioná-lo e ela voltou para a faculdade.

Ele olhou para baixo como se as próximas palavras fossem quase difíceis demais de dizer. — Eu não sabia que havia uma criança, não até quase três anos depois. Belinda estava se preparando para se casar com meu irmão. Ela não podia aparecer com um filho de um caso breve que ela teve comigo, e sua irmã

não estava preparada para cuidar de uma criança por conta própria.

Olhou para Lucien, que estava em choque, porque estava sendo bombardeado com emoções desacostumado ao sentimento. Lucien sabia que sua voz refletia sua agitação interna quando ele disse: — Continue.

— Eu fui atrás do bebê porque eu o queria. Eu tinha um filho. Eu tinha planejado trazê-lo para casa e cuidar dele, mas então meu pai descobriu sobre ele. Ele ficou louco, jurando todos os tipos de retribuição, e eu sabia mesmo então que ele era capaz de qualquer coisa. Então eu levei meu filho para o único lugar onde eu sabia que ele seria amado, onde eu confiava em quem estaria cuidando dele. Eu o levei para a pessoa que o amaria como se fosse seu, a mulher que não podia casar comigo porque ela tinha sido chamada para cuidar de crianças.

Uma dor em sua garganta quase fez o discurso impossível, mas Lucien conseguiu dizer em um sussurro:

— Irmã Anne.

— Sim.

Ele precisava se mover, precisava se concentrar em algo, porque não tinha certeza do que estava sentindo agora. A irmã Anne estava apaixonada por Horace Carmichael. Horace era seu pai...

Ele parou de se mover e olhou para Horace. — Eu sou um Carmichael.

— Sim

E então outro pensamento o fez quase rir da ironia. — Dane é meu meio irmão.

— Foi o meu pai que enviou esse homem à sua menina todos aqueles anos atrás. Era sua maneira de ser rancoroso por

uma situação que não podia controlar. Seu motivo era me machucar porque meu filho seria uma constante lembrança de que ele, o juiz, não era melhor do que as pessoas que ele prendeu. Foi por isso que ele foi tão intolerante com Dane. Ele não se importou com quem feriu no processo e infelizmente você e Darcy foram um dano colateral. Ele será preso e pagará pelo que fez com Elizabeth e com você.

— Você acha que ele também planejou o sequestro de meu filho?

— O quê? — Horace deu um olhar que Lucien reconheceu porque ele tinha visto algumas vezes no espelho. O homem estava lívido. — Do que você está falando?

— Darcy estava grávida. Disseram-lhe que seu bebê morreu, mas ela descobriu mais tarde que sua mãe foi paga para mentir para ela.

— Como diabos eu não sabia disso? — Horace disse para si mesmo enquanto andava pelo escritório. — Eu gostaria de dizer que não, mas eu estou aprendendo que realmente não conheço meu pai. Onde está seu filho agora?

— Ele esteve sob nossos narizes o tempo todo. Vamos encontrá-lo em breve.

Sua expressão se suavizou. — Eu estou feliz em ouvir isso. Eu gostaria de sentar com você para documentar tudo o que você tem sobre o sequestro e vou ter uma equipe olhando por ele. Se o juiz tiver uma mão sobre isso, será mais um prego no caixão do bastardo.

Lucien enfiou as mãos nos bolsos. — Obrigado.

— Pelo que vale, somos família.

— Agora eu sei por que o juiz estava constantemente me encarando, — disse Lucien.

— Temo que sim.

— Você tem cuidado por mim, não é?

— Como eu poderia não fazer?

— E você recrutou a Irmã Margaret?

— Na verdade, isso foi tudo Anne. Ela amava você como um filho, apesar da minha traição. Você vê, eu não disse inicialmente quem você era, porque eu pensei que eu estava protegendo você, mas não demorou muito para ela descobrir que você era meu. Ela se preocupou com você por causa de sua conexão com minha família. Ela confiava na Irmã Margaret e pediu ao pássaro velho para olhar por você quando ela tivesse ido.

— Irmã Anne era como uma mãe para mim. — Lucien olhou para baixo por um momento porque sentiu um aperto em seu peito novamente. — Se você tivesse que deixar seu filho... — ele olhou de volta para Horace — Você o deixou com a melhor pessoa que poderia.

— Eu deveria ter te criado, mas pelo menos você foi amado como uma criança deve ser amada.

Embora estivesse longe de profundo, um leve sorriso tocou os lábios de Lucien. Ele não tinha sido abandonado depois de tudo. — Eu não sei como ser um filho, mas estou disposto a tentar.

Lágrimas brilharam nos olhos de Horace quando ele disse: — Isso é tudo o que posso pedir.

— Mas eu não vou mudar meu nome de Black.

— Eu teria lutado se você tivesse tentado.

— Você deu a Irmã Anne um medalhão?

A dor tornou a voz de Horace rouca. — Sim.

— E cartas de amor?

— Ela os guardou?

— Sim, eu os tenho, se você quiser.

Havia lágrimas em seus olhos quando ele disse: — Eu gostaria, muito.

***

— Você é uma Carmichael — disse Darcy, deitada ao lado de Lucien naquela noite.

— Não, eu sou um Black. — Ele pressionou um beijo em sua cabeça. — Eu sempre serei Black.

— Black é um bom sobrenome. Eu gosto desse sobrenome, — Darcy disse, mas seus olhos evitaram os dele, como se ela estivesse nervosa, o que não era Darcy. Lucien sorriu.

— Bem, Darcy MacBride, o que você está insinuando?

— Nada.

— Você está pensando em mudar seu sobrenome?

— O quê? — Ela corou, o que só fez seu sorriso aumentar ainda mais. Ele se sentou e se virou para ela.

— Você está me pedindo para me casar com você?

A provocação em sua voz fez Darcy olhar para ele. Para esconder o fato de que ela estava se sentindo um pouco fora do equilíbrio, ela bateu no seu peito. — Não.

— Mesmo? Porque parece que você está pescando uma proposta.

— Eu não estava.

— Ah bem. Está bem, então. — Ele se abaixou de volta para a cama e colocou as mãos atrás da sua cabeça como se não

tivesse um pensamento em sua mente.

— E é isso? Fim da discussão? — Darcy gaguejou enquanto se sentava, puxando o lençol com ela.

— Discussão? Você acabou de dizer que não havia uma. — Ele estava sendo intencionalmente obtuso.

— E você não tem nenhum pensamento sobre nossos últimos nomes? — Darcy podia sentir seu temperamento começar a esquentar.

— Eu acho que MacBride é um grande nome. Por quê? Você não gosta?

— Eu gosto mais do seu, — ela murmurou e começou a sair da cama, mas ele se moveu, puxando-a sob ele, prendendo-a com seu corpo.

— O que foi isso? — Ele perguntou

Ela se recusou a olhá-lo porque ele estava intencionalmente fazendo isso difícil. — Eu não disse qualquer coisa.

— Realmente, eu poderia ter jurado que você disse que gostava mais do meu sobrenome. Sabe?

— Você sabe muito bem que eu amo seu sobrenome e eu quero que ele seja meu também.

— Então você está me pedindo para me casar com você.

— Não!

— Muito bem. — Ele rolou fora e longe dela, e Darcy estava prestes a fazer um comentário depreciativo sobre sua pessoa quando ele se voltou para ela. Em vez de segurar uma pequena caixa de couro, ele estava segurando uma pequena cruz de prata. Ela a reconheceu imediatamente.

— Isso era da irmã Anne.

— No dia em que íamos nos encontrar, eu ia dar isso a

você. Eu queria te dar algo que transmitisse como eu me sentia por você e isso era a única coisa que eu tinha de valor.

Lágrimas encheram os olhos de Darcy, mas nunca deixaram o olhar de Lucien. — Você ia me dar seu colar?

— Era tudo o que eu tinha para te dar.

Ela estava prestes a se atirar em seus braços. Meu Deus. Que gesto. Mas ele a deteve.

— Eu não acabei.

— Desculpe, — disse Darcy, mas ela não conseguia ficar desapontada. Ela estava muito feliz.

— Eu ia dar isso a você como uma promessa, uma promessa de nunca machucar você, para nunca deixar você, para sempre encontrar o meu caminho de volta para você mesmo quando estivéssemos chateados e quiséssemos matar um ao outro. Uma promessa de te amar, enquanto eu respirasse.

Sua mão fechou sobre o colar. — Mas você não apareceu.

— E o que? — E então ela deu um soco nele porque ele a fez chorar novamente com as mais perfeitas palavras.

Ele riu antes de desatar o gancho e segurá-lo em volta do pescoço. — Eu era uma criança, então.

Ele saiu da cama e voltou com uma pequena caixa na mão.

Ele a entregou a ela. Suas mãos tremiam quando ela levantou a tampa para ver a safira, a cor quase a sombra exata de seus olhos, cercada por diamantes.

— Mas o homem que eu me tornei ainda te ama tão desesperadamente como o garoto que eu era. Case comigo, Darcy.

Darcy tinha fantasiado sobre esse momento tantas vezes ao longo dos anos e, sempre foi o momento mais belo e pungente: ele confessa seu amor, ela confessa o dela, e vivem felizes para

sempre. Na vida real, isso não aconteceu exatamente assim.

— Eu vou vomitar, — ela conseguiu dizer antes de tropeçar pelo quarto. O som dela vomitando preencheu o silêncio.

Lucien sentou-se na cama, um pouco atordoado com a virada dos acontecimentos. —Eu posso honestamente dizer que eu não vi isso vindo, — disse para si mesmo.

Darcy apareceu na entrada, e o olhar em seu rosto deixou Lucien preocupado. Para um minuto, ele pensou que ela iria recusá-lo.

— O que está errado?

— Quais são seus pensamentos sobre bebês?

Demorou um minuto e então seus olhos se moveram para seu estômago antes de olhar para ela. — Está falando sério?

— Sim.

Ele se levantou e a beijou. — Você tem que se casar comigo, agora.

— Eu sempre me casaria com você, seu tolo.

— Um bebê.

Ela ficou sóbria por um minuto antes de perguntar: — Você acha que Brandon vai ficar chateado?

— Ele era órfão, então não, eu duvido.

Ele a beijou tão ternamente que lhe doeu o coração. — Nós temos o nosso futuro para pensar, o que inclui crianças, — ele sussurrou contra seus lábios.

— Mais de duas? — perguntou ela.

Ele sorriu para ela. — Quanto mais melhor. — Ele a levantou em seus braços. — E pense em toda a prática necessária.

Ele levou-a para a cama e fez o seu ponto lentamente e com grande atenção aos detalhes.

Capítulo 22

Dane procurou no restaurante por rotas de fuga. Lucien Black queria almoçar com ele. Fabuloso. Como se ele não tivesse merda suficiente acontecendo na vida dele, agora precisava lidar com o misterioso Lucien Black. E ele ainda estava sóbrio; deveria receber uma medalha.

Ele não precisava ver Lucien para saber que ele tinha chegado, já que a maioria das mulheres no lugar virou suas cabeças para olhá-lo. Lucien chegou à mesa e sentou-se sem cerimônia. Dane estava tentado a pedir uma bebida, mas quando solicitou o garçom, ele pediu água.

Para acompanhá-lo, Lucien também pediu. — Obrigado por concordar em se encontrar comigo.

— Sim, tanto faz. Então o que você quer?

— Acho que você não falou com Horace, — disse Lucien.

— Ele só disse que queria falar comigo.

— Bem, pelo visto, somos irmãos.

— O quê? Pare com a brincadeira, essa é horrível.

— Meu pai é Horace, e minha mãe é Belinda. Eles estiveram juntos na noite da festa de noivado infame e eu sou o resultado disso.

— Você não está brincando, está?

— Não. Acredite, eu não estava particularmente feliz ao saber que era seu parente, mas você não pode escolher sua família. Estou disposto a tentar, se você estiver, mas isso sendo dito, se você colocar outro dedo na mulher do meu amigo, eu vou te matar e queimar o seu corpo. Na verdade, vamos abranger para qualquer mulher não disposta. Você me entende?

Dane engoliu.

— Vou me casar em alguns meses e eu gostaria que você estivesse lá.

— O quê? Por quê?

— Você não estava ouvindo? Você é família.

Dane sentiu que sua cabeça estava em um secador; um minuto Lucien ameaçava sua vida e no outro estava convidando-lhe para seu casamento. Merda, ele precisava de uma bebida, mas não pôde evitar sorrir um pouco. Era meio legal ser incluído. Ele não ia deixar o idiota na sua frente saber isso, no entanto, então se esforçou para parecer entediado quando disse: — É, ok.

Um olhar para o Lucien e Dane sabia que ele não estava o enganando. Ele foi gentil o suficiente para não falar disso, e disse: — Vamos comer.

***

— Talvez não seja uma boa ideia. — Brandon parou de andar, o que fez Ember alcançar sua mão para puxá-lo junto.

— Eles são seus pais e você conhece a história, porque você estava nos ajudando.

— Eu sei, mas e se eles ficarem desapontados?

Ember parou de andar para olhá-lo. — Como eles poderiam estar decepcionados com você?

— Eu não sei. Quer dizer, eu venho do nada.

— Assim como eles. — Ela começou, mantendo sua mão na dela e disse: — Deixe-me contar uma história. Uma vez havia um menino e uma menina que se apaixonaram quase desde o

momento em que se viram. Eles planejavam fugir e começar uma vida juntos. Quando ela soube que estava grávida, tornou tudo muito mais mágico, mas outros os separaram. Eles se encontraram novamente após quatorze anos, ainda eram descontroladamente apaixonados como tinham sido quando se conheceram, e, a cereja do bolo, eles encontraram o filho que tinha sido roubado deles. Não é possível para eles ficarem desapontados, porque você é o resultado de seu amor incrível.

Brandon ficou em silêncio por um minuto, embora sua mão apertasse em torno da de Ember. — Isso é muito bobo.

— Sim, foi um pouco, mas cada palavra é verdadeira.

— Eles são como você? — Ele perguntou seriamente.

— Como assim?

— Boba.

— Eu não sou boba.

— Você é um pouco, mas eu gosto de bobo.

— As crianças hoje em dia...

— Obrigado, Ember.

— De nada, Brandon. Agora vamos, sua mamãe e seu papai estão esperando.

***

— Estou tão nervosa que minhas mãos estão tremendo, — disse Darcy, o que imediatamente fez Lucien segurar uma na sua própria. Ele estava em conflito, porque, embora ele estivesse emocionado por ter encontrado o seu filho, era de partir o coração saber que seu filho tinha estado tão perto ao longo dos anos e que

ele não sabia. Cada vez que Lucien tinha visitado St. Agnes ou frequentado o piquenique anual, seu filho tinha estado lá também e ele nunca soube.

Ele colocou esses pensamentos de lado. — É compreensível. Estamos prestes a conhecer o nosso filho. Nosso filho adolescente. — Lucien não podia conter o sorriso. Falar sobre a história se repetindo. Seu filho era o melhor amigo do primo de Trace, e eles viviam em St. Agnes, assim como ele e Trace por um tempo.

— Mundo pequeno. — Lucien disse assim que a porta se abriu e Ember entrou no pequeno restaurante que ela tinha sugerido para a reunião. Brandon estava atrás dela.

— Não se parece com você? — Darcy sussurrou.

— E você.

Eles observaram enquanto Ember e Brandon se aproximaram. Darcy se engasgou com um soluço. — Ele anda igual a você. Não reparei isso da última vez.

Ember sorriu antes de olhar para Brandon. — Brandon, você se lembra de Darcy, e este é Lucien.

— Ei. Prazer te conhecer. — Ele afastou uma cadeira para Ember antes de pegar um menu e se sentar.

— Os hambúrgueres são deliciosos aqui.

Comida era a última coisa na mente de Darcy; ela distraidamente virou os olhos para o menu, mas seus pensamentos estavam todos no rapaz sentado ao lado dela. E então ele disse baixinho: — Não sei como ser um filho, mas estou disposto a tentar.

Os olhos de Darcy alcançaram os dele enquanto lágrimas rolavam pelas suas bochechas. — Isso é tudo o que podemos pedir, — disse Lucien. Seu tom parecia rude, embora Darcy

suspeitasse que fosse porque sua garganta estava tão entalada quanto à dela.

Brandon mostrou-lhes um sorriso que era igual ao de Lucien. — Legal.

***

Lucien e Darcy caminharam atrás de Brandon na colunata ao ar livre no campus da Faculdade Comunitária do Bronx enquanto Brandon estudava os bronzes de americanos famosos. Lucien assistiu seu filho, a palavra tendo uma sensação estranha na sua língua. Ele era uma criança esperta e tinha um amor por todas as coisas velhas. Talvez um dia, sua semelhança estaria aqui também.

— Acho que ele está ficando mais confortável com a gente, — comentou Darcy, puxando Lucien de seus próprios pensamentos.

Ele pegou a mão dela e, quando ela o olhou, ele se inclinou e colocou os lábios por cima dos dela. — Eu também acho.

Tinha maravilha na voz dela. — Ele é nosso filho. Nós o fizemos.

Brandon tinha parado no bronze de Benjamin Franklin. — Você está bem, Brandon? — Lucien perguntou.

— Eu fiz um relatório sobre Benjamin Franklin na escola uma vez. Ele era um cara legal.

— Talvez você gostaria de fazer uma viagem para a Filadélfia. Podemos visitar o Instituto Franklin, Independence Hall, o Liberty Bell, — Lucien ofereceu.

Os olhos de Brandon se iluminaram. — Poderíamos?

Lucien se sentiu no topo do mundo por ver a emoção arder nos olhos de Brandon. Ele faria qualquer coisa por esse garoto. — Absolutamente.

E então Brandon pareceu moderado. Foi com preocupação que Lucien perguntou: — O que há de errado?

— Não devo ocupar todo o seu tempo.

— Por que não? — Darcy perguntou.

Ele pareceu tão jovem quando ele virou seu olhar sobre eles. — Porque vocês têm uma vida sem mim.

— Não por escolha. Você é nosso filho e nós o queremos em nossas vidas. — A voz de Lucien era gentil, mas repleta de convicção.

— Eu não estou estragando seu estilo?

— Nunca, — Darcy disse enfaticamente.

— Eu gosto de passar tempo com vocês. — As palavras de Brandon eram quase um sussurro.

— O sentimento é mútuo.

***

— Não estou certa sobre isso, — disse Darcy para Lucien enquanto subiam os degraus da frente de St. Agnes.

— Vai ser divertido.

— Divertido? Acho difícil.

Assim que a porta se abriu, o aroma de limpador de limão trouxe uma onda de lembranças para Darcy. Brandon já ia descendo as escadas com o Seth.

— Vou te escrever e então podemos começar. Seth vai jogar também.

— Eu posso só assistir, — disse Darcy.

Brandon deu-lhe um sorriso que era tão parecido com o de Lucien, que sentiu que bateu no centro do peito. — Não há nenhuma maneira que você vai apenas assistir. — Arrogante como o pai dele também.

Darcy e Lucien tinham passado quase todos os dias com Brandon, levando-o para museus, estátua da liberdade, o Empire State Building. Era turístico, que foi por isso que Darcy e Lucien estavam chocados ao saber que Brandon nunca tinha visto a estátua da liberdade ou o Empire State building. Eles foram ver alguns filmes, mas hoje foi à escolha de Brandon. Darcy foi surpreendida quando ele convidou-os para St. Agnes para uma maratona de matar zumbi. Darcy não era muito de jogos e certamente não aqueles que envolviam matar zumbis, mas era o dia dele, então aqui estava. Lucien, por outro lado, parecia animado com a perspectiva de estourar os miolos de mortos-vivos.

Darcy estava feliz em ver que Seth estava se juntando a eles. Ele iria morar com Trace e Ember uma vez que a papelada da tutela fosse aprovada. Darcy e Lucien estavam no processo de adoção de Brandon, mas isso iria demorar algum tempo. Era bom que os rapazes tinham um ao outro, enquanto os adultos navegavam através da papelada legal. Eles pisaram na sala de mídia. Era um quarto monótono com móveis desgastados e pisos riscados, mas a tela plana era nova. Darcy tomou um assento e observou enquanto Brandon configurava a máquina.

— Todos nós podemos jogar. Eu vou te dar um rápido resumo do jogo e então começamos.

Darcy cruzou as pernas e sorriu. Como se ela fosse jogar.

***

— Darcy, estamos com fome. Vamos comer alguma coisa. — Havia humor na voz de Lucien, mas Darcy mal registrou porque estava no meio de uma manada de coisas mortas.

— Depois que eu matar esses.

— Você disse isso meia hora e dois níveis atrás, — disse Brandon.

— Mais cinco minutos, — Darcy gritou enquanto ela pegou dois zumbis com um único tiro. — Tomem isso, otários.

— Talvez devêssemos apenas pedir algo, — Lucien sugeriu.

Darcy imediatamente respondeu: — Sim, isso é uma boa ideia.

***

Darcy estava na cozinha fazendo a massa para a torta que ela estava preparando para a sobremesa. Ela estava fazendo o jantar para Lucien e Brandon no apartamento dela. Ela ia morar com Lucien, mas queria que Brandon visse o que tinha sido dela por tanto tempo – para compartilhar um pouco do seu passado com ele.

Ela ouviu os passos antes da voz de Brandon preencher o silêncio. — Podemos ajudar?

Ela virou-se para ver o pai e o filho de pé dentro de sua

cozinha pequena e parecia certo vê-los lá.

— Eu estou quase acabando.

— Essa pintura que você tem na sala de estar, há uma igual em St. Agnes, — disse Brandon.

— A do St. Agnes era a pintura da irmã Anne, — Lucien respondeu.

Brandon de repente teve um interesse no sapato dele. Sua cabeça estava para baixo, o que tornou mais difícil de ouvir suas palavras. — Eu costumava olhar para essapintura e imaginar sobre a minha mãe e meu pai. Eu tinha criado inúmeras desculpas por que me deixaram para trás. Como eles estavam fazendo o que era melhor para mim. Ele levantou sua cabeça e um fantasma de um sorriso tocou seus lábios. — É uma loucura que a realidade é ainda mais diferente do que a minha imaginação.

Darcy desatou a chorar. Ela viu Lucien caminhar para ela, mas foi Brandon quem chegou primeiro.

— Desculpe, eu não quis te fazer chorar.

Darcy abanou a cabeça e tentou recolher-se. Depois de um minuto, ela limpou os olhos com uma toalha de papel. — Não é isso. Eu pendurei aquela pintura porque me lembrava de você e seu pai. De alguma forma, os dois pareciam mais perto de mim quando eu olhava para ela. Pensar que você fazia o mesmo me faz feliz e triste ao mesmo tempo.

Brandon pareceu hesitar um minuto antes de perguntar muito suavemente: — Posso chamar você de mãe?

Darcy levantou sua cabeça quando lágrimas derramavam pelo seu rosto. – Eu amaria que você me chamasse de mãe.

E então Brandon puxou-a para os braços dele e a abraçou forte. — Não chore, mãe.

Os braços dela envolveram em torno dele e ela saboreou o momento que ela acreditava que só se tornaria realidade em seus sonhos. Depois de um minuto, Brandon deu um passo para trás e olhou para Lucien. Não precisou perguntar e Lucien respondeu por sorrir.

— Seria uma honra.

O sorriso de Brandon cobriu seu rosto e então ele disse: — Pai e eu temos um presente para você.

O olhar de Darcy foi de Brandon para Lucien e de volta novamente. Ela não escondeu o seu entusiasmo. — É mesmo?

— Um Xbox e Resident Evil.

Darcy pegou uma palavra da cartilha do filho quando ela respondeu: — Legal.

***

Trace assistiu Ember ficar pronta para dormir, levando uma barriga muito redonda. Ela estava grávida de oito meses e, embora estivesse cansada o tempo todo, ela estava linda. Os olhos dele mudaram-se mais alto para os seios dela e ele não pode deixar de sorrir porque só Ember iria queixar-se de seios ficando maiores. Ele não sentia o mesmo. Na verdade, ele estava tentado a colocar suas mãos e lábios sobre os seios magníficos, mas aquilo o deixaria louco e ele gostaria de terminar o que começou. Ele estava evitando o sexo até o bebê nascer. Ember não entendia, dissera-lhe repetidamente que era perfeitamente seguro, mas ele não queria correr riscos.

Em sua última visita, os médicos disseram que as

proteínas estavam o mais próximo ao normal que tinham estado durante toda inteira gravidez, assim como a pressão arterial. O bebê estava em boa posição, o útero parecia grande, e eles estavam confiantes de que o parto seria perfeitamente comum. Ele estava feliz com a notícia, mas ele ainda não ia arriscar fazendo sexo. Ele sabia que ele estava sendo ridículo, mas ele não se importava. Esperar era bom; significava que quando eles estivessem juntos novamente seria muito explosivo.

Ember olhou sobre ele, e o sorriso que se transformou em uma carranca deixou claro que ela sabia o que ele estava pensando.

— Você está sendo bobo, Trace.

Ele andou até ela e passou os lábios nos dela. — Depois que o bebê nascer, você terá de me espantar.

— Promete?

— Absolutamente.

— É melhor assim; de qualquer forma não me sinto particularmente sensual.

Seus olhos moveram lentamente sobre ela antes dele olhar para ela. — Por que você acha que ultimamente tenho tomado tantos banhos?

Ela levou um minuto, mas ele viu quando a compreensão moveu-se sobre suas características. — Você está aqui... — Ela fez um gesto com a mão dela porque ela não conseguia dizer a palavra, o que era ridículo, tendo em conta a vida sexual deles, mas muito adorável.

— Eu me masturbo quatro, cinco vezes por dia, Ember.

— Por quê?

— Porque eu a quero.

— Então me tenha.

Ele sorriu, mas desvaneceu-se antes que dele dizer: — Eu quero mais você saudável e inteira.

— Estou bem, Trace.

— Eu sei, e não vou fazer nada para mudar isso. — Ele beijou os lábios dela novamente. — Você está com fome?

— Eu estou.

— Eu vou fazer alguma coisa para você.

— Algo achocolatado.

— Com certeza, querida.

Ele só alcançou a porta quando ela disse: — Obrigada por se preocupar tanto.

— Isso é como me agradecer por respirar, — ele disse quando olhou para ela por cima de seu ombro.

Ela foi para a cama e tropeçou. Ele correu em direção a ela.

— Ember.

Os olhos dela levantaram para os dele, mas eles estavam vidrados; seus lábios se separaram, mas ele não podia ouvir o que ela disse antes dela apenas cair.

Ele tentou alcançá-la, mas a cabeça dela bateu na cômoda antes dela cair no chão como uma boneca de pano, e então o corpo dela começou a convulsionar.

Trace não sabia que ele estava gritando até Chelsea aparecer na porta. Seu olhar de horror combinado com o seu próprio.

— O que há de errado com ela? — Trace já estava ao lado de Ember com o lençol na mão enquanto tentava estancar o fluxo de sangue da ferida da cabeça.

— Ligue para 911, Chelsea, ligue agora!

Os olhos de Ember estavam brancos, a íris tinha rolado na

parte de trás da cabeça. O corpo dela tremia violentamente, ele temia que ela fosse quebrar alguma coisa, mas felizmente os tremores começaram a diminuir.

— Ember, querida, acorde.

Ela não abriu os olhos. Ela não respondeu a ele de alguma forma, e então ele notou o sangue entre as pernas dela.

— Eles estão vindo, — Chelsea disse da porta antes que ela se mexesse para juntar-se ao Trace.

— O que está acontecendo com ela?

Ela estava morrendo. Essa foi a resposta imediata de Trace. Ele ia ser forçado a assistir enquanto sua esposa sangrava até a morte na sua frente. Ele ainda estava fazendo pressão no corte da cabeça dela, quando os paramédicos chegaram. Trace ainda não tinha ouvido a campainha.

— Eu assumo daqui, — disse um dos paramédicos, ele correu para o quarto e ajoelhou-se ao lado de Trace, substituindo o lençol com um pano estéril da bolsa dele.

— O pulso está fraco e a sua respiração é superficial. Prepare o saco para ela.

E depois as próximas palavras do paramédico despedaçaram Trace.

— Eu não tenho pulso.

***

Trace ligou para Lucien do hospital. O amigo atendeu ao primeiro toque.

— Está na hora? — Lucien perguntou.

— É Ember; ela está no hospital.

— Trace, o que está errado? Ela vai ter o bebê?

Suas próximas palavras estavam quebradas. — Eu preciso que você venha.

***

Trace não notou quando seus amigos chegaram às portas do ER, porque ele estava selvagem com sofrimento.

— Onde está minha esposa?

A enfermeira estava no telefone e apontou o dedo para Trace, sinalizando que ela precisava de mais um minuto ou dois enquanto ela continuava sua conversa.

Ele bateu suas mãos para baixo no balcão tão forte que soou como um tiro.

— Cadê minha mulher?

— Eu terei que te ligar de volta. —As mãos da enfermeira sacudiram quando ela colocou o receptor no lugar.

— Quem, senhor?

— Ember Montgomery.

— Os médicos estão com ela.

— Onde? Eu quero vê-la.

— Você não pode, —disse a enfermeira, tentando ser firme.

Lucien caminhou até Trace. — Ela está certa. Você quer que os médicos estejam completamente focados em Ember. Você só irá distraí-los.

Trace passou a mão pelo cabelo e sentiu-se perder o controle. Ele olhou para a enfermeira. — Você pode me dizer como

ela está? O que está acontecendo?

Ele sabia que ela podia ver a profundidade do seu desespero. Ela ficou parada. — Eu não sei, mas vou entrar e ver o que descubro.

Ela caminhou vigorosamente pelo corredor.

— O que diabos aconteceu? — Lucien exigiu.

Sua dor e medo estavam consumindo-o. Ele quase não reconhecia a sua própria voz. — Ela morreu. Por quase um minuto ela se foi. — Ele tinha visto Ember morrer. A visão o assombraria para o resto de sua vida.

— O quê? — A palavra foi arrancada da garganta de Darcy em um soluço.

— Ela estava se preparando para dormir. Ela tropeçou antes de cair no chão, ela bateu a cabeça na borda da cômoda... — seus olhos estavam cheios de lágrimas — E ela simplesmente desmaiou e então o corpo dela começou a ter convulsões. Eles estão mais preocupados com a ferida na cabeça, pode haver trauma cerebral. — Ele precisava de um minuto para lutar por controle antes dele acrescentar: — Ela estava sangrando muito entre suas pernas. Os paramédicos disseram que pode ter rompido a placenta quando ela caiu.

A enfermeira voltou e ela parecia tão solene que Trace imediatamente pensou o pior.

— O ataque foi provocado por eclampsia, então estão fazendo o parto.

— Não é cedo demais? — Darcy perguntou.

— Os médicos terão de te dizer isso; desculpa.

Trace andou até o canto mais distante da sala de espera, inclinou-se contra a parede e abaixou a cabeça.

***

Durante a próxima hora a sala de espera encheu e, apesar de ser uma sala sem cadeiras, as vozes eram apenas um leve zumbido. Através de tudo, Trace ficou sozinho no canto.

A cabeça de Trace levantou quando o pai de Ember se aproximou. — Como ela está?

— Não há nenhuma palavra ainda.

— Ela vai superar isto. Você conhece Ember, ela é obstinada.

A sala estava tão silenciosa que as próximas palavras de Trace penduraram no ar assustadoramente: — Não posso viver sem ela.

— Você pode. Acredite em mim, filho, você pode, mas você não vai precisar.

***

Duas horas depois de Ember ser trazida para a cirurgia, Dr.ª Cole saiu para a sala de espera. — Trace?

Ele levantou a cabeça e mexeu-se para ela. — Sim.

— O bebê está bem, algumas semanas mais cedo, mas ela é muito forte.

— E Ember?

— Ela perdeu muito sangue e, infelizmente... — Ela olhou para o gráfico antes de voltar o olhar ao seu. — Sinto muito, mas

tivemos que fazer uma histerectomia completa para parar o sangramento.

— Ela está bem? — Trace exigiu.

— O ataque foi causado por eclampsia e não é incomum para o paciente entrar em coma. No entanto, com o golpe que levou na cabeça dela, não temos certeza se o coma é da eclampsia ou se é um resultado de trauma cerebral. Se o trauma para o seu cérebro foi significativo o suficiente para deixar seu inconsciente...

— O que, droga?

— Bem, há uma possibilidade, embora improvável, que ela nunca poderá recuperar a consciência. As próximas seis horas são críticas.

— Se ela não acordar dentro de seis horas?

— Há casos raros que a pessoa pode estar em coma durante dias e se recuperar totalmente, mas, como eu disse, isso é muito raro. — Dr.ª Cole alcançou a mão de Trace. — Ember é jovem e forte. Ela vai superar isto.

— Posso vê-la?

***

Trace andou pelo longo corredor, mas não viu nada, não ouviu nada. Os pés dele se mexeram, mas não sabia como. Quando chegou ao quarto, ele ficou do lado de fora por um momento, lutando contra o que passava dentro dele. Ele precisava ser forte por ela, mesmo ele se sentisse como se estivesse sendo rasgado, o corpo dele sendo eviscerado pelas palavras do médico.

Parecia que ela estava dormindo. O cabelo tinha sido lavado, e ele pensou que merda, mesmo que ela pudesse estar perdida para sempre, o cabelo dela tinha sido lavado. Mudou-se para a cadeira ao lado da cama e alcançou a sua mão, quando ele sentiu o seu calor, uma lágrima deslizou por sua bochecha porque temia que estivesse fria.

— Nós temos uma filha. Você precisa acordar, querida, para que possamos conhecê-la juntos. Todos estão aqui, esperando para comemorar com a gente, mas você precisa acordar primeiro. Eu sei que você está cansada, amor, você está tão cansada, mas pode dormir mais tarde e eu vou segurar você pelo tempo que você precisar. Mas agora, preciso que abra os olhos para que eu possa ver dentro de você. Eu preciso ver dentro de você, Ember.

Ele descansou a cabeça na barriga e suas próximas palavras rasgaram de sua garganta com sua angústia. — Por favor, não me deixe. Você me prometeu para sempre.

***

Lucien sentou—se na sala de espera com Darcy enrolada no colo dele, porque não havia outro lugar disponível; as pessoas estavam no chão, encostadas na parede. Todos que Ember conhecia, que tinham sido tocados por ela de alguma forma, estavam aqui, incluindo Lena e Dane. Brandon e Seth estavam trazendo comida e café para as pessoas. Kyle estava se informando regularmente com as enfermeiras e passando adiante qualquer notícia. Rafe estava passando caixas de lenços,

reconfortando enquanto sendo confortado. Charles Michaels ficou com Horace e Nathaniel, todos silenciosamente à espera. Lucien não conseguia colocar em palavras como sentia vê-los lá, sabendo que os Carmichael nem sabiam quem era Ember; mas Lucien agora fazia parte de sua família, e Ember fazia parte da dele.

Lucien não podia imaginar o que Trace estava passando, mas quase quebrava ao pensar sobre Darcy, passando o mesmo que isso sozinha.

Trace iria sobreviver à perda de Ember. Ele tinha amigos e família que iriam ajudá-lo, mas por que diabos ele precisava? O pai de Ember, Shawn, finalmente convenceu Trace a ir ver o bebê, e Lucien sabia que ele nunca esqueceria a visão por quanto tempo ele vivesse. Ele tinha seduzido as enfermeiras a deixá-lo ir para a UTI neonatal com Trace, então ele poderia estar com seu amigo. E ver Trace segurar um bebê tão pequeno, observar as lágrimas escorrerem pelo rosto do seu amigo enquanto ele olhava para ela, Lucien sabia o que Trace estava pensando, como se estivesse dizendo isso em voz alta. Se Ember morresse, o bebê era tudo o que ele teria dela. Não era certo.

***

Ember tinha estado em coma por cinco horas. Exceto para ver sua nova filha, Trace nunca deixou o lado dela, segurando a mão dela e exigindo que voltasse para ele. Lucien realmente não queria pensar sobre o que iria acontecer, mas talvez eles precisassem. Ele olhou para Trace, que estava à espera de ver Ember enquanto as enfermeiras estavam com ela, verificando-a.

Ele parecia perdido.

— Eu vou esperar com Trace, — ele disse para Darcy quando a levantou do colo dele, mas ele parou um pouco. — Você está em um hospital.

— E minha opinião deles não melhorou, — ela disse tristemente. — Você devia levar-lhe um pouco de comida? Não acho que ele comeu.

— Boa ideia. Pode pedir para Brandon trazer um sanduíche?

— Eu vou.

Lucien beijou a boca de Darcy, e eles demoraram sobre o beijo, com o coração partido por seu amigo e grato um pelo outro. Ele não disse nada quando se inclinou na parede ao lado de Trace. Ele conhecia seu amigo bem o suficiente para saber que, se ele precisasse falar, ele o faria.

— Ela se parece com Ember, — Trace disse suavemente.

— Ela é linda.

Trace olhou para seu amigo, e a visão de seu desespero rasgou Lucien. — Não posso fazer isso sem ela. Maldição, eu estava bem antes dela entrar na minha vida. Eu aprendi a ficar sozinho e, então ela veio empurrando o seu caminho em minha vida e, maldição, como eu faço para voltar?

— Você não volta. Você não pode porque, mesmo se perdermos Ember, ela deixou um pedaço de si mesma com você. Ela vai estar sempre contigo, Trace, e sei que pode não ser da forma que você quer e, acredite, eu entendo, mas ela estará sempre com você.

Trace pendurou sua cabeça e sua voz quebrou quando ele disse: — Não é suficiente, nem de perto suficiente.

***

Dois dias depois que Ember foi trazida para o ER, Trace ficou no canto da sala de espera com Lucien e Rafe. Quando Lucien olhou para seu amigo, ele sabia que ele estava começando a perder a esperança.

Como alguém se prepara para isso? Como alguém recolhe os pedaços e continua quando uma parte deles se foi? Chelsea estava inconsolável, chorando no ombro de Seth, não inteiramente compreendendo porque Ember não acordava.

O que deve ter sido um dos momentos mais felizes em todas as suas vidas era algum pesadelo fodido, um pesadelo que Lucien sabia que iria assombrar Trace para o resto de sua vida.

Trace falou de seu canto, — Fiquei com tanto medo da gravidez, com medo que se algo acontecesse a Ember, eu me perderia, recuar naquele buraco com meus demônios, mas ela me mudou. Por mais difícil que seja, posso viver uma vida sem ela; eu posso ser pai da nossa filha sozinho... — Havia lágrimas em seus olhos quando olhou para cima para Lucien. — Eu posso fazer isso por causa dela. Nós somos seu legado, eu e a minha filha.

O momento foi abalado quando um alarme disparou pelo corredor em direção ao quarto de Ember. Trace estava correndo pelo corredor e para fora da parede e Lucien tinha acabado de chegar quando Dr.ª Cole virou-se para Trace, chorando.

Trace tropeçou, caindo na parede enquanto lágrimas escorreriam pelo seu rosto. Angústia enchia sua expressão, a visão tão crua e comovente que Lucien nem percebeu que ele estava chorando até que ele não podia mais ver a médica. E então ela disse: — Ela está acordada.

A cabeça de Lucien voltou para Trace que estava olhando para o médico, mas claramente não ouvia. A médica sorriu mais, — Ela está acordada e perguntando por você.

Os médicos limparam o quarto e, por algumas horas, Trace apenas segurou a mão de Ember enquanto ela ia e voltava a ter consciência. Quatro horas depois que ela acordou, seus olhos abriram e ficaram abertos. Ele viu quando ela se concentrou porque um sorriso tocou seus lábios. Se ele não estivesse sentado, ele teria caído de joelhos em sinal de gratidão. Ele beijou a boca dela e depois só ficou olhando em seus grandes olhos castanhos.

Sua voz era rouca e quase em um sussurro quando ela perguntou: — O que você está fazendo?

— Vendo dentro de você. A mão dele não estava estável quando afastou uma mecha de cabelo do rosto dela. — Eu quase perdi você. Não posso lhe dizer o que senti.

— Eu...

Mas Trace não a deixou falar. — Eu preciso dizer isso. Tive tanto medo que eu fosse perder você, que sem você eu me tornaria o cara horrível que eu costumava ser. Mas você me mudou, você está dentro de mim, e não consigo encontrar palavras para dizer o que isso significa para mim, apenas para dizer obrigado. O dedo dele passou sobre os lábios dela. — Obrigado por não desistir.

Ele limpou as lágrimas que rolaram pelo seu rosto antes de beijá-la, suas lágrimas salgadas persistentes na boca.

— Eu te amo, — ela sussurrou.

— Amor, querida, não é uma palavra forte o suficiente.

Ela virou a cabeça e pressionou um beijo na palma da mão dele. Seus olhos estavam tristes quando ela olhou para ele.

— Eu não posso mais ter filhos, posso?

— Nós temos uma filha.

A visão de sua mágoa machucou-se, enquanto silenciosas lágrimas escorreriam pelo seu rosto. De alguma forma ela conseguiu perguntar através de suas lágrimas: — Você a viu?

— Ela parece com você.

— Já deu um nome dela?

— Eu estava esperando por você, mas eu tenho um nome, se está tudo bem com você.

— Qual?

Ele tocou o rosto dela. — Todos disseram que eu precisava ter fé que você voltaria para mim e assim, parece apropriado que nossa filha seja chamada de Faith.

— Há alguém aqui para vê-la. Ember olhou além de Trace para ver o pai na porta e em seus braços um pacote pequeno. Atrás de seu pai estava seu tio, Chelsea, Lucien e Darcy, Rafe e Kyle, e até mesmo Brandon e Seth estavam lá.

Shawn atravessou o quarto e colocou o bebê nos braços do Ember. Trace observou o rosto de Ember enquanto ela olhava para a filha pela primeira vez. A dor ainda estava lá, mas pelo esplendor da expressão dela, ele sabia o que ela estava sentindo, porque ele tinha sentido isso também. Ele passou o dedo em todo o rosto da filha. Pensou que não havia espaço, mas seu coração inchou a olhar para sua filha. A sua filha. Ele temeu que se tornaria pai, mas olhando para seu rosto doce e inocente, ele sabia que ele não era nada parecido com ele. Ele lutaria contra exércitos em todo o mundo por ela; ele andaria direito ao inferno e brigaria com o próprio diabo por sua filha.

— Ela é linda, não é? — Ember disse suavemente.

— Ela se parece com a mãe dela.

As lágrimas que ainda estavam frescas nos olhos dela

começaram a cair deixando linhas em suas bochechas, mas ela parecia não notar.

Os olhos dela olharam para ele. — A nossa filha.

— Qual é o nome dela? — Brandon perguntou.

Ela alcançou a mão de Trace e eles compartilharam um momento antes dela dizer: — Faith Amanda Montgomery.

Capítulo 23

Darcy sentou em seu escritório, mas seus pensamentos estavam em Trace e Ember. Ember estava mais forte a cada dia e, embora Darcy soubesse que sua amiga estava com o coração partido que ela nunca teria outro filho, ela tinha Faith e Trace. Era uma visão bonita, ver os três juntos, sabendo quão perto Trace esteve de perdê-la.

Os pensamentos dela voltaram-se para o filho dela. Era apenas outra reviravolta para o conto de que eles só tinham se encontrado com ele porque ele tinha trabalhado com Ember. Era incrível para ela como tantas vidas poderiam ser entrelaçadas, especialmente em um lugar tão grande como Manhattan. Pensando nisso, ela se perguntava: se tinha sido uma coincidência Brandon trabalhar na sede de campanha dos Michaels?

Ela tinha pensado muito nisso durante as semanas desde a reunião com o Brandon, e finalmente sua curiosidade sobre se Charles trouxe intencionalmente Brandon em suas vidas a fez querer falar com ele. Se ele tivesse feito isso, ela precisava agradecê-lo, porque tinha finalmente os unidos. Ember tinha dito que ele ainda mantinha a sede enquanto ajeitava algumas últimas coisas. Darcy tinha chamado e explicado quem era, e ele foi muito receptivo a falar com ela no mesmo dia. Ela ia se encontrar com Lucien e Brandon em Clover, mas não tinha que estar lá por uma hora.

A sede estava vazia. Aparentemente todo mundo ia embora ao mesmo tempo em que Ember e Brandon. Havia uma luz nos fundos onde ela presumiu que era o escritório de Charles.

— Olá. Tem alguém aqui?

Ela caminhou em direção ao escritório e ouviu o que parecia ser uma briga, mas antes que pudesse reagir de qualquer forma, a porta abriu e de lá saiu uma mulher vestida a rigor. Ela apontou uma arma para Darcy.

Parte de Darcy estava convencida de que estava imaginando a cena bizarra, que se encontrava. O olhar dela mudou-se para trás da mulher para ver Charles Michaels desmaiado no chão, e imediatamente temeu o pior. Seu primeiro instinto foi correr, mas a mulher parecia fora de controle, às mãos tremiam enquanto ela apontava a arma para Darcy. Darcy temia que se assustasse a mulher, poderia fazêla apertar o gatilho.

Ela perguntou, com medo de ouvir a resposta: — Ele está morto?

— Não.

— O que você fez com ele?

— Só bati-lhe na cabeça.

Ela parecia muito calma para alguém que apenas tinha deixado um homem inconsciente e agora estava apontando uma arma para uma completa desconhecida. O medo de Darcy atrapalhou um pouco, e as palavras dela foram entrecortadas quando ela perguntou: — Quem é você?

— Oh, desculpe. Olá, sou a Vivian. A esposa dele.

Ela parecia uma mãe PTA, então por que diabos ela tinha uma arma?

— Você sabe que tem uma arma apontada para mim, certo?

— Sim, sinto muito. Coisa horrível, não?

— Por que não abaixa isso?

— Não tenho certeza em quem posso confiar.

— Talvez você devesse começar pelo início? — Darcy sugeriu.

— Boa ideia. Heidi... Você conhece Heidi?

— Sim.

— Bem, Heidi ficou grávida do filho dele.

— E ela começou a chantagear, — Darcy ofereceu.

Surpresa cobriu o rosto de Vivian. — Sim. Há quase dois anos estávamos sendo mantidos reféns por sua ganância. Eu queria sair sob seu controle, mas não sabia como fazê-la parar. E então um dia fomos abordados por alguém que me ofereceu uma solução.

Sarcasmo pingava das palavras de Darcy. — Deixe-me adivinhar. Raptar um bebê?

— Exatamente. Olhando para trás agora, foi mais que estúpido concordar com esse plano, mas eu não estava pensando claramente: medo e minha própria ganância confundiram meu julgamento.

— Foi Jonathan Carmichael, quem procurou vocês, não foi?

Darcy não perdeu o olhar de suspeita no rosto de Vivian. — Como você sabe disso?

— Foi meu bebê que ele levou.

— Oh meu Deus. Eu queria devolvê-lo para você, mas eu tinha medo de ir para a cadeia. Não entendi porque ele fez isso, mas ele ficou muito feliz em separar você de seu bebê. Ele nunca quis tirar o bebê da Heidi; ele mentiu para mim e me fez sua cúmplice e então me ameaçou para manter meu silêncio sobre o sequestro, ou iria vazar para a imprensa, o que teria destruído a carreira política de Charles. — Lágrimas encheram os olhos da Vivian. — Eu tentei não pensar em você e como o que tínhamos

feito tinha mudado todas as suas vidas. Eu sinto muito.

Darcy não queria absolver a mulher. Em vez disso, ela perguntou: — Como é que Heidi está ligada a isso?

— Eu acho que foi Jonathan que disse para Heidi do sequestro, mas eu não acho que foi para me manter na linha. Tive a sensação de que era para distraí-la. Eu acho que ela estava ficando perto de descobrir algo que ele não queria que fosse descoberto, então armou para mim e deu a Heidi mais vantagem sobre Charles e eu.

Bem, isso era bem verdade. Heidi deve ter descoberto sobre Jonathan e Elizabeth e de alguma forma percebeu que Jonathan era seu assassino.

Vivian continuou: — A noite que Heidi morreu eu fui vê-la. Telefonei e exigi uma reunião. Nós lutamos. Não quis matá-la. Eu queria matá-la, mas não acho que eu bati nela forte o suficiente, e então eu ouvi no noticiário que ela estava morta. Entrei em pânico; quero dizer, Charles estava tentando concorrer para o Senado, e aqui estou eu, traçando sequestros e no meio de um assassinato. Pensei em me entregar, mas isso ainda refletiria mal em Charles. E foi quando ele me ligou.

— Quem te ligou?

— Eu não sei. Ele disse que iria limpar minha bagunça, mas isso iria custar-me. Dez mil por mês. Quero dizer, não tenho tanta grana e não podia tirar aquele montante da nossa conta sem Charles saber sobre isso.

— Então você contou tudo para Charles, — Darcy terminou.

— Heidi tinha estado no escritório de Charles algumas vezes para ameaçá-lo sobre meus deslizes, incluindo minha tentativa fracassada de sequestro, mas eu compartilhei com ele

minha parte no seu assassinato. Ele tem tentado fazer a coisa certa desde então. Meses ajeitando o que me levou anos para tão regiamente estragar.

— Então, ele trouxe Brandon aqui intencionalmente.

Vivian parecia confusa. — Brandon, aquele é seu filho?

— Sim.

— Então você o encontrou?

— Só porque seu marido colocou Brandon no mesmo círculo social que Lucien. — Charles Michaels parecia ser um homem decente. — Por que o deixou inconsciente então?

— Ah, isso. Não sabia que era ele. Eu pensei que era o chantagista. Ele me ligou e me disse para encontrá-lo aqui.

Pavor deslizou pela coluna de Darcy quando uma voz falou acima das sombras. — Você não deveria ter feito isso, Vivian, porque agora eu vou ter que matá-la também.

Foi uma emoção completamente inadequada para estar sentindo, mas naquele momento Darcy ficou furiosa. Ela virou os olhos para o homem e perguntou: — E quem diabos é você?

— Eu sou um amigo da família. Ele se aproximou para que Darcy pudesse ver seus olhos avelã-verde. — Sou Todd.

***

Lucien checou o relógio pela sexta vez. Darcy estava quase uma hora atrasada.

— Onde você acha que ela está? — Brandon perguntou.

— Eu não sei. Ela teria ligado se fosse se atrasar.

Ele pegou o seu telefone e ligou para ela, mas foi

imediatamente para o correio de voz, então ligou para Allegro. Tara tendeu.

— Tara, você viu Darcy?

— Ei, Lucien. Não por um tempo. Ela saiu daqui há cerca de duas horas.

— Ela disse onde estava indo?

— Sim, ela disse que ia encontrar com você e seu filho. Isso é muito legal, chefe, que o encontrou e estão todos juntos agora.

Ele não quis ser lacônico, mas com cada minuto que passava, estava ficando mais e mais preocupado.

— Nenhum outro lugar?

— Oh, espere. Ela perguntou se eu sabia onde ficava o escritório do Senador. Você sabe, aquele que saiu da corrida?

— Obrigado. — Lucien desligou. — Você sabe o número do escritório de Charles? — Ele perguntou para Brandon.

— Não, mas poderíamos procurar no google.

Lucien ligou para o número, mas havia sinal de ocupado. Quem tinha sinal de ocupado ainda? Ele olhou por cima para Brandon. — Você sabe como chegar a este escritório, certo?

— Sim.

— Vamos lá.

***

Darcy parecia estar em uma cena de filme de terror ruim. Ela queria que o diretor dissesse corta e que terminasse a cena. Ela iria renunciar ser atenciosa e em vez disso ir diretamente para

onde ela queria estar.

Lucien e Brandon estavam esperando por ela. Ele viria procurá-la, ou ia ficar chateado e supor o pior porque ela se atrasou novamente?

Com o choque de ver Todd, Vivian tinha deixado cair à arma dela, o que era ruim, mas ficou pior quando Darcy percebeu que Todd estava com uma.

Vivian estava chorando baixinho, mas sem lágrimas, provavelmente porque iria estragar a maquiagem perfeitamente aplicada. Todd estava andando como se não tivesse realmente pensado o resto do seu plano.

— Qual é o plano, Todd? Eu tenho que lhe dar crédito, aquilo foi bem feito.

— Cala a boca.

Darcy sabia que devia estar em choque, porque estava se comportando de maneira irracional; mas mesmo sabendo disso, ela não podia parar de provocar o homem.

— Como planeja tirar todos nós daqui? Ou vai apenas nos matar aqui no mesmo lugar que você está suando em bicas? Não me preocuparia com DNA ou qualquer coisa. — Ela revirou os olhos.

E então percebeu o que estava dizendo; na verdade, ela desejava que estivesse com alguém que sabia exatamente como se desfazer de seus corpos. Tática ruim, então mudou.

— Você não fez nada errado. Então você poderia nos deixar ir.

A risada dele estava do lado errado da loucura. — Não fiz nada errado. Eu matei aquela vaca, Heidi.

O comportamento de dama de Vivian se foi, soando como um motorista de caminhão.

— Você a matou? Você me chantageou todo esse tempo, e você a matou?

— Ela estava me chantageando, sugando meu dinheiro. Peguei o dinheiro do trabalho que eu não deveria ter pegado e então perdi no jogando. Eu ia pagá-lo, mas cometi o erro de mencioná-lo para Heidi.

Darcy saltou sobre isso. — Como a conhecia?

— Conheci-a através de Dane.

Estava claro para Darcy que por conhecê-la, Todd quis dizer no sentido bíblico. — Então uma pequena conversa de travesseiro e encontrou sendo chantageado.

— Isso é muito baixo, mesmo para a Heidi, — disse Vivian. Darcy teve que concordar com a Vivian neste ponto.

— Ela era uma puta interesseira. Eu estava muito louco, tanto que acabei pegando emprestado o dinheiro para pagar a minha empresa. Heidi ainda podia me chantagear porque, apesar do fato que tinha devolvido, ainda pode ir para a cadeia por desviá-lo em primeiro lugar. Eu comecei a segui-la, esperando que talvez fosse pegá-la em algo que iria cancelar o que tinha sobre mim. Eu vi vocês duas brigando, e eu vi quando você bateu forte na cabeça dela, o suficiente derrubá-la. Você foi embora, mas nunca olhou para trás e pensei que, diabos, eu posso acabar com ela e ficar livre.

— Então você ligou para 911 antes de você a matar.

Se Todd estava surpreso que Darcy sabia disso, não deixou transparecer. — Sim, eu queria estragar o cronograma e então enquanto ela ainda estava lutando, eu dei uma porrada na cabeça dela contra a calçada e isso bastou. Seu pequeno livro preto caiu da bolsa, quando Vivian a derrubou. Então pensei, por que não continuar de onde Heidi parou?

— Então o que aconteceu? Por que está aqui agora? — Darcy perguntou.

— Essa porra do DA. Ele está fazendo todos os tipos de perguntas, e é só uma questão de tempo até que encontrem a conexão da Heidi com Vivian e... — ele fez um gesto com nojo para Vivian — Se questionada, ela vai grunhir como um porco. Não os levaria muito tempo para descobrir como eu me encaixava na situação. Eu estava tão desesperado que pensei em chantagear o pai do Dane com o que Heidi tinha dele. Pensei que em vez de dinheiro, eu poderia fazê-lo dar um jeito no irmão dele, mas o homem se recusou a atender as minhas ligações.

— Então você decidiu que já que está sendo preso por assassinato, pode levar tantas pessoas com você, quanto poderia? — Sarcasmo pingava das palavras de Darcy.

— Não, achei que eu amarraria minhas pontas soltas e depois sair para o sol com o dinheiro que recebi das minhas marcas. Eu não estava esperando ele aqui, ou você.

— Você veio aqui para me matar? Que rude! — A pose de lady de Vivian tinha retornado. Pelo menos ela estava no personagem, o que significava que não ia pirar e fazer algo estúpido.

— Bem, não quero pressioná-lo, mas estão esperando por mim há uma hora e as pessoas sabiam que eu estava vindo aqui. Seu tempo está se esgotando.

— Droga.

— Deixe-nos ir, — Darcy disse de novo. — Você pode fugir.

Ele olhou como se estivesse pensando sobre isso, mas então levantou sua arma e disparou. Vivian caiu no chão.

— Vou receber mais com um refém.

***

Lucien voou através da porta da sede da campanha e viu o corpo no chão. Seu coração se afundou quando correu para ele, mas quando viu que era Vivian, Deus o perdoasse, ele suspirou de alívio.

— Charles está aqui. Ele foi desacordado por um golpe na cabeça, —Brandon falou.

— E Darcy? — Lucien exigiu.

— Não está aqui.

Lucien puxou o telefone e ligou para o 911, e então virou-se para Brandon.

— Espere aqui até que a polícia chegue e diga o que você sabe. Eles não podem saber que eu estava aqui, porque preciso ir atrás de sua mãe.

Naquele momento, Vivian começou a se mexer.

— Ele levou-a.

— Quem a levou? — Lucien exigiu.

— Todd Samuels.

— Merda.

A cabeça de Lucien virou-se quando ouviu as sirenes chegando. Ele levantou e caminhou até seu filho. — Eu tenho que ir, do contrário, ficarei aqui toda noite respondendo perguntas. Eu nunca estive aqui. Você estava aqui à procura de sua mãe. Faça a polícia deixar você na casa do Trace quando terminarem. Eu sei que estou pedindo muito. Está tudo bem em ficar?

— Sim, eu estou bem. Vá buscar a mamãe.

Lucien parou no meio do caminho até a porta e olhou para

o rapaz que parecia tão jovem naquele momento. — Eu vou trazê-la de volta, eu prometo.

— Eu vou cobrar essa promessa.

Na calçada, Lucien pegou o telefone. Ele precisava de alguns favores.

***

Todd arrastou Darcy pela entrada do Polly.

Os eventos da noite começaram a afundar em Darcy: ela tinha sido detida com uma arma, testemunhou um tiroteio e em seguida foi raptada. Mas bizarro ainda, seu sequestrador atendeu telefonemas, mesmo quando apontava uma arma contra suas costelas. Ele só conversou, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Era um maldito criminoso ou a pessoa mais estúpida do mundo. Ela ouviu-se perguntando: — O que estamos fazendo aqui?

— Meu corretor funciona em um quarto dos fundos. Ele ligou mais cedo; tem o meu dinheiro. Vou buscar os meus ganhos e então vamos sair daqui.

— E o dinheiro que você fez de chantagem?

— Eu tenho isso guardado.

— Você não está empurrando-o ao vir aqui? As pessoas que você pediu emprestado não saberão que está aqui? Tenho certeza que eles sabem tudo sobre você, incluindo o ponto de encontro do seu apostador e se você ainda está jogando com seu dinheiro.

— Talvez, mas com o tempo eles podem descobrir isso,

mas eu vou estar fora. — Ele sorriu antes dele acrescentar: — Eles não podem recolher se não me encontrarem.

Isso pareceu uma boa maneira de ficar a sete palmos de terra para Darcy, mas ela segurou a língua. Ela estava mais inclinada para a ideia dele ser um criminoso mais estúpido de sempre.

Eles passaram o bar e olhos de Darcy pousaram no Nick DiNuzzio, o homem que mudou a vida dela irrevogavelmente, e ela quase teve que morder os lábios para não chorar no absurdo de vê-lo neste momento. Muito poético. Ele provavelmente estava abrigando todos os tipos de má vontade, com o que ele recebera do Lucien e do Trace.

Ela se perguntava se Todd a deixaria se enrolar em posição fetal e começar a chorar.

Ela estava tentada a experimentar, mas foi a arma que cavava em suas costelas, que esmagou esse desejo.

Nick se moveu do seu lugar atrás do balcão e aproximou-se deles. Darcy preparando-se para um tapa indireto ou alguma indicação de que ele sabia exatamente quem ela era.

Mas quando um movimento foi feito, não foi de Nick, mas outro homem que era menor em tamanho, e mais velho. Ele deve ter sido alguém importante, porque sua presença imediatamente trouxe um silêncio para a multidão. Ele parou na frente Darcy e sorriu.

— Darcy, deixe-me apresentar-me. Meu nome é Pasquale Grimaldi, e seu noivo pediu que eu a mantivesse segura até que ele pudesse se juntar a nós.

Ela estava sonhando. Sonhando muito. Talvez tenha sido em Darcy que Todd disparou no escritório, e agora ela estava inconsciente e sonhando. Mas por que estaria sonhando com

isso? Não, o sonho dela seria com Lucien, Brandon e o bebê que estava chegando. Ela definitivamente não poderia estar sonhando com isso; não poderia imaginar esta cena mesmo que estivesse viajando, não que ela já tivesse usado algo.

Ele parecia entender que ela não acreditava em seus olhos, e ele pegou a mão dela. Todd em pânico viu-se perder o controle da cena e acenou com a arma.

— Eu tenho a arma, idiota. Afaste-se.

Tudo se transformou rapidamente em uma cena de *Máquina Mortífera*. Segundos depois, ele estava cercado por homens, todos eles com armas maiores e mais brilhantes, apontadas para a cabeça do Todd. Sim, definitivamente, o criminoso mais estúpido já visto.

Todd deixou cair sua mão e sua cabeça. — Minha vida é uma merda, porra.

Nick veio e pegou a arma de Todd quando Pasquale levou Darcy em direção a uma cabine. — Choque pode fazer você se recusar a acreditar no que seus olhos estão vendo. Garanto, porém, querida, estou falando muito sério. Lucien me ligou e me contou da situação.

— Por que está nos ajudando?

— Nossos caminhos se cruzaram antes. Da última vez, eu quebrei alguma coisa, e me deram a chance de consertá-lo. — Ele era tão suave e gentil que Darcy estava tendo problemas de imaginar todas as coisas terríveis que ele tinha sido acusado. Os olhos dele viraram-se para Todd e, assim de repente, o homem mais velho e doce foi substituído por um assassino, seus olhos virando escuro e vazios como os de uma boneca. — Além disso, foi me dada uma oportunidade de conversar com Todd, em relação a determinados pagamentos que estão muito atrasados.

Darcy olhou para Todd, que parecia que estava prestes a chorar. Não, ele *estava* chorando.

Darcy sentiu-se engraçada, sentiu os membros virando-se macarrão, provavelmente o resultado de profundo alívio. — Acabou?

— Sim.

— E Lucien está vindo para cá?

— Sim, querida.

E então, Darcy MacBride fez uma coisa que ela só tinha feito uma vez antes – ela desmaiou.

***

— Lá está ela. A voz suave de Lucien atraiu Darcy completamente para a consciência, e quando ela abriu os olhos para ver seu lindo rosto preocupado, começou a chorar.

— Você está bem? —Ele perguntou com ternura.

— Sim.

— O bebê?

Ela sorriu. — Tudo bem. Como sabia onde me encontrar?

— Eu vou te dizer, mas não agora. Eu quero ir para casa porque há alguém esperando por você.

— Brandon?

— Sim.

Lucien ajudou-a a levantar. — Preciso de um minuto. Você está bem?

Ela apertou a mão na sua bochecha. — Sim.

Ele beijou a palma da sua mão e em seguida, virou-se para

Pasquale. — Obrigado.

— Eu sou um bobo quando se trata de amor.

Lucien sorriu e virou-se para Nick, à direita de Pasquale. — Obrigado.

Nick assentiu com a cabeça, e então Lucien bateu em Nick com um soco sólido em sua mandíbula.

Nick até reconheceu o soco com um pequeno sorriso. Lucien pegou Darcy e puxou-a contra ele. — Vamos ver o nosso filho.

***

Quando chegaram a casa, Trace estava lá com Brandon.

Os olhos de Trace foram para Darcy antes de ele começar a ir para a porta.

— Obrigado, Trace, — Lucien falou. — Como está Vivian?

Trace virouse para ele, quando chegou a porta. — Tudo bem. A bala atravessou o ombro dela. Ela já está exigindo água com gás e lençóis de algodão egípcio.

E então, ele silenciosamente fechou a porta atrás dele.

A atenção de Darcy estava exclusivamente sobre Brandon. Ela começou a ir em sua direção, embora tivesse sido um mês desde que eles tinham se conhecido, tinha sido um mês realmente fantástico. Ela parou apenas na frente dele, mas antes que pudesse dizer uma palavra, ele envolveu seus braços ao redor dela e apertou o rosto no ombro dela. Ela abraçou-o de volta e fingiu que não sentia as lágrimas em seu pescoço, mesmo enquanto suas próprias lágrimas rolaram pelo seu rosto.

Mais tarde naquela noite, Darcy estava deitava nos braços de Lucien, grata que ela estava lá e não em algum beco. Estremeceu só de pensar, e, como se Lucien soubesse o que estava pensando, porque ele estava pensando nisso também, a segurou mais apertado.

— Você veio por mim.

— Eu aprendi essa lição da maneira mais difícil. Eu sempre irei atrás de você.

Ela sempre pensou que, quando seu sonho se tornasse realidade seria com grande fanfarra. Mas em vez disso foi um sussurro. Ela estava pronta para subir aos céus. Ela se aproximou de Lucien, porque não queria voar; ela estava exatamente onde deveria estar.

Lucien percebeu o olhar que cruzou o rosto dela e perguntou: — Você está bem?

Ela olhou para ele e sorriu, — Eu não sou mais uma lagarta.

Ele tocou o rosto dela, correndo os dedos por sua bochecha, ternura mostrando em seu rosto. Ele pressionou um beijo nos seus lábios antes de colocar a cabeça sob seu queixo. — Você sempre será minha lagarta.

Aquela memória fez Darcy se lembrar da Irmã Anne. — Preciso visitar a Irmã Anne amanhã.

Lucien olhou para ela. — Por quê?

— As flores estão murchando.

Ele sentou-se por isso. — Foi você?

— Ela sempre gostou de flores e foi minha maneira de me lembrar dela e de você.

Ele puxou-a para ele e beijou-a. — Eu te amo, Darcy.

Ela sorriu-lhe. — Eu sei. — E então ela bateu seus cílios

para ele. – Você falou sério? — Ela perguntou.

— O quê?

— Que você sempre virá atrás de mim.

— Sim.

— Como agora?

O significado era claro quando Lucien rolou para fixá-la sob ele. — Damas primeiro.

Epílogo

A velha árvore nunca pareceu mais bonita. Luzes brancas foram amarradas em torno de seus ramos, e uma fileira de rosas brancas, rosas e amarelas, percorriam do centrado até a sua base. Linhas de cadeiras brancas, divididas por um corredor de seda branca, estendiam-se até o declive suave da colina.

Brandon segurou a mão de Darcy firmemente enquanto eles faziam o caminho para Lucien, que estava esperando por ela.

— Você está linda, mãe.

Os olhos de Darcy encontraram os dele, mas as suas emoções estavam tornando impossível falar. Ela apertou a mão dele e sabia que ele entendeu.

Os olhos dela se moveram para aqueles que tinham vindo partilhar este dia com eles. Não havia muitos, mas todos aqui eram da família. Ela viu Ember sentada ao lado de Trace, a mão dele enrolada na dela enquanto ele segurava sua filha nos braços. Quão diferente essa imagem poderia ter sido. Ela virou seu foco para Lucien. Quando ela chegou até ele, ele pegou a mão dela antes de escovar seus lábios sobre a sua orelha.

— Você está deslumbrante e atrasada.

Tinha levado muito tempo para levá-los para onde eles estavam agora, mas se eles não passassem por tudo o que passaram, eles não apreciariam verdadeiramente o que tinham encontrado. Não tinha sido fácil, terrível às vezes, mas tudo tinha levado a esse momento. Ela sorriu para ele.

— Não estou atrasada, é exatamente a hora certa.

Um leve sorriso tocou seus lábios antes dele dizer: — Então você não se esqueceu. — Não antes, nem agora, nem

nunca. Ela tocou sua bochecha. — Como eu poderia?

Os olhos dele escureceram antes de beijar a boca dela.

O momento foi quebrado quando a Irmã Margaret fez um gesto sarcástico: — Vão em frente, estou com fome.

Eles se viraram e caminharam juntos em direção a árvore deles. Lucien inclinou e sussurrou: — Obrigado por me encontrar desta vez. — Seu olhar caiu sobre a Cruz de prata pequena no pescoço de Darcy.

— Obrigada por esperar.

— Eu esperaria para sempre por você.

Ela olhou para ele quando chegaram a sua árvore e sorriu. — Felizmente para nós esse para sempre está começando agora.

O pastor limpou a garganta. — Estamos reunidos aqui hoje para celebrar...

{1}**Jeopardy** - Programa de TV americano de perguntas e respostas sobre conhecimentos gerais.

{2} **Baccarat** - uma espécie de cristal.

{3} Benjamins - Cédula de 100 dólares cada.

{4} **Peepinng Tom** - personagem de um filme de suspense.

{5} **Poncho** - Roupa mexicana

{6} é um console de videogame doméstico produzido pela Nintendo e Lançado em 2006.

{7} Do inglês smoking gun é uma expressão idiomática usada ao se referir a um objeto ou fato que serve de conclusão de um crime ou ato similar.